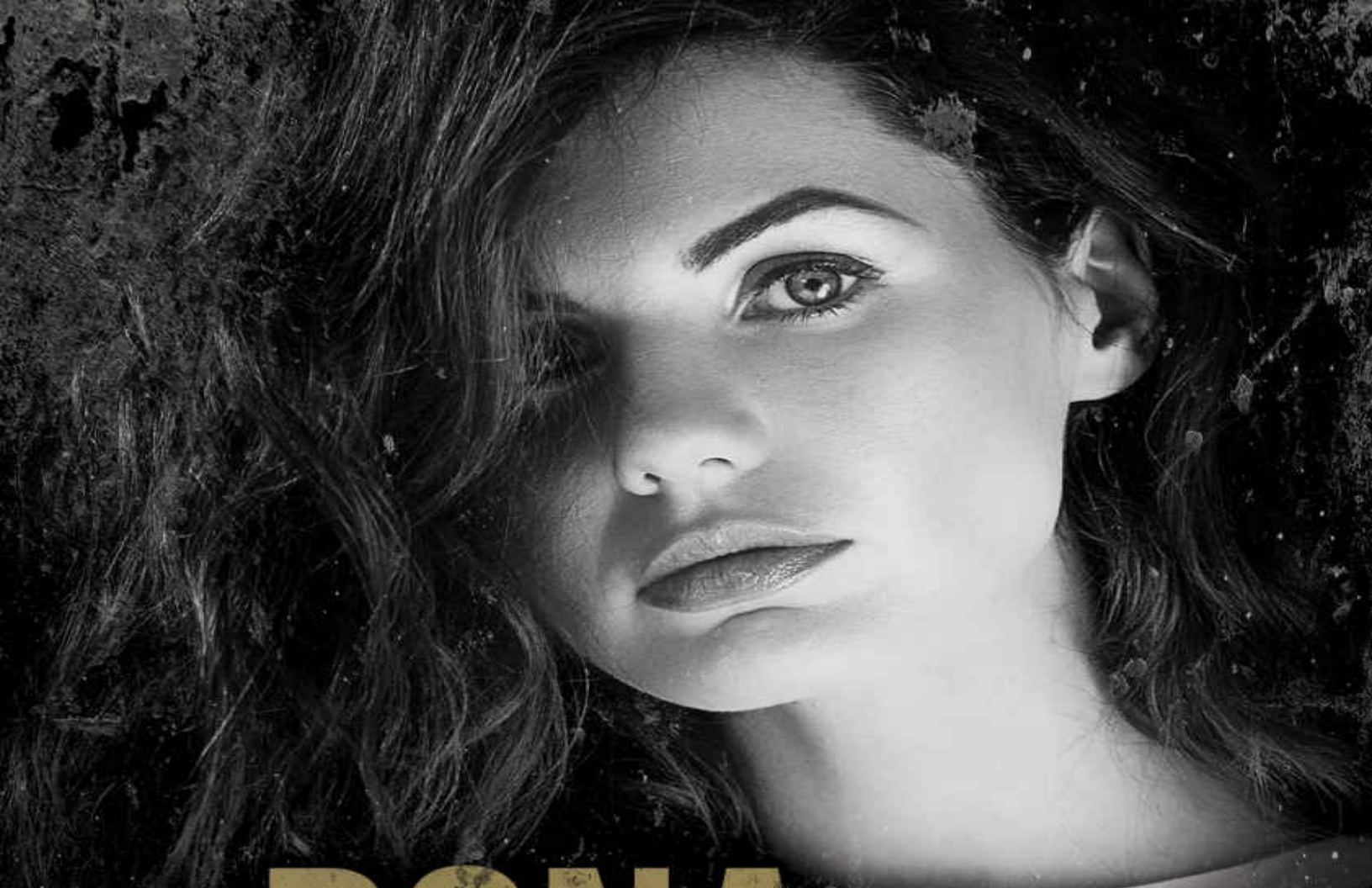


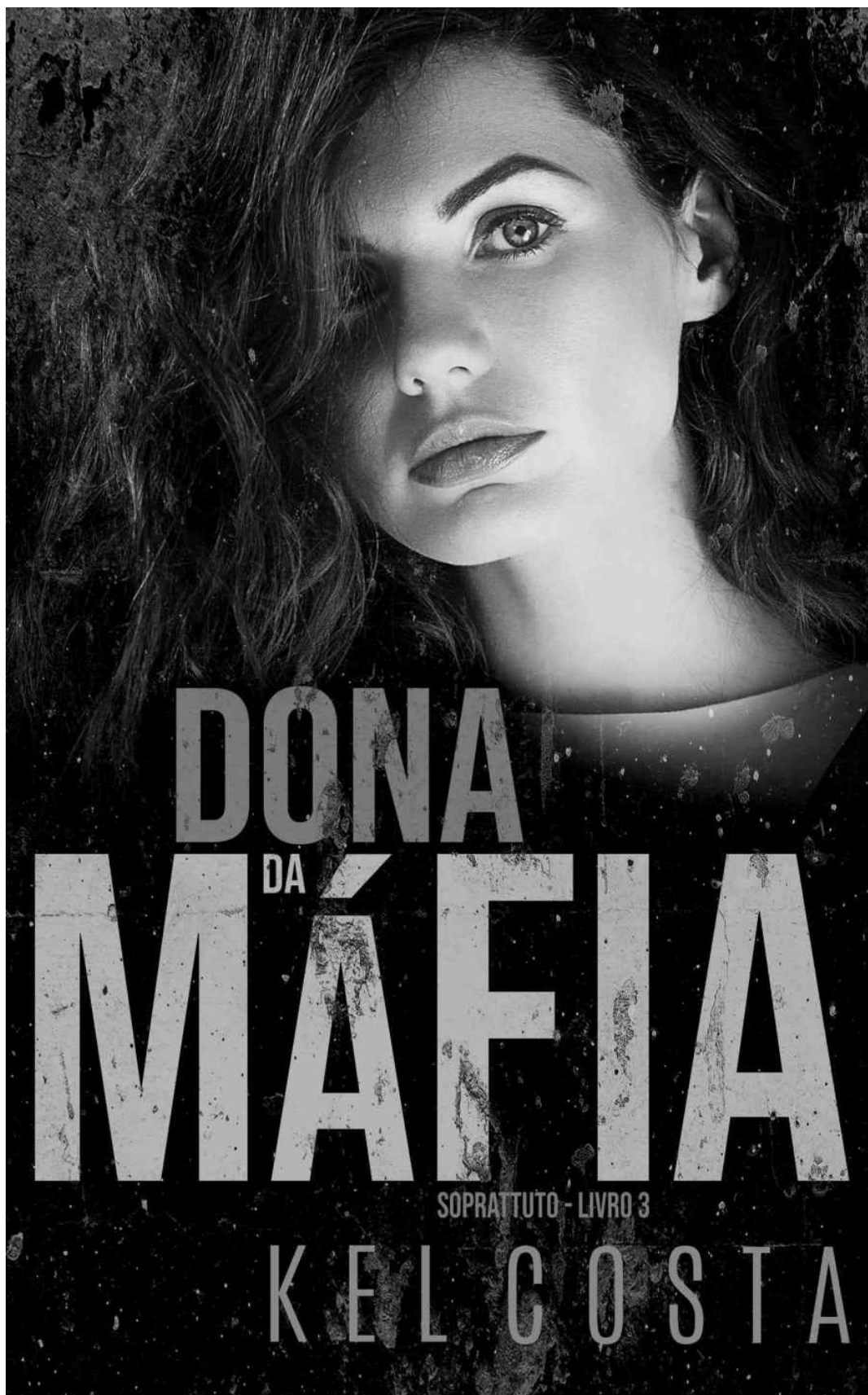


DONA DA MÃEFIA

SOPRATTUTO - LIVRO 3

KEL COSTA





DONA DA MÁFIA

SOPRATTUTO - LIVRO 3

KEL COSTA

Copyright © 2020 Kel Costa

Capa: Hello Goodbye Design
Revisão e Diagramação: Kel Costa

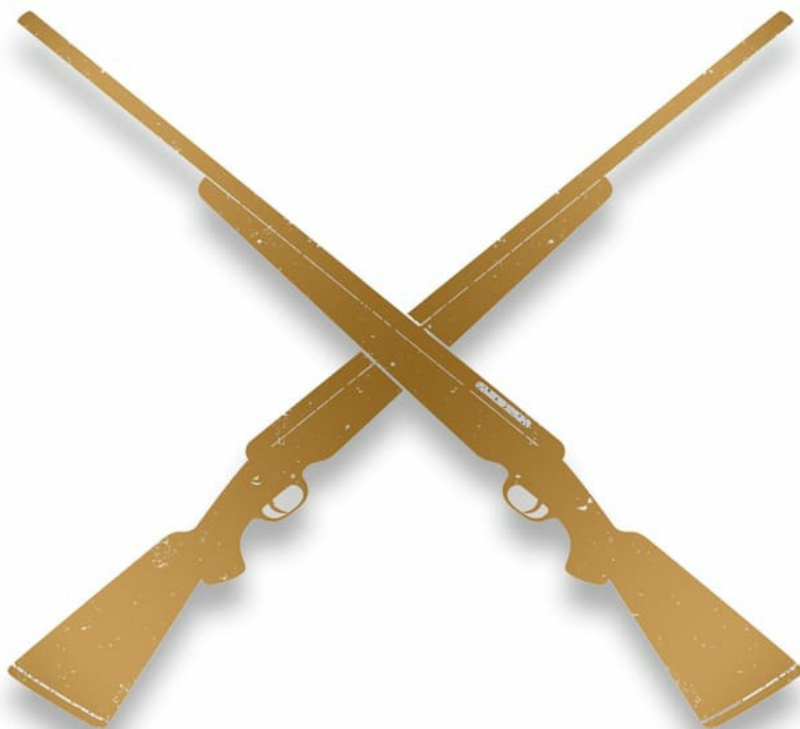
Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

1ª edição - 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



prólogo

GIOVANNA

As ondas se chocavam com revolta na arrebentação, como se fosse a forma mais propícia para encerrar aquele ciclo. Revoltadas, rebeldes, intensas. Como o reinado de Don Negri. Como tinha sido desde o dia em que o conheci.

As estrelas não brilhavam naquela noite. O céu estava simplesmente escuro, num tom estranho e feio. Mesmo assim eu levei meus olhos até lá e encarei por alguns segundos. Se havia mesmo algo superior a todos nós ali, o que mais Ele reservara para minha vida, afinal?

— Vamos entrar, *bambina*^[1].

Os braços de Pietro envolveram minha cintura e quando ele beijou meu rosto de forma delicada, joguei minha cabeça para trás, apoiando-me em seu corpo. Eu o amava cada dia mais como se fosse possível esse sentimento, que já era tão forte, aumentar. Eu o amava desde meu primeiro sim até todos os que eu dava diariamente nesses quatro anos como Giovanna Greco. Eu o amava mais que minha própria vida. E o melhor de tudo, sabia que era recíproco, sabia que eu era a luz na vida do meu Don.

— Amo você — disse ele em meu ouvido e fechei os olhos, sorrindo com o rosto voltado para o céu.

— Amo mais.

Pietro me apertou e me puxou para trás, tirando meus pés do chão e me fazendo soltar um gritinho. Ele me girou no ar e, então, me derrubou na areia e subiu em cima de mim com seu sorriso de molhar calcinhas.

— Isso é muito questionável — falou, mordendo a ponta do meu nariz.
— Você fala isso até para o Paco.

Mas é claro! Paco era o cachorro de Elora e seria impossível não se apaixonar por um mastim napolitano de quarenta quilos cheio de rugas e dobras, que produz um litro de baba por segundo e pula na sua cabeça como se fosse apenas um *poodle*. Paco e eu tínhamos uma ótima relação, antes de me derrubar no chão ele sempre enfiava a cabeça debaixo das minhas saias. Só não fazia isso com mais frequência que Pietro, mas era um ótimo concorrente.

— Meu coração não bateria sem o ritmo do seu para acompanhá-lo — declarei, observando a sobrancelha dele arquear. — Pronto, ficou melhor assim?

— Não vem nenhuma rima por aí, vem?

O idiota riu da minha cara e quando fechou os olhos para passar as

mãos no cabelo, eu enterrei meus dedos na areia e esfreguei no rostinho bonito do Don, derrubando-o e me levantando depressa. Corri sem olhar para trás porque sabia que teria revanche.

Estava me aproximando da casa quando Alba e Nico apareceram e deviam ter pensado que se tratava de uma brincadeira, pois começaram a galopar na minha direção. O macho foi o primeiro a chegar pois Baba já estava velhinha, era uma senhora lenta, portanto, eu afaguei os pelos dele e segurei seu focinho entre minhas mãos.

— Detenha aquele homem malvado, Nico! Pietro é uma ameaça! — ordenei e saí correndo na direção oposta.

Claro que o máximo que o cachorro fez foi sujar a roupa limpa do Don e abanar aquela cauda grossa, como ele fazia para quase todos os estranhos que via pela rua. Eu precisava arranjar um cão de guarda, um que me defendesse e que não fosse comprado com biscoitos.

Parei de correr ao entrar na varanda e Alba ficou ao meu lado. Alisei a cabeça dela, vendo-a fechar os olhos e me curvei para beijá-la.

— Querida, você é a última resistência — sussurrei. — Pegue!

Ela amava essa palavra, portanto, latiu e rodou atrás do rabo antes de sair correndo na direção de Pietro. Atacado pelos dois monstros peludos, o Don não resistiu e acabou sendo alvejado, ajoelhando na areia. Gargalhei e dobrei o corpo quando Nico o derrubou de costas e montou no peito dele, enfiando a língua em seu ouvido.

— Eu quero o divórcio, Pietro! — gritei sem conseguir controlar a risada e tirei os cães para me sentar sobre o peito dele. — Você é um cachorro! Tanto que os semelhantes se reconhecem!

— Não é nas minhas pernas que o Paco mete o focinho.

Mordi o lábio e deslizei um pouco mais para cima, erguendo o vestido longo para fazer uma surpresa ao marido.

— Quer enfiar seu nariz aqui também?

Ele encarou o ponto central que minhas coxas escondiam e observei o brilho selvagem nos olhos claros, até que os dirigiu a mim.

— Safada... Sem calcinha na casa do seu pai? — perguntou, apertando meus quadris e se levantando comigo no colo. — Você não tem vergonha de ser tão despuddorada, Carabina?

— A casa agora é minha!

— Então vamos logo entrar. — Fui carregada para dentro, enquanto depositava vários beijos no pescoço cheio de areia. — Vai ver o que vou enfiar em você. Não será apenas o nariz.

— Nós não estamos sozinhos!

— Dane-se — concluiu ao me colocar no chão. — A última palavra ainda é minha.

Sorri abertamente e girei o anel de aço escovado com um diamante negro em meu polegar direito, que tinha sido de meu pai e passado para mim quando ele decidiu que era o momento certo. O controle de tudo.

— *Caro*^[2], você se encontra em território *Dita*. — Toquei o rosto do Don e beijei meu diamante. — Nem tente.

O homem que eu amava sorriu de volta porque ele provavelmente era a pessoa que mais se orgulhava de mim. Então, meneou a cabeça e fez um breve floreio ao fingir me cumprimentar.

— *Capito*^[3], Donna.

Pietro me puxou de encontro ao seu corpo e me deu um tapa na bunda. Fiquei nas pontas dos pés e o beijei, olhando através da porta aberta mais uma vez para a noite tranquila e o mar revolto. Tanta coisa que vivemos, tanto que passamos e superamos... Seria preciso uma volta no tempo para explicar como chegamos até aqui e como cada dia contribuiu para meu aprendizado, para me tornar uma mulher madura e reconhecida como líder.

Depois de tudo que vivi, ficava a certeza de que ninguém seria capaz de apagar a minha história.



GIOVANNA

3 anos antes – Após a morte de Enzo

Não foi fácil deixar a Itália para trás num momento tão triste para a nossa família. Por mais que tivéssemos esperado bastante para retornar à Nova York, o coração ainda pesava em saber que *mamma*, Carlo e Elora estariam sozinhos naquela casa enorme. Agora, mais do que nunca, minha

sogra sofreria pela falta de Enzo e a distância de Pietro. Ela se esforçava dia após dia para superar e voltar a ser a mulher de antes, aquela que iluminava qualquer ambiente e servia de inspiração para muitas. Ela era uma rocha, mas agora, possuía rachaduras que nunca regrediriam. Perder um filho devia ser a pior dor do mundo.

Pietro havia retomado a rotina com as responsabilidades que o controle da *Invictus* o conferia, além do fato de que seu poder aumentava cada vez mais sobre a cidade e regiões adjacentes. Também sabia que ele estava usando o trabalho para ocupar a mente, sua forma de superar a morte do irmão, por isso, eu me esforçava para apoiá-lo e incentivá-lo em tudo que decidia fazer.

Também retomei minhas sessões de terapia com a doutora Russo e na nossa primeira consulta depois que retornei ao país, ela teve bastante trabalho. Minha vida pessoal e os segredos que a envolviam não era nenhuma novidade para June Russo, uma ítalo-americana que possuía ligação com a *Soprattuto* e me proporcionava desabafar tudo que era necessário. Por isso ela já me esperava com uma caixa de lenços quando cheguei no consultório, mas eu não os usaria dessa vez.

— Onde você gostaria de estar agora, Giovanna? — perguntou em algum momento em que me desliguei e passei tempo demais olhando pela janela.

A terapeuta era uma morena baixinha e de longos cabelos negros, devia ter no máximo quarenta anos e sabia me despir emocionalmente muito bem. Ela esperou pela minha resposta com os lábios franzidos e a caneta rolando entre os dedos, enquanto eu pensava na sua pergunta.

— Acho... — Cocei minha testa, tentando escolher uma resposta. — Acho que em qualquer lugar onde minha família esteja.

— Sua família além de Pietro? — Assenti. — Quem eles são? Sua

sogra, seu pai...

— Sim, claro. Mas também Elora e Carlo, pois agora também são da minha família.

— Então, com exceção de Pietro, as pessoas que você ama estão todas na Itália?

— Pode-se dizer que sim — respondi, pensativa, mas logo me consertei. — Tenho amigos também, tem a Susan que mora aqui.

June Russo balançou a cabeça em concordância, pois ela já tinha me escutado falar muito de Susan. Minha amiga tinha sido uma pessoa importante demais durante minha adaptação a essa nova vida nos Estados Unidos. Não teria sido a mesma coisa sem ela e eu estava muito ciente disso.

— Já estive com Susan depois que voltou?

— Não, ainda não. — Mordi o lábio, nervosa porque não tinha entrado em um determinado assunto com June. — Passei as últimas duas semanas sem sair de casa porque tinha muita coisa para colocar em ordem. Não sobrou tempo de ligar para Susan.

A verdade era outra, no entanto. Eu estava com medo de que minha amiga soubesse do meu retorno, pois não a queria perto de mim. Pietro e eu nos sentíamos frustrados com a armação da bomba em meu carro e o rastro dos envolvidos praticamente tinha sido apagado. Não sabíamos até agora quem fora o mandante e isso colocava em risco todas as pessoas que conviviam com a gente.

Até mesmo a doutora Russo corria perigo só por estar no mesmo cômodo que eu. Podia muito bem ter um atirador de elite a alguns metros dali mirando em nossas cabeças.

— Tem certeza que não há um outro motivo para não procurar por Susan?

Eu só não quero que ela exploda, pensei. Deitar toda noite e fechar os

olhos tinha se tornado uma árdua tarefa. Minha relação com meu cunhado nunca foi maravilhosa, mas também não era ruim. Eu gostava dele mesmo com todos os seus problemas e achava que Enzo sofria muito por sempre ter vivido à sombra de um Don. Nunca ser o melhor, nunca ter mais poder, nunca ser o favorito do pai, nunca receber toda a atenção.

Não digo que ele tinha motivos para fazer o que fez, longe disso. Até porque toda a reviravolta com Enzo ocorreu por causa da raiva que ele nutria por Carlo. Porém, não acho que merecia morrer daquele jeito. Ele sequer merecia morrer. Eu ainda sentia esperanças de que ganhasse um pouco de juízo e deixasse o rancor de lado. Ou até mesmo que decidisse se isolar de vez de tudo e todos e sumisse por um tempo, fazendo uma de suas viagens. Mas morrer explodido por uma bomba que nem tinha sido armada para ele?

— Giovanna? — June se inclinou um pouco para a frente e me encarou. — Tudo bem?

— Sim. Eu ainda não contei tudo, tem mais coisa que precisa saber.

E pelos trinta minutos seguintes eu a coloquei a par da adrenalina que preencheu minha vida naquelas últimas semanas.

Fechei o sobretudo assim que cheguei na calçada, já sentindo saudade do clima mais ameno da Itália. Foram necessários poucos dias em Nova York para descobrir que eu não gostava do inverno americano e não aguentava mais acordar e ver a neve pela janela.

Entrei no carro quando Dino Marino, meu novo guarda-costas *Dita di Ferro*, abriu a porta para mim e deu a volta, autorizando o motorista a dar a partida. Dino era alguém difícil de lidar porque quase não falava e vivia tenso, mas Pietro foi incisivo na questão de que eu precisava de segurança e não de um amigo. Uma coisa não tinha nada a ver com a outra, claro. Sabia que muito em breve Dino deixaria aquela cara feia de lado e trocaríamos receitas culinárias.

Tínhamos acabado de sair com o carro quando meu celular tocou e sorri ao ver o nome que aparecia na tela. Atendi antes mesmo do segundo toque e inspirei profundamente, como se pudesse sentir o cheiro de casa.

— Olá, meu docinho de coco azedo! Já sentiu saudades?

— *Sempre sinto saudade de você, Gio* — quem falou foi Elora, através do celular do Carlo, e eu ri achando que ia irritar o *consiglieri*. — *Paco comeu três sapatos do Carlo. Ele disse que vai dar o meu cachorro pra você.*

Logo que Pietro e eu viemos embora para os Estados Unidos, eles foram adotar um cachorrinho para fazer companhia a Elora. De tantos bichinhos fofos e delicados que esperavam por um dono, minha cunhadinha escolheu um filhote pulguento e sarnento que parecia um cruzamento de viralata com mastim napolitano, daquele tipo que vira gigante quando cresce.

Gargalhei imaginando um monstro enorme mastigando os sapatos do *consiglieri*, mas logo me entristeci por não poder acompanhar tudo isso de perto.

— Carlo não vai fazer nada com o Paco, ele só quer assustar você — tranquilizei-a. — Ensine para o seu cachorro que gravatas talvez sejam mais fáceis de mastigar e...

— *Traga as do seu marido e eu deixo Paco comer todas elas* — a voz grave do *consiglieri* me fez sentir falta da minha cunhada meiga. — *Quer parar de ensinar coisa errada para a menina? Esse cachorro vai acabar com a casa inteira e não tem nem um ano ainda.*

— Vocês estão distraindo o pobrezinho? — perguntei. — Compraram brinquedos? Ele deve estar na fase de brincar, de fazer arte...

— *Giulia gastou com brinquedos para ele, algo equivalente ao salário que eu ganhava como segurança. Ontem ele estava comendo a parede da cozinha. A parede, Giovanna!*

— Carlo, querido, você administra uma máfia, não consegue treinar um

cachorro? Faça-me o favor! — Brinquei, enrolando uma mecha de cabelo no dedo e observando as ruas movimentadas de Nova York.

— *Mafiosos não me olham com cara de cachorro carente.* — Pude ouvir o suspiro dele e um silêncio rápido, até que continuou a falar, mas trocou de assunto. — *Enfim, tenho notícias. Conseguimos descobrir o paradeiro dos mecânicos que trabalharam naquele dia. A boa notícia é que conseguimos chegar até um deles. A má é que o outro foi assassinado há uma semana.*

— Então sabem de todos os nossos passos e devem ter notado que estávamos perto de encontrá-los.

— *Talvez esta não seja a pior notícia que tenho para dar* — ele se consertou, parecia preocupado demais. — *Carabina, vou ligar para Pietro em seguida, mas achei melhor deixá-la logo avisada. O mecânico contou que aqueles homens vistos no vídeo, eram russos.*

Inspirei, virando o rosto novamente para a janela e observando a neve. Assim que soube do sequestro de Enzo, a primeira coisa que pensei foi justamente que se tratava de uma retaliação da *Serdtse Drakona*^[4], mas todos negaram a possibilidade com a desculpa de que a máfia russa não age sorrateiramente e não fica só mandando recados.

Está certo que descobrimos não se tratar mesmo dos russos quando o próprio Nero se declarou responsável por aquilo, mas parece que uma coisa coincidiu com a outra. Enquanto a gente sofria com a situação do meu cunhado, o outro inimigo rondava nossa porta.

— Tem muita lógica, você sabe — comentei com Carlo. — Matando a mim, eles afetam Domenico e Pietro ao mesmo tempo. É uma vingança para se comer bem fria.

— *Sim, foi o que pensei. Nós ainda vamos dissecar todas essas pistas, mas você precisa tomar cuidado. Agora que temos essa suposição sobre a*

Serdts Drakona, sabemos com quem estamos lidando. Você sabe do que eles são capazes, não tem aviso. Se ainda estiverem com essa ideia na cabeça, você corre muito perigo.

— Quando Pietro chegar em casa, faremos uma videoconferência — avisei, esfregando a mão no peito com o incômodo do coração acelerado. — Estou segura, Carlito.

— *Não está não, mas confio em sua capacidade de se proteger. Até mais tarde.*

— Vai desligar sem dizer que me ama?

— *Não temos essa intimidade.*

— Você já me viu pelada, Carlo.

Ignorei o olhar confuso que Dino lançou para mim lá do banco da frente e sorri no telefone enquanto ouvia o *consiglieri* proferir alguns palavrões em nossa língua materna. Infelizmente, fiquei sem sinal de telefone antes que ele pudesse declarar seu amor e devoção a mim, então deixei o aparelho no banco e me curvei para frente, segurando-me no encosto do carona.

— Carlo e eu temos uma relação profunda de amizade, não é o que você está pensando, entendeu, Dino Marino?

O guarda-costas não teve tempo de me responder porque nós paramos no semáforo vermelho, atrás de uma SUV branca que, num piscar de olhos, estava explodindo sobre nós. Dino saiu imediatamente do carro, mas foi alvejado por tiros que pareceram vir de várias direções. Eu abri minha porta e descii agachada quando o motorista do carro foi metralhado e seus miolos espirraram contra o para-brisa.

O pânico comum a todo nova-iorquino desde o onze de setembro se instalou em questão de segundos e foi apenas o que bastou para que a correria e gritaria iniciassem. Graças a isso, pude me misturar à multidão e engatinhei

para a primeira loja que vi, junto com outras pessoas.

Assim que entrei no que parecia ser um restaurante indiano, fiquei de pé e apalpei meu corpo, descobrindo que o celular não estava comigo. *Merda, merda, merda!* Empurrei quem estava no meu caminho e corri até chegar na cozinha, procurando pela saída dos fundos. A porta se abriu para um beco e não pensei duas vezes antes de sair correndo novamente, pois não podia dar chance de me seguirem.

O idioma russo era muito forte e inconfundível, o que facilitou para que eu ouvisse as vozes que surgiam ao longe e pareciam estar em meu encalço. Parei apenas por um instante e olhei em volta para tomar uma decisão. Eu não sabia quantos eram nem onde estavam, mas tinha a certeza de que me seguiam há muito tempo a ponto de se sentirem confiantes em me atacar no meio do trânsito, ainda tão distante de casa. Então, se eles tinham olhos em vários pontos da região, eu também precisava ter. Ou pelo menos, deveria sair do alcance deles.

Levantei a cabeça e encarei as pequenas barras de metal cravadas na parede que serviam como uma escada muito da ridícula. Escalei ali mesmo por ela, sentindo a superfície úmida e escorregadia a cada movimento que eu fazia. Olhei para a borda do prédio, um pouco mais distante da última barra. Eu ficaria pendurada por milésimos de segundos antes que conseguisse puxar meu corpo todo para cima, mas descer não era uma opção.

— *Serdse Drakona* filha da puta, eu vou acabar com cada um de vocês — resmunguei uma promessa enquanto contava até dez e tomava coragem suficiente para quase me matar.

Um... dois... e joguei meus braços para o alto, agarrando a borda de concreto, sem me dar possibilidade de sentir medo. Não me permiti chorar, nem mesmo quando senti que estava escorregando por não ter calculado a umidade da neve presente na superfície. Trinquei os dentes para não fazer

barulho e me denunciar, dando impulso e usando toda a força que tinha, até conseguir erguer o primeiro joelho e me apoiar no terraço. Rolei o corpo para dentro assim que senti confiança e permaneci de costas contra o chão ensopado de neve derretida.

Eu podia ter morrido. Se caísse, me quebraria toda e, muito provavelmente, morreria na hora. Ou ficaria paralisada à espera de algum russo que me encontraria e terminaria o serviço. Enxuguei os olhos quando as lágrimas teimaram em se acumular e respirei fundo, pensando na minha família.

Quando meu coração se acalmou, rastejei até um ponto que me manteria escondida nas sombras e tentei observar os arredores do prédio. Subia uma fumaça negra causada pela explosão e isso impossibilitava que eu enxergasse a rua principal com clareza. Só conseguia ver carros da polícia e dos bombeiros, além de muito tumulto.

Levantei a cabeça e dei uma olhara ao meu redor, tentando perceber olheiros posicionados pelos prédios. Se havia algum, não tinham me visto ali, mas algo me dizia que todos os membros estavam em terra. Inclusive, consegui avistar três homens de preto correndo pelo mesmo beco que passei e parando um pouco além das barras de metal por onde subi. Deitei no chão para não ser vista e quase não fiz barulho para respirar. Como sairia dali? Como avisaria Pietro de onde estava? Por que eu tinha vindo para a rua sem a droga de uma arma?

Merda!

Sabia que em algum momento eu precisaria me mexer e sair daquele telhado, afinal, minha roupa agora estava ensopada e a ideia de passar o fim de tarde e a noite ali em cima era inconcebível. Antes de tomar qualquer decisão, passei um tempo deitada, olhando para o céu, fitando o sol fraco lá no alto, acima da minha cabeça. Agradecia por estar viva, pois ultimamente

eu me sentia como se estivesse gastando várias vidas, tudo sem querer.

Quantas pessoas ainda morreriam por minha causa? Enzo estava na hora e lugar errados. Meu segurança e meu motorista também. Isso porque, por enquanto, não tinha conhecimento de vítimas do tiroteio. Aquela merda tinha que parar.

Respirei fundo e me sentei, esgueirando-me até a beirada do telhado e conferindo o perímetro, notando que o beco voltara a ficar deserto. Pelos meus cálculos, já estava ali em cima há bem mais de uma hora, mas gostaria muito de ser o tipo de pessoa que olha para o céu, vê a posição do sol e acerta a hora exata. Eu supunha que estivesse na hora do almoço porque meu estômago estava roncando, nada além disso.

Esfreguei minhas mãos no chão onde havia neve derretida e passei no cabelo para deixá-lo bem molhado. Em seguida, puxei o elástico em meu pulso e fiz um coque firme com os fios todos para trás, colados à cabeça. Precisava apagar toda e qualquer imagem que eles possuíam da Giovanna. Deixaria meu sobretudo caramelo para trás porque já tinha sido marcado pelos homens e teria que passar um pouco de frio para poder sair dali.

Passei os minutos seguintes observando todas as direções que o telhado pegava, tentando me certificar se o caminho estava mesmo livre. De qualquer forma, a partir do momento que eu colocasse meus pés na escada, estaria à mercê de qualquer um. Eu não conseguiria lutar e me segurar ao mesmo tempo, pois nem podia chamar aquelas barras de metal de escada.

Reunindo a coragem que ainda existia em mim, levantei-me e fui até lá. Precisei me debruçar e olhar bem para a barra mais próxima, muito distante da beirada. E então, me dei conta de uma coisa terrível. Quando eu estivesse com os dois pés sobre ela, não teria onde me segurar. Não existia a menor hipótese de descer por ali.

Cazzo! Dei a volta até a única porta existente e testei a maçaneta,

encontrando-a aberta, ciente de que só podia ser um milagre divino. Sem muita opção, desci a escada até descobrir que o prédio era residencial, por isso, bati na primeira porta que encontrei e esperei atenderem. Um homem gigante e com cara de *pitbull* feroz abriu e eu sorri, pedindo desculpas e dizendo que errei de apartamento.

— Sinto muito, estou à procura da minha tia-avó — murmurei, cabisbaixa. — Não sabe quem é? Baixinha, velhinha, não escuta direito...

O grandalhão não alterou a expressão facial, mas apontou para a segunda porta diante, no lado oposto do apartamento dele. Agradei e saí, feliz por sempre existir uma velha surda em qualquer lugar do mundo. Bati incessantemente na porta dela para que me ouvisse e quando a senhora abriu, saí entrando e tagarelando sem parar, assim ficaria tão confusa que nem teria tempo de gritar.

— Não tenho roupa, preciso de algo para vestir, olha só o meu estado, assim vou acabar pegando um resfriado — falei, marchando até o quarto enquanto uma velha minúscula me seguia, desesperada. — A senhora sabe o que acontece com resfriados negligenciados, certo?

Abri o guarda-roupas que fedia a naftalina e puxei um vestidinho bem de idosa que não faz sacanagem. Comecei a me despir e a pobrezinha arregalou os olhos e se sentou na cama com a mão na boca.

— Pensa como seria horrível se eu pegasse uma pneumonia, Deus me livre. Pietro anda muito ocupado e eu ficaria toda mazelada sobre uma cama, cheia de catarro, secreção, acabaria morrendo e sabe por quê? — Olhei no espelho para meu reflexo, o vestido batia na altura das minhas canelas, mas servia perfeitamente. — Porque eu me molhei toda no prédio da senhora, acho bom falar com o síndico pra ver se ele faz uma manutenção mais eficiente durante a nevasca, imagina o que poderia acontecer comigo, uma pobre moça que ficou trancada lá no telhado.

Tossi bem forte, quase como um cadáver, e a essa altura a velhinha já estava de olhos marejados e com a mão no peito.

— Volto para devolver o vestido emprestado, a senhora sabe que pode confiar em mim — avisei, sorrindo para ela, correndo até o banheiro e mexendo nas gavetas do armário. — Por acaso ainda usa maquiagem? Não, provavelmente, mas talvez um batom, né?

Um batom muito usado apareceu diante dos meus olhos, entre os dedos enrugados da senhora. Será que além de surda ela era muda? Eu tinha dado tanta sorte assim?

— Nossa, minha cor favorita! — falei, limpando o rosto e pegando o objeto para passar nos lábios aquela coisa horrível rosa *pink*.

Animada como se estivesse participando de uma noite de pijamas, a vovó levou as mãos até meus cabelos e começou a soltá-los. Eu a parei no ato, afastando seus dedinhos enérgicos e prendendo novamente meus fios.

— Não posso soltá-los — expliquei e levei a mão ao peito como ela tinha feito minutos antes. — O Senhor não gosta que eu mostre tanta beleza em público.

Ela sorriu de forma cálida e tocou meu rosto. Criei uma nota mental para ir me confessar assim que tivesse um tempo sobrando, pois desceria direto ao inferno por enganar aquela pobre senhora.

— Como estou? — perguntei, dando uma voltinha. — Pareço alguém que acabou de sair de uma explosão? Espero que não! A senhora ajudou muito, serei eternamente grata.

Abracei o corpo franzino e dei um beijo em sua cabeça antes de soltá-la. E quando estava passando pela sala para ir embora, avistei uma última peça que seria um ótimo incremento ao meu disfarce: uma boina cinza fofinha, bem estilo vovó. Enfieei-a na cabeça e joguei um beijo antes de abrir a porta e sair do apartamento, roubando o guarda-chuva deixado ali.

Mas antes de dar o primeiro passo, vi dois homens suspeitos demais terminando de subir a escada e entrarem naquele mesmo andar. Virei-me imediatamente para a senhora e a abracei, choramingando.

— Ele vai sobreviver, vovó. Eu sei que vai. O vovô é forte e vai sair dessa!

— Que avô? Eu nunca casei! — O quê? Ah, claro, tinha que começar a falar justo agora, né?

— Você não sabe o que diz, vovó — fingi uma risada, sentindo que os homens estavam passando bem por trás de mim naquele instante. — Seu Alzheimer está cada vez mais forte, mas saiba que vou sempre amá-la. E o vovô vai melhorar e voltar para casa.

— Eu sou lésbica, garota!

Seria possível que ela tivesse me tratado bem só para dar uma olhadinha enquanto eu trocava de roupa? Que filha da mãe! Forcei uma gargalhada bem divertida e apoiei a mão na parede, querendo matar a velha. Eu a encarei e ela me encarou de volta, começando a endurecer o semblante. Dei um beijo estalado em sua bochecha e saltitei pelo corredor, aproveitando que os brutamontes tinham ido na outra direção.

— Volto amanhã, vovó! Não passe muito tempo diante da televisão. Seu médico já disse que isso não faz bem.

Desci os degraus numa pressa danada, sentindo meu coração martelando no peito e o medo enorme de cruzar o caminho de outros capangas. Eu sabia que os lá de cima não tinham motivo para desconfiar de mim, mas não podia correr o risco de que nenhum outro visse meu rosto tão de perto.

Assim que cheguei na rua, ponderei os caminhos a seguir e caminhei sem demonstrar pressa, pois não tinha nada a esconder ou de quem fugir. Estava tudo dando certo e as poucas pessoas que passavam por mim sequer

me olhavam. A maioria parecia ansiosa ou angustiada, provavelmente por causa da explosão ocorrida a uns dois quarteirões dali.

Até que bateu uma ventania forte e minha boina voou. Eu a deixaria para trás sem problema algum, se não tivessem me chamado. Uma voz grossa gritou:

— Senhora, seu chapéu!

E eu me virei para pegá-lo, visualizando inicialmente, apenas a mão esticada para mim. Só então, antes mesmo de levantar os olhos, é que me dei conta do sotaque presente naquela voz. E quando encarei o homem, lá estava. Um russo todo de preto olhando meu rosto, como se estivesse diante de um fantasma.

Quando ele fez menção de levar a mão até as costas, eu levantei o guarda-chuva e enfiei o cabo de madeira no meio de seus olhos. Com toda a força que havia em mim, fiz um estrago incrível naquele nariz e aproveitei sua distração para arrancar dele a arma que estava prestes a pegar.

— Avise seu líder que irei matá-lo — falei, correndo para longe e me enfiando dentro de uma loja de roupas.

Mantive a rotina de sair e entrar pelos fundos dos estabelecimentos, numa corrida contra o tempo, sem saber se estava sendo seguida; não pretendia parar para descobrir. Certifiquei-me de que a arma estava pronta para disparar e me mantive atenta enquanto era surpreendida por gritos cada vez que invadia algum lugar.

Num dos becos malditos, no espaço apertado entre um prédio e outro eu encontrei um homem de costas para mim, falando no comunicador que havia em seu pulso. O idioma russo o denunciou e consegui chegar em silêncio por trás dele e mirar sua nuca. Quando encostei o cano da pistola, ele ainda fez menção de se virar, mas atirei, grata pelo silenciador, amparando a queda dele sobre mim e o deitando à sombra dos dois prédios.

Pulei seu corpo e continuei o caminho, já tão perto da minha casa. Quando alcancei o quarteirão do nosso prédio, não atravessei a rua. Continuei distante, prestando atenção no movimento ao redor, sem saber se o caminho estava limpo ou não. A portaria ficava a menos de cem metros da minha posição e numa rápida corrida eu estaria sob a proteção de todos os nossos seguranças. Podia, inclusive, ver vários deles na porta do prédio, agitados. Provavelmente Pietro já estava a par de tudo e à minha procura.

O que atrapalhava era saber que queriam apenas me matar. Não pareciam ter a intenção de um sequestro, pois bombas não deixam vítimas. Portanto, eu sabia que no instante em que saísse de onde estava e colocasse o pé na rua, um alvo se desenharia sobre minha cabeça. Qualquer um que estivesse à paisana poderia me acertar nos segundos que eu levaria para atravessar a rua e passar pela portaria.

Não conseguia pensar em nenhuma ideia, nada. Sentia-me perdida sem saber o que fazer, quando vi um grupo de cinco garotas se aproximando. Elas conversavam bem animadas e vi que seria a minha chance de sair daquele buraco. Soltei meus cabelos para me camuflar bem entre elas e esperei até que alcançassem o local onde eu estava. Eu me misturei assim que passaram e comecei a falar e gesticular como faziam.

— Por favor, você sabem se estou muito longe da Estátua da Liberdade? — Sorri bastante e forcei o sotaque italiano para fingir ser uma turista perdida. — Marquei com meu marido lá, mas não sei como faço para chegar.

Elas continuaram andando em frente, mas foram solícitas comigo e cada uma tentava explicar sua própria forma de chegar ao destino. Quando nos aproximamos do semáforo, eu agradeci com pressa e me misturei às pessoas que esperavam para atravessar a rua. Um homem alto de sobretudo cinza e uma pasta preta parou bem ao meu lado e eu o observei bastante antes

de tocar discretamente a mão dele.

— Por favor, acho que estou sendo seguida por um ex-namorado. Você pode me abraçar e me levar em segurança até a porta do meu prédio? É aquele espelhado em preto do outro lado da rua.

Quando baixou o rosto para me encarar, ele ergueu as sobrancelhas e esboçou levantar a cabeça, talvez para olhar à nossa volta e se certificar do que eu estava falando. Por isso, apertei sua mão com força.

— Consegui fazê-lo me perder de vista, procurar por ele só vai chamar sua atenção — avisei.

— Você tem idade para ser minha filha — o homem disse, passando o braço por cima dos meus ombros e beijando meu cabelo. — Venha.

Atravessamos ao mesmo tempo que as outras pessoas e me preocupei em deixar o cabelo cair um pouco na frente do rosto, sempre mantendo-o virado para minha companhia e fingindo conversar com ele. Não acreditava que tinha precisado mesmo usar aquela tática, mas quando paramos na porta do meu prédio e os seguranças me notaram, nos cercaram imediatamente com armas em punho.

— Ele me ajudou, deixem-no ir! — ordenei e sorri para o homem. — Obrigada.

Parecia bastante assustado e surpreso, mas meneou a cabeça e esboçou um sorriso enquanto eu era escoltada para dentro do prédio.

•

Pedi que me deixassem sozinha, precisava de um banho quente, de uma roupa limpa e seca e, principalmente, da minha cama. O tempo todo em que estive lá fora desde a explosão me mantive forte e concentrada, agora sentia meus músculos tensos reclamarem do dia agitado.

Soube que Pietro estava à minha caça desde que a informação sobre o atentado chegou aos ouvidos dele, então a primeira coisa que fiz antes de entrar no banheiro foi ligar para ele e tranquilizá-lo. Os detalhes eu daria somente quando chegasse em casa, mas ouvir minha voz e saber que eu estava bem, foi o suficiente para que ele pudesse suspender as buscas.

Não sabia dizer em que momento cochilei, mas acordei com seu toque em minhas costas e me virei no colchão, sorrindo para meu marido.

— Não me assuste de novo desse jeito! — pediu, subindo sobre meu corpo e enfiando o rosto no meu pescoço. — *Dio mio, bambina!* Quase infartei quando soube do nosso carro. Está bem mesmo? Está machucada?

Antes que eu conseguisse falar, Pietro se levantou e fez eu me sentar na cama, conferindo cada centímetro do meu corpo. Sorri e segurei o rosto dele entre minhas mãos para que parasse.

— Não me machuquei — respondi, unindo nossas testas. — Só estou cansada, foi... intenso. Tive que invadir o apartamento de uma senhorinha e roubar as roupas dela.

— O que houve com seu celular?

— Ficou no carro, não tive tempo de pensar em nada quando o tiroteio começou.

Em alguns minutos pude narrar tudo que aconteceu, desde minha saga para subir ao telhado de um prédio até o absurdo de ter que pedir um abraço para um estranho. Pietro escutava tudo com um misto de orgulho estampado num esboço de sorriso e muita preocupação, que aparecia vez ou outra na forma de rugas no centro da testa.

— Carlo falou com você sobre a *Serdts Drakona*? — perguntei e meu marido fechou os olhos, esfregando-os.

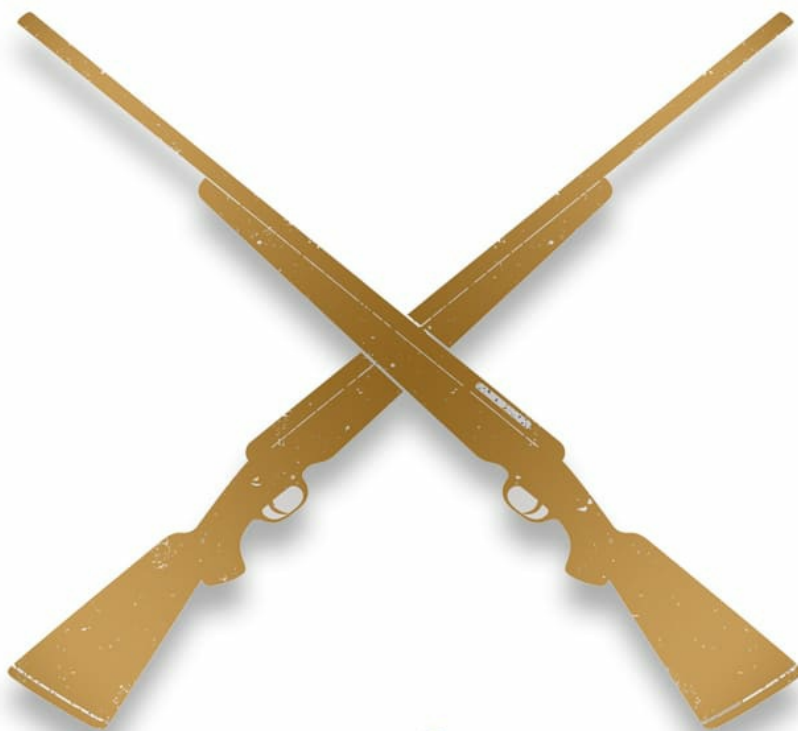
— Sim, falou. Preciso avisá-lo, inclusive, pois ele estava se preparando para voar para cá por conta do seu sumiço. — Ele sacou o celular do bolso do

paletó e se inclinou para beijar minha boca. — Amo você, *bambina*. Não me dê mais sustos como esse porque não sou capaz de viver sem você ao meu lado.

O Don se levantou quando nosso *consigliere* atendeu a ligação e piscou para mim.

— Vou tentar não sofrer uma emboscada da próxima vez, *caro*. — Sorri quando ele revirou os olhos. — Já mandei fabricarem minha bola de cristal.

Pietro saiu do quarto enquanto desabotoava a camisa e eu me joguei de volta na cama, fitando o teto do quarto. Queria caçar o responsável pela merda daquela máfia e comer seu fígado ainda cru.



2

GIOVANNA

A melhor parte daquele dia foi receber a visita do meu marido dentro da banheira. Eu estava envolvida pelos braços dele, com minhas costas pressionadas contra seu peito, enquanto seus lábios percorriam meus ombros. Encostei a cabeça e fechei os olhos, apreciando a fragrância da espuma e alisando meus dedos pelas pernas de coxas rígidas.

— O que nós vamos fazer? — perguntei, sem conseguir enxergar a saída daquela situação. Sentia-me impotente por ter virado um alvo fácil. — Não posso simplesmente interromper minha rotina.

— Eu sei, *bambina*, mas vai precisar ter um pouco de paciência. Se não teme por sua vida, pense pelo menos nas pessoas que a cercam.

— Nós já sabemos que, provavelmente, a *Serdts Drakona* está envolvida, Pietro. O que falta para tomarmos uma atitude?

Ele empurrou meu cabelo para o lado e beijou meu pescoço, minha nuca, mordiscou minha orelha. Sabia muito bem o que estava fazendo: tentando tirar meu foco para que eu relaxasse um pouco. Impossível, eu me sentia ligada, enérgica, ansiosa por resolver aquela merda toda.

— Planos não são formados por impulso, Gio — respondeu, apertando os braços ao meu redor. — Você sabe disso. Mais tarde me reunirei em vídeo com Carlo e Domenico para montarmos uma estratégia. Tenha certeza que nós três estamos mais ansiosos do que você.

Virei-me de lado com a surpresa da notícia, pois até então eu não sabia dessa reunião. Por que estávamos perdendo tempo com aquele banho se tinham coisas tão mais importantes a serem discutidas?

— Que horas ligaremos para eles? — perguntei, tocando o peito do meu Don.

— Você não participará. — Abri a boca para rebater, mas Pietro tocou meus lábios com o dedo e estalou a língua. — Confie em mim, ok? Você é o alvo, alvos não tomam decisões porque estão envolvidos demais.

— Certo. E vocês não estão envolvidos porque não amam o alvo, não sentem nada por ele.

Pietro sorriu e beijou minha boca, segurando meu rosto entre as mãos e colando nossas testas.

— Estamos envolvidos até o pescoço, mas mesmo assim, temos anos de experiência na sua frente. Ou você se considera melhor estrategista que Domenico Negri?

Suspirei, derrotada. Não podia retrucar aquilo porque sabia que meu pai era bom em tudo que fazia. Mas eu estava me afogando em sentimentos, ansiedade e angústia por me sentir impotente diante dos fatos. Tinha tanto o que eu queria fazer e colocar em prática, muitas ideias que precisariam ficar suspensas enquanto não tirássemos esse inimigo desconhecido do nosso caminho. Um dos projetos que eu tinha mais pressa de colocar em prática envolvia a questão do tráfico humano administrado pela própria *Dita di Ferro*, mas com tudo que aconteceu nos últimos dias, isso ficou em segundo plano.

— Sei que você quer se sentir útil, pode fazer contato com Boden e chamá-lo aqui, pois precisamos dar nossos depoimentos para que ele apague todos os vestígios do que ocorreu hoje, o mais rápido possível.

Boden era o chefe da polícia de Nova York e comia na mão da *Soprattuto*, portanto, encobria tudo que pudesse ter algum envolvimento com Pietro ou um de nossos membros. Eu ainda não o conhecia bem, mas achei que devia mesmo lidar com essa questão, visto que poderia dar mais detalhes sobre tudo que aconteceu. O corpo do russo que matei, àquela altura, já devia ter sido encontrado pela polícia.

— Acho melhor eu não ter mais nenhum segurança comigo — declarei, ouvindo a risada rouca atrás de mim. — Estou falando sério. Não quero ser responsável pela morte de mais nenhum de nossos soldados.

Levantei-me quando Pietro deu impulso e esticou a mão para me ajudar a pisar no chão liso demais.

— Eles são soldados, *bambina* — disse, puxando-me e deixando que seu hálito tocasse meus lábios. — Vão morrer quantos forem preciso para defender a matriarca.

— Eu não posso permitir isso!

— Então eu não poderei deixar que pise fora deste apartamento — ameaçou, girando-me e estendendo o roupão sobre meus ombros. — Não tente medir forças comigo. Não há a menor possibilidade da sua ideia louca ser acatada.

Bufei, amarrando a corda ao redor da minha cintura e pensando que precisava me ocupar para não enlouquecer. Tentei sair do banheiro, mas Pietro puxou meu braço e me fez virar de novo para ele. Seu olhar, dessa vez, era intenso e cruel.

— Não ouse me desafiar quanto a isso, entendeu bem? Ou a coloco no primeiro voo rumo à Calábria para que seu pai a trancafie sob os cuidados dele. Domenico não será tão maleável quanto eu, até hoje ele me xinga por tê-la levado para acertar as contas com o *sheik*.

— Não vou fugir nem sair correndo por aí, Pietro. — Revirei os olhos, irritada. — Foi apenas uma sugestão, já entendi seu ponto.

Eu realmente não era tão suicida como ele pensava. Tinha mesmo passado pela minha cabeça a terrível certeza de que minha vida estava colocando outras em risco, mas se não podia lutar contra isso, então acataria a melhor opção: tentar me manter mais tempo dentro de casa até que essa porcaria toda fosse solucionada. Ou seja, isso significava que eu estava prestes a iniciar meu processo de loucura. Teria que fazer contato com Susan e pedir que viesse me tirar do tédio que se estenderia pelos próximos dias.

•

Pietro passou um tempo enorme trancado no escritório, enquanto eu atualizava Susan das últimas novidades em minha vida. Tinha me convencido a ligar para ela e não me lembrava da última vez que falei tanto através de um celular, mas a verdade era que me sentia muito melhor quando desliguei. Combinamos de Susan vir aqui no dia seguinte, durante seu horário de almoço. Eu até tentei marcar em algum lugar legal, mas quando ela soube em detalhes o que estava acontecendo, me proibiu de sair de casa.

Fui me deitar cedo, não estava me sentindo tão bem no final da noite. Como se a ficha finalmente tivesse caído de uma vez por todas, até que percebi que minha vida estava uma merda. Eu custei tanto a me sentir livre quando Lorenzo ainda era vivo, era sempre como parecer pertencer a uma prisão, mesmo depois que fugi dele e vim para Nova York. Eu vivia com a sensação de ter alguém constantemente um passo à minha frente e depois de sua morte, era como se... eu pudesse ser eu mesma ou quem eu quisesse ser.

Virei de bruços e abafei o grito contra o travesseiro, agarrando-me a ele. Por que eu? O que queriam comigo? Talvez por saberem que fui eu a assassina de Nero? Seria a mãe dele que estava por trás das ações dos russos? Eu não conseguia ligar uma coisa à outra, mas quais eram as opções?

Senti um toque delicado em minhas costas e um corpo grande se moldando ao meu. Virei o rosto e encarei Pietro, que sorriu daquele jeito que ele adorava fazer para me tranquilizar.

— Tenho notícias para você — falou, alisando meu cabelo. — Uma é que estamos nos organizando para um ataque o quanto antes. E a outra... — Ele franziu os lábios numa expressão de desgosto. — Seu pai desembarcará em solo americano em algumas horas.

— O quê? — Eu me sentei na cama, chocada. — Ficou louco? Ele

ficou louco também? Vocês sabem que ele não pode pisar nesse país!

— Não poderia — Pietro consertou, sorrindo de forma orgulhosa. — Se não fosse o querido genro dele mexendo os pauzinhos.

— Não, não e não!

Eu me levantei da cama e corri até a cômoda para pegar meu celular, mas este foi arrancado da minha mão e meu marido me abraçou por trás.

— Domenico acabou de subir no avião, *bambina*.

— Vocês enlouqueceram! Para que trazer pra cá um homem doente e procurado pelo FBI? Quer que meu pai passe os últimos anos de vida na prisão?

Pietro me virou de frente e segurou meus ombros, fazendo-me recostar à cômoda atrás de mim. Suspirei quando seus dedos tocaram com calma meu rosto, desceram até meu queixo e me seguraram ali, enquanto os olhos azuis tomavam os meus.

— *Amore mio*, você está muito nervosa, precisa se acalmar. Primeiro que eu nunca deixaria seu pai vir se não estivesse com todo o esquema pronto para a chegada dele. Segundo que ele é seu pai, portanto, na minha ausência, porque eu ainda preciso sair, não há ninguém que vá protegê-la melhor. Terceiro, eu não pude opinar, ele apenas decidiu e pronto. Desde quando eu mando alguma coisa naquele idiota egocêntrico?

Seus lábios tocaram minha testa e quando ele me puxou para um abraço, envolvi seu corpo e o apertei o quanto pude com meus braços. Acho que meu maior medo por estar sendo caçada não era exatamente o de morrer e sim, perder Pietro para sempre. Não estar mais ao lado dele, não crescer com ele, não formar uma família. Eu sabia que nossos sentimentos de perder um ao outro eram tão fortes que seriam capazes de destruir nossas vidas.

— Amo você, marido — sussurrei, beijando seu pescoço. — Se tem uma coisa que pode me acalmar, é montar você. Podemos brincar agora?

Senti o corpo dele estremecer com a risada que deu e fui erguida do chão, arrastada até a cama e depositada sobre o colchão. Tudo que precisei fazer enquanto o Don tirava a roupa, foi arrancar minha camisola sem *lingerie* nenhuma para facilitar o processo.

— E eu achando que esta noite você ia bater na cama e desmaiar de cansaço... Estava redondamente enganado.

— Como você acha que tive resistência para fazer tudo que fiz e dar uma de ninja? — perguntei, abrindo minhas pernas e esfregando meus pés nos ombros que se aproximavam. — Tudo graças a muitas horas de sexo selvagem. Quem escala vinte e um centímetros, escala qualquer parede! Obrigada por isso!

Pietro riu, mas eu apenas gemi quando me dedilhou com delicadeza, beijando minha boca e me preparando para o que vinha a seguir. Era sempre uma grande aventura ser preenchida pelo membro vigoroso que eu comecei a chamar carinhosamente de Chefe. Porque ninguém podia com ele, nem mesmo o Jerônimo.

Parei de pensar e me contorci quando me penetrou de uma vez, afundando-se em mim e segurando minhas mãos. Seu tamanho enorme me esticava, me enchia totalmente e me fazia vibrar cada vez que se retirava para se enfiar novamente. Pietro tinha esses momentos românticos e contidos que eu amava, mas hoje queria algo mais intenso e selvagem. Portanto, empurrei-o para o lado e o montei.

— Quero força total! — ronronei, encaixando-me naquele pau gigante e apoiando minhas mãos em seu peito.

Como sempre acontecia, ele me deixava aproveitar à vontade da posição e eu o cavalgava no meu ritmo, degustando de todas as sensações possíveis cada vez que rebolava sobre ele. Até que se cansava de esperar — e eu amava essa parte — e me puxava, me prendia em seu casulo de braços e

me fodia tão forte que quando acabávamos, eu dormia um sono dos anjos.

Foi exatamente assim que aconteceu quando gozei com a fricção de nossos corpos e aguardei, absorta em seus braços, até que ele chegasse ao clímax e me beijasse, puxando-me para dormirmos de conchinha sem nos preocuparmos com mais nada além de nossos corpos unidos.



GIOVANNA

Normalmente, nas raras vezes em que eu abria os olhos antes de Pietro, acabava enrolando na cama só para aproveitar o máximo de tempo ao lado dele. Também fazia safadezas, como me esfregar em seu corpo adormecido até que ele despertasse e montasse em mim. Dessa vez não me sentia no clima para isso. Acordei tão cedo que nem mesmo a empregada havia chegado e como não tinha fome, deixei o quarto com cuidado para não acordá-lo e me mantive quieta, sentada na *chaise* paralela às paredes de vidro. Ali do alto, observei o dia ganhar vida lentamente, os carros indo e vindo, as

pessoas se aglomerando nas ruas ao redor do nosso prédio.

Com tudo no mais profundo silêncio, escutei quando o elevador parou no andar e Telma entrou em casa, pouco antes das oito horas, me cumprimentou e se enfiou direto na cozinha para preparar o café. Ela veio diretamente da Sicília, uma filha de uma família *Soprattuto*. Era muito organizada e educada, tinha quarenta e dois anos, era solteira e nunca teve filhos, portanto, quando anunciamos a procura por alguém que trabalhasse aqui conosco, Telma foi a melhor que entrevistamos.

Não demorou para que eu começasse a sentir o cheiro de café fresco e me arrastei até a cozinha, enchendo uma xícara enquanto a observava preparar o restante da comida. Passava de oito e meia quando ajudei a colocar a mesa e me sentei com as pernas dobradas sob o corpo, mordiscando a pontinha de um *cornetto*.

— Telma, hoje receberei uma amiga na hora do almoço, vou precisar que coloque mais um prato à mesa — avisei, pois ela estava acostumada a fazer comida apenas para nós duas. — Prepare algum prato típico, por favor. Ela vai gostar.

— Quem vai gostar?

Pietro se aproximou enquanto abotoava os punhos da camisa social e seu perfume chegou muito antes do dono. Sorri e joguei a cabeça para trás quando ele se curvou para beijar minha boca.

— Bom dia, *bambina*.

— Bom dia, Don. — Pisquei porque sabia que o provocava desse jeito. — Susan vai vir aqui mais tarde. Não lembra que a convidei?

— Tome cuidado, Gio. Não deixe que a vejam com você, não se aproximem das janelas se as cortinas estiverem abertas.

Não esperava por aquilo, nem sequer algo do tipo tinha passado pela minha cabeça, afinal, eu estaria dentro de casa. O pedido de Pietro acendeu

um alerta dentro de mim e deixou meu peito apertado. Virei-me na cadeira e encarei meu marido com o semblante duro, preocupado.

— Você acha que Susan corre perigo só por ser minha amiga?

Pietro puxou uma cadeira ao meu lado e abriu o botão do paletó ao se sentar, apoiando um cotovelo na mesa e a outra mão na perna.

— Sendo bem sincero? — Arqueou uma sobrancelha. — Creio que qualquer um que esteja perto de você corra perigo porque se tornou um alvo. Porém, desde que você e Susan não sejam vistas juntas, não há motivo para nos preocuparmos.

Assenti, pensando se não seria melhor cancelar a visita dela e mandar que ficasse bem longe de mim. A última coisa que queria era colocar pessoas queridas em risco por causa de alguma idiotice que eu nem sabia do que se tratava. Susan era ingênua no que dizia respeito às sujeiras que rondavam a máfia, ela não saberia se proteger.

Pietro beijou minha cabeça e roubou um pedaço do meu *cornetto* ao se afastar.

— Tenho que ir me encontrar com Boden e depois ainda vou a uma reunião. Quando seu pai chegar, me ligue para me dar notícias, tudo bem? Gio! — Pisquei quando seu polegar roçou minha bochecha para atrair minha atenção. — Não quis deixá-la preocupada. Não se afaste de Susan, apenas tome cuidado.

O meu pai! Tinha até me esquecido dele por um momento. Ainda era muito estranho saber que ele estaria em solo americano mesmo com todo o histórico que possuía, por ser um homem muito procurado. Eu nunca me perdoaria se Domenico acabasse preso e morresse como um moribundo numa penitenciária.

— Pode deixar — eu o tranquilizei e me levantei para ficar nas pontas dos pés e abraçar seu pescoço. — Estou apreensiva, só isso. É natural visto

que tanta gente importante para mim também está correndo perigo. Toma cuidado.

— Você sabe que eu tomo — respondeu ele, beijando minha boca e me soltando para sair de casa.

Evitei dizer que ele não tinha sido tão cuidadoso quando se deixou ser sequestrado pela máfia russa, mas não estava disposta a iniciar uma discussão, por isso, fiquei quieta e joguei um beijinho no ar.

Pietro logo saiu e eu terminei de tomar meu café da manhã, retirando-me para o escritório e me sentando de frente para o monitor enorme. Comecei a pesquisar na internet tudo que existia sobre a *Serdse Drakona* e fui salvando numa pasta de favoritos. Sabia que as pessoas que me queriam bem, estavam trabalhando para descobrir o quanto antes quem estava por trás dos ataques, porém, eu me sentia impotente em não poder ajudar, sequer sabia por onde começar.

Não vi a hora passar e levei um susto quando um dos nossos soldados bateu na porta do escritório para avisar que Susan estava subindo. Desliguei tudo e fui esperar por ela na sala, esmagando-a num abraço assim que passou pela porta. Minha amiga estava toda linda vestida como uma verdadeira nova-iorquina durante o inverno.

— Que porra de saudade imensa! — falei, recebendo também um abraço apertado e um tapa na bunda.

— Você tem que parar de criar inimizades ao redor do mundo, viu? — Susan me segurou pelos ombros e conferiu meu rosto. — Assim não dá, eu não nasci para ser amiga de mafiosos porque tenho o coração fraco. Tanta coisa acontece na sua vida que eu pisco e já preciso ser atualizada de mais umas vinte desgraças.

— Acho que você escolheu a garota errada para ajudar e dar abrigo no ano passado — respondi, encolhendo os ombros e ganhando um beijo na

bochecha.

— Que nada. Eu amo essa garota!

Passei meu braço por dentro do dela e a levei para meu quarto, pois não queria ficar conversando sobre determinados assuntos na presença de Telma, mesmo ela sendo uma de nós. Enquanto eu narrava em detalhes muito precisos o que tinha acontecido ontem, Susan pegou o livro que estava na minha cabeceira e se sentou na cama. Era um volume da série de vampiros que eu adorava e já estava gasto de tanto que lia e relia. Estava ansiosa para que a autora lançasse logo o último volume da série, porque se eu pudesse, já teria a sequestrado e a mantido em cativeiro somente para que a história saísse mais rápido.

— Como vocês todos estão depois que voltaram para cá? Pietro já se recuperou da morte de Enzo?

— O tempo cura tudo, né? — respondi, sentando-me de frente para ela.
— Aqui nos Estados Unidos o Pietro tem uma rotina mais intensa e acaba sem tempo de ficar se lamentando, mas não é algo que se supere tão rápido. Ele amava muito o Enzo. E agora isso... Sério, eu só queria ter uma semana de paz. É pedir muito?

— Eu ainda não estou acreditando no que aconteceu... Não acredito que você escalou um prédio!

Franzi o nariz diante de tanto exagero.

— Não fiz isso, Susan, eu subi pelas barras.

— E depois escalou quando elas chegaram ao fim. Você mesma acabou de dizer isso.

— Era só um pedaço da parede, alguns centímetros — expliquei, rindo.
— E não fazia diferença. Eu podia cair e morrer ou podia ficar no mesmo lugar e... morrer.

O peso daquelas palavras a fizeram permanecer em silêncio ao me

encarar durante um bom tempo. Era isso. Eu estava com a morte bem em meu encalço e o pior, não sabia como despistá-la.

Susan me puxou para um abraço e me apertou, em seguida, puxou meu cabelo e recuou sorrindo.

— Acho bom você sossegar essa bunda em casa e obedecer a seu marido. Nada de dar escapadinhas, nem mesmo para ir à farmácia da esquina. E eu sei muito bem que você adora fazer umas rebeldias, tipo pular no oceano de madrugada.

Revirei meus olhos pela milésima vez desde que esse fatídico evento ocorreu em minha vida. Um dia eu me vingaria de Pietro por ter feito questão de contar para todo mundo sobre meu banho de mar à noite. Sempre que queriam expor algum erro meu, voltavam ao assunto como se ainda não tivesse perdido a graça.

Susan ergueu a palma da mão quando viu que eu abri a boca, então a fechei novamente e lancei meu melhor olhar de desânimo.

— Estou muito nova para enterrar amigos. — Ela franziu os lábios e inclinou a cabeça de lado. — Por que odeiam tanto você? Sério, Pietro é o diabo da Sicília e é você que tentam matar?

— Não chame meu marido de diabo! — Brinquei, batendo na perna dela. — Pietro é um amor de pessoa.

— Claro que é! — Ela riu como se não acreditasse numa única palavra. — Mas vamos mudar de assunto e falar de coisas boas, positivas. Como anda a sua depilação? Agora que é uma mulher casada e vive de pernas abertas, espero que esteja mantendo tudo em dia.

Ela gesticulou na direção da minha intimidade que até hoje sentia as dores daquela atrocidade que Susan me obrigou a cometer. Cheguei a estremecer só de lembrar da sensação de minha carne sendo esfolada e me levantei para pegar o controle da televisão.

— Nem vem com esse papo! — Apontei o dedo para ela. — Aquela mulher nunca mais pisa nesta casa e você tem muita sorte de eu não ter encerrado nossa amizade depois do que me fez passar.

— Eu não acredito que a mulher que escala paredes, troca tiros com mafiosos e escapa de emboscadas realmente tem medo de uma depilação inofensiva.

Parei diante dela, com os braços cruzados, segurando o controle remoto que adoraria usar para bater naquela cabeça.

— Você está falando sério mesmo? — perguntei. — Acha que aquilo é inofensivo? Susan, eu nunca senti tanta dor física na minha vida.

Ela revirou os olhos quando me sentei e liguei a tevê.

— Amiga, você está me assustando — disse, quase rindo. — Esse discurso todo significa que deixou sua caverninha voltar a ser peluda?

— Não, apenas uso o barbeador normalmente e meu marido não tem o que reclamar. Olha só, posso saber o que nos levou a entrar nesse assunto?

Susan gargalhou e ficou de joelhos na cama para se aproximar e roubar o controle remoto de mim. Ela se jogou novamente no colchão e mexeu nos canais da televisão enquanto balançava a cabeça e continuava rindo.

— Talvez você realmente tenha tido uma má primeira impressão, mas eu juro que não é tudo isso — comentou quando Telma bateu na porta do quarto e avisou que o almoço estava pronto. — Tem a depilação a laser também que é muito mais tranquila e dá o mesmo resultado.

— Ok, Susan, depois que eu matar quem está tentando me matar, penso em possíveis métodos de depilação. Por enquanto, meu foco é permanecer viva. — Tirei o controle dela e me levantei, puxando sua mão. — Vamos almoçar.

Os olhos de Susan brilharam quando viu a travessa com o carbonara feito por Telma, que até a mim estava fazendo salivar. A comida,

definitivamente, era algo que me fazia sentir saudade da minha terra, mas agora com uma cozinheira verdadeiramente italiana, não acontecia mais isso.

Susan me contou como estavam as coisas no trabalho e percebi que grande parte da atualização se manteve somente nisso: seu emprego. Eu a observei, tão linda, tão jovem, cheia de energia e mega inteligente. Minha amiga precisava de um namorado tão incrível quanto ela.

— Sabia que fui responsável por Carlo e Giulia ficarem juntos?

— Você? — Susan estreitou os olhos. — Quem disse?

— Ok, talvez eu tenha só ajudado em uma coisa ou outra. Mas o que importa é que tenho talento para isso.

— Do que está falando, Gio? — perguntou ela, enquanto enchia o garfo de massa.

— De arranjarmos um namorado para a senhorita. Posso até imaginar nós quatro marcando encontros de casais. — Encolhi os ombros quando ela me lançou um olhar estranho. — Depois que resolvermos a questão do alvo na minha testa, é claro.

Susan gargalhou e me levou junto, fazendo-me perceber que não tinha pensado em nada daquilo nos últimos minutos, o que era um avanço.

— Não acho que seja qualquer pessoa que eu possa levar num encontro com mafiosos. Além do mais, estarei ocupada nos próximos dias com a minha amiga. Você.

— Comigo?

— Não acha que vou deixar que fique sozinha o tempo todo nesta casa, né? — Ela piscou. — Talvez não possa sair, mas podemos nos divertir. Tenho certeza que Pietro possui uma excelente adega.

— Sim — respondi, lembrando de todos os desfalques que fiz na coleção dele. — Vamos combinar outro almoço. Não sei se amanhã será possível porque meu pai está chegando hoje na cidade, mas depois que eu me

acostumar com a presença dele aqui, podemos fazer qualquer coisa.

— Don Negri está vindo para cá?

Franzi os lábios, chateada, porque de tudo o que eu tinha dito, Susan só processou o nome de meu pai. Desde o meu casamento, quando o conhecera, ela ficou com aquela obsessão por ele. O que era estranho, porém, engraçado.

— Ele vem, está preocupado comigo...

— E por que você não está me chamando para almoçar de novo amanhã? — perguntou, se fingindo de magoada. — Francamente, Giovanna. É assim que quer me fazer desencalhar?

— O quê? — Eu ri e joguei o guardanapo de seda em cima dela. — Para de dar em cima do meu pai bem na minha cara!

Susan assentiu e descansou os talheres no prato. Ela fez a cruz com os dedos e os levou até os lábios antes de endurecer o semblante.

— Juro solenemente, a partir de hoje, dar em cima dele apenas pelas suas costas.

— Você não vale nada.

— Eu sei. — Sorriu.

•

Depois que minha amiga foi embora para o trabalho, eu me ocupei em arrumar o escritório para a chegada do meu pai. Aquele apartamento era enorme, mas não tinha o preparo para hospedar ninguém, e eu estava doida para que todo o estresse passasse logo, pois queria conversar com Pietro sobre minha vontade de ir para outro lugar. Separei roupa de cama e arrumei um pouco da bagunça que eu mesma deixava espalhada no escritório.

Como o prédio em que morávamos era de propriedade da *Soprattutto*, Pietro sempre mantivera ali um forte esquema de segurança e, portanto, era

seguro ficar em casa. Eu estava acostumada com a tranquilidade do lugar e zelava pela minha privacidade. Por isso, quando meu pai chegou no final da tarde, minha casa parecia ter se transformado num circo. Os mais de dez soldados da *Dita*, que o acompanhavam, primeiro entraram antes dele e checaram todo o local, como se somente o fato de eu estar ali dentro — e viva — não fosse o bastante para a presença honrada de Don Negri. Então, quando me viu, ele abriu aquele sorriso ao qual eu tinha me acostumado: canalha, irônico, divertido. Vestia-se de forma bastante casual com um *jeans* preto, camisa branca e jaqueta de couro. Sua aparência estava bem melhor do que da última vez que nos vimos.

— Só há espaço para você aqui dentro — avisei ao me aproximar e apontei um dedo na direção dos outros homens. — Isso não é um albergue.

Ele abanou a mão para trás e seus soldados entenderam a ordem de dispensa, retirando-se todos do apartamento e nos deixando finalmente a sós.

— Você sabe o quanto seu pai ficou orgulhoso ao saber de seus feitos ontem? — perguntou, esmagando-me nos braços e beijando minha cabeça. — *Carina*, estou impressionado.

Eu também tinha me impressionado só pelo fato de ter sido forte e aguentado o tranco, de não ter cometido nenhum erro fatal naquele momento.

— Não foi nada demais — murmurei com a bochecha colada à jaqueta de couro dele e suspirei. — Somente um dia rotineiro em minha vida.

Meu pai me soltou para segurar meu rosto e seu sorriso já não estava mais lá quando o encarei. No lugar da felicidade, um vinco se formara em sua testa e seu olhar ganhara uma nova intensidade.

— Eu sei que não tem sido fácil, mas vamos exterminar qualquer um que esteja mirando em você.

— Acredito nisso. — Toquei as mãos dele e fechei os olhos. — Só quero poder sair na rua sem que uma bomba caia na minha cabeça. No

entanto, não sei se você ter vindo para cá foi uma boa ideia.

— Ninguém sabe que estou aqui, apenas as pessoas que precisam saber.
— Ele jogou os lábios para o lado e passou a mão na barba, dando um sorrisinho forçado. — Seu esposo realmente é um filho da puta que segura muitos podres e tem todo mundo nas mãos. O tipo de genro certo que eu precisava ter.

Estreitei meus olhos e pensei se deveria responder, visto que ele estava, sutilmente, falando da moral de Pietro, mas eu sabia que era pura provocação e que aqueles dois se alfinetariam eternamente, portanto, deixei passar.

Papai me deu as costas e andou pela sala como se observasse tudo à sua volta, até que começou a explorar melhor o apartamento e o ouvi estalar a língua diversas vezes.

— Esperava algo maior, mais luxuoso...

— Diz o homem que mora numa casa de praia caindo aos pedaços — rebati.

— Caindo aos pedaços? — Ele se virou e levou a mão ao peito. — Não me insulte assim, *carina*.

— Está precisando de uma reforma. O piso de madeira range a cada passo que dou.

O sorriso de Domenico duplicou de tamanho e ele passou o braço pelos meus ombros enquanto entrávamos no meu quarto.

— Isso é uma questão de autenticidade, personalidade. A casa tem história e é bem do jeito que eu gosto. Deixo o luxo todo para a mansão *Dita*, que inclusive, será sua um dia.

— Aquela bosta de lugar onde meu querido avô morou? Obrigada, mas só quero se for para demolir.

Domenico soltou uma gargalhada que até mesmo para ele deve ter sido inesperada e eu apenas dei de ombros. Sabia que havia toda essa tradição a

respeito da casa de um Don, que passava de geração para geração, assim como a mansão Greco. Porém, o fato de me considerar uma *Dita di Ferro* não me deixava perdoar tudo de ruim que meu avô paterno fizera a tantas pessoas, incluindo a mim e a Elora. Se o velho não tivesse sido assassinado pelo próprio filho, teria sido pela neta.

— Sei que era seu pai, mas não consigo...

— Nunca se desculpe por aquele escroto — disse ele ao me interromper. — Eu o odiei todos os dias da minha vida por me tirar minha maior preciosidade.

— Entendo, a Elora é mesmo um amor — provoquei e ele franziu os lábios. Não queria entrar em assuntos emocionais no momento, estava tentando descontraír. — Vou mostrar a você onde vai dormir e...

— *Carina*. — Don Negri se ajoelhou de frente para mim e me manteve sem poder sair do lugar. — Eu a amei mesmo antes de você nascer. Você é tudo de mais importante na minha vida. Não subestime meus sentimentos.

— Ok, mas é melhor se levantar porque com a sua idade, os joelhos não aguentarão essa posição por muito tempo.

Ele sorriu e se levantou com mais agilidade do que eu esperava. Beijou meu rosto e bagunçou meu cabelo antes de passar por mim e parar no corredor.

— Em qual canto vocês vão me enfiar?

— No nosso escritório — respondi, passando por ele e me adiantando, abrindo a porta quase ao lado de nosso quarto. — Preparado com muito esmero por sua filha.

Don Negri fez uma careta engraçada e suspirou ao entrar no cômodo. Cá entre nós, o ambiente era ótimo para que ele passasse somente alguns dias. O próprio Pietro já tinha usado para dormir na época em que me trouxe — contra a minha vontade, que fique bem claro — para cá. Era amplo, os

móveis eram de cores claras e o espaço tinha sido redecorado para que nós dois usássemos o escritório sem invadir um o espaço do outro. A bancada se tornou dupla e maior, com dois computadores para que eu não precisasse bagunçar — palavras do meu marido — as coisas dele.

— Vocês não possuem um quarto de hóspedes? — perguntou o Don da *Dita*, franzindo o cenho.

— Eu ainda posso mandar você se hospedar no hotel mais próximo. O que acha?

O homem de quase dois metros de altura e muito sangue nas mãos revirou os olhos quase como eu mesma fazia. A verdade era que eu poderia colocar meu pai em qualquer um daqueles apartamentos que estavam vazios no prédio, mas Pietro tinha dito que ele especificou querer ficar em nossa casa, com os olhos cravados em mim.

— Nós até poderíamos ter feito mais mudanças por aqui depois que nos casamos, mas acho que você sabe como nossa vida anda um pouquinho agitada — comentei, sentando-me no sofá-cama.

Papai puxou um pouco as cortinas e parou para olhar pela parede em vidro, o que me fez lembrar do pedido de Pietro. Don Negri estaria avaliando o perímetro ao nosso redor dali de cima?

— Pai. — Ele se virou e me olhou. — O que você acha de tudo que está acontecendo?

Domenico não conseguiu esconder o cansaço dessa vez, quando deixou os ombros caírem e se afastou das cortinas, vindo se sentar ao meu lado e apoiando a mão na minha perna.

— Acho que tudo está ligado ao sequestro de Enzo e aquele... Qual era o nome do seu amigo?

— Nero. Mas ele morreu e o problema dele era especificamente com o Pietro. Se é a mãe de Nero que está por trás disso, por que eu sou o alvo?

— Não seja ingênua, *carina* — aconselhou, inclinando o rosto para o lado. — Se a mãe está mesmo envolvida, acha que ela ficou feliz em saber que o filho foi morto pela, até então, melhor amiga?

Pelo ponto de vista do meu pai, a mulher poderia sim ter motivos para querer a minha cabeça. O que era uma pena, pois eu gostava da Senhora Salvatore. Matá-la seria mais um terrível acréscimo em minha lista.

— Eu só não consigo entender como o Nero acabou se envolvendo com os russos.

Don Negri nem parecia mais me ouvir quando se levantou e começou a mexer na bancada de trabalho. Ele pegou um pequeno caderno que eu usava para fazer algumas anotações e puxou uma caneta, entregando ambos para mim.

— Preciso que descreva todas as pessoas que cruzaram seu caminho ontem, da hora que saiu de casa até o momento da explosão.

— O quê? — Olhei para o caderno, sem entender. — De quais pessoas está falando?

— Todas.

— Todas? Pai, estamos falando de Manhattan. Eu vi centenas de pessoas, ficou louco? Se lembrar da cara do recepcionista do prédio onde minha terapeuta atende, já será muito.

Ele se sentou de frente para mim e tirou a jaqueta preta, jogando-a sobre o sofá e esfregando o rosto. Precisava aparar aquela barba, tomar um banho, comer alguma coisa... Quando foi que se alimentou pela última vez?

— Giovanna, presta atenção — pediu, tocando meus joelhos. — Você está sendo seguida, sendo observada de perto. Emboscadas são armadas assim.

— Tudo bem, eu entendo, mas não fico reparando nas pessoas quando ando na rua.

— *Carina*, teremos tempo. — Ele se levantou com as mãos na cintura e olhou em volta. — Não vim aqui para tomarmos chá da tarde e sim para resolver essa merda. Agora me diga onde é o banheiro.

Sutil como um cavalo, Domenico saiu do escritório sem esperar pela minha resposta e fui correndo atrás apenas para ter tempo de indicar a porta do banheiro social. Tinha sido uma obra providencial porque era inadmissível que o único banheiro da casa ficasse dentro do nosso quarto. Até estremeci ao imaginar meu pai precisando urinar no meio da madrugada e batendo na porta, enquanto eu cavalgava Pietro.

— Fique à vontade. — Sorri para ele e apaguei a loucura da mente. — O banheiro é todo seu.

Deixei-o lá e fui para meu quarto abraçada ao caderninho, preparando-me para colocar em prática o seu pedido. Não tinha ideia se daria conta de fazer o que ele pediu, mas se realmente fosse possível encontrar um suspeito daquela forma, então daria o meu máximo.

•

Por mais que eles tenham tentado me deixar de fora da conversa, eu não arredei o pé da sala e fiquei lá no meio, entre Pietro e meu pai, enquanto discutiam as questões da minha emboscada. Era noite e o Don tinha servido a ele e Domenico com uísque; eu os acompanhava com uma taça de vinho. Meu pai demonstrava precisar de um descanso, eu imaginava que as longas horas de voo não fizessem tão bem a uma pessoa nas condições dele e esperava que meu marido não levasse a conversa até tão tarde.

— Esse meu contato na polícia de Nova York, o Boden, ele ficou responsável por confiscar todas as gravações de câmeras existentes pelo perímetro que Giovanna passou — disse o Don da *Soprattuto*.

— Teve um homem — comentei, puxando da memória aquele momento — que ficou bem de frente para mim. Eu estava escapando do prédio da velhinha e ele me chamou. Vocês conseguem trazer alguém que seja especialista em desenhar rostos? Acho que me lembro de alguns detalhes.

Pietro parecia surpreso e animado com a nova informação, tanto que sacou o celular do bolso imediatamente e falou com uma pessoa do outro lado da linha, dando ordem para que trouxessem alguém específico até nossa casa. Suspirei em resignação quando o ouvi dizer que não importava a hora que fosse, prevendo que meu pai ainda permaneceria muito tempo acordado.

— Por que não me contou isso antes? — perguntou meu marido ao desligar o telefone e se inclinar na minha direção, com os cotovelos apoiados nos joelhos. — Gio, isso é importante!

— Eu não me lembrei, aconteceu tanta coisa...

O Don me encarou por alguns segundos e esticou a mão até tocar na minha. Ele me puxou para eu me sentar em seu colo e passou os braços ao redor do meu corpo, enquanto depositava um beijo em meu rosto.

— Sei que não tem sido fácil — murmurou, dando um suspiro longo. — Vamos aguardar agora. Carlo também continua seguindo qualquer rastro que possa encontrar na Itália.

— Então, se não tiver muito o que fazer nas próximas horas, que tal irmos descansar? — Olhei diretamente para meu pai e inclinei a cabeça na direção do corredor. — Principalmente você, que precisa dormir e se recuperar do fuso horário, não acha?

Domenico não demonstrou felicidade com minha sugestão e eu me levantei, puxando-o pelas mãos até que tirasse a bunda velha do sofá. Fui rebocando o homem até o escritório e eu sabia que ele me olhava como se eu fosse uma criança que precisava de uns bons tapas.

— Quero ser acordado assim que o especialista em retrato falado chegar a esta casa.

— Eu realmente não acho que ele vai vir durante a madrugada, pode degustar de uma noite de sono tranquila.

— Giovanna...

— Não — eu o interrompi e apoiei minhas mãos na cintura quando paramos perto do sofá-cama. — Pai, é sério. Como você está? Não quero que caia doente por estar se cobrando mais do que pode.

— Posso garantir que estaria muito melhor e gozando de mais saúde se minha filha não estivesse na mira de assassinos.

— Estou bem — falei, abrindo os braços e girando no mesmo lugar. — Viu? Bem viva e ficarei assim por muitos e muitos anos.

Ele riu porque não conseguia resistir a mim e beijou minha cabeça ao me puxar para um abraço. Deixei a promessa que o acordaria se tivéssemos qualquer novidade para contar, mas para ser muito sincera, eu mesma estava torcendo para o tal desenhista só aparecer na manhã seguinte. Não era de ferro, estava ansiosa por um tempinho exclusivo com meu marido, naquela nossa cama macia e enorme.

Pietro não ajudava em nada a diminuir minha vontade, visto que resolveu passear pela casa sem camisa e me encontrou na porta do escritório. Todo se querendo, ele sorriu daquele jeito de molhar calcinha e simplesmente passou por mim para entrar no quarto.



DOMENICO

Acordei com aquela sensação que já tinha se tornado normal para mim, meus braços levemente dormentes ao despertar, até dar lugar ao formigamento. Sinais que nada tinham a ver com as horas de voo do dia anterior ou o cansaço ocasionado pela mudança de fuso horário. Simplesmente havia dias que eu acordava muito bem e outros, muito mal, por mais que eu me esforçasse ao máximo para andar na linha, fazer o tratamento e me cuidar um pouco melhor do que fiz ao longo dos anos.

Sentei-me na cama tentando afastar a letargia que queria me consumir e

deixei a cabeça pender um pouco para a frente, enquanto inspirava e expirava, buscando pelo controle do meu corpo e da minha mente. Queria estar bem para Giovanna, o que significava que passar os dias numa cama não estavam em meus planos.

Alguns minutos depois eu já me sentia disposto para levantar e me enfiar dentro do banheiro, mas acabei fazendo um desvio ao sentir o cheiro inebriante de café. Estava acostumado a equilibrar muito bem minha rotina matinal e quando me deixava aproveitar momentos de descanso, gostava de acordar com calma, preparar um café simples e aproveitar as manhãs na varanda de casa, observando o mar tranquilo.

Assim que avistei minha filha e ela percebeu que eu estava acordado, meus planos foram por água abaixo. Giovanna saltou da cadeira demonstrando uma energia de dar inveja e começou a falar enquanto eu me aproximava da mesa posta para duas pessoas. Quando me sentei na cadeira que ela puxou para mim bem ao seu lado, deixei os ombros caírem e observei a comida exposta.

— *Carina...* Por favor... — pedi, erguendo a mão e tocando a dela que se agitava no ar. — Ainda não acordei direito e não entendi metade do que você falou.

— Eu posso repetir tudo, não tem problema. Apenas se sente e coma um pouco ou coma muito, o que você quer comer, pai? Também posso pedir para a Telma cozinhar qualquer outra coisa que não esteja na mesa se você preferir algo diferente e...

— Giovanna! — Precisei firmar meu tom de voz e ela se calou, empertigando-se na cadeira. — Desacelere, *carina*. Aqui tem tudo de que eu preciso, volte a tomar seu café da manhã e não se preocupe comigo.

Observei o bico se formar em seus lábios e sorri com certa discrição ao imaginá-la tentando controlar seu gênio forte e evitando me dar uma resposta

afiada. Antes de realmente ter a chance de conhecer Giovanna, quando eu apenas a acompanhava de longe, achava que ela era uma menina como todas as outras prometidas criadas pela máfia: submissa, recatada, subserviente. Um pouco mimada e rebelde, talvez, levando em consideração o trabalho que Lorenzo dizia que ela lhe dava. Eu jamais imaginei que ela se parecesse tanto comigo, que fosse dona de uma personalidade tão forte, que estivesse sempre pronta a questionar e criar sua própria opinião sobre qualquer assunto.

— Você é minha maior preciosidade — disse, esticando a mão para tocar seu cabelo e aproveitando para apertar sua bochecha. — Mesmo quando tenta enlouquecer o seu velho pai.

— Eu não faço isso — ela retrucou antes de encher a boca com um pedaço gigantesco de *cornetto*, que parecia macio e tão fresco.

— Vou querer dois desse.

Sorri e deixei que se sentisse feliz em me servir, enquanto eu mesmo enchia uma xícara com o café de fragrância forte. O líquido quente caiu como uma perfeita lubrificação de toda a engrenagem do meu corpo e me deixei apreciar o momento de silêncio, já que Giovanna estava muito ocupada montando uma pirâmide de comida em meu prato.

— *Carina*, quando tudo isso for resolvido, nós faremos a sua apresentação formal.

— Mas isso significa que eu vou realmente comandar tudo? — perguntou, de boca cheia. — Ou por enquanto eu só vou dar um oi para os pedófilos e assassinos?

Prendi o riso porque ela sempre conseguia me pegar com de guarda baixa, porém, Giovanna estava séria, com a expressão se transformando em segundos.

— Pai, não estou brincando. Quando começaremos a mudar as coisas de fato?

— Você sabe que já estou fazendo isso.

— Não exatamente — comentou, soltando a pontinha que restara do *cornetto* e cruzando os braços sobre a mesa. — Nós sabemos que não basta apenas encerrar oficialmente as atividades. Você acha mesmo que seus associados que movem milhões com prostituição e tráfico humano vão simplesmente obedecer sua ordem e perder rios de dinheiro?

— Nem tudo funciona assim, sendo resolvido da noite para o dia, *carina*. Não posso pegar uma atividade que é reproduzida há anos dentro da *famiglia* e sair em caça às bruxas sem mais nem menos. Eu vou aos poucos disseminando a ordem de proibição e buscando interferir com os mais... resistentes à ideia.

Ela parecia ter labaredas dançando nos olhos azuis quando virou o rosto e me encarou com firmeza. Eu sabia que nada do que tinha saído de minha boca era suficiente para aplacar a sede de justiça de minha filha, mas ela era nova, impetuosa, tinha muito o que aprender para que, um dia, pudesse governar sem destruir a *Dita di Ferro*.

— Então eu acho melhor você adiar essa apresentação — comunicou, soltando o guardanapo sobre a mesa e afastando sua cadeira. — A partir do momento que me der autorização para agir em nome da *famiglia*, tenha certeza que vou derrubar portas e telhados até acabar com todo e qualquer resquício de tráfico humano e escravidão sexual.

— Será apresentada muito em breve, *carina* — insisti e segurei a mão dela quando tentou se levantar. — Mas vai mostrar que é inteligente e vai jogar com sabedoria esse jogo de gente grande se quiser que, no final de tudo, ainda exista alguma máfia para comandar. Admiro sua energia e sua coragem, mas não trabalhamos com decisões tomadas por impulso.

— Impulso? — Deixei que ela puxasse a mão e se levantasse de uma vez. — Pai, eu chamaria de impulso a decisão de comprar um carro novo, não

de salvar vidas. Sinto muito, mas não consigo ser tão passiva.

A jovem adulta saiu marchando sem olhar para trás e antes que se retirasse do ambiente, dei um tapa forte na mesa e fiz com que parasse de andar.

— Você as quer mortas?

— O quê? — perguntou, virando-se para me olhar.

— Quer que essas mulheres morram? Porque é isso que vai acontecer quando sair executando deliberadamente todos os envolvidos. Queima de arquivo, já ouviu falar?

— Não seriam capazes disso... — ela murmurou mais para si mesma, com os dedos esfregando a pele do pescoço. — Ninguém faria...

— Não? — Sorri. — Você não é tão ingênua assim, Giovanna.

Eu não gostava de vê-la frustrada ou que se sentisse impotente sobre alguma situação, mas sabia que precisava preparar minha filha para que ela não fosse devorada quando eu não estivesse mais vivo. Giovanna não podia manter essa noção que conquistara recentemente, de que tinha poder e controle sobre todas as coisas e que era invencível.

•

Estava há alguns minutos falando com Luca, meu atual *consiglieri*, sendo atualizado das últimas informações levantadas a respeito dos russos. Tinha me trancado no escritório para poder ter essa conversa sem interrupções e acabei me sentando numa das cadeiras à frente da estação de trabalho que eu imaginava ser usada tanto por Pietro como por Giovanna. Considerando o caderno preto com estrelinhas coloridas diante de mim, sabia que minha filha usava aquele lado, onde várias canetas de todas as cores

estavam amontoadas numa caixinha de metal.

— *Tem previsão para seu retorno?*

— Isso vai depender muito da eficiência de vocês — respondi, usando uma caneta rosa para rabiscar aleatoriamente um pedaço de papel. — Não pretendo passar muito tempo em solo americano, mas só sairei daqui quando a ameaça à Giovanna for anulada.

— *Está certo. Ainda hoje devo receber alguma informação sobre a tocaia em Moscou.* — Ouvi o homem pigarrear do outro lado e me recostei à cadeira de couro. — *As pessoas estão começando a falar, Don Negri.*

— O ser humano adora usar o dom da fala, Luca.

— *Temo que sua autoridade seja questionada devido suas atitudes mais recentes... Ter viajado para a América por causa da...*

— Tem certeza que quer terminar esta frase, Luca? Talvez não seja a coisa mais inteligente a dizer num momento como esse. Façamos assim, quem ousar discordar das minhas decisões a respeito deste assunto específico, será investigado por traição. O que acha de dar o aviso a todos? — Meu *consigliere* ficou em silêncio, provavelmente digerindo o que o aguardava e aproveitei para emendar: — Espero sua ligação ainda hoje, para me passar notícias sobre Moscou.

Encerrei a chamada sem lhe dar chance de resposta, pois estava mais interessado nas folhas impressas e grampeadas que escapavam para fora do caderno de Giovanna. O que me chamou a atenção foi o endereço do site de onde elas foram tiradas, escrito no rodapé de cada uma. Era um compilado de informações sobre esclerose múltipla, desde uma lista de sintomas até matérias sobre depoimentos de pessoas que viviam com a doença ou com os doentes.

Engoli em seco enquanto folheava as páginas. Não imaginava que Giovanna perdesse algum tempo fazendo pesquisas sobre o assunto e percebi

que talvez ela não conseguisse simplesmente me perguntar o que desejava saber diretamente.

Coloquei os papéis no lugar em que estavam antes e esfreguei o rosto, sentindo-me cansado e culpado. Precisava dar um pouco de atenção a esse assunto e me sentar com Giovanna para deixá-la a par de tudo que estava acontecendo e o que viria no futuro.

Aproveitei para tomar um banho em seguida e ao sair do banheiro, encontrei minha filha no escritório, girando em sua cadeira de couro branco. Vi quando pegou o celular e apontou na minha direção de forma muito suspeita já que eu estava apenas com uma toalha enrolada na cintura.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei, deixando transparecer uma leve irritação. — Você acabou de tirar uma foto minha?

— Claro que sim! — Ela sorriu e se levantou. — Eu tinha pensado em usar uma foto comum, mas não vou desperdiçar esse corpinho que está muito enxuto, diga-se de passagem. Eu nem imaginava que meu pai era tão sarado, acredita?

Respirei fundo e fechei os olhos. Aquilo era errado, o que estava acontecendo?

— Por que você está dizendo essas coisas, Giovanna? Por mais que você seja maior de idade, eu ainda posso lhe dar uma surra e colocá-la de castigo.

— Credo, Domenico! Só estou tentando ajudar. Não posso ficar de castigo apenas por tentar desencalhar meu pai.

— O quê?

Alheia ao medo que tinha me tomado quando a ouvi falar sobre meu corpo de um jeito tão errado, Giovanna voltou a se sentar e mexer no celular, ignorando-me por completo. Quando ergueu os olhos para mim, abriu um sorriso enorme e virou a tela do aparelho na minha direção.

— Prontinho, seu perfil foi criado com sucesso.

— Que perfil, Giovanna?

— Do site de encontros amorosos — respondeu, piscando. — Com a foto que coloquei, não dou meia hora para chover um monte de mulher curtindo seu perfil. Agora me diga, pai, quais seus *hobbies* além de matar pessoas?

Precisei me sentar na ponta do sofá para que meus joelhos não cedessem devido às asneiras que saíam da boca de minha própria filha. Eu a amava, mas de vez em quando surgia uma vontade forte de esganar aquele pescoço.

— Que site de encontros, Giovanna? Eu não quero nada disso, exclua tudo o que fez.

— Só quero ajudar, acho que está precisando de umas aventuras amorosas, sabe? Não vai fazer mal nenhum aproveitar que está de férias aqui em Nova York e conhecer umas mulheres interessantes. Eu fiz a mesma coisa para ajudar o Carlo e olha no que deu.

— Não acho que ele encontrou Giulia num aplicativo de namoro. De qualquer forma, não estou interessado nisso. Exclua.

A peste se levantou, sorrindo e enfiando o aparelho celular no bolso da calça antes de se dirigir para fora do escritório e balançar a cabeça.

— De jeito nenhum — declarou. — Faz bem à saúde se divertir um pouco, Don Negri. Confie em sua filha.

Suspirei de cansaço quando ela fechou a porta e me controlei para não ir à caça do telefone, como se tivesse sua idade.



GIOVANNA

No instante em que saí do quarto provisório de Domenico, fui interceptada por um dos seguranças que se aproximou enquanto tocava o ponto eletrônico no ouvido direito.

— Senhora Greco, sua amiga Susan está querendo subir — avisou, esperando pela minha resposta. — Posso autorizar a entrada?

— Susan? — Senti o vinco se formar no meio da minha testa porque

estava surpresa com a informação. Eu não tinha marcado nada com minha amiga para hoje. Tinha? De qualquer forma, sorri e confirmei para o segurança: — Sim, pode liberar a entrada dela.

Mandar minha provável única amiga embora estava fora de cogitação, então tratei de ir para a sala recebê-la e descobrir o que queria, já que na véspera eu avisei que estaria com meu pai e...

Ah.

Revirei os olhos, finalmente entendendo tudo e me sentindo um pouco enciumada. Algo me levava a crer que Susan não estava ali por gostar muito da minha companhia e quando a porta se abriu, ela entrou toda sorridente, olhando para todos os lados do apartamento menos para minha cara.

— Sentiu minha falta? — perguntou, descendo os dois degraus que existiam logo após a entrada social e abrindo os braços ao reparar em minha existência. — Vim para almoçarmos juntas.

— Que ótimo! — Aceitei o abraço que me ofereceu e dei um tapa na bunda dela. — Assim não vou me sentir sozinha, pois meu pai ainda não chegou à cidade.

Prendi o riso ao notar a transformação na expressão de Susan, que passou de “*ganhadora da loteria*” para “*conferi os números errados*”. Seus ombros estreitos caíram rapidamente e as laterais da boca formaram um arco para baixo quando me soltou.

— Jura? Poxa... — pigarreou, esforçando-se muito para não deixar transparecer sua frustração. — Melhor assim, terei mais tempo com você e dessa forma, quando seu pai chegar, você pode se dedicar exclusivamente a ele. Tem alguma noção exata de quando Don Negri chega? — Ela era uma péssima atriz.

Minha vontade era torturar Susan mais um pouco e passar informações desconexas para que ficasse a tarde toda quebrando a cabeça, mas minha

brincadeira azedou quando meu pai apareceu com uma expressão nada agradável. Ele já estava totalmente vestido e deu passos largos na minha direção como se estivesse se aproximando de uma presa fácil, com os olhos estreitos numa linha fina assim como os lábios.

— Oh! — O gritinho de surpresa de minha amiga saiu.

Acabei desviando minha atenção para ela, que parecia muito afetada, com a mão sobre o peito e a boca aberta, enquanto os olhos estavam grudados sobre o chefe da *Dita*. Era estranho pensar que minha amiga sentia tanta atração pelo coroa e estava curiosa para descobrir como eu mesma lidaria com a interação dos dois.

— Entregue-me seu celular, Giovanna — ordenou ele assim que parou diante de nós, sem nem parecer se dar conta de que eu tinha companhia. — Agora. Não vou pedir duas vezes.

— Por que você quer meu celular?

— Você sabe muito bem. Eu quero o aparelho.

Recuei um passo para ter tempo de pensar numa saída. Tudo por causa do perfil que criei para que ele conseguisse uns encontros bacanas? Não sabia que o coroa era tão ranzinza e...

— Giovanna! — ele aumentou o tom de voz e segurou meu pulso com firmeza, mas não o bastante para me machucar. — *Carina*, não estou brincando. Se criou mesmo um perfil na internet, precisa deletar tudo agora.

— É só um aplicativo inocente, eu nem postei uma foto sua pelado.

— Que foto? — Susan arregalou os olhos e senti vontade de rir. — Espera, Don Negri tem perfil no Tinder?

Meu corpo estava levemente inclinado para trás e eu só não desabava de costas no chão porque meu pai continuava me segurando. Mas de canto de olho consegui ver o momento em que minha amiga se tornou a mulher mais rápida da história mundial e sacou o próprio telefone do bolso, deslizou os

dedos pela tela e começou a procurar alguma coisa, enquanto mordiscava a unha do dedo indicador. Eu podia jurar que ela estava acessando o seu perfil no aplicativo e procurando por meu pai.

Por falar nele, agora suas mãos seguravam meus dois braços e me fizeram andar de costas até que me obrigasse a sentar no sofá. Então, ele se curvou com as mãos no joelho e aproximou o rosto do meu.

— Eu sei que você é extremamente inteligente e talvez não esteja pensando direito porque, no fundo, ainda é uma criança. Mas se a foto que tirou cair na rede da Interpol, não vai ter contato de Pietro que me segure aqui.

Nada daquilo passou pela minha cabeça na hora que criei o perfil e, de repente, me senti a pessoa mais idiota de todas por ter negligenciado algo tão grave. Antes que meu cérebro conseguisse me dar a ordem correta para deletar a imagem, a própria Susan se curvou sobre mim e segurou meu rosto entre as mãos, pálida como eu nunca vi.

— Amiga, pelo amor de Deus, apaga isso!

Ergui meu quadril e puxei o celular do bolso traseiro da calça, meus dedos voando pela tela do *smartphone* enquanto procurava pelo ícone do aplicativo. Nisso, meu pai já tinha se dado conta da presença de Susan, voltando a se empertigar e nos dar um pouco de espaço, ao mesmo tempo em que ela avançava na direção dele.

— Oi Don Negri, lembra de mim?

— Ah, sim... Acho que seria difícil esquecer. — Ergui apenas os meus olhos para os dois enquanto esperava o perfil dele carregar. Domenico tinha enfiado as mãos nos bolsos e continuava recuando. — Como vai? Não me lembrava que era americana.

— Eu sou! Estou sempre por aqui fazendo companhia para a Gio. — Ela estava? Que *ragazza* mentirosa! — Provavelmente vamos nos ver com

frequência.

Perfil devidamente carregado, controlei-me para não ver as notificações que tinham chegado. Cliquei de uma vez sobre a opção de excluir tudo e assim eu fiz, finalmente, sentindo um alívio atingir meu peito. Então, voltei a atenção ao que estava acontecendo ali na minha sala. Susan esticou a mão na direção de Domenico, que tinha a cabeça um pouco baixa e parecia... sem graça?

— É um prazer encontrá-lo novamente — disse minha amiga com a mão suspensa. — Não sei se Giovanna chegou a comentar sobre mim, mas eu acho seu trabalho incrível.

Levei a mão à boca para não gargalhar quando vi a cabeça de meu pai se inclinar levemente para o lado e a testa franzir. Seus olhos se desviaram rapidamente para os meus antes de voltar a dar atenção a ela. Que diabos Susan estava falando? Que pessoa em sã consciência que sequer fazia parte da máfia dizia que Don Negri, o italiano mais sujo de sangue, chefe da máfia mais escrota de todas — só perdia para a *Serdtsse Drakona* — fazia um trabalho incrível?

— Obrigado? — murmurou o pobre homem que não teria a menor chance de escapar.

Susan desistiu de esperar pelo aperto de mãos que provavelmente nunca chegaria e o apertou num abraço efusivo demais. Minha amiga safada estava jogando com todas as cartas do baralho, ela queria mesmo o meu pai.

•

Foi um almoço, digamos, diferente. Não pela comida, a lasanha de Telma estava deliciosa e meu pai chegou a repetir. Mas foi no mínimo interessante ver o poderoso Domenico Negri se comportar todo introvertido

com as cantadas de Susan. Eu não sabia se era normal ele ser desse jeito quando o assunto envolvia paquera ou se o problema era com a pessoa em questão. Como nunca o vi com outra mulher nem mesmo falando sobre elas, comecei a achar que meu pai, talvez, pudesse ser um pouco lento nesse sentido.

— No último mês eu assisti toda a franquia de *O Poderoso Chefão* — disse Susan, me fazendo morder a língua enquanto mastigava um pedaço de lasanha. — Para me sentir mais por dentro da vida de vocês.

Movi apenas os olhos para encarar a reação de Don Negri, que tinha apoiado o cotovelo na mesa e encostou o punho fechado nos lábios enquanto a observava.

— Imagino que você seria um tipo de Vito Corleone^[5] da vida real, não é? — perguntou ela.

— Pois acho que devia ter assistido *Lúcifer* — eu me meti no monólogo dela e sorri —, faz mais o estilo do meu pai.

— Credo, Gio!

— O quê? — Olhei dela para ele e dei de ombros. — Não é porque eu agora gosto dele que vou passar a mão pela cabeça.

Sabia muito bem que aquelas coisas que eu falava não o incomodavam, Domenico não escondia sua história nem parecia ter arrependimento sobre as coisas que fez no passado — as únicas exceções envolviam a mim e Elora.

— O Don Corleone no filme tem aquela família enorme e fiquei pensando... Você nunca sentiu vontade de se casar, Don Negri?

— Não — respondeu ele, curto e grosso.

— Mas provavelmente tem muitas mulheres espalhadas por aí... — Susan insistiu.

— Também não.

— Não transa com frequência?

A água que eu estava bebendo entrou pelo meu nariz ao mesmo tempo em que me engasguei e acabei me molhando, espalhando água e cuspe por todo o meu prato. Pelo menos a atenção para a pergunta foi desviada já que meu pai se ocupou em averiguar se eu estava viva.

Arregalei os olhos na direção de Susan e a chamei de louca com movimentos labiais, recebendo em resposta um sorriso e uma piscadinha safada. Era louca de pedra, sem dúvida.

— Muito bem, mocinhas — meu pai se levantou e pigarreou. — Já estou satisfeito e acho melhor deixá-las colocarem o assunto em dia. Tenho coisas para resolver.

Domenico sequer esperou uma resposta, fugiu da sala de jantar mais rápido que uma flecha e quando fiquei a sós com Susan, ela voltou a se ocupar da comida que esfriava no prato.

— Amiga, você precisa ser um pouco mais sutil — falei, sentindo a garganta arder. — É sério mesmo que está interessada no meu pai? Você sabe que ele já passou dos cinquenta, né? E está doente.

— A questão mais importante é: tem problema pra você?

Eu a encarei e pensei na sua pergunta. Não me sentia uma pessoa ciumenta a esse ponto e talvez se desse ao fato de que não cresci tendo Don Negri como uma figura paterna. Eu realmente o amava agora, mas não me importava com quem ele estava ou deixava de estar. De qualquer forma, não achava que Susan tivesse qualquer chance.

— Não me importo que dê em cima dele, só não se machuque. Não acho que ele esteja interessado em se relacionar com alguém neste momento. E outra coisa... — Uni as palmas das mãos e apoiei meu queixo nelas, enquanto pensava em meu pai. — Don Negri só é esse cara legal comigo, não se iluda. Ele é frio, grosso, individualista e...

— Ele não é tão ruim assim, Gio — ela me interrompeu. — Eles

apenas precisam vestir essa máscara de mafioso durão. Vejamos pelo próprio Pietro, que no fundo é um doce.

Com aquela afirmação eu me dei conta de que minha amiga só conhecia a pontinha do *iceberg* que era o mundo da máfia. Pietro não tinha nada de doce e meu pai era três vezes pior do que meu marido. Gerações diferentes, máfias diferentes, criações diferentes. Pietro foi criado por um homem que era amado por todos os membros da *famiglia* e alguém que prezava por seguir tradições, que optou por um reinado mais pacifista, que amou sua esposa e filhos. Domenico era o filho de um homem que transformou a *Dita* no terror da Itália, que estendeu seus braços até as profundezas do inferno, que arrancou a própria neta do seio da família e causou sofrimento ao filho durante todos os dias da sua vida.

Eram histórias e mais histórias que não seriam contadas durante um almoço, então deixei que o assunto se encerrasse e dei carta branca para Susan agir como quisesse. Seria até bom que meu pai tivesse algo a mais para se preocupar além do meu bem-estar.

Quando minha amiga foi embora, triste por não ter conseguido se despedir de Don Negri pois esse tinha se trancado no quarto, eu fechei a porta assim que ela entrou no elevador e fui ligar para Carlo. Queria saber como estavam as coisas na Itália, mas recebi uma mensagem de texto e interrompi minha programação.

“Oi!”

Era de Susan, que não costumava mandar mensagens monossilábicas, muito menos ao acabar de deixar minha casa.

“Susan? Esqueceu alguma coisa aqui em cima?”

Enviei e aproveitei para dar uma olhada na sala enquanto esperava pela resposta. O celular apitou novamente e abri a mensagem que fez congelar até meu cérebro ao olhar a foto que tinha sido enviada. Um rosto encapuzado, provavelmente masculino, olhando diretamente para a câmera do celular de Susan.

Sem conseguir pensar em mais nada, abri a porta do apartamento e empurrei os soldados que guardavam o *hall* do elevador. Esmaguei o botão com meus dedos e ignorei as perguntas que eles me faziam enquanto tentavam me segurar.

— Não encostem em mim! É uma ordem!

— Eu sou um *Dita*, só aceito ordens de...

Dei um tapa no rosto do homem no instante em que o elevador chegou ao meu andar e as portas se abriram. Todos os cinco entraram comigo na caixa metálica e o idiota que apanhou me olhou com os olhos arregalados.

— Sou Giovanna Negri Greco, use esse tom novamente comigo e não será seu rosto que irá arder.

Digitei rapidamente uma mensagem para o número de Susan pois precisava fazer alguma coisa naquele tempo infinito que o elevador demorava para chegar ao térreo.

“Encoste num fio de cabelo de Susan e eu matarei sua família inteira.”

O apito me avisou da chegada e eu corri pelo saguão assim que as portas abriram passagem. Ignorei todos aqueles homens de preto correndo atrás de mim e saí na calçada do prédio, olhando em volta, desesperada.

Susan, Susan, Susan... cadê você?

Meus olhos começaram a arder e precisei apoiar as mãos nos joelhos,

sentindo meu coração acelerado demais, tomado pelo pavor. Eu nunca me perdoaria se acontecesse algo a Susan.

— Senhora Greco, precisa entrar! — Um homem me segurou pelo braço e eu o puxei de volta. — Não é seguro ficar tão exposta.

— Deixe-me em paz!

— Senhora... — Outro chegou por trás e tocou meus ombros, tentando me virar de frente para a entrada do prédio. — Não podemos permitir que venha aqui fora.

— CALEM A PORRA DA BOCA! — gritei e sacudi meus braços para afastá-los. — Minha amiga está em perigo, espalhem-se e descubram o que aconteceu com ela!

A tropa acabou dispersando e conversando entre si com o objetivo de cumprir minhas ordens, afinal, eu precisava descobrir onde estava Susan. Porém, como eu me mantive parada na calçada e as pessoas normais continuavam transitando, meu corpo foi empurrado para o lado quando alguém se chocou contra mim.

Eu me virei para pedir desculpas por estar atrapalhando o caminho, quando olhei bem para o rosto à minha frente. Senti meu queixo cair ligeiramente enquanto meu sangue fervia e minhas mãos coçavam para arrancar alguns fios loiros daquela cabeça de Rayka.



GIOVANNA

— O que faz em Nova York? — perguntei. — Achei que Pietro tivesse deixado bem claro que você não deveria mais pisar na cidade.

— Giovanna! — Rayka sorriu exalando falsidade. — É esse seu nome, certo? Eu não me lembro muito bem...

Não respondi e cruzei os braços, pois não queria brigar justo naquele momento. Precisava voltar a me ocupar com o paradeiro de Susan, que era mais importante, muito mais, do que aquela vadia.

— Enfim, sim, estou de volta. — Continuou sorrindo e observei quando puxou mais para baixo o gorro branco que exibia um pompom com o pelo de algum pobre animal. — Achei que depois do tempo que se passou, a relação de vocês já estivesse consolidada e minha presença não causaria nenhum transtorno. Afinal, não sou ninguém e você é a esposa.

Respirei fundo e vi quando Rayka observou os homens ao nosso redor. Ela sabia que Pietro tinha um certo *status*, mas penso que um movimento tão grande de seguranças pairando sobre mim poderia alertá-la para a verdadeira identidade de meu marido. Portanto, decidi que não alongaria aquela conversa. Rayka não era meu foco.

— Tenho outros problemas para resolver, mas eu mesma darei um prazo para você sumir de Nova York. Uma semana, Rayka — avisei, recuando até a entrada do prédio. — Uma semana é tudo que tem para sumir da cidade e eu não sou tão legal quanto Pietro. Também não tenho problemas em bater em mulher.

Ela deu mais um sorriso e correu os olhos pelo prédio, pelos soldados, antes de me encarar e assentir com um gesto muito discreto.

— Vocês não me verão nunca mais, pode ter certeza disso — declarou. — Será a última vez que colocará seus olhos sobre mim.

A loira ajeitou a bolsa sobre o ombro e saiu andando naquela sua pose elegante. Esperei que se afastasse o suficiente e peguei de novo meu celular, discando o número de Susan para saber quem atenderia.

— Donna. Entre. — Estiquei o dedo indicador para a voz ao meu lado e aguardei os toques da ligação. — Não vou pedir duas vezes.

— Shhh. — Abanei a mão diante do rosto dele, bem ao lado do meu. — Estou ocupada e ahhhh, caralho!

Meus pés saíram do chão quando o brutamontes maldito me virou de cabeça para baixo e me jogou sobre os ombros. Dei socos em suas costas e

pontapés que não surtiram muito efeito, mas quando fui colocada novamente de pé dentro do elevador, cerrei os punhos e bati no idiota.

— Quem você pensa que é para me carregar que nem um saco de batatas?

— Seu pai me deu autorização — disse, sem mais.

Queria apertar o botão do térreo, mas o armário estava diante de mim e de braços cruzados. Ao reparar melhor nele, lembrei que foi um dos homens que chegou com Domenico e eu ainda não o conhecia. Era um gigante alto e muito forte, tanto que o terno ficava quase ridículo naqueles braços largos.

— Quando Pietro chegar eu vou contar...

— Não trabalho para o seu marido.

Abri a boca e fechei para não mandá-lo à merda, respirando fundo e contando até vinte. Assim que o elevador chegou ao meu andar, dei de cara com meu pai de pé na porta do apartamento, com cara de poucos amigos.

— Fez bom passeio? — perguntou quando passei direto por ele e entrei em casa.

— Quem é esse idiota? Sabia que ele me jogou no ombro como se fosse um homem das cavernas e eu uma mulher qualquer?

— Ah! — Don Negri olhou para o ogro parado na porta com uma expressão plena e muito tranquila. — É o Dante, o meu chefe de segurança. Ele realmente possui um jeito não muito ortodoxo de trabalhar. Inclusive Dante, já que se deram bem, você agora está sendo deslocado para cuidar da Giovanna.

— O quê? — Olhei de um para o outro e quis bater no meu pai. — De jeito nenhum! Não fui com a cara desse troglodita.

— Você não tem que ir com a cara de ninguém, isso não é uma roda de amigos — disse Don Negri, me dando as costas. — Eu ainda mando na *Dita*, *carina*, então a última palavra é a minha. Da próxima vez que sair correndo

para a rua, espero que Dante seja ainda mais criativo.

Fechei os olhos porque não adiantava ficar discutindo aquele assunto, tinha algo mais importante a tratar. Por isso, agarrei a camisa do meu pai e o fiz parar de andar, virando-se para olhar pra mim.

— Pegaram o celular de Susan e não sei o que fizeram com ela — contei, sem conseguir controlar minhas lágrimas, esticando meu aparelho para ele. — Preciso achá-la.

Meu pai mexeu no meu celular e deve ter visualizado o histórico de mensagens. Ele esfregou o rosto e me devolveu o telefone, parecendo pensativo.

— Eles não a pegaram, *carina*. Se tivessem, estariam esfregando isso na sua cara. Podem ter agido como num assalto.

— Posso destacar alguns homens para irem ao endereço da garota. — Quem falou foi o armário parado ainda na porta, chamando a nossa atenção.

— Você faria isso? — perguntei, voltando a me aproximar e olhando para cima já que ele era enorme e ainda estava dois degraus mais alto.

— Odeio russos — respondeu, dando de ombros. — Preciso do endereço dela.

Talvez, só talvez, a gente pudesse se dar bem no final das contas. Desde que eu não passasse muito tempo encarando a cabeleira dele presa num coque grosso, pois me deixava com vontade de rir. Não dava para levar a sério um soldado brutamontes de cabelo grande, que inclusive, parecia mais bonito que o meu.

•

Não consegui me sentir bem enquanto não recebi a ligação de Dante, avisando que Susan estava em seu apartamento e que confirmou para os

soldados que tinha sido furtada na rua; ela só se deu conta ao chegar em casa. Antes de desligar, ordenei que fossem comprar um aparelho novo e o entregassem a ela, pois de jeito nenhum eu a deixaria incomunicável. Além de saberem sobre Susan e terem a noção de que sua integridade física me afetava muito, ela também perdeu o telefone por minha causa.

Quando já me sentia um pouco mais relaxada, tranquei-me no quarto e fiz uma ligação em vídeo para Carlo. O rosto dele logo apareceu na tela e percebi que sentia muita saudade do meu amigo!

— *Ciao, Carlito!*

— *Carabina.* — Ele sorriu e se sentou. — *Como estão as coisas por aí?*

— Um pouco agitadas, mas tudo bem. Tirando o fato de que estou em prisão domiciliar.

Seu sorriso aumentou. Por que os homens que me cercavam adoravam achar graça do meu sofrimento?

— *Imagino que deve estar sendo difícil ficar em casa. E você está obedecendo? Porque algo me diz que não.*

Abri a boca em choque por ele pensar tão mal de mim. E o infeliz sorriu ainda mais. Preparei-me para xingá-lo de várias maneiras, mas de repente o rosto de Elora entrou no meu campo de visão e ela acenou para mim.

— *Oi, Gio!* — A menina se sentou no braço da poltrona onde Carlo estava. — *Meu cachorro aprendeu a sentar!*

— É mesmo? Uau! — Sorri e bati palmas. — O chefe da matilha aí ao seu lado deve ter ensinado direitinho.

— *O que é matilha?*

— É um grupo de cachorros — respondi.

Elora se acabou de rir, levando a mão até a barriga e depois a apoiando

sobre a cabeça de Carlo.

— *Ela chamou você de cachorro.*

— *Ela adora me chamar de coisas sem sentido, anjo.* — Carlo lançou um olhar afiado na minha direção. — *A propósito, quem ensinou foi a própria Elora, os créditos são dela.*

Minha cunhada sorriu orgulhosa e eu bati palmas para ela. A menina estava evoluindo cada dia mais e parecia outra pessoa muito diferente daquela que eu retirei da casa de meu pai. Queria muito passar mais tempo com ela e estava doida para ter Elora alguns dias comigo aqui em Nova York, mas antes, precisava resolver todo esse problema que envolvia minha cabeça na ponta de uma lança.

— Sinto saudades de vocês todos — falei, querendo abraçar o celular. — Como está minha sogrinha?

— *Preocupada.* — Ouvi a voz antes mesmo de Giulia aparecer na tela, espremendo-se junto com os outros dois e exibindo uma expressão muito tensa. — *Querida, tem certeza que não é melhor vocês voltarem para cá? Carlo me contou o que aconteceu e isso tem tirado meu sono...*

— Não podemos correr o risco de envolver vocês — respondi, tentando sorrir para fingir que a situação não estava tão ruim quanto ela pensava. — Não iremos colocá-los em perigo com minha presença.

— *Isso é bobagem! Somos uma família.*

— Eu sei, sogra. E família vem em primeiro lugar. Pietro é o Don e sou a esposa dele, nós que responderemos por qualquer ato contra a *famiglia*. Por isso é imprescindível que Carlo permaneça com vocês.

Caso eu e Pietro não estejamos mais vivos para protegê-las. Foi o que pensei, mas não falei. Nem precisava, de verdade, pois Giulia Greco esteve por muitos anos em meu lugar e sabia muito bem a que eu me referia. Tínhamos uma criança entre nós agora, pois apesar de ser adolescente, Elora

não possuía a maturidade de alguém da idade dela. Minha cunhada era totalmente dependente e precisava ser cuidada, portanto, Giulia sabia que não podiam se envolver.

— *Nos dê notícias* — pediu ela, tocando o peito. — *E peça para Pietro ligar para mim, parece que ele esqueceu como se faz isso.*

Assenti, achando graça, e ela tocou os lábios antes de encostar os dedos na tela e se afastar. Chamou por Elora, que foi atrás, e acabei ficando novamente a sós com Carlo.

— Susan esteve aqui em casa e quando foi embora, roubaram o celular dela. Imagino que eles não seriam tão inocentes, mas queria tentar rastrear o aparelho, é possível?

— *Posso tentar, me passe o número* — disse Carlo, com a testa franzida. — *Como a garota está?*

— Bem, graças a Deus. Ela só percebeu quando chegou em casa. Mas Carlo, isso foi mais um aviso, não foi? Para deixar claro que eles estão de olho em todos os nossos passos e até mesmo Susan corre perigo.

Nosso *consiglieri* não precisou responder com palavras, apenas o seu semblante já dizia o que eu precisava ouvir. Senti o ódio crescer em meu interior. Uma coisa era causar mal a pessoas que viviam no nosso mundo, que eram da máfia, que sabiam o que isso significava. Outra bem diferente era mexer com quem não tinha nada a ver com o assunto, pessoas normais, que levavam vidas normais.

Encerrei a ligação depois de prometer umas dez vezes que respeitaria as ordens e não tentaria sair de casa para fazer as coisas do meu jeito. Mas para ser sincera, não estava pensando nisso. Tudo que eu fiz o resto da tarde, depois de também passar para meu pai o número de Susan, foi deitar na cama e estudar planos mirabolantes para resolver aquela merda de uma vez.

•

Tínhamos acabado de jantar e eu ainda não contara a Pietro sobre o encontro com Rayka, nem sabia se devia contar. Não era idiota a ponto de não perceber que aquele esbarrão não tinha sido sem querer. A vadia loira quis provocar, mostrar que ainda estava na cidade e devia estar doida para que Pietro fosse correndo atrás dela enxotá-la novamente.

Observei meu marido enquanto ele e meu pai conversavam sobre a *Dita di Ferro* e decidi que ele já estava sobrecarregado de problemas para que eu o enchesse com mais um. Além disso, a máfia russa tentando me matar parecia ser um pouco mais importante que uma ex-amante dele me incomodando por respirar o mesmo ar que eu.

— Geralmente, quando você passa muito tempo quieta e calada, é porque essa cabecinha está tramando alguma maluquice — disse ele ao apoiar a mão na minha perna e se inclinar para beijar meu pescoço. — Tudo bem, *bambina*?

Os dois passaram a me encarar à espera de uma resposta e fiquei tentando lembrar se tinha contado algo sobre Rayka para meu pai.

— Sim, tudo bem — respondi, ajeitando o guardanapo no colo e sorrindo para eles. — Então, do que vocês estavam falando mesmo?

— Está preocupada com a Susan, né? — Meu Don apertou minha mão e a levou até a boca. — Podemos remanejá-la para o prédio, o que acha? Pelo menos aqui num dos apartamentos ela estará sempre em segurança.

— Não sei, não posso interferir desse jeito na vida dela. Susan tem sua rotina, seu trabalho, que é bem distante daqui...

— Talvez o melhor a ser feito seja ela simplesmente se afastar por um tempo — meu pai se intrometeu na conversa e eu quase dei um tapa nele. — Não me olhe com essa cara. Prefere sua amiga morta ou segura longe de

você? Trazê-la para morar neste prédio só vai colocá-la mais ainda no olho do furacão.

— Em todo caso, vou destacar alguns homens para seguirem Susan de perto — Pietro concluiu, relaxando na cadeira. — Já descobriram que ela é importante para você, uma ótima maneira de afetá-la.

— Também vou comentar com ela essa sugestão de passar algum tempo por aqui.

— *Carina*, estava falando com Pietro, que quando tudo isso for resolvido, eu a quero por um período ao meu lado na Itália. Além de toda a questão de apresentação, preciso que você aprenda a liderar na prática. Estou pensando em nomeá-la antes do esperado.

Encarei meu pai sentado à minha frente me olhando com aqueles olhos escuros e intensos de quem nunca perdiam uma batalha. Por isso mesmo que não gostei nada de seu discurso derrotista.

— Me nomear? Você já está se declarando morto?

— Claro que não — disse ele, estalando a língua e sorrindo. — Mas seu velho pai está cansado e o comando da *Dita* me esgota. Acho que quero passar meus anos de aposentadoria em paz.

— Entendi, você quer viver de sombra e água fresca e me jogar de uma vez por todas para as cobras peçonhentas. — Sorri e ergui minha taça com água tônica. — O pai do ano! Eu gosto de outro tipo de cobra, sabe?

Ouvi Pietro rir ao meu lado e ele se inclinou para alisar meu cabelo.

— Eu a amo por isso — declarou.

— Pelas cobras peçonhentas? Estou confusa.

— Por ser autêntica demais.

— Ah! Ah! Tenho uma rima! — Ergui os braços, inspirada. — *Os dois homens da minha vida, são muito parecidos...* — Droga, cadê? Pensei, pensei, pensei e não veio nada. Baixei os braços, frustrada. — Alarme falso.

Não tenho conseguido rimar desde que todas essas merdas começaram a acontecer. Perdi a inspiração, perdi meu dom.

Meu pai revirou os olhos e se levantou, indo até o bar e observando a coleção do meu marido.

— Há males que vem para o bem. Pietro, escolha uma boa safra para mim. Quero ser surpreendido.

Meu marido também se levantou, já que tínhamos todos terminado de jantar, e me deu um beijo na cabeça antes de se juntar ao meu pai.

— Eu já me casei com sua filha, não preciso ficar agradando você e gastando meus melhores vinhos — avisou, parando diante da adega climatizada e observando seus amores engarrafados. — Alguma preferência?

Meu pai se sentou na poltrona e gesticulou de forma muito *blasé*, dando a entender que deixaria a escolha por conta do genro. Eu me aproximei e me sentei no braço da sua poltrona, passando meus dedos pelo cabelo dele.

— Podemos voltar ao assunto importante? Sua... aposentadoria? Precisamos organizar as coisas para que façamos tudo quando Pietro puder se ausentar por mais tempo daqui.

— A *Dita* será sua — disse meu pai, aceitando a taça que o Don ofereceu. — Seu marido tem a *Soprattuto* para comandar.

— Sim, eu sei. Mas se a gente vai ter que fingir que ele está no comando, obviamente, ele precisa ser visto.

— Gio, não... — Pietro balançou a cabeça ao discordar de mim, sorrindo.

— Pietro não vai comandar nada, *carina* — declarou meu pai. — A *Dita di Ferro* terá uma Donna.

Dei um salto do braço da poltrona e me levantei, encarando o velho que devia ter ficado maluco. Nunca aceitariam uma mulher oficialmente à frente dos negócios.

— Não foi esse o combinado, foi? — questionei, confusa, olhando dele para Pietro. — Eu lembro que nós dois...

— Seu pai e eu conversamos e achamos que a *Dita* estará em boas mãos. E ele concorda que está na hora de mudar radicalmente as coisas dentro da *famiglia*.

Inflei o peito em surpresa diante daquela reviravolta de fatos. Em que momento exato eles tinham sentado para conversar sobre o assunto?

Observei meu pai, que continuava com uma expressão plena enquanto degustava o vinho escolhido por Pietro e gostaria muito de entender o que se passava naquela cabeça.

— Você sabe quais são os meus planos para a *Dita* — não foi uma pergunta e ele assentiu. — Vai deixar mesmo tudo em minhas mãos para eu fazer o que quiser?

Don Negri se levantou, mexendo a taça na mão e me observando com seu olhar tão avaliador e intenso. Esboçou um sorriso contido e tocou meu queixo.

— Eu acredito que quando você entender a importância de ter a vida de centenas de famílias e pessoas inocentes nas mãos, vai saber controlar sua impulsividade e fazer avaliações coerentes sobre cada atitude que precisar tomar. Entenda, *carina*, eu não sou contra sua caça às bruxas, mas há uma linha tênue na liderança que não deve ser cruzada. Ninguém conquista aliados na base do medo.

— Só desejo que os envolvidos no esquema de tráfico e prostituição sejam devidamente cobrados por isso.

Pietro segurou minha mão e me puxou para sentar ao lado dele. Seus lábios estavam franzidos e ele balançou a cabeça ao intercalar olhares entre mim e Domenico.

— O que seu pai está querendo dizer é que não será bem aceita uma

nova liderança que chegue matando *caporegimes* do mais alto nível por cumprirem ordens de uma liderança antiga. Qual lição sobre confiança estarão recebendo? A partir do momento que você quebra esse elo dentro da *famiglia*, sendo você a pessoa no topo da hierarquia, eles entendem que nada de pior pode acontecer. Então, você não será uma líder confiável entre os seus.

— Entendo. — Porra nenhuma, eu tinha ódio dessa situação tão injusta. — Então, devo deixar que homens que traficam meninas de todas as idades como sua irmã, continuem vivos?

— Eu não disse isso — respondeu ele, sorrindo com aqueles dentes perfeitos.

— A retaliação não deve partir de dentro da *Dita di Ferro, carina* — complementou Don Negri. — Seria melhor se esses feitos fossem tomados... por alguém de fora. Que tenha motivos sólidos para isso.

Eu finalmente entendi onde os dois homens queriam chegar quando flagrei um olhar cúmplice que meu pai lançou para Pietro. A compreensão bateu na minha cara de forma tão lógica que me peguei sorrindo que nem uma boba.

— A *Soprattutto* vai orquestrar a vingança — afirmei e vi a confirmação deles. — Porque obviamente, Pietro tem motivos de sobra. Mas... como a responsabilidade não cairá sobre minha cabeça se eu sou esposa dele?

— Se fizerem pressão para que se posicione quanto ao problema, podemos fingir uma crise momentânea só para que não levantem suspeitas contra você. E passado tudo isso, limpando essa sujeira do caminho, será o ponto crucial para encerrarmos o conflito e criarmos uma aliança entre as duas *famiglias*. Depois de passar por esse período negro, vai ser interessante para a *Dita* se fortalecer perante um aliado forte.

Olhei de um para o outro, chocada por todo aquele plano ter sido pensado sem que eu fosse colocada a par dele.

— Vocês são maquiavélicos e manipuladores — declarei, encostando-me no sofá e cruzando as pernas. — Adoro isso.



GIOVANNA

Meu humor ao acordar naquela manhã fria como o inferno invertido não era dos melhores porque tinha sonhado com a vagabunda da Rayka. No sonho que estava mais para pesadelo, a loira maldita tocava a campainha do apartamento e quando Pietro atendia, encontrava a mulher carregando um garotinho que era a cara do meu marido.

Esfreguei meu rosto, tentando dissipar as imagens de um Pietro em miniatura no colo de Rayka e me joguei de bruços na cama, usando um travesseiro para sufocar meu grito. Por que a loira tinha que aparecer justo

quando nossa vida estava uma verdadeira loucura? Eu queria tanto ter tempo sobrando para me ocupar de acabar com ela!

— *Carina?* — Ouvi a voz de meu pai seguida de uma batida na porta e me levantei. — Está acordada? Não sei se a espero para tomar café da manhã ou se...

Abri a porta e o encarei, talvez não com a melhor expressão de todas.

— Eu já vou — avisei, deixando-o ali e me enfiando dentro do banheiro para escovar os dentes.

Para minha surpresa, descobri que Pietro estava em casa quando toda a fumaça sufocante me possibilitou vê-lo dentro do box, se ensaboando debaixo daquela água que devia estar fumegante. Pensei que podia muito bem ir fazer companhia ao meu pai durante o café dele, mas ali estava algo que eu gostava muito mais de fazer e não me referia ao banho.

— *Buongiorno, delizioso* ^[6] — murmurei, tentando ser sensual ao dar a descarga e grudar meu rosto no vidro do box.

Ele riu e passou a mão pelo vidro para o desembaçar, imitando meu gesto e grudando a ponta do nariz ali.

— Como consegue ser tão linda mesmo com remelas nos olhos?

Passei minha língua pelo lábio e caminhei até a entrada do box enquanto tirava meu pijama e ficava nua para ele.

— Sabe o que é ótimo para tirar remela? — perguntei, puxando o elástico para soltar meu cabelo. — Água!

Pietro se aproximou e se inclinou, passando os braços pela minha cintura e me levantando no colo. Ele caminhou comigo para debaixo da ducha e mordeu sua boca ao mesmo tempo em que seus dedos apertavam minha bunda. Com seu pau roçando entre minhas pernas e a boca lambendo a pele do meu pescoço, eu não precisava de muito mais que isso para me sentir toda molhada.

Gemi e agarrei o cabelo dele com minhas unhas quando me mordeu o ombro e senti que a brincadeira ia começar no instante em que meu marido desceu a mão entre nossos corpos. Ele brincou rapidamente com meu clitóris antes de direcionar a cabeça de seu membro em minha entrada e eu o engoli de uma vez só.

Eu amava nosso romance entre os lençóis, quando ficávamos longos minutos nos perdendo em preliminares deliciosas sem a menor pressa de chegar às vias de fato. Como também amava quando ele me pegava desse jeito bruto, seco, urgente, como agora. Seu pau inteiro me preenchendo sem cuidado me fez arfar e baixar o rosto, ao mesmo tempo em que os dedos de Pietro se cravavam em minha bunda para me segurar conforme me movimentava.

Toquei o rosto dele e o beijei na boca, mordendo seu lábio e o provocando ainda mais. Nossos corpos se chocavam com fúria e eu evitava gritar com medo que meu pai escutasse, mas era quase impossível me manter sã com toda aquela intensidade que o Don sempre demonstrava. Enterrei meu rosto no pescoço dele, sentindo-o me tocar tão fundo, saindo e escorregando novamente para dentro da minha boceta, cravando seu pau enorme em mim.

Quando Pietro me deixou descer e me colocou de pé, aproveitei o breve instante para tocar meus queridos vinte e um centímetros, mas ele não me deu muito tempo e ergueu alto minha perna direita. Precisei me equilibrar segurando em seus ombros quando brincou com a cabeça na entrada da minha vagina, deslizou-a por dentro dos meus lábios e tocou meu clitóris com ela.

— Para de tortura... — pedi, tremendo de ansiedade.

Pietro me olhou nos olhos e diminuiu o espaço entre nossos corpos, apoiando minha perna em um de seus braços e voltando a concentrar a cabeça do pau na minha entrada. Devagar, para que eu sentisse cada segundo, ele

empurrou, preenchendo-me aos poucos com todo o seu tamanho e beijando minha boca ao se enterrar por completo.

Gemi, esfregando minhas costas na parede enquanto ele começava a se mexer. O Don lambeu alguns dedos e os levou até meu ponto mais sensível, estimulando-o no ritmo de suas estocadas profundas e rápidas.

— Você está muito quieta, minha pequena escandalosa — disse ele, com a água escorrendo pelo cabelo, os olhos entreabertos e os músculos evidenciados pelo esforço.

Para me provocar, Pietro aumentou o ritmo e me fodeu tão impiedosamente que minhas costas deslizavam com facilidade pela parede de mármore por mais que eu me agarrasse nele. Não consegui reprimir todos os meus gritos, mas fiz o máximo possível para não ser escutada pelos vizinhos. Seus dedos mágicos me fizeram alcançar o orgasmo um pouco antes dele, mas quando o Don saiu de dentro de mim e me deixou com aquela sensação de vazio, eu sabia perfeitamente o que ele queria.

Passei a ponta da língua pelos meus lábios, lentamente, pois seria a minha vez de maltratá-lo. Agachei aos seus pés enquanto sentia sua mão se enrolar em meus cabelos e segurei seu pau com delicadeza.

— Chupe, *bambina*.

Espalmei a mão em sua virilha enquanto tocava a glândula brilhante com meu gozo com meus lábios, mas sem fechá-los ao redor, apenas roçando e o fazendo sentir o contato. Pietro puxou o ar entre os dentes e parecia prestes a me xingar quando chupei só a cabeça e deslizei minha língua por toda aquela parte lisa e grossa, macia, até tirá-la da boca e voltar a engolir tudo.

Trabalhei com afinco e até deixei que ele pegasse um pouco do controle, mas logo pude sentir que puxava minha cabeça para trás, pronto para gozar. Sorri, colocando a língua para fora e ele balançou a cabeça, sorridente.

— Você é uma peste — falou, enquanto segurava o pau e gozava como eu queria.

Pisquei para ele, que se ajoelhou como eu e segurou meu rosto entre as mãos para me beijar. Passei meus braços ao redor do seu pescoço e o Don se levantou comigo, nos levando diretamente para debaixo do jato da ducha.

— Estou disponível para uma próxima rodada — comentei só por comentar, caso ele também estivesse pensando a mesma coisa, e ouvi sua risada forte que estremecia nossos corpos ao mesmo tempo.

— Criei um monstro do sexo. — Seus olhos claros fitaram os meus com intensidade e dei um selinho nele. — Na cama? — Assenti, animada. — Deixe-me dar um banho em você primeiro.

Eu me senti como uma criança ansiosa que quer muito entrar logo no parque de diversões e a mãe fica segurando, puxando, mandando vestir o casaco, atrasando a felicidade alheia. Porém, sorri e deixei que ele fizesse o que quisesse comigo porque a recompensa viria logo.

•

Não tinha certeza do que meu pai tinha ouvido ou deixara de ouvir de tudo que aconteceu dentro daquele quarto. Por via das dúvidas, eu o olhei bem fixamente quando nos encontramos depois do café da manhã — que ele provavelmente tomou sozinho já que Pietro e eu estávamos ocupados. Seus olhos encontraram os meus e se estreitaram, fazendo com que eu estreitasse os meus de volta.

— Você está com algum problema, *carina*? — perguntou, cruzando as pernas e deixando o jornal de lado.

— Estaria se você estivesse — respondi, sorrindo e me sentando na frente dele. — Mas parece que não há nada no ar.

Senti mãos pesadas nos meus ombros e recebi um beijo na cabeça, ciente de que meu marido tinha se juntado a nós. Porém, notei o cheiro do perfume e me virei para encontrá-lo vestido para sair. Como aquele não costumava ser o horário que saía para trabalhar, pois geralmente marcava reuniões bem cedo, pensei que o fato de tê-lo encontrado em casa ao acordar significasse que não sairia hoje.

— Qual o compromisso? — perguntei. — Pensei que fosse ficar em casa. Tenho uma coisa para conversar...

— Eu não ia, mas Boden acabou de me ligar avisando que tem em mãos algumas imagens de câmeras de trânsito. Preciso conferir para ver se encontro o homem que você descreveu.

— Posso ir? Com certeza vou poder reconhecê-lo com mais facilidade.

— Não! — Tanto meu pai quanto meu marido me frustraram.

— Ainda não sei se avançaremos com essas imagens, Gio — disse o Don, segurando minha mão e a beijando. — Se eu achar que realmente sua opinião vai fazer alguma diferença, trago as filmagens até você.

Eles iam acabar me enlouquecendo, trancada naquele apartamento o dia inteiro. Joguei-me contra as costas do sofá um pouco frustrada por não conseguir ser útil em alguma coisa. Porém, ainda havia um assunto a ser discutido, uma ideia que estava rondando minha mente desde que fui me deitar na véspera. Seria ótimo que eu aproveitasse a presença dos dois para falar de uma vez, apesar de Pietro parecer ter pressa.

— Então, eu andei pensando numa coisa. — Puxei a mão do meu marido para que ele se sentasse no braço da poltrona. — Meu pai disse algo que mexeu um pouco comigo e isso ficou grudado na minha mente, me incomodando. Quando eu me vi preocupada com a integridade física dos soldados que são obrigados a me proteger...

— É o trabalho deles, Giovanna — Pietro me interrompeu, alisando

meu cabelo. — Não se culpe.

— Bom, mas eu me culpo — retruquei e sorri. — Tudo bem, não estou fazendo nenhuma reclamação. Só que eu pensei nisso, no trabalho deles, no que meu pai falou sobre eles estarem cientes que podem morrer para nos proteger. E aí, pode parecer uma grande maluquice...

Soltei minha mão da de meu marido e esfreguei as minhas palmas, nervosa com o que ia sugerir. Tinha medo de eles acharem uma asneira e tinha medo de acharem ótimo e colocarem a ideia em prática.

— E...? — Meu pai arqueou a sobrancelha e gesticulou. — O que mais?

— Nós temos mulheres entre os soldados? — questionei, olhando de um para o outro. — Pergunto porque eu nunca vi nenhuma e meu plano requer uma mulher.

— Não temos nenhuma mulher. É um protocolo nosso, protegemos as nossas, não as colocamos em perigo.

Eu já imaginava a resposta porque nunca tinha visto mesmo uma mulher como soldado durante todos os meus anos. De qualquer forma, não custava tentar, pois era um plano que poderia ser colocado em prática e ter algum êxito.

— A *Dita* possui — declarou Domenico, sorrindo. — Nossas mulheres são fortes.

— As nossas também, mas isso não significa que as colocaremos num cenário perigoso que pode ser controlado perfeitamente pelos homens.

— As mulheres da *Dita* não precisam de homens para protegê-las — o velho continuou alfinetando Pietro. — Mas acho que você sabe disso, considerando a garra da minha filha.

Era tão bom, tão agradável, tão fofo quando meu pai e meu esposo sentavam para conversar amigavelmente como pessoas civilizadas. O que não

era o caso neste exato instante. Essas cutucadas maliciosas eram um verdadeiro saco e eu achei melhor me adiantar para encerrar logo a dúvida sobre qual mulher era mais forte.

— Então, que ótimo, não é mesmo? — Bati palmas e me levantei, parando entre um e outro. — Eu pensei em pegarmos uma mulher que fosse muito parecida comigo e usá-la como isca. Ela sairia na rua usando roupas minhas, fingindo ser eu, com todo o aparato de segurança que eu mesma usaria numa situação comum. E aí, nós, de fora da cena, poderemos rastrear a movimentação do inimigo.

— Quer montar uma armadilha? — Meu pai pareceu muito interessado na ideia.

— Bem, sim. Eu sei que isso significa enviar a pessoa direto para a morte, mas... — Suspirei e precisei me sentar. De repente, minha lógica não pareceu mais tão inteligente. — Esqueçam isso. Falando em voz alta percebo como soa idiota.

Pietro se ajoelhou diante de mim e segurou minhas mãos, apertando meus dedos.

— Não tem nada de idiota nessa ideia, Gio. Pode ser muito útil.

— Colocar deliberadamente um alvo na testa de outra mulher?

Ele estalou a língua e negou.

— Você sobreviveu sem ter quase nenhum treinamento. Por que acha que uma *Dita di Ferro* com um preparo excelente para situações de risco não sobreviveria? — perguntou e virou o rosto para olhar Domenico. — Estou errado?

— De forma alguma — declarou meu pai. — Podemos estudar melhor esse plano e colocá-lo em prática o quanto antes. — Ele se levantou com um sorriso no rosto e se aproximou de mim, curvando-se e depositando um beijo na minha cabeça. — Muito bem, *carina*.

Não me sentia tão orgulhosa quanto eles, mas respirei fundo, joguei os ombros para trás e levantei a cabeça. Não podia ser uma frouxa se pretendia comandar a porra de uma máfia inteira.



DOMENICO

Não era fácil saber que minha filha iria para a rua junto com Pietro, se envolver com todo o caos que tínhamos planejado, enquanto eu teria que ficar trancado dentro de casa como um inválido. O fato de não poder me expor e denunciar minha presença me obrigava a tolerar as ordens que me davam em relação à situação, e o que me bastou foi aceitar.

— Alguém pode me explicar mais uma vez qual a coerência da participação de Giovanna? — questionei, sentado num dos sofás confortáveis da sala de estar. — Só para que eu reveja minha autorização.

— E quem foi que disse que tem que autorizar alguma coisa? — minha endiabrada filha devolveu a pergunta, cruzando os braços e me lançando um olhar furioso.

Tínhamos escolhido a mulher *Dita di Ferro* que fingiria ser Giovanna, vestindo roupas dela ao sair do prédio como se fosse a própria. Elena era seu nome, tinha vinte e oito anos, a que mais se assemelhava ao biotipo de minha filha, até mesmo o cabelo era parecido. Ela passou algum tempo se arrumando no quarto e fazendo uma maquiagem para deixar seu rosto mais jovial. No entanto, usaria óculos escuros e gorro, o que ajudaria no disfarce.

Até aí tudo bem, a mulher estava preparada para encarar o que pudesse acontecer e o plano consistia em destacarmos soldados específicos para saírem com ela e protegê-la como se fosse a própria Senhora Greco. Ao mesmo tempo, Pietro e todo o restante do contingente estaria espalhado pelas ruas para brincar de gato e rato. O problema foi que Giovanna bateu o pé e firmou que não aceitaria que colocássemos o plano em ação se ela não pudesse, pelo menos, acompanhar Pietro.

No fim de tudo, minha filha venceu. Afinal, o perigo todo estaria em cima de Elena e Giovanna estaria na companhia de Pietro e Dante.

— Estamos preparados — meu genro avisou de pé diante da porta, ao receber informações pelo comunicador no ouvido. — Vamos?

Giovanna se empertigou e se colocou ao seu lado, vestida com roupas pretas comuns, o cabelo tingido de preto um dia antes, preso num coque baixo e o rosto limpo. Elena os acompanhou e foi para o elevador, ela seria a primeira a sair e depois a equipe que ficaria com Pietro a seguiria de longe.

— Fique em casa — pediu Giovanna com olhos apreensivos. — Sabemos que seu isolamento é necessário, pai.

Suspirei quando todos me deixaram a sós e me deitei no sofá, pensando que de nada adiantava ter vindo ao país se não podia fazer muita coisa. Não

possuía nenhuma utilidade preso naquele prédio e começava a imaginar se não seria uma boa ideia usar também algum método de disfarce para que pudesse ajudar em alguma coisa, quando um soldado apareceu na sala e me encarou.

— Sim? — perguntei, sem me preocupar em olhar para o homem.

— Há uma moça querendo subir, Don Negri. Ela já esteve aqui outras vezes, é uma amiga da Senhora Greco.

— Nome?

— Susan.

Abri os olhos e virei o rosto para encarar o soldado que esperava pela minha resposta. Não parecia ser uma pegadinha.

— Avisou que Giovanna não está em casa? — perguntei.

— Sim. — O homem assentiu. — Ela informou que foi a própria Senhora Greco que solicitou que viesse.

Estranho. Ou Susan estava mentindo ou minha filha tinha confundido as coisas.

Percebi que não conseguiria refletir em paz e me sentei no sofá, acenando para o soldado de forma que autorizasse a subida da garota. Era tudo que eu não precisava, passar horas naquele apartamento tendo que fazer companhia para uma jovem doida que dava em cima de mim como se não houvesse amanhã.

Lembrando disso, percebi que estava perfumado demais, pois tinha acabado de tomar banho, e não queria dar chance para o azar. Portanto, corri até o banheiro e esfreguei a toalha no pescoço, na tentativa de tirar o máximo possível do cheiro em minha pele. Susan não precisava de mais nenhum incentivo, ela já era capaz de me comer vivo sem nenhuma fragrância.

Foi o tempo de voltar para a sala e a garota entrou em casa, carregando uma sacola de compras e usando um vestido muito curto e muito justo para

me provocar.

— Domenico! — Ela sorriu e veio na minha direção, colocando a sacola no chão e envolvendo meu pescoço com os braços finos. — Estava com saudade!

— Hum.

Susan recuou o rosto, sem me soltar, com o sorriso intacto, e estreitou os olhos. Ela não era mesmo o tipo de mulher que se deixava abater com qualquer coisa e isso significava dar muito trabalho.

— Não me diga que não está feliz em me ver, eu...

— Sim, claro — interrompi, soltando as mãos cruzadas em minha nuca e me afastando. — Seja bem-vinda, mas Giovanna saiu. Se ela marcou algo com você, deve ter trocado as datas. Por que não vai para casa e depois tenta remarcar com ela?

Vamos lá, eu não tinha o costume de ser tão grosseiro com as mulheres, mas me via obrigado a manter distância da garota porque não sabia como fazê-la entender que eu não estava interessado.

— Eu sei, ela me contou tudo — disse Susan, sem parecer ter se importado com meu recuo. — Foi sua própria filha que pediu para que eu fizesse companhia a você durante sua ausência.

Não podia ser. Encarei a jovem sorridente enquanto ela segurava a alça da sacola e olhava seu interior. Giovanna tramou pelas minhas costas? Em que momento eu tinha me tornado esse trouxa em quem a própria filha passa a perna tão descaradamente? E por que a criatura tinha cismado que eu precisava me relacionar?

— Já comeu tacos alguma vez na vida? — perguntou Susan, alheia às minhas divagações. — E não se engane, eu trouxe os originais mexicanos.

Ela dispôs o conteúdo da sacola sobre a mesa de centro em vidro e eu não pude fingir indiferença ao sentir o cheiro me tomando por completo.

Com certeza era um prato típico que eu nunca tinha provado, nem o original nem qualquer outra versão, então não consegui recusar quando me ofereceu uma daquelas tortilhas servidas num guardanapo.

Numa primeira mordida, fui surpreendido pela mistura de temperos e sabores intensos, além da consistência agradável. Comemos em silêncio, mas em momento algum a garota desviou os olhos de cima de mim. Nunca entrei em relacionamentos sérios e longos, mas quando era mais jovem, tive a minha cota de sedução. Sabia como atizar o interesse de uma mulher e deixá-la aos meus pés. Portanto, conseguia identificar essa mesma tática sendo usada por Susan.

Quanto tempo ela pretendia ficar? Quanto tempo Giovanna levaria para voltar? O quão mal educado eu seria se a mandasse embora depois de ter me trazido comida?

— Então... — A garota virou de lado, amassando o guardanapo e passando a ponta da língua pelos lábios. — Como está se sentindo hoje? Nunca conheci ninguém com a sua doença e não sei como funcionam os sintomas.

— Hoje, por incrível que pareça, estou ótimo — respondi. — Os sintomas são diversos e oscilam muito. Amanhã posso muito bem estar me sentindo um infeliz desgraçado.

— Coitadinho — murmurou a menina, agarrando meu antebraço com as duas mãos e se inclinando na minha direção. — Eu sinto tanto...

Acabei gargalhando porque pelo amor de Deus, aquela mulher era muito ruim de cantada. Nada discreta, se jogava de cabeça sem ao menos ponderar as consequências. Levando as atitudes de Susan em consideração, eu me senti grato por Giovanna já estar casada e eu nunca ter precisado testemunhar minha filha em situações de ataque como essa.

— Escute, querida, eu não acho que... Porra!

Não consegui terminar minha frase porque a doida subiu em cima de mim e sentou no meu colo, agarrando meu rosto e me tascando um beijo na boca. Sem saber onde colocar as mãos, segurei firme nas almofadas ao meu redor e tentei puxar o rosto de lado enquanto ela devorava meus lábios.

— Hm-hm — murmurei e, para me livrar do ataque, precisei enfiar os dedos pelo cabelo cheio e volumoso e puxar sua cabeça para trás. — Agora chega!

A garota sorriu diabólica e passou a língua pelos lábios tão lentamente que foi impossível não acompanhar cada detalhe do movimento.

— Uau, ele pode ser agressivo quando quer... — Ela estava ronronando?

— Susan, não tenho interesse.

O sorriso de batom borrado se alargou e a danada se esfregou no meu colo, com a calcinha em contato direto com minha calça, já que o vestido curto estava embolado na altura da virilha. Calafrios me percorreram conforme ela se movimentou e precisei respirar fundo, evitando afrouxar os dedos em seu cabelo. Era difícil me manter totalmente indiferente enquanto uma mulher roçava em meu pau.

— Não é o que seu corpo está dizendo, Don Negri — atijou, referindo-se à porra da minha ereção. — Finalmente estou conhecendo o poderio bélico da temida *Dita di Ferro*.

— Trata-se de uma reação fisiológica — expliquei, sentindo-me mais duro a cada segundo que ela permanecia repetindo o movimento. — Não tenho controle sobre isso. Podemos fingir que nada aconteceu se você deixar essa sua insanidade de lado.

Ela ergueu as mãos em rendição e eu a soltei, preparado para um possível novo ataque, mas tudo que Susan fez foi franzir os lábios e arregalar os olhos.

— Você é *gay*? — perguntou, me surpreendendo ainda mais. — Se não quiser, não contarei para Giovanna, pode ficar tranquilo. Mas tudo indica que seja *gay*.

Gargalhei mais uma vez, enquanto tentava ajeitar minha ereção, recebendo os olhares sedentos da garota. A rotina agitada, principalmente das últimas semanas, não me permitia transar há algum tempo e essa seca refletia bastante em meu raciocínio, que não estava tão ágil naquele momento.

— Não sou nada *gay*, menina. Só não quero me envolver com a amiga da minha filha. Isso me faz pensar na própria Giovanna montando no colo de um velho da minha idade.

— Pois digo que sei me cuidar, Don Negri — disse ela, tocando com as pontas dos dedos em meu peito por cima da camisa. — E sempre gostei de homens mais velhos. Meu primeiro namorado era vinte anos mais velho. Quando eu tinha dezessete.

— Sabe a minha idade, criança?

Ela deu de ombros como se isso fosse o de menos.

— Em torno dos cinquenta — respondeu.

— Tenho cinquenta e sete anos. Sou um pouco mais velho que seu namorado mais velho.

— Ex.

Seus olhos escuros se cravaram nos meus e percebi que a garota era petulante e afrontosa. Quanto mais corda eu desse, mais me enforcaria.

— Levante-se — ordenei, segurando os dedos finos que ainda me tocavam. — Não quero ser grosseiro e tirá-la à força de cima de mim.

O que aconteceu a seguir foi tão inesperado que demorei mais tempo que o habitual para reagir. A mão aberta de Susan voou contra meu rosto ao me estapear tão forte que senti a ardência imediata. De queixo erguido, ela voltou a sorrir e lambeu o lábio inferior.

— Você acabou de me bater? — questionei, sentindo meu sangue começar a ferver. — Perdeu a noção?

— Bati para ver se acorda e toma atitude!

Uma coisa eu não podia negar: ela era insistente e corria atrás do que queria. Por isso, percebendo que Susan não cederia facilmente, tomei a decisão de espantá-la dali o mais rápido possível com o rabo entre as pernas e com medo de mim.

Prendi suas mãos atrás das costas e segurei seus pulsos enquanto me levantava e a empurrava com os peitos pressionados contra o encosto do sofá. Mantive a garota de joelhos e levantei seu vestido, expondo a calcinha fio dental branca, enfiada numa bunda de pele negra, reluzente e lisa. Não podia negar que ela era muito bonita, gostosa mesmo, e eu a comeria facilmente se não fosse exatamente quem era.

— Você gosta de tapas, então? — Estalei a palma da mão naquela carne quente e ouvi sua risada atrevida. — É isso que você quer para me deixar em paz?

Desferi mais um tapa, dessa vez um pouco mais forte. Fiquei irritado ao ver que minhas ações só a instigavam a mexer a bunda como se pedisse por mais. Ela era pequena, delicada, eu podia quebrá-la se errasse no peso da mão.

— Você achou mesmo que me amedrontaria com uns tapas? — Riu. — Continue, por favor.

Soltei-a no instante em que me dei conta de estar dando material para a garota e, pior, estava ficando com mais tesão ainda. Meu pau já se apertava contra o tecido da cueca e precisei recuar quando a vi esfregar a bunda e me olhar com cara de safada.

— Você é completamente louca — falei, dando alguns passos para trás e apontando o dedo em riste. — Vá para sua casa, Susan. Não sou a pessoa

certa para você.

Adentrei o corredor que levava aos quartos e antes de fechar com a chave a porta do escritório, pude ouvir a garota gritar:

— Eu gosto de me divertir com os errados, Don Negri!



GIOVANNA

Elena seguia em curso dentro do carro destinado a mim, que percorria o trajeto normal da nossa casa até o consultório da doutora June Russo. Ela já tinha sido avisada sobre a visita diferente que receberia e deveria manter o plano funcionando como se eu mesma estivesse fazendo minha sessão de terapia.

A ida aconteceu sem nenhuma ocorrência, chegamos ao endereço quando a Giovanna falsa já estava saindo do carro e entrando no prédio. O combinado era esperarmos a uma certa distância, sem levantar nenhuma

suspeita, já que todo o aparato de segurança que a dona da máfia geralmente usaria estava lá, bem à vista de qualquer um. Aquilo era o suficiente.

— Susan está dando em cima do meu pai — comentei para quebrar o silêncio incômodo dentro do veículo apertado demais.

Tanto Pietro ao meu lado, quanto os dois homens sentados nos bancos da frente me encararam em surpresa. Meu marido pigarreou e eu o encarei, observando o vinco no meio de sua testa.

— Está se referindo ao Don Negri?

— Eu espero que não tenha mais nenhum outro pai escondido por aí — respondi, sorrindo. — Ela tem feito isso desde o nosso casamento e eu achei que fosse só uma reação ao álcool, mas não é.

— Tirando toda a parte estranha de ser seu pai, o que Susan viu em Don Negri?

— Ei! Ele é um ótimo pretendente! — Dei um tapa no braço do meu marido e ele segurou minha mão, levando meus dedos aos lábios. — Não fale assim do meu pai.

O grandalhão do meu novo segurança, Dante, me encarava pelo espelho retrovisor com uma expressão extremamente debochada e eu estreitei os olhos na direção dele.

— Se não me engano, você foi bastante enfática ao pedir, ou melhor, exigir, que eu apoiasse o relacionamento da minha mãe com o Carlo, a quem eu considerava um amigo. Não é incrível como o mundo dá voltas?

Recostei-me ao banco e cruzei os braços para não ter que dar na cara de Pietro ou mostrar o dedo do meio ao segurança atrás do volante. Apoiei a cabeça no vidro da janela e fiquei observando o movimento agitado de Nova York, o vai e vem de pessoas com diferentes propostas. Havia o apressado que precisava chegar ao trabalho o quanto antes, o turista que estava sempre perdido com o rosto voltado para o alto, os estudantes que tinham como a

menor de suas preocupações estar em sala de aula, os artistas escolhendo o melhor ponto para abordarem o público.

O consultório da doutora Russo ficava numa região muito movimentada de Manhattan e o edifício de mais de vinte andares abrigava uma enorme variedade de especialidades médicas e outros empreendimentos, portanto, o fluxo de pessoas que entravam e saíam por suas portas era sempre muito grande. Talvez a gente não tenha pensado numa possibilidade tão invasiva quanto essa, mas meus olhos focaram bem o momento em que um determinado homem passava pela entrada do prédio.

Se nos dias anteriores eu não tivesse me exaurido para descrever os seus traços para que fizessem seu retrato falado, provavelmente não o teria notado. Mas sua imagem estava impregnada na minha memória de tanto que a forcei, e no instante que tive a certeza, apertei o braço de Pietro.

— Ele entrou! — gritei, inclinando-me para frente e batendo nos bancos, como se dessa forma os integrantes do automóvel fossem me entender mais rápido. — O russo entrou, Pietro! O que eu descrevi para você!

Barulhos de armas sendo preparadas ecoaram pelo interior do veículo e o rosto do meu marido entrou em meu foco.

— Tem certeza disso? — perguntou, enquanto estalava os dedos e um soldado *Soprattuto* começava a passar a mensagem para o resto da nossa equipe. — Se eles tiverem se infiltrado no edifício, o que está prestes a acontecer não será bonito.

— Não reparei em outros, mas tenho certeza que ele entrou.

Pietro praguejou e sacou o aparelho celular para fazer alguma ligação enquanto os outros homens começaram a dar avisos e receber informações de dentro do edifício. Minhas mãos coçaram e suaram em expectativa, pois o que eu mais queria era poder sair correndo e entrar lá. Precisava proteger pelo menos a minha médica, que tinha sido colocada gratuitamente nessa situação.

— O que estamos esperando? — perguntei, ansiosa.

— Não vamos entrar. — Pietro se virou para mim quando tentei levar a mão à maçaneta da porta. — Você não vai a lugar nenhum, Gio. Tenha paciência e espere.

— Pelo quê? Uma carnificina?

— Não sabemos quantos homens estão lá dentro e se entrarmos agora, podemos acabar denunciando nossa própria armadilha. Alguém pode ver você, inclusive, e isso colocaria todo o plano em perigo. Nós estamos em vantagem aqui, nossos soldados lá em cima foram avisados e já aguardam a aproximação deles.

— E se forem, sei lá, vinte contra cinco?

— Precisamos ter certeza de quantos são e que estarão concentrados num só lugar — disse Pietro, sorrindo de forma plena como se pudesse ver o futuro e soubesse exatamente como ganharia a batalha. — Se eles perceberem que foram expostos podem se espalhar e sumir, não teremos, novamente, nada em nossas mãos.

Respirei fundo, fechei os olhos e procurei me concentrar no movimento de inspirar e expirar. Eu gostava de agir e não de esperar, isso era um tormento para mim, mas sabia que Pietro tinha anos de experiência e uma mente voltada para todo tipo situação de risco.

— Estamos esperando por algum sinal específico? — questionei, grudando o rosto no vidro para observar tudo que acontecia naquela calçada.

No segundo que fiz minha pergunta, o comunicador preso em meu ouvido, assim como nos deles, soou com a voz calma de Elena:

— Estamos sendo atacados, os tiros parecem vir do corredor lá fora.

— Esse é o sinal — disse o Don, anunciando não somente para mim, mas para o microfone interligado com todos os nossos aparelhos.

Ele abriu a porta do carro ao mesmo tempo que os soldados e todos nós

saímos para a calçada, enquanto o nosso contingente restante se aproximava, vindo de suas tocaias que tinham sido montadas em outros pontos da rua.

— Cerquem todas as escadas e saídas de emergência! — ordenou e tocou minhas costas para que eu acompanhasse seu ritmo. — Saque sua arma.

— Em público?

— Agora.

Quando invadimos o prédio e eu puxei meu revólver escondido por baixo da camisa, os seguranças do edifício correram para nos abordar e Pietro sacou um distintivo, enquanto nossos homens se espalhavam pelo local.

— FBI! — gritou, sem nem se dar ao trabalho de parar e olhar a cara de ninguém. — Bloqueiem todas as saídas, mas não façam alarde!

Ele me empurrou para dentro do elevador ao mesmo tempo em que eu destravava minha arma e o encarei, chocada.

— FBI?

O ator digno de um Oscar ajeitou o terno enquanto se olhava no espelho. Pelo reflexo, observei os soldados que estavam ali dentro conosco e vi um sorrisinho divertido no rosto de Dante.

— Você também sabia disso?

— Não — respondeu ele, sem perder a postura. — Mas achei muito criativo.

Ergui os olhos para o enorme painel digital acima de nós, que indicava a aproximação do décimo oitavo andar, onde ficava o consultório da minha médica. Com meus ouvidos treinados, eu conseguia ouvir o tiroteio um andar acima de nós, mesmo que estivessem fazendo uso de silenciadores. Assim que o elevador abriu, nos posicionamos com pressa para o corredor e Pietro colocou meu corpo à parede.

Algumas pessoas que corriam com medo do desconhecido esbarraram

em nós conforme avançávamos na direção de onde elas vinham. Acabei me assustando quando um homem, claramente russo, saiu de uma das salas alguns metros adiante, mas antes que eu piscasse, ele já estava sendo alvejado. Foi preciso pularmos por cima de outro corpo antes de chegar ao consultório da doutora Russo e eu só conseguia pensar que Boden, o chefe de polícia de NY, teria um pouco de trabalho para limpar todos esses vestígios e ocultar o que de fato tinha acontecido.

Quando finalmente adentramos a sala onde eu me consultava, meus olhos se encheram de lágrimas ao avistar minha médica com um tiro no meio da testa, a cabeça pendendo para o lado, ainda sentada em sua poltrona. Mais uma vida inocente que tinha sido ceifada por minha causa. Meu ódio me consumiu e cheguei a apontar a arma para o filho da puta parado no meio do consultório, mas então percebi que ele tinha Elena como refém.

O russo esbravejou em seu idioma horroroso e Pietro tocou em minha mão até que eu abaixasse a arma. Mas era somente uma questão de tempo, pois o homem sabia que não tinha como sair vivo daquele cerco. Mais da metade dos nossos soldados presentes na operação estava concentrada naquela sala e no corredor além dela. Ele apontava a arma para a cabeça de Elena, mas matando-a ou não, aquele era seu último dia de vida.

Por alguns segundos, ninguém disse nada porque provavelmente todos já sabiam como a situação se finalizaria. Mas então, aconteceu algo que eu não previ. A própria Elena arregalou os olhos na direção do meu marido e os guiou para baixo, como se enviasse um sinal para nós e indicasse uma região de seu corpo. Ela parecia desejar que alguém atirasse nela, provavelmente, em sua perna, pela forma como se comunicava. E eu só entendi isso quando percebi que, se a bala entrasse por sua coxa, atingiria exatamente o joelho do soldado russo.

Pietro não poderia atirar porque ele estava mais à frente, muito perto

dos dois, e qualquer movimento que fizesse seria observado. Mas eu, com o meu tamanho, acabei ficando um pouco escondida em meio a tantos soldados altos e fortes. Bastava não errar, ou mataria Elena. Bastava não errar.

Respirei fundo, deslizei delicadamente meu dedo pelo gatilho e me concentrei nas aulas rápidas que tive. Não estava longe, não erraria. Contei de um a três e agindo rápido para não hesitar, mirei o revólver e atirei. No milésimo de segundo que levou para eu perceber que tinha errado o alvo, outro projétil foi disparado por cima do meu ombro, acertando o local exato.

Todo o ambiente se transformou em um piscar de olhos. O braço de alguém, que logo identifiquei como sendo Dante, me puxou para trás e me empurrou na direção do chão ao mesmo tempo em que o sangue espirrou ao atingir as pernas de Elena e do russo. Ela agiu muito rápido e se abaixou quando ele disparou a arma, dando início ao tiroteio.

— Eu o quero vivo! — Pietro ordenou, ajoelhando-se e olhando para mim. — Você está bem?

Assenti e me levantei, correndo até Elena para ver qual o estado dela. O russo já tinha sido imobilizado e meu marido estava quase sentado sobre o peito do homem, tentando arrancar qualquer informação dele. A mulher da *Dita* fora colocada sobre o sofá e um soldado se ocupava de estancar o sangramento até que ela fosse atendida por um médico.

— Bom trabalho, Elena — elogiei, estendendo minha mão, que ela apertou com curiosidade. — E sinto muito por ter atirado em você.

— O seu tiro passou longe, na verdade — a voz implicante zombou atrás de mim e vi Dante sorrindo. — Você atingiu a parede.

— Foi você que atirou?

Ele nem precisou responder, isso ficou claro com a expressão pedante que colocou no rosto e revirei os olhos, sem tempo para me preocupar com o cabeludo. Não conseguia ignorar a presença da doutora Russo bem ali,

imóvel, de olhos ainda abertos. Pensei em ir até lá e fechá-los, mas Pietro espancando o soldado me chamou mais atenção.

O homem estava com o rosto inchado pelas investidas do Don, na esperança de conseguir qualquer informação que pudesse arrancar dele. Sabíamos que não poderíamos levá-lo para outro lugar, pois não dava para simplesmente sair carregando um moribundo ensanguentado pelo saguão do edifício.

Pietro agarrou os cabelos dele e retirou um canivete de dentro da meia, levando a navalha afiada até o couro cabeludo do russo.

— Sua última chance — rosnou, para em seguida, murmurar algumas palavras no idioma do homem capturado.

O grito agudo incomodou meus tímpanos conforme o Don fazia um corte limpo na pele do desgraçado, um belo escalpelamento que estava me deixando um pouco enjoada. Mas então, o russo começou a murmurar, quase desmaiando, palavras que eu não conseguia compreender.

Pietro estalou os dedos e chamou um dos soldados da *Soprattuto*, que tinha sido destacado para a missão especialmente por dominar o idioma russo. Ele se aproximou de nós e se ajoelhou perto do rosto do outro, curvando-se o máximo possível para ouvir o que ele dizia, quase em um sussurro.

— Ele está falando sobre — nosso soldado franziu a testa — uma princesa. Será que está delirando?

— Que princesa, porra? — Pietro cortou mais, fazendo os gritos aumentarem e o odor característico de fezes preencher o ambiente. Eu sempre detestava essa parte. — Que merda é essa?

O russo parecia repetir as mesmas palavras como num mantra conforme ia perdendo as forças.

— A princesa loira da máfia — disse nosso intérprete, aparentemente

tão confuso quanto todos nós. — Ele alega que é tudo culpa dela.

Quando o russo começou a expelir muito sangue pela boca e revirar os olhos, Pietro decidiu acabar com a tortura e mirou a arma na testa dele, dando fim à sua vida. O Don se aproximou de mim e beijou meu rosto enquanto passava o braço pela minha cintura.

— O que faremos? Ele não nos deu muita informação.

— Agora iremos atrás de todos os parentes de Yuri Vitzin, que é o atual chefe da *Serdtsse Drakona* — respondeu. — Quero saber quem são as mulheres que o cercam e, principalmente, se existe alguma loira ou se nosso amigo ali estava só mentindo.

— Acredito que seja mentira sim — comentei porque as peças não se encaixavam na minha mente. — Não acha estranho esse negócio de mulher loira? Princesa da máfia?

— Acho, mas não vou descartar nenhuma possibilidade.

O celular de Pietro tocou assim que entramos no elevador e enquanto ele falava com Boden, eu me virei para me olhar no espelho. Observei atentamente os detalhes do meu rosto até que senti os braços fortes me envolverem e olhei para o reflexo do meu marido, atrás de mim.

— No que tanto pensa?

— Sei lá... Se é uma mulher que está por trás de tudo isso, por que o problema dela é comigo? — Passei a mão pelo meu queixo e suspirei. — Será que sou bonita demais e minha beleza incomoda? Eu não escolhi nascer assim. E meu cabelo, eu nem perco muito tempo hidratando, ele só é naturalmente sedoso e brilhoso.

Meu marido abriu um sorriso lindo e depositou um beijo estalado em meu rosto, mas me irritei com a risadinha vindo da direção do brutamontes que nos acompanhava no elevador. Através do espelho, estreitei meus olhos ao encarar Dante, que me devolvia o olhar petulante.

— Perdemos alguma piada? — perguntei. — Por que não a compartilha conosco?

Ele franziu a testa e balançou a cabeça quando Pietro me soltou para olhá-lo melhor.

— Não é nada... Só gostaria de ter a sua autoestima.

— Com toda a correria dos últimos dias, acho que não fomos apresentados. Não me lembro de vê-lo ascender como um soldado *Soprattuto* — disse o Don, num tom de voz pouco amigável. — Qual é mesmo o seu nome?

— Não sou da *Soprattuto*. Sou um *Dita*. — O grandalhão não parecia nem um pouco amedrontado. — Fui designado por Don Negri a ser o segurança da Donna.

— Quantos homens você já matou?

Ora Pietro, isso era pergunta a se fazer no cubículo apertado de um elevador? Eu cruzei meus braços, esperando pela resposta de Dante para poder comparar com o meu número e ver quem ganharia, quando ele respondeu:

— Eu não conseguiria contabilizar. Perdi a contagem há algum tempo.

E então meu marido carniceiro sorriu e apoiou a mão no ombro do soldado.

— Ótima resposta. Espero que não fique entediado na nova posição.

— Na verdade, apesar de a sua esposa ser um pouco difícil, eu já tive mais agitação nos últimos três dias do que nos quatro meses que se passaram. Com a sua atual condição, Don Negri não tem saído muito de casa — Dante esclareceu, encolhendo os ombros.

— Eu não sou difícil, só prezo por ser tratada com respeito.

Os homens me encararam como se eu falasse outro idioma, mas nem dei muita conversa para eles. Minha mente viajou até meu pai e refleti sobre

as palavras do soldado. O Don da *Dita* estava mais caseiro, mais retraído, e eu não sabia o quanto isso estava refletindo nos negócios da *famiglia* e em sua reputação. Seria por esse motivo que ele queria apressar as coisas? Para não começarem a espalhar boatos nem tecerem teorias a respeito dele?

Estava tão perdida em meus pensamentos que deixei facilmente Pietro me conduzir ao automóvel e nem mesmo toda agitação ao nosso redor me tirou do transe. Só voltei mesmo a me concentrar na realidade quando estacionamos em frente ao nosso edifício e Pietro manteve a porta aberta para que eu saísse do carro.

Ele passou a mão pelas minhas costas enquanto caminhávamos até a portaria e, no segundo seguinte, um barulho estrondoso nos pegou de surpresa, estremecendo todos os alicerces daquela construção. Meu marido me empurrou e correu comigo para trás do carro na tentativa de fugir dos destroços que despencavam do alto do prédio. Quando dei por mim e levantei o rosto, pude observar que um andar inteiro tinha explodido e não parecia ser coincidência que aquele fosse justamente onde ficava nosso apartamento.

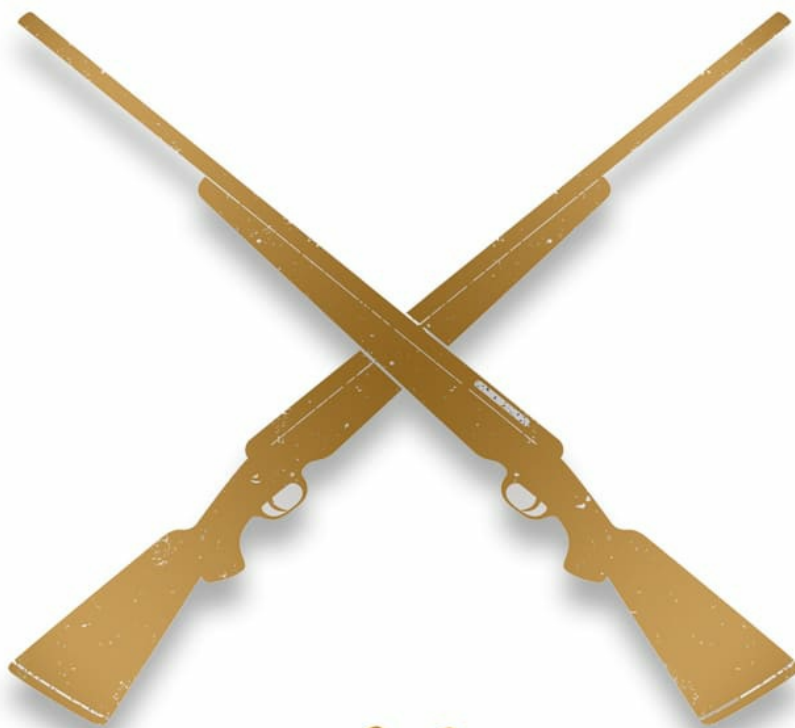
Passado o susto da explosão, todo mundo se agitou à nossa volta, mas antes que Pietro pudesse piscar, agarrei a camisa dele.

— Meu pai e Susan!

Ele abriu a porta do carro e me colocou sentada, segurou em minhas mãos e as beijou.

— Fique aqui, Gio.

Dito isso, saiu para se juntar aos soldados. Grudei meu rosto no vidro da janela e levantei os olhos até encarar o fogo e a fumaça que eram expelidos com agressividade. Domenico e Susan estavam em algum lugar naquele caos e eu não podia perder nenhum dos dois.



70

DOMENICO

Ocupei-me no telefone com Luca por algum tempo, na esperança de que Susan desistisse e fosse embora, e só saí do escritório quinze minutos depois. O apartamento estava silencioso, mas sabia que ela era sorrateira e podia muito bem estar escondida à espreita. Por isso, abri a porta principal que dava para o elevador e chamei um dos soldados da *Dita* que revezavam os turnos.

— A menina foi embora há muito tempo? — perguntei.

— Sim, senhor. Mas ela não foi exatamente embora.

— Como assim?

O soldado encolheu os ombros.

— Parece que a moça está ocupando o andar abaixo desse — revelou para mim como se aquela fosse a fofoca do dia. — Ela comentou que não queria ficar sozinha porque a Senhora Negri a deixou assustada e perguntou se um de nós poderia fazer companhia a ela.

Susan estava hospedada num apartamento aqui do prédio? Pensei em quantas informações minha filha tinha esquecido de me dar e passei pelos soldados em direção ao elevador. Não sabia que a menina estava assustada, não a teria tratado de forma tão ríspida se desconfiasse disso.

— Volto em breve, vou descer para falar com ela — avisei, apertando o botão. — E não se refiram à Giovanna como Senhora Negri ou ela arrancará suas cabeças. Parece que minha filha tem um problema de mau gosto e prefere o sobrenome do marido.

Como o edifício era de propriedade do meu genro, obviamente os apartamentos que estavam ocupados eram todos designados aos membros da *Soprattuto* que trabalhavam diretamente para Pietro.

— A garota está aí dentro? — perguntei ao homem diante da porta

dela, quando ele meneou a cabeça ao me cumprimentar.

— Sim, senhor.

Estiquei a mão para tocar a campainha e dei uma olhada no celular, ansioso para receber alguma notícia de Giovanna. Sentia-me impotente demais em ficar trancafiado no prédio enquanto toda a ação se desenrolava lá fora.

— Tem certeza que ela está aí dentro? — perguntei mais uma vez para me certificar, pois Susan não tinha atendido.

O soldado balançou a cabeça em confirmação e eu estiquei a mão para apertar novamente a campainha, quando todo o edifício estremeceu. Meu corpo foi jogado contra o chão pelo impacto que sofri com a pressão que veio de cima de mim. Partículas de poeira me cobriram enquanto eu protegia a cabeça com os braços. Levou poucos segundos para entender que algo havia explodido, provavelmente o apartamento de Pietro e Giovanna.

Chutei para longe os pequenos pedaços do teto que caíram perto de meus pés e virei o rosto de lado, observando o soldado também caído, porém vivo. A rede elétrica parecia ter sido afetada e a única iluminação existente vinha de um pequeno buraco que surgiu no teto e que possibilitava ver algo pegando fogo. A fumaça descia pelas paredes quando me levantei, um pouco atordoado, e abri a porta para ir atrás da menina.

— Susan! — gritei por ela, tossindo para tentar limpar meus pulmões da sensação abafada provocada pela fumaça. — Onde você está?

Tropecei em objetos que tinham caído no chão enquanto explorava o apartamento e logo fui surpreendido pela garota saindo do banheiro, com os cabelos molhados e um vestido grudado no corpo molhado. Parecia que ela estava tomando banho e a explosão a interrompeu, mas isso não vinha ao caso.

— O que houve? — perguntou, choramingando, com a mão contra a

boca.

— Precisamos sair daqui o mais rápido possível. Você está bem?

Ela assentiu e segurei seu braço, puxando-a para tirá-la logo do apartamento. O soldado já tinha se recuperado do baque, e a ajudou a passar por alguns destroços no corredor.

— Onde... — Ela olhou para trás e tocou meu braço. — Onde foi a explosão?

— Em algum lugar acima de nós — respondi sem floreios, pois não havia necessidade de esconder nada e me virei para o soldado. — Conseguiu contato com alguém de lá?

O rapaz negou com um semblante pesaroso e logo pensei em Telma, que ainda estava no apartamento na hora em que saí para ver Susan.

— Alguns soldados tentaram subir, Don Negri — disse ele, entre uma tosse e outra. — Não foi só... Não foi no apartamento. Todo o andar explodiu. Os bombeiros devem estar a caminho.

Com o fogo se alastrando, a fumaça começava a encher cada vez mais o pequeno corredor e tomava conta das paredes ao nosso redor. Senti Susan estremecer ao meu lado e passei o braço pela cintura dela, fazendo-a se movimentar.

— Precisamos dar o fora daqui agora — avisei, caminhando com ela na direção das escadas. — Não podemos esperar pelos bombeiros.

— Eu não quero morrer — a garota começou a chorar.

— Quem falou em morrer?

— São quinze andares e...

— Ei! — Eu a soltei apenas para poder segurar seus ombros e fazer a menina me olhar. — Susan! Nós estamos abaixo do incêndio, ok? Por enquanto, pois se não nos apressarmos, logo estaremos no meio dele.

O soldado abriu a porta que dava acesso às escadas e no mesmo

instante percebi que não seria uma tarefa tão fácil. Ainda não havia fogo ali, apenas muita fumaça, mas a escuridão complicaria nosso caminho. Sabia que não encontraria nada, mas mesmo assim tateei meus bolsos, desejando não ter deixado meu celular no apartamento.

— Alguém está com o telefone? — perguntei, recebendo de prontidão um som de choramingo de Susan e um murmúrio de negação do soldado.

— Estou com meu celular, mas ele tinha descarregado no meio do turno.

Toquei no corrimão, sentindo que o ferro começava a aquecer, mas ainda não era uma temperatura insuportável. Peguei nas mãos de Susan e as coloquei sobre ele, apertando seus dedos.

— Segure firme e pise devagar, degrau por degrau.

Passei a frente dela porque se tropeçasse, pelo menos cairia em cima de mim e não se machucaria tanto. Não que estivesse sendo descomplicado para mim. O calor excessivo sempre agravava meu estado de saúde e eu já podia sentir a visão ficar embaçada a cada minuto. Fechei meus dedos ao redor do corrimão e respirei fundo, os tremores atingindo os músculos das minhas pernas e meu corpo querendo ceder.

— Não parem! — ordenei quando percebi que a fumaça tomava cada vez mais espaço.

De vez em quando eu esperava para sentir a mão de Susan encostar na minha para, então, me mexer, de forma que me certificasse que ela continuava nos acompanhando. Em algum momento, depois de descermos dois ou três andares, começamos a ouvir as sirenes dos bombeiros e me senti um pouco mais aliviado. Eu não tinha medo de morrer, quem crescia da forma como cresci, preparado para todas as circunstâncias da vida, jamais temia a hora da morte. No entanto, gostaria que a menina tivesse chance de sair viva dessa situação.

— Don Negri, desculpe por ter agarrado você. — Susan parecia ter caído em prantos. — Sei que agora estou pagando pelo que fiz, ter dado em cima de um homem doente.

— Tenho certeza que isso não está acontecendo por sua causa.

— Deus, me perdoe! Eu não quero morrer!

— Susan!

Fechei os olhos e respirei fundo, me arrependendo no segundo seguinte ao inspirar um ar tão tóxico. Meu corpo se contraiu enquanto eu tossia e cogitei mandar que a garota seguisse atrás do soldado, para que eu pudesse descansar um pouco. No entanto, logo ouvimos as vozes que se aproximavam e o Corpo de Bombeiros surgiu com suas luzes e equipamentos.

Não prestei muita atenção nas ordens que eram proferidas, só me concentrei em aceitar de bom grado a ajuda e me deixar ser apoiado por alguém que me ajudava a descer as escadas.

O primeiro rosto que vi quando respirei o ar fresco da noite nova-iorquina foi o de Giovanna, que correu ao meu encontro, sendo seguida por Pietro. Os dois foram gentilmente afastados de mim, enquanto me colocavam sentado na maca de uma ambulância e um paramédico abria minha camisa.

— Você está vivo — disse minha filha, como se falar aquela frase em voz alta fizesse bem a ela, enquanto secava suas lágrimas.

Tentei sorrir, mas enfiaram a porra de um aparelho de oxigênio na minha cara, enquanto meu genro abraçava meu bem mais precioso. Graças a Deus ela tinha ido com ele, graças a Deus tudo aconteceu daquela forma e Giovanna não estava em casa na hora da explosão. Queria levantar dali e acolhê-la em meus braços, mas sabia que não estava muito bem e precisava me concentrar em respirar.

Quando minha filha se soltou do marido e foi na ambulância ao lado falar com Susan, que também estava sendo atendida, eu aproveitei que o

paramédico se distanciou e puxei a máscara de oxigênio para o lado.

— Trate de arranjar esses... equipamentos dos quais preciso — falei, tossindo um pouco. — Precisamos sair do país o quanto antes.

— Não sei se é a melhor opção, Don...

— Vamos para a Rússia — Giovanna interrompeu Pietro ao se aproximar e cruzar os braços. Ela exibia os olhos vermelhos e a cara de choro ainda era visível, mas ali estava minha *Dita di Ferro*. — Tentamos fazer tudo com cautela, mas acho que está na hora de atacar. Vocês não acham? Porque é isso que estão fazendo conosco há algum tempo.

— Seu pai tem um grave problema de saúde e acabou de sair de um incêndio. Não acho que ele esteja apto a cruzar o Atlântico. Precisamos agir com cautela.

— Nós perdemos Telma! Perdemos mais de vinte soldados! — Ela gesticulou, enérgica, apontando na direção do edifício em chamas. — Meu pai perdeu vários *Ditas*. Tenho certeza que dá conta de entrar num avião. — E então, ela se virou para mim, de braços cruzados. — Estou certa?

Era mesmo a minha filha e eu estava sentindo um orgulho filho da puta.

— É apenas isso que desejo — declarei.

— Gio, eu quero protegê-la, não levá-la diretamente de bandeja para os russos.

— Eu sei e eu o amo por isso. — Minha herdeira passou os braços pela cintura de Pietro e encostou o queixo no peito dele, enquanto o encarava. — Mas eu não sou uma princesa para ser trancada na torre, *amore mio*. Se não quiser fazer parte disso e me apoiar, eu tenho a *Dita di Ferro* em minhas mãos e irei atrás desses putos. Sozinha.

Meu genro lançou um olhar de súplica para mim, na certa, esperando que eu o apoiasse em seu ponto de vista. Mas não. Eu não faria isso. Estava com gosto de sangue na boca e necessitava de vingança. Nem que fosse a

última coisa que eu fizesse em vida. Ninguém mexia com minha filha e saía impune. Não dessa vez.

— Nós vamos no seu avião, em sua companhia, ou eu preciso arrumar minha própria aeronave? — perguntei para meu genro, sem contar meu sorriso vitorioso. — Estou do lado de Giovanna. Sempre.

Pietro praguejou e sacou o aparelho celular, dando-nos as costas e indo fazer alguma ligação que não me interessava. Então, olhei em volta e observei todo o movimento que acontecia. Os bombeiros tentavam conter o incêndio, que já tinha se alastrado para outros andares e eu sabia que logo a polícia também estaria presente.

Conhecia o procedimento padrão para esse tipo de resgate e que as vítimas eram levadas para o hospital, ainda mais uma pessoa da minha idade com algumas escoriações no rosto e nas mãos.

— *Carina* — chamei minha filha, que observava Pietro. — Venha cá.

— Está sentindo alguma dor? — perguntou ela, apalpando meus ombros e peito. — Você podia ter morrido. Aliás, como não morreu?

— Fiquei sabendo que Susan estava hospedada no andar abaixo do de vocês, então fui até lá. Estava tocando a campainha quando houve a explosão. — Segurei firme o pulso de Giovanna e a trouxe para perto, tossindo um pouco. — Não posso estar aqui quando a polícia chegar nem devo ir ao hospital. Entende a gravidade disso?

Ela finalmente se deu conta do que eu dizia e abriu e fechou a boca, em silêncio.

— Pai, mas você inalou fumaça — sussurrou. — Precisa ser avaliado por um médico.

— Arranje isso. Agora. — Estalei os dedos diante do rosto dela. — Giovanna! Você é a Donna da *Dita*. Me dê seu celular.

Ela franziu a testa, mas me entregou rapidamente o aparelho. Digitei o

número pessoal de Luca, meu *consiglieri*, e o devolvi a ela.

— Faça contato com ele, conte o que aconteceu e peça para providenciar soldados para enviar à Rússia.

— Ele não gosta muito de mim...

— Amizade não está entre os significados de *consiglieri* no dicionário — concluí.

Giovanna endureceu o semblante e ergueu o queixo, mostrando ter entendido muito bem a mensagem. Ela se distanciou um pouco de mim enquanto fazia a ligação, aproximando-se do marido.

Aproveitei para me sentar na maca, precisava pensar em dar o fora dali, mas não vi a abordagem de Susan antes que ela já estivesse quase em cima de mim.

— Você é o meu herói! — declarou a garota, os braços finos apertando meu pescoço e seus lábios espalhando beijos pelo meu rosto. — Serei eternamente grata, Don Negri.

— Você é corajosa. Teria saído de lá com ou sem minha ajuda.

— Antes de você entrar no apartamento, eu estava encolhida no chão, chorando e pensando que ia morrer. Eu nem tinha terminado meu banho.

Ia revirar os olhos como Giovanna fazia quando notei que tinham fornecido roupas secas para a menina, que até então usava um vestido ensopado e quase transparente. Seu rosto estava um pouco sujo, assim como meus braços e minha blusa, e ela ostentava um par de olhos esbugalhados como se ainda estivesse muito assustada. E deveria mesmo, afinal, não estava acostumada a viver esse tipo de adrenalina.

— Que bom então que eu estava por perto — falei para tranquilizá-la e meneei a cabeça. — Sua vida logo voltará ao normal, pois vamos sair do país.

— Susan irá nos acompanhar.

A garota se virou e eu inclinei a cabeça para olhar minha filha que

voltava a se aproximar, com um sorriso decidido no rosto.

— Até a Rússia? — indaguei, tentando entender que serventia Susan teria ao ir conosco.

— Sim — respondeu Giovanna. — Não vou deixar que ela fique aqui. E se tentarem pegá-la?

Pietro retornou, guardando o celular no bolso do paletó e concordando com a insanidade de minha filha.

— Também acho arriscado deixar Susan no país, sem que nenhum de nós esteja perto para qualquer coisa que a aconteça. — Ele se virou para a menina e encolheu os ombros. — Sinto muito por ter sido colocada no meio dessa confusão. É nossa obrigação agora mantê-la bem.

— Sempre quis conhecer a Rússia — ela respondeu, sorridente, então lançou um olhar animado demais na minha direção. — Vai ser ainda melhor estar em tão boa companhia.

Alguém devia dizer para a garota que aquela não seria uma viagem turística.

— Temos que ir, Pietro — avisei, deixando de lado os problemas triviais. — Giovanna, distraia os paramédicos.

Ela se virou e saiu na direção da outra ambulância onde os cinco homens estavam reunidos, e recebi ajuda de Pietro para me equilibrar totalmente ao descer da maca. Ignorei o olhar preocupado de Susan e inspirei profundamente, sentindo a dificuldade que meus pulmões encontravam para expandir.

Os automóveis estavam a cerca de trinta metros e tive que andar rapidamente até lá para que ninguém desse por minha falta e a de Susan. Vi Giovanna entrar correndo pela outra porta e colocar os óculos escuros enquanto eu observava o paramédico que tinha me atendido, olhar na direção do nosso carro.

Sáímos de lá antes que pudessem impedir e fechei os olhos por alguns segundos, tentando me manter são e controlado. Eu já podia dizer que viajar aos Estados Unidos era uma experiência inesquecível.



GIOVANNA

Não me sentia muito confortável em ver todos aqueles equipamentos médicos da UTI móvel que Pietro solicitou antes de voarmos. De tudo aquilo, as únicas coisas que eu conseguia identificar eram o aparelho de oxigênio e o respirador artificial, mas não gostaria que meu pai precisasse usar nenhum dos dois. De qualquer forma, era a melhor decisão a tomar, pois se ele fosse parar num hospital americano, nem mesmo Boden poderia salvar sua pele.

— Tem certeza que está se sentindo bem? — perguntei pela segunda vez para checar e o coroa me lançou um olhar irritado.

O médico que estava voando conosco tinha o avaliado logo que chegou e colocou meu pai no oxigênio pelos minutos seguintes. Aproveitei que Susan parecia muito disposta a fazer companhia a ele e fui para os fundos da aeronave, onde Pietro tinha se isolado para mexer no celular. Sentei-me na poltrona diante dele e me espreguiceei um pouco, sentindo meus músculos tensionados com toda a aventura do dia.

— O que está fazendo?

— Resolvendo algumas coisas — disse, parando e voltando os olhos na minha direção. — Precisei nomear um CEO interino para a *Invictus* porque não posso manter minha cabeça em dois lugares tão diferentes.

— Sinto muito. Eu sei que você gosta de trabalhar esse seu lado empresário americano...

Ele sorriu e guardou o celular antes de se inclinar e segurar minhas mãos.

— O foco agora é resolver essa merda com a *Serdtse Drakona*. — Seus dedos apertaram os meus. — Venha cá.

Levantei-me e me sentei no colo dele, passando minhas mãos por seus ombros com a musculatura tão rígida quanto a minha. Eu queria logo matar quem fosse preciso para que pudéssemos ter um pouco de paz em nossas vidas. Os últimos meses não foram nem um pouco fáceis e eu nem me lembrava direito como era acordar sem nenhum problema nos rondando.

— Estava pensando — murmurei, tocando o cabelo dele — que quando tudo isso acabar, talvez eu pare de tomar anticoncepcional.

— É mesmo? — O sorriso do Don aumentou. — Então quando pousarmos, sairei matando qualquer um que fale o idioma russo.

Sorri, sabendo que ele falava assim para descontrair, mas no fundo estava louco para ser pai. Isso só não tinha acontecido ainda porque eu mesma pedi para que esperássemos um pouco, pois me sentia nova demais,

com muita coisa para viver antes de correr por aí atrás de um remelento. Ficava imaginando como seria um filho nosso e me lembrava do álbum de fotos que eu vi de Pietro e Enzo, em como eles eram bebês tão lindos.

Pietro se recostou à poltrona e me puxou junto com ele, fazendo-me deitar a cabeça em seu peito. Observei a interação constrangedora entre meu pai e Susan, até que o coroa começou a lutar contra o sono. Por fim, passados alguns minutos, ele acabou cochilando e ela foi se sentar em outro assento.

— Vou levar Susan para a suíte e ficar um pouco com ela, ok? — sussurrei, alisando o braço do meu Don, que estava muito pensativo.

— Faça isso. Ela parece precisar de companhia.

Nossas bocas se encontraram e, por um segundo, desejei que só estivéssemos nós dois ali, um momento só nosso, para relembrar como é bom sermos marido e mulher. Então me levantei com muito esforço para me afastar dele e fui chamar Susan.

Ela ainda estava com a roupa que os paramédicos deram para que vestisse e seus olhos alertas indicavam que ainda não tinha relaxado desde que saiu do edifício em chamas.

— Ei, como você está? — perguntei, agachando-me diante dela e apoiando as mãos em seus joelhos. — Vamos até a suíte? Você pode tomar um banho quente, tirar essa fuligem da pele e tentar dormir um pouco. Gostaria de ter alguma roupa para emprestar, mas minhas coisas explodiram.

Susan sorriu, mas seu cansaço era visível. Quando se levantou, passei meu braço pelos ombros dela e seguimos até o pequeno, porém confortável cômodo que eu costumava usar com Pietro. A cama era maravilhosa e o banheiro comportava pia, vaso e uma ducha excelente.

— Eu podia ter morrido — murmurou ela, pensativa. — Gio, se não fosse o seu pai, eu...

— Podia, mas não morreu.

— Sim, mas...

— Susan! — Virei-a de frente para mim e segurei firme em seus ombros para que me escutasse bem. — Se tem uma coisa que aprendi com todas as merdas que passei na vida, é que não adianta ficar presa ao passado. Vá tomar um banho, tire dez minutos para chorar e sofrer o quanto puder e, quando sair daquele banheiro, deixe essa lembrança ruim para trás.

Ela balançou a cabeça e me questionei se tinha sido muito dura, pois os olhos da minha amiga se encheram de lágrimas.

— Você foi criada para isso, eu não... É tudo tão...

— Eu fui criada para ser uma esposa perfeita e submissa — interrompi sua fala confusa. — Não me ensinaram a lutar ou fugir de assassinos, escapar de bombas e me preparar para assumir uma máfia.

Essa última parte era a que me dava mais medo, mas eu nunca confessaria em voz alta, porque ser mulher já era motivo suficiente para que outras pessoas nos desacreditassem.

— Sinto muito por você estar nessa situação — pedi. — É por minha causa que está passando por tudo isso, se eu não tivesse entrado na sua vida, você agora não seria um alvo da máfia russa.

— Você não tem culpa de nada.

— Tenho, sim. Devia ter poupado você e não a chamado para ir me visitar quando voltei. Só posso prometer que você será protegida, dou minha palavra.

Susan me abraçou e beijou minha bochecha antes de se afastar e enxugar o rosto molhado. Peguei uma toalha dobrada em cima da cama e entreguei a ela, apontando na direção do banheiro. Depois que ela foi para o banho, eu me deitei e ajeitei o travesseiro sob a cabeça, fechando os olhos por um instante para relaxar um pouco.

Respirei bem fundo e soltei o ar lentamente, me dando conta de que as

últimas horas tinham sido tão estressantes que eu precisava muito tomar esse tempo para mim, sentir o ar preencher meus pulmões. Repeti o processo mais algumas vezes antes de sentir o movimento no quarto. Abri os olhos e vi Susan se deitar ao meu lado, novamente vestida com a blusa e a calça que recebeu anteriormente.

— Acordei você? — perguntou, puxando um dos travesseiros que sobraram.

— Quem dera eu conseguisse dormir com tudo que está acontecendo. — Sorri, sem conseguir realmente transparecer alguma felicidade. — Fizemos uma operação hoje, uma armadilha para os russos. Uma mulher muito parecida comigo fingiu que era eu e foi até minha terapeuta, sabe?

— E deu certo? O que vocês esperavam com isso?

— A ideia era atrair quem estivesse atrás de mim, fazer uma emboscada. — Assenti, puxando o ar com força. — Deu certo, conseguimos matar todos que entraram no prédio... Mas isso custou a vida da doutora Russo. Então, por mais que tenha sido uma ação bem-sucedida, fico pensando que não devia ter colocado uma vida inocente no meio dessa confusão. Ela só era minha médica, não tinha nada a ver com a história.

— Não se culpe, Gio...

— A ideia foi minha — respondi, sentando-me na cama e abraçando o travesseiro. — Então, sim, eu me culpo.

Não pretendia remoer o assunto, o passado deveria ficar no passado, mas aquele era o momento que me dei para sofrer pela morte de uma pessoa inocente. Esfreguei meu polegar na costura da franha e minha mente voltou àquele momento no consultório da terapeuta. O russo se afogando no próprio sangue enquanto murmurava palavras desconexas e nos dava uma pista aparentemente inútil.

Não tinha lógica nenhuma colocar uma mulher loira no meio dessa

merda toda. Até onde Pietro, meu pai e Carlo sabiam, a *Serdtse Drakona* era sempre liderada por homens. Entre eles não existia uma hierarquia meticulosa como nas outras máfias e era bem improvável que o atual líder estivesse recebendo ordens de qualquer outra pessoa. Principalmente para atacar a mim.

— Sabe o que é mais perturbador nessa história toda? — perguntei e Susan ergueu a sobrancelha. — O russo que matamos ficou falando sobre uma princesa loira da máfia. Que tudo estava relacionado a ela. Eu devo ter imã para esse tipo de problema e cor de cabelo, pois adivinha quem reapareceu na minha vida?

— Quem? — Susan também se sentou. — O quê? Você não espera que eu adivinhe, né? Sua vida é um filme de Francis Ford Coppola^[7].

Revirei meus olhos com mais uma menção de seu aprendizado sobre máfia baseado em Hollywood.

— Rayka. Lembra dela? A loira com quem Pietro dormia antes de ficarmos juntos.

— Ela procurou você? O que queria?

— Não, ela só... esbarrou em mim. — Lancei um olhar na direção da porta que eu tinha fechado, esperando que não estivesse falando alto a ponto de Pietro, do outro lado, ouvir a conversa. — Naquele dia que roubaram seu celular, quando eu saí do prédio para procurar por você, a Rayka estava passando pela calçada. Foi uma coincidência.

Ou não, foi o que a expressão de Susan quis dizer antes mesmo de abrir a boca. E tudo bem, eu sabia que não podia ser só coincidência mesmo. Era óbvio que Rayka estava rondando o perímetro, talvez com a intenção de abordar Pietro ou simplesmente esbarrar sem querer como fez comigo. Quando me viu, deve ter achado que era um bom momento para me provocar com sua presença, mas se deu mal porque eu tinha outras preocupações.

— O que o Pietro acha disso? — perguntou Susan.

— Eu não contei para ele. *Ainda* — frisei quando minha amiga franziu a testa. — Tem muita coisa ruim acontecendo com a nossa família, não quero que ele pense que estou remoendo uma crise de ciúme por causa de uma mulher que não tem nenhum significado na vida dele.

— Certo, eu não entendo nada da vida de vocês, dessa coisa de máfia... Mas você não acha muita coincidência o russo falar sobre uma loira justamente quando você vê essa mulher na mesma cidade?

— Está cogitando que a Rayka seja a tal princesa loira?

Meus olhos se arregalaram automaticamente e eu acabei rindo com aquela possibilidade, mas procurei me controlar porque Susan tinha a melhor das intenções.

— Se eu a encontrasse na Itália, em nossa cidade, talvez até pudesse desconfiar de algo, mas a única explicação que me vem à mente é que a filha da mãe nunca saiu de Nova York como Pietro exigiu. A Rayka nem fazia ideia de que ele tinha envolvimento com a máfia.

Susan deu de ombros e voltou a se deitar. Decidi deixá-la descansar um pouco no quarto e apaguei a luz, avisando que estaria com Pietro do outro lado da cabine. Quando fechei a porta atrás de mim, observei meu pai que ainda cochilava, com o médico ao seu lado, e passei por alguns soldados para chegar até meu marido.

Ele estava quieto, olhando pela janela para o oceano lá embaixo, e beijei seu rosto quando me sentei ao lado dele.

— Já tem algum plano formado para quando pousarmos? — perguntei, esticando minhas pernas sobre seu colo.

— Carlo e Luca chegarão antes de nós e trabalharão em conjunto. Vão preparar nossa hospedagem e providenciar tudo que precisamos.

— Duvido muito que seja em um hotel cinco estrelas — zombei,

sabendo que provavelmente acabaríamos em um prédio abandonado ou algo do tipo, fora dos radares da *Serdts Drakona*.

O Don esboçou um breve sorriso irônico ao tocar minhas pernas e massageá-las lentamente.

— Não espere chocolates sobre o travesseiro, *bambina*.

•

Despertei na cama da suíte, ao lado de Susan que ainda dormia, e nem me lembrava como eu tinha ido parar lá. Não queria ter dormido, mas talvez eu tenha desmaiado de exaustão na cabine e Pietro me trouxera para o quarto. Espreguicei-me sem pressa e levantei sem fazer barulho para não acordar minha amiga.

Do lado de fora, todos estavam acordados e preparados para a ação. Pelas janelas, notei que já estava de noite e provavelmente tínhamos entrado em território russo.

Meu pai estava sentado, sem precisar de nenhum aparelho de oxigênio, com uma expressão muito melhor do que quando embarcamos no avião. Dante estava ao lado dele e os dois conversavam de forma animada.

— Pode acordar a Susan, *bambina*. — Os braços fortes de Pietro me cercaram por trás e senti seu corpo cobrir o meu. — Vamos pousar em dez minutos.

Eu me virei dentro do abraço dele e fiquei nas pontas dos pés para tocar seus lábios.

— Conseguiu descansar um pouco? — perguntou ele, alisando minha sobrancelha.

— Hum, teria sido melhor se tivesse descansado com você do meu lado na cama... — brinquei, roçando a ponta do meu nariz em seu queixo. — Não

é a mesma coisa dormir sem meu Don.

Eu ia me soltar dele quando vi o movimento atrás de Pietro e Susan sorriu para mim, ainda com cara de sono. Acenei para ela e olhei para meu marido, piscando para ele de forma sensual.

— Minha querida amiga acabou de desocupar o quarto. O que você acha de irmos até lá rapidinho?

Pietro gargalhou, apertando os braços em minha cintura e tirando meus pés do chão.

— Nunca imaginei que depois que perdesse a virgindade você ficaria tão safada.

— Não chame sua esposa de safada! — reclamei, alisando seus ombros. — Isso é muito feio.

Ele me puxou mais para cima até que eu conseguisse sentir sua boca roçar em minha orelha e, bem, sentia também os belos vinte e um centímetros querendo acordar.

— Não é nada feio, é excitante, mas não vamos transar aqui — avisou. — Guarde esse fogo para mais tarde.

Estremeci e meu corpo inteiro ficou arrepiado quando a língua de Pietro tocou muito delicadamente o lóbulo da minha orelha, como se quisesse dar uma breve demonstração do que gostaria de fazer comigo. Respirei fundo e fechei os olhos por alguns segundos quando ele me colocou no chão, até que meus batimentos cardíacos normalizassem.

Então, depois que o Don se afastou para fazer uma visita à cabine de comando, eu aproveitei para conferir como meu pai estava e me sentei com ele, Susan e Dante.

— Por que está tão vermelha? — Don Negri perguntou, franzindo a testa enquanto observava meu rosto.

— Porque estava ouvindo e falando sacanagens — Susan respondeu

por mim, rindo, e a fuzilei com um olhar severo.

— Ah, não, por favor, pode parar. — Meu pai virou o rosto para o outro lado, como se não quisesse me encarar, e abanou a mão. — Já me arrependi de perguntar.

Dei de ombros, afinal, eu não estava reclamando do clima estranho que vinha percebendo entre ele e Susan, portanto, ninguém podia se meter com a minha vida e minha intimidade. Eu era casada e tinha todo o direito de praticar putaria.

Colocamos os cintos quando fomos avisados que a aeronave estava se preparando para o pouso e torci para que Carlo estivesse esperando por nós com agasalhos bem quentinhos. Tínhamos saído muito despreparados e encontraríamos na Rússia um daqueles invernos bem rigorosos.



GIOVANNA

Graças a Deus, a primeira pessoa que vi assim que descí as escadas do avião foi meu querido *consigliere*, que tinha levado alguns soldados com ele para nos receber na chegada. Foram necessários poucos segundos para que eu me sentisse congelar e logo as mãos grandes do meu amigo cobriram meus ombros com o casaco pesado que me cedeu. Enquanto eu subia o zíper, Carlo ajeitava um gorro na minha cabeça.

— Bem-vinda a essa merda de país — resmungou, parecendo mesmo muito irritado e eu nem o culpava, pois nossa Itália era sempre maravilhosa.

— Fez um bom voo?

Eu o abracei demoradamente, tentando aplacar a saudade que sentia de casa e de minha família, como se o contato com ele também pudesse me doar um pouco da presença de Giulia e Elora.

— Dessa vez não teve sequestro e também não caímos no oceano, como sempre fico com medo que aconteça — respondi. — Então, acho que foi bom sim.

Todos nós recebemos agasalhos antes de entrarmos nos carros, já que saímos um pouco despreparados para enfrentar esse inverno muito mais rigoroso que o de Nova York. Quando começamos a percorrer as ruas de Moscou, lembrei da última vez em que estive ali, um momento não muito agradável ao ter que resgatar Pietro.

Virei o rosto para observá-lo conversando baixinho com Carlo, e toquei em sua perna para sentir sua presença. Morria de medo que algo acontecesse a ele, pois sabia que uma pessoa que ocupava o posto de Don não costumava reinar por muito tempo. Com isso em mente, tinha decidido não esperar muito tempo mais para começar a pensar em filhos. Nem era tanto pela idade de Pietro. Havia sim uma diferença enorme entre nós, mas não significava que ele já estava muito velho. Eu é que era muito mais nova. Pensando nisso, entendi que assim como eu gostaria de ter uma parte do meu marido comigo, caso o destino o levasse de forma precoce, também desejava deixar para trás o meu legado se algo me acontecesse no futuro.

Virei a cabeça para minha amiga, sentada no banco de trás da SUV enorme, ao lado do meu pai. Os olhos escuros de Susan estavam bem abertos e ela mais parecia um passarinho perdido, o que me fazia sentir uma culpa enorme.

— Quando chegarmos, você vai poder descansar — prometi, esperando mantê-la de fora das confusões que nos aguardavam. — E depois que isso

tudo acabar, vamos para a Itália, relaxar como merecemos.

— Tudo bem, Gio. — Ela sorriu e esticou a mão para tocar a minha. — Eu estou bem, não fique preocupada comigo. Não sei se terei um emprego quando retornar aos Estados Unidos, mas ei! Quem se importa? — Meu pai virou o rosto para ela, com a testa franzida. — Não é todo dia que a gente se mete em acertos de contas de máfias! Eu atraí tudo isso para minha vida no instante em que decidi assistir aqueles filmes. O universo conspira para nos dar o que a gente pede. Porém, de uma forma muito estranha.

Meu Deus! Deixando as teorias malucas de lado, notei um grande erro meu. Eu sequer tinha parado para pensar no que aconteceria com o trabalho de Susan. Era quase óbvio que ela seria demitida com sucesso, afinal de contas, não tínhamos cruzado o Atlântico para resolver tudo antes do almoço e voltarmos às nossas rotinas no dia seguinte. Quisera eu que acontecesse tão rápido e fácil assim, mas era melhor manter os pés no chão e ser mais realista.

— Sabe, estou verdadeiramente ansiosa para ver Don Negri usando uma arma — Susan parecia ronronar enquanto lançava ao meu pai um olhar meigo. — Deve ficar tão *sexy*...

Voltei a me virar para frente, deixando que meu pai enfrentasse aquele problema sozinho. Deitei a cabeça no ombro do meu marido e foquei os olhos na paisagem coberta por neve que dava uma aparência monocromática à cidade.

Dirigimos por quase meia hora até nos afastarmos do centro de Moscou e começarmos a passar por ruas surpreendentemente residenciais. Adentramos uma pequena estrada que lembrava uma área mais rural, com casas de aparência modestas, rodeadas por pequenas cercas de madeira, até que o carro desacelerou e parou no final dessa rua, sem saída.

Nossos homens se espalharam por aquele terreno com três residências e

quando entrei numa das casas, percebi que ela era maior do que parecia ser, além de aconchegante. Logo senti que o aquecedor funcionava perfeitamente e me liberei daquelas camadas de roupa, sentindo-me ansiosa para a ação.

— Finalmente! — Um homem com o cabelo cheio de gel e um terno perfeitamente alinhado se aproximou de meu pai, apertando o ombro dele. — Separei um quarto caso queira descansar e...

— Eu acabei de chegar, Luca! Não me mande dormir porque o mandarei à merda.

Luca, o *consigliere* de meu pai, fez uma careta e soltou um suspiro antes de lançar os olhos na minha direção e me dar um sorriso forçado. Não é que ele não gostasse de mim, mas eu sabia que se sentia ameaçado com minha futura ascensão, além de achar absurdo que uma mulher pudesse comandar sua preciosa *Dita di Ferro*.

Senti alguém me tocar nas costas e Carlo parou ao meu lado, sorrindo para ninguém em especial.

— Luca tem razão, separamos os quartos dessa casa para vocês. O restante de nós pode se espalhar pelas outras. — Ele inclinou a cabeça e me olhou de um jeito provocante. — Se quiser subir com Susan e colocar as pernas um pouco para cima, tirar um tempo para uma conversa de amigas...

— Ah, sim! Você amaria que eu ficasse de fora, né bonitão? — Dei um tapinha leve no rosto dele e depois mostrei meu dedo do meio. — Quero matar alguns russos, vim com sede de sangue.

— Não custava tentar...

— Mas, minha amiga precisa de um pouco de atenção sim — declarei, marchando até Susan, que tinha se sentado na pontinha de um sofá com cara de antiguidade e observava atônita ao movimento. — Vem comigo.

Puxei-a pela mão e segui na direção das escadas, imaginando que os quartos ficassem no andar superior. Entrei com ela no primeiro que encontrei,

com duas camas de solteiro e um armário velho e grande.

— Não sei o que vai acontecer, mas pode aproveitar as próximas horas para descansar e se desintoxicar um pouco dos nossos assuntos sobre mortes, armadilhas, modelos de armas... — falei, parando no meio do quarto com as mãos na cintura e encarando minha amiga.

— Onde o Don Negri vai ficar? Eu me sentiria mais segura se soubesse que ele está por perto.

Susan bateu os cílios para mim como se eu precisasse ser enrolada com aquela desculpa esfarrapada. Suspirei e a puxei para sentar em uma das camas, apoiando minhas mãos em seus ombros e a olhando com seriedade.

— Certo, eu realmente não me incomodo com isso, sabe? — frisei. — Não reagiria como o Pietro fez quando descobriu sobre Carlo e minha sogra, mas preciso saber se você está mesmo falando sério quando diz essas coisas. Meu pai está doente, Susan. Você tem consciência disso e entende o que isso implica?

— Ele não está morto, Gio. Eu entendo sim que a doença dele não tem cura, mas Domenico ainda é um homem muito enérgico e ativo. Qual o problema?

— O problema é que ele não quer se relacionar. Não quero que você se machuque porque meu pai não é a pessoa mais carinhosa que conheço.

Ela riu como se digerisse alguma piada que não tinha chegado a mim.

— Ah, eu sei, ele se faz de durão. Mas nós nos beijamos um pouco antes da explosão e... ele mostrou como é duro mesmo.

Meu cérebro talvez tenha entrado em curto-circuito com a informação sobre o beijo, pois eu custei a acreditar que algo pudesse mesmo acontecer entre aqueles dois. Na minha mente, Don Negri era um homem completamente inacessível e fazia de forma proposital, repelindo quem tentava se aproximar de sua casca grossa.

— Não acredito! — Tapei a boca, segurando uma risada. — Calma. Isso é sério?

— Muito sério — disse Susan, sorrindo e encolhendo os ombros. — Talvez eu o tenha atacado, mas quem se importa? Ele revidou muito bem. — Ela arqueou uma sobrancelha para mim. — Antes de sair correndo.

— Domenico Negri correu de você? — Minha amiga assentiu. — Não vou expô-lo, mas adoraria usar isso contra ele.

— Sabe o que penso? — Susan puxou as pernas para cima e abraçou o corpo com suas próprias mãos. — Graças a Deus ele correu de mim. Don Negri ter se escondido no quarto e me deixado sozinha desencadeou uma série de outras ações que me levaram para o outro apartamento, depois o fizeram ir me procurar.

Eu compreendia a que Susan estava se referindo. Se meu pai tivesse correspondido às investidas dela da forma como a garota desejava, eles ainda estariam no nosso apartamento quando a explosão ocorreu. E então, nenhum dos dois estaria vivo.

Inspirei profundamente, emocionada, pensando em como o destino agia de forma sorrateira em nossas vidas. Fiz uma prece rápida, agradecendo por essas intervenções divinas e abracei Susan.

— Vou torcer para que ele não corra da próxima vez — murmurei e rimos juntas antes que eu me levantasse para voltar ao andar inferior.

Sentia falta de toda aquela coisa de conversa de garotas, mas tinha algo muito importante para ser resolvido e sabia que se não forcesse minha presença, os homens me deixariam de fora de toda a diversão. Quando cheguei na sala, como já imaginava, Pietro, Carlo, meu pai e Luca se concentravam ao redor de uma mesa, traçando estratégias sem esperar por mim.

— Sabemos que Yuri Vitzin é o atual líder da *Serdse Drakona*, mas

para chegarmos a ele, primeiro temos que pegar Dimitri Bortnik — explicou Carlo, mexendo na tela de um *tablet* sobre a mesa e mostrando a foto do homem de quem ele estava falando. — É o vice de Yuri.

— Por que não ir direto a quem mais interessa? — questionei, sem saber o que já tinha sido dito antes da minha chegada.

— O título de maior do mundo vem acompanhado de mais inimigos também — disse Luca, virando-se para mim. — O que torna a *Serdtse Drakona* difícil de rastrear é o fato de que seu líder não tem endereço fixo. Eles mantêm pontos exclusivos de residência pelo país e ficam alternando esses locais. Yuri pode estar hoje em Moscou e amanhã em... sei lá... Yakutsk.

— Yakutsk? — repeti enquanto meu cérebro enviava uma informação importante que me fez sentir o coração acelerar.

— É uma região da Sibéria Oriental — respondeu Luca, com certeza doido para dar uma reviradinha de olhos, mas eu sabia que ele nunca faria isso. — Talvez seja interessante aprender um pouco de Geografia antes de assumir a *Dita*.

Sorri, dando alguns passos até parar bem diante dele. Queria fazer aquela coisa de confrontar e encostar nariz com nariz, mas eu não estava usando saltos e minha altura não permitia que eu me equiparasse ao idiota que era uns vinte centímetros mais alto.

— Quando eu comandar a *Dita*, estarei muito ocupada lidando com homens de meia-idade que nunca souberam o que é dever obediência a uma mulher, e precisarão aprender a qualquer custo. Deixarei essa parte teórica para meu *consiglieri* — comentei, alisando a lapela do terno italiano, então voltando meus olhos para cima e o encarando — que não será você.

Babaca. Eu conhecia Yakutsk muito bem. Ou melhor, já tinha lido sobre, justamente na série que eu adorava sobre vampiros. De repente, eu me

flagrei viajando nas minhas lembranças literárias e imaginando um Klaus^[8] como parceiro de negócios, piscando e dizimando logo toda a *Serdtsse Drakona*. Fala sério, uma garota pode sonhar!

— No que está pensando? — Pietro murmurou ao parar do meu lado.

— Ninguém. Quer dizer, em nada.

Flagrei Carlo escondendo um sorriso ao desviar o olhar e se concentrar no *tablet* que ainda mostrava a foto do tal Dimitri. Ele também mexeu no aparelho e tirou a imagem do foco, abrindo uma outra, que mostrava um edifício.

— Quando descobrimos a movimentação de Yuri, fomos atrás de quem estivesse mais próximo dele. Foram os informantes da *Dita* que descobriram uma rotina interessante de Dimitri, que o deixa bastante vulnerável. — Carlo deu *zoom* na foto. — O respeitável senhor Bortnik se reúne com amigos todas as noites de quarta e quinta para jogar e foder prostitutas, neste endereço.

— É onde funciona um restaurante — complementou Luca, cruzando os braços. — A segurança é pesada, mas nada com o que não possamos lidar.

— Dimitri Bortnik é a melhor forma de termos acesso à Yuri. — Carlo bateu com o punho fechado na mesa. — Mas precisamos dele vivo.

Pietro respirou fundo e puxou uma das cadeiras para se sentar. Notei que ele estava tenso, parecia preocupado com um vinco no meio da testa, levando uma mão até a nuca. Sentei-me sobre sua perna e deixei que meus dedos deslizassem pelo seu pescoço.

— O que foi? — perguntei.

— Só não acho que tudo será tão fácil. Não se chega à posição dele sendo frouxo, o homem não vai delatar seu líder máximo assim, a troco de nada.

— Tortura é nada?

— Aprendemos a lidar com isso, *bambina* — disse ele, esboçando um

sorriso.

Assenti, ele tinha razão. A maioria desses homens compreendia que em algum momento da vida poderiam ser pegos e torturados. O próprio Pietro passou por uma situação lamentável e aqui estava, vivo e muito bem. Sorri de volta para ele, ciente de que eu também resistiria a qualquer tortura, principalmente se fosse para proteger a quem amasse.

Levantei a cabeça, piscando rápido e procurando os olhos de Carlo.

— Descobriram se Dimitri possui família? — questionei.

— Sim — disse o nosso *consiglieri* —, mas...

— Peguem a família.

O olhar dele se tornou agitado e sua mão foi ao pescoço, não parecia feliz.

— Sobre isso, a família dele são duas filhas, uma de nove e outra de dois anos.

Pensei em quanta coisa eu já tinha vivido desde que me juntei à Pietro e no quanto a Giovanna de um ano atrás tinha mudado. A menina boba que eu fui teria descartado a ideia, mas não a mulher que me tornei. Portanto, eu me levantei e apoiei as duas mãos na mesa, mantendo meu olhar preso ao de Carlo.

— Peguem — repeti, dessa vez pausadamente, sem piscar. — A. Família.

Notei o vislumbre de um sorriso irradiando no rosto de meu pai e virei para encará-lo. O Don tinha as sobrancelhas arqueadas para mim, mas não parecia em nada chocado como Carlo parecia estar.

— Crianças? — perguntou. — Está certa disso? Nem eu sou tão...

— Eu não estou dizendo que vamos matar crianças! — Revirei meus olhos e cruzei os braços. — Mas Dimitri não precisa saber disso e acho que será um ótimo incentivo para nosso objetivo.

— Envolver crianças, eu também não sei se...

— Eles mataram o seu irmão, Pietro! — exaltei-me com aquele bando de homem sem noção. — E eu não acredito que teriam clemência com qualquer criança nossa. Não vamos matar crianças, pelo amor de Deus.

— Sou a favor dessa ideia — disse Luca e o fato de logo ele concordar comigo já me deixou um pouco frustrada com a hipótese. — Seria um ótimo recado para Dimitri, caso ele não aceite cooperar por vontade própria.

Meu marido tinha se levantado novamente e eu me virei para ele, dando as costas para o restante, de forma que nos concentrássemos somente em nós mesmos. Pietro era um homem bom, eu não tinha a menor dúvida disso. Era um assassino de inimigos, não era tão impiedoso a ponto de colocar vidas de crianças em perigo. Mas eu precisava forçar um pouquinho a barra para que saíssemos daquela inércia, pois não aguentava mais ver a corda arrebentar sempre para o nosso lado, enquanto os russos filhos das putas comemoravam cada ataque bem-sucedido.

— Falo pela *Dita* e minha decisão é essa — declarei, encarando seus olhos. — Qual a sua, Don?

— Elas não podem sofrer um único arranhão.

— Serão bem cuidadas — garanti, porque eu não pretendia me transformar em assassina infantil.

Os olhos azuis que eu amava se desviaram na direção de Carlo, e Pietro demorou um pouco para esboçar reação, mas então assentiu, da forma discreta como somente um homem muito poderoso conseguia fazer e ser compreendido.

— Vamos pensar na melhor abordagem — ouvi a voz de Luca em algum lugar. — Obviamente há segurança na residência de Dimitri, mas a equipe se divide quando ele sai à noite. O ideal seria invadir a casa apenas quando já estivermos com o homem, para que ele não seja informado de nada

antes de agirmos.

— Finalmente concordamos em alguma coisa. — Sorri para o *consiglieri* da Dita e dei um tapa forte no ombro dele. — Será que alguém pode arranjar roupas decentes para que eu participe da parte boa com vocês? Não vim até a Rússia para brincar de casinha e gostaria muito que separassem para mim uma arma bem potente.

— Acredito que seja impróprio para uma dama, principalmente sendo a...

— Então que ótimo que não seja você a dar a última palavra, não é? — Sorri ao interromper a fala dele. — Carlo, podemos conversar a sós?

Saí da sala antes que me irritasse ainda mais com Luca e senti que estava sendo seguida pelo meu amigo. Paramos diante de uma janela que dava para uma vista do campo coberto de branco, invadido pelos nossos carros pretos. As outras duas casas ficavam a uns cem metros de distância e alguns dos nossos soldados ainda se movimentavam de um lugar para o outro, carregando armamentos pesados.

— Você está bem afiada — o *consiglieri* comentou num tom de voz que demonstrava estar se divertindo. — Luca não tem a menor chance.

— Ele não me suporta e a recíproca é verdadeira.

— O homem sabe que você não vai a lugar algum. De qualquer forma, gosto do seu posicionamento firme, fico até orgulhoso.

— É mesmo?

Levantei meu rosto e sorri para ele, que sorriu de volta e encolheu os ombros. Isso uns segundos antes de sua mão pesada pousar no topo da minha cabeça e bagunçar meus cabelos como se eu fosse uma menina de dez anos.

— Claro que sim. Só de pensar que você era uma garotinha chata e rebelde, um pé no saco...

— Isso não foi um elogio, Carlo.

— Eu prometi um a você? — Estreitei meus olhos e ele gargalhou, cruzando os braços e batendo com o ombro no meu. — Também sei fazer piadinha, viu só? Sabe muito bem o que penso de você e farei o possível para vê-la passar por cima dos imbecis da *Dita di Ferro*.

— Esse é o seu jeito de dizer que me ama? — perguntei, virando-me de frente e apertando o rosto dele. — Eu também amo você, coroa. Agora, uma coisa importante. Não sabemos o que vai acontecer esta noite e queria cuidar do transporte de Susan para a Itália, caso...

— Algo dê errado — completou Carlo. — Não acho que Domenico deva ir conosco. Além do seu problema de saúde, ele passou pelo incêndio há algumas horas. Deveria ficar com Susan e alguns soldados.

— Sabe que meu pai não vai aceitar isso.

— Ele pode nos atrasar, Gio.

— Sei disso, mas vou conversar com ele. A doença o deixa fragilizado, mas é Domenico Negri de quem está falando. Ele nunca colocaria uma operação em risco se não se sentisse à altura dela. Prefiro que pense numa forma de Susan sair do país em segurança, sem a gente, se for preciso.

— Farei isso.

Claro que todos nós estávamos confiantes, mas ninguém era arrogante a ponto de achar que exalávamos invencibilidade. Tudo podia acontecer. Pietro já esteve nas mãos da *Serdtsse Drakona* e era terrível pensar na possibilidade de não termos êxito. Portanto, antes de sair para colocar o plano em ação, minha responsabilidade era pensar em minha amiga e na segurança dela. De resto, bem, nós estaríamos preparados para o que acontecesse.



GIOVANNA

Confesso que era um pouco complicado manter a concentração no plano enquanto sentia a ponta do meu nariz ficar cada vez mais dormente pela temperatura muitos graus abaixo de zero. Talvez não tenha sido o momento mais propício para desembarcar em território russo, visto que a diversão daqueles homens no inverno era pular em lagos congelados para dar um pico de adrenalina, enquanto eu só conseguia pensar na minha casinha lá na Itália, tão aconchegante, aquele clima ameno que possibilitava um delicioso banho de piscina acompanhada do meu marido dono de um pau

enorme.

— Você está concentrada, Gio? — perguntou Pietro, arrancando-me das águas azuis cristalinas e me obrigando a voltar à realidade nua e crua.

— Claro que sim — respondi, encarando os soldados.

Estávamos todos prontos para nos dividirmos pelos carros e colocar o plano em prática. O alvo era o restaurante que ficava numa região mais nobre de Moscou e que servia de fachada para as festinhas sujas do tal Dimitri. Pelo horário tardio, não corríamos o risco de colocar vidas civis no meio da confusão e teríamos mais privacidade para orquestrar o ataque.

Não foi fácil convencer meu pai a não participar da ação para dar uma de babá da minha amiga, mas eu pedi que Susan fosse bastante chantagista e insistisse para que ele a fizesse companhia, pois ainda estava muito abalada com tudo. De toda forma, não era apenas uma desculpa para deixá-lo fora de perigo. Eu precisava mesmo que minha amiga estivesse em segurança e sabia que ninguém melhor que Domenico Negri para cuidar dela. Confiava minha vida e as das pessoas que eu amava àquele homem.

— Dimitri deve permanecer vivo! — Pietro gritou a ordem bem ao meu lado quando abriu a porta para que eu entrasse no veículo. — Tomem o máximo de cuidado para não acertá-lo fatalmente!

E com isso ele também aproveitou para me lançar um olhar de aviso, considerando que minha pontaria não era das melhores.

Levei minhas mãos enluvadas ao rosto quando entrei no carro, tentando me aquecer um pouco mais. Não estávamos usando a proteção correta porque precisávamos ter mobilidade completa para manusearmos as armas, portanto, eu realmente me sentia a ponto de congelar. Encarei meu marido que estava sério e concentrado, perguntando-me se ele não estava sentindo o mesmo frio que eu, mas provavelmente nem ligasse.

— Preciso repetir e implorar para que não saia de perto de mim? —

perguntou ao virar o rosto e me observar com seu olhar afiado.

— Quem você acha que estará lá protegendo sua bunda?

— Você? — Ele abriu um sorriso divertido quando assenti e fechei os olhos ao ser tocada na bochecha por sua luva. — Amor da minha vida. Minha *principessa*.

Enterrei meu rosto no casaco dele e senti seus braços ao meu redor. Eu o amava muito também, mas naquele momento estava tentando unir o útil ao agradável e roubar um pouco da sua temperatura corporal.

— Quando tudo isso acabar, podemos ir para algum lugar quentinho e com muito sol, para fazermos bebês? — pedi, quase ronronando. — Acredito que a sua Luna vá gostar mais do verão.

O corpo de Pietro estremeceu com a risada dele e eu nem liguei de estarmos na presença de outras pessoas dentro do carro. Levantei o rosto e me endireitei para lançar um olhar sensual ao meu marido, enquanto ele passava a ponta da língua pelo lábio e fazia minha calcinha molhar.

— Sabe que eu nunca tentaria impor um nome, não é? — disse ele, tocando minha sobrancelha. — Não existe Luna, vai existir o que nós dois escolhermos quando chegar a hora. Até porque pode ser um menino e eu vou amar de qualquer forma.

Nossa atenção foi dispersada pelas vozes nos rádios e a informação da proximidade do local que atacaríamos. Ocupei-me de respirar fundo e controlar a aceleração que sentia dentro do meu peito, a mesma sensação que surgia sempre que eu estava para entrar em uma situação de pura adrenalina.

Estávamos em oito veículos e visto que o edifício ficava situado numa região muito aberta e exposta, assim que parássemos na porta do local, não teríamos tempo para pensar em mais nada. Era preciso descer do carro já em modo de ataque.

Alisei o cano do fuzil que descansava em pé entre minhas pernas e

respirei fundo, seguindo o olhar de Pietro e observando a aproximação pela janela. Nosso automóvel era o terceiro e quando o freio foi acionado, fazendo os pneus cantarem, o tiroteio já estava acontecendo e os homens que guardavam a entrada do edifício tinham sido surpreendidos.

Saltei do carro logo atrás de meu marido e acomodei a arma da melhor forma possível em minhas mãos, o dedo à espera da primeira oportunidade.

— Cubram os fundos! — Carlo gritou enquanto balançava a mão para o alto, indicando uma determinada direção. — Procurem qualquer outra saída e isolem a área!

Nossos soldados se dividiram em três grupos e um deles, que permaneceu conosco, correu até as portas de entrada. Não dei nem quatro passos antes que elas fossem abertas e dessem passagem para mais russos de plantão, que deram início à nova troca de tiros. Meu coração quase saiu pela boca quando percebi que Pietro corria sem se preocupar com nada, o corpo ereto, a metralhadora em sua mão fazendo estrago pelo caminho enquanto eu colava em suas costas.

Foi impossível não relembrar dos momentos do outro ano, do resgate do Don e toda aquela confusão de tiroteio. Eu ainda não sabia muito bem o que estava fazendo e nem para onde deveria mirar, lembro que até matei um dos nossos homens na época. Dessa vez, tinha um pouco mais de experiência, mas continuava sendo um desafio ter a mesma velocidade de raciocínio que os soldados treinados possuíam para um confronto desse tipo.

Invadimos o prédio sem evitar sofrer baixas, mas pelos comunicadores soubemos que a equipe dos fundos teve maior sucesso. Passamos com pressa pela área onde funcionava o restaurante e me virei no segundo em que um russo surgiu por uma porta lateral. Meu dedo pressionou o gatilho automaticamente e o atingi num piscar de olhos, mantendo o ritmo atrás de Pietro e notando que estava sendo escoltada por Dante. Ele me irritava,

achando que eu precisava mesmo de sua proteção.

Do lado de dentro, já era possível ouvir o novo tiroteio que acontecia no fim do corredor que estávamos acessando. Vimos quando Carlo, que tinha guiado o outro grupo, surgiu mais à frente e invadiu antes de nós as portas duplas que se abriram ao mesmo tempo.

Mal tive tempo de raciocinar antes de Pietro me empurrar contra a parede e eu sentir uma ardência no braço esquerdo. Baixei meu rosto num ato de reflexo e vi o rombo nas várias camadas de roupa, enquanto Dante me virava de costas e tocava em mim me fazendo querer gritar de dor.

— Foi de raspão! — gritou ele, mas não para mim, como se eu não fosse a pessoa mais interessada em receber a informação.

Troquei olhares com meu marido, que parecia receoso com minha situação, mas não deixei que ele tivesse tempo de pensar muito e me mandar de volta para o carro. Puxei o braço que Dante ainda segurava, engolindo a dor pela queimação que me dominava, e corri na direção de onde a ação toda acontecia.

— Giovanna! — ignorei o chamado do Don e mirei o fuzil à frente, atirando ao redor enquanto adentrava o cômodo e observava rajadas serem disparadas para todos os lados.

Eu estava usando a porcaria de um colete, então, desde que não recebesse uma bala no meio da testa, sairia viva dali.

— Eu estou bem — tranquilizei-o quando vi Pietro cruzar meu caminho e me lançar um olhar de raiva. — Não é como se estivesse fazendo o serviço sujo.

Não mesmo. Todos os nossos soldados já estavam lá dentro e o rastro de sangue e vísceras podia ser visto pelo chão onde pisávamos. Pietro, inclusive, estaria justamente onde a ação principal se desenrolava, se não tivesse decidido ser minha babá.

Ele passou o braço pelo rosto, enxugando algumas gotículas vermelhas que manchavam sua pele, e se dirigiu ao espaço que devia ser a área vip do lugar, pois ficava nos fundos do cômodo e um andar acima. Vários dos nossos soldados estavam amontoados pelos degraus, dando passagem para que subíssemos, e eu não pude deixar de notar que alguns também tinha sido baleados.

— Este é Dimitri? — perguntou Pietro, ao chegar no último nível e se aproximar do homem que Carlo segurava.

O tal do russo que era o braço direito de Yuri era até bonito. Devia ter no máximo uns quarenta anos e um corpo esguio, mas estremeci quando ele mirou os olhos verdes em mim e deu um sorriso maquiavélico. Já tinha apanhado, pois seu rosto estava marcado por cortes e sangue, que saía principalmente de seu nariz.

— O que está olhando? — questionei, provocando. — Não gosta quando a caça resolve brincar de caçar um pouco?

— Levem-no! — Pietro mandou, logo após cuspir na direção dos joelhos do homem, que tocavam o chão enquanto ele era mantido imobilizado.

Um soldado enfiou o saco preto na cabeça de Dimitri e o levantou para que descesse as escadas.

— Eles não esperavam pelo ataque — disse Carlo, esfregando os nós dos dedos ensanguentados. Só então percebi que ele tinha tirado a luva e, provavelmente, era o responsável pelo estrago no rostinho bonito do russo.

— Que bom, estou cansada de só eu me foder nessa história toda.

— Foi baleada? — perguntou ele, ameaçando tocar no meu braço antes que eu recuasse porque estava doendo bastante.

— Não foi nada, só um arranhão.

— Veremos se vai se fazer de forte assim quando ver o tamanho da

ferida — zombou meu marido, passando o braço pela minha cintura. — Vamos embora, cuidar de você.

Eu realmente nunca tinha me ferido de forma grave, nem mesmo quando o meu carro explodiu com meu cunhado dentro dele. No entanto, não achava que era grande coisa. Sentia a ardência sim, porque afinal, levei um tiro e sabia que estava perdendo um pouquinho de sangue, mas apenas isso. Meus movimentos não tinham sido danificados até então.

— Dante, leve-a para o carro! — pediu Pietro e o brutamontes parou ao meu lado, aguardando por mim.

— Não estou inutilizada. Que droga é essa de me levar para qualquer lugar? E você?

— Vou contabilizar as nossas baixas — respondeu o Don, lançando um olhar ao soldado que me aguardava.

Se eu estivesse cem por cento disposta, teria oferecido resistência, mas a verdade era que a ardência estava aumentando e eu sentia meu braço ficar cada vez mais pesado. Não era idiota a ponto de fingir que estava tudo bem, porque não estava. Claro, no momento da ação, em que eu precisava estar atenta e me manter em movimento, ignorei a dor e mantive o foco no que estávamos fazendo. Mas agora realmente não precisavam de mim para mais nada, eu podia muito bem ir descansar no carro.

Passei a frente de Dante antes que o brutamontes decidisse me pegar e jogar sobre o ombro novamente e fiz o caminho para sair do edifício. Deixei de contar o número de corpos espalhados pelo local quando passei dos quinze e fiz uma prece silenciosa para os nossos soldados que foram abatidos na operação.

Entrei no veículo e tirei o casaco mais grosso, tentando me contorcer para enxergar a ferida que o projétil havia causado.

— Está muito feio? — perguntei, virando-me de lado para que Dante

olhasse.

Ele já estava arrancando um pedaço do forro do agasalho e o amarrando ao redor do meu ferimento. Trinquei os dentes e fechei os olhos por reflexo ao sentir a dor enquanto apertava o tecido com força demais.

— Você vai sobreviver — respondeu, depois de terminar o trabalho e voltar a se ajeitar no banco.

Sentei-me direito em meu lugar e vesti novamente o casaco, fixando meus olhos em cima do idiota.

— É só isso que tem para dizer? Cadê todo aquele papo de ser meu segurança e levar uma bala por mim?

— Foi de raspão, Donna — respondeu, erguendo uma sobrancelha.

— Sinal de que não é muito eficiente, não é mesmo?

— Para início de conversa, lembro que você nem me queria por perto.

— Por que você é tão irritante?

Ele riu e cruzou os braços, virando o rosto e olhando pela janela, como se tivesse encerrado o assunto. Quando tudo isso acabasse, talvez eu pudesse entrar na missão de arranjar uma namorada para Dante, pois parecia que o homem precisava de um pouco de sexo na vida.

Peguei o celular que tinha deixado dentro do carro para conferir se estava tudo bem com meu pai e Susan. Enviei uma mensagem curta para minha amiga e ela respondeu em alguns segundos, avisando que estavam nos aguardando ansiosos pelas notícias. Como era o tipo de coisa que não se devia falar por telefone, respondi apenas que logo chegaríamos e desliguei o aparelho.

Pietro abriu a porta e entrou, enquanto eu via Carlo se dirigir ao carro da frente. Meu marido apoiou a mão na minha perna e depois usou o mesmo braço para circular meus ombros e tocar por cima do meu ferimento.

— Não acredito que permiti que fosse atingida.

— A culpa não é sua — respondi, franzindo a testa ao olhar para ele. — Eu me responsabilizo por minha integridade.

Meu Don me olhou firme dentro dos olhos e esboçou um sorriso, passando os dedos delicadamente em meu rosto.

— Minha Carabina. Tão decidida e forte, tenho tanto orgulho de você.

— Podemos ir logo embora para que eu possa transar com você pelo resto da noite?

Pietro gargalhou bem na hora que o carro foi colocado em movimento e eu juro que se não tivéssemos companhia, já estaria montando o homem delicioso.

— Não será tão simples, bambina — respondeu ele, enfiando os dedos pelo meu cabelo. — Temos Dimitri para interrogar e precisamos pegar as crianças.

— Eu quero ir — declarei, porque não queria deixá-las tão assustadas quando vissem um bando de homens invadirem sua casa.

Pietro não argumentou, apenas assentiu, ciente de que não conseguiria me fazer desistir da ideia de participar. Ajeitei-me ao lado dele e encostei a cabeça em seu ombro enquanto percorríamos as ruas de Moscou.

O lugar para onde iríamos com Dimitri ficava em uma direção totalmente oposta ao terreno onde estávamos nos hospedando. Quando eu perguntei o motivo disso, Carlo explicou que não teríamos como saber de imediato se Dimitri possuía algum dispositivo que transmitisse a sua localização, portanto, era preciso nos manter longe das casas para não expormos o lugar que usaríamos para dormir durante nossa permanência em território russo.

Quando os carros pararam numa rua deserta, eu olhei em volta ao saltar. À minha esquerda ficava um terreno muito grande e murado com cerca, que servia como uma espécie de depósito de containers abandonados.

Três soldados se prontificaram a abrir uma passagem pela cerca e Dimitri foi arrancado de dentro de um dos veículos, sendo arrastado para dentro do terreno.

— Preciso ver seu ferimento antes de deixá-la ir — disse meu marido, ajudando-me a passar pelo buraco no meio dos arames e segurando minha mão.

Ele forçou um dos containers mais próximo de nós e me empurrou para dentro ao abrir a porta. Tirei rapidamente o agasalho e recebi sua ajuda para me livrar das outras peças de roupa, controlando o tremor pelo frio que me acometia.

Deixei escapar um gemido quando ele desamarrou o pano que Dante tinha colocado e fechei os olhos, respirando fundo para não transparecer que era uma garotinha boba e chorona.

— Foi um corte limpo, Gio, nada para nos preocuparmos tanto — disse ele, rasgando outro pedaço da minha roupa. — Você vai com Carlo pegar as meninas, mas quando retornar, vai me deixar cuidar disso direito.

Reprimi um gemido forte, mas Pietro o percebeu quando voltou a atar o tecido firmemente ao redor do meu braço para que continuasse inibindo o sangramento. Na verdade, eu tinha perdido muito pouco sangue, só o suficiente para sujar minhas roupas das camadas internas.

Depois de terminar a me vestir, esfreguei as mãos para me esquentar e o abracei por um segundo, fingindo que não estávamos no meio de uma operação insana.

— Amo você, marido.

— Vocês estão aí? — Ouvimos a voz de Carlo antes que seu rosto aparecesse numa fresta. — Estou indo até as crianças.

Pietro beijou minha testa antes de me soltar e piscou para mim.

— Giovanna vai com vocês — avisou ao nosso *consiglieri*, que nem

titubeou e assentiu para mim. — Tome conta dela, Carlo.

— Sempre.

— Blablabla, podemos ir logo? — perguntei, batendo no ombro de Carlo. — Vou esperar lá fora enquanto as duas moças se despedem.

Andando pelo terreno abandonado, olhei na direção para onde Dimitri tinha sido levado quando ouvi um grito carregado de fúria. Seria uma noite longa e fria.



DOMENICO

Tinha permanecido tempo demais com os olhos grudados na lareira que espantava o frio, porém, com a cabeça muito longe dali. Pensava no que devia estar acontecendo durante a captura de Dimitri e em como eu podia parecer um pai irresponsável por deixar que minha filha se envolvesse em algo tão perigoso. Necessitava de tempo com ela, para ensinar o que precisava saber sobre a *Dita*, e, principalmente, a se defender sozinha quando

fosse necessário. Ela já era dona de si, uma mulher incrível e forte, mas no fundo, era uma menina que foi obrigada a amadurecer muito rápido.

Esfreguei o rosto e me recostei no sofá desconfortável e velho, com a ansiedade me consumindo. Não era costume ficar de fora de ações daquele tipo e mesmo que eu tivesse sido convencido por Giovanna, mesmo com Susan implorando para que eu fizesse companhia a ela, ainda assim me sentia um inútil e covarde. Comecei a me arrepender minutos depois de todos eles terem saído, pensando em como fui descartado facilmente por ser considerado incapaz devido a minha doença.

Ouvi uma tábua do piso ranger e me virei para trás, flagrando a amiga de Giovanna descendo a escada e indo na direção da cozinha. Ela não me viu ali e parecia querer passar despercebida pois andava nas pontas dos pés, portanto, me deixou curioso para descobrir que merda estava aprontando.

Levantei-me em silêncio e fui até lá, abrindo a porta rapidamente para não dar tempo que disfarçasse, mas tudo que encontrei foi Susan com uma garrafa de vodca na mão e olhos arregalados.

— Eu só queria beber um pouco. Achei que estivesse dormindo.

— Seria difícil dormir com tudo que está acontecendo — respondi, cruzando os braços ao me encostar na porta. — Não com minha filha lá fora.

Susan balançou a cabeça positivamente enquanto abria e fechava portas de armários muito velhos, até encontrar alguns copos e pegar dois, colocando-os sobre a bancada.

— Você deve ter muito orgulho da Giovanna, né? Ela é incrível e tão forte... — Vi um sorriso nos lábios da menina, que falava de forma distraída, servindo a bebida. — Queria ser como ela, saber me defender melhor. Lá no incêndio, eu fui um peso morto.

— Giovanna cresceu em um cenário totalmente diferente do seu, não há como comparar. E ela já passou por situações que a obrigaram a lutar e se

defender. — Peguei o copo que Susan me ofereceu e encarei o líquido transparente. — Para ser sincero, acho que gostaria que minha filha estivesse mais preocupada com vestidos, bolsas e danceterias, do que caçando homens da máfia russa.

Virei a vodka de uma só vez, acompanhado da garota que soltou um gritinho ao ingerir a bebida e soltar o copo. Ela riu e balançou a cabeça de um lado para o outro, antes de servir mais uma dose.

— Eu não invejo nem um pouco as atuais responsabilidades da minha amiga. Quer dizer, talvez tenha sim um pouco de inveja... Do tempo que ela passa em sua companhia.

E eu pensei que todo o caos que atingira a vida da garota nas últimas quarenta e oito horas tinha sido suficiente para fazê-la desistir de se jogar em cima de mim. Passei por ela e coloquei o copo de vidro dentro da pia, declarando encerrada a conversa para não dar tanta corda a ela.

— Ah, Don Negri, não precisa fugir de mim.

— Não estou procurando por amores, menina. — Parei, esfregando o rosto antes de enfiar as mãos nos bolsos da calça e me inclinar na direção dela. — Escute, além do fato de ter idade para ser minha filha, você é de um mundo bem diferente do meu. Gosto de ser solitário, não me envolvo, não sou romântico, não tenho saco para relacionamentos, não...

— Quem falou em amor ou relações? — Ela ergueu uma sobrancelha e largou o copo. — Eu costumo fazer sexo.

Susan era como uma metralhadora apontada diretamente para mim e conseguia me surpreender pelo jeito direto de ser, sem cerimônia. Por mais que meu status e minha aparência facilitassem o interesse de mulheres por mim, não era comum que elas se atirassem com tanta naturalidade. Não aquelas que sabiam exatamente quem eu era.

Era desconcertante ser assediado de forma tão insistente por uma

mulher tão jovem e eu não esperava que ela fosse continuar com os ataques depois de tudo que aconteceu. Pelo menos, pensei que fosse ter alguns dias de sossego.

— Não acho que seja o momento mais apropriado para pensar em sexo. Você, inclusive, devia estar pensando em sua sobrevivência.

Seus dentes muito brancos ficaram em evidência com o sorriso enorme que abriu ao se aproximar de mim e ficar nas pontas dos pés para apoiar as mãos em meus ombros. Pude observar bem de perto seus olhos grandes e escuros como poças de chocolate, além da boca bem desenhada que se franziu ao formar um bico.

— Calma, Don Negri, eu não vou abusar de você — murmurou, dando um sorriso muito malicioso. — Eu não mordo, afinal. Vou voltar lá para cima e tentar dormir.

Susan baixou as mãos dos meus ombros para o peito e as afastou antes de chegar ao meu abdômen, passando por mim e saindo da cozinha. Eu me servi de mais uma dose de vodca antes de voltar para perto da lareira e conferir meu celular para saber de qualquer novidade a respeito da ação que se desenrolava em algum lugar da cidade.

Não vi os minutos passarem e percebi que estava cochilando quando senti a vibração do telefone e despertei com pressa, sentando-me ereto e tocando na tela. Tinha recebido uma mensagem de Giovanna, que contava em poucas palavras sobre a missão bem-sucedida, deixando-me bastante aliviado em saber que ela estava bem o suficiente para digitar algumas palavras direcionadas a mim.

Depois de pegarem Dimitri, o plano consistia em levar as crianças até ele para incentivar o homem a responder as perguntas com mais rapidez, portanto, ninguém voltaria tão cedo para casa. Como minhas costas estavam doloridas pelo sofá velho e desconfortável, levantei e acenei para os dois

soldados que jogavam cartas na mesa próxima a uma das janelas. Decidi subir as escadas e ocupar um dos três quartos no segundo andar, quem sabe tentar fechar os olhos por alguns minutos para me sentir um pouco mais renovado quando todos retornassem.

Ao passar pelo cômodo onde Susan estava, flagrei a garota sentada na cama, com os pés pendurados, de costas para a porta e encarando a janela. Dei uma batida na madeira e esperei que ela se virasse.

— Deveria dormir um pouco, pelo menos tentar — avisei. — Estamos passando por uma situação instável, não sabemos como será o dia seguinte.

Ela deixou de me encarar e voltou a cabeça para frente, mirando a janela.

— Eu tentei, mas não consigo pegar no sono.

— É normal que tenha ficado impressionada com a explosão. Deveria tentar relaxar um pouco e descansar.

— Não é... — Ela interrompeu a fala e vi seus ombros se moverem em um suspiro profundo.

Decidi então entrar no quarto e me aproximar, até que sentei ao lado dela na beira da cama e encarei a janela que ela tanto olhava. A única coisa que era possível visualizar àquela hora com a neve que caía, era o céu escuro.

— Eu realmente sinto muito que você tenha sido arrastada para o nosso drama, mas saiba que Giovanna não a traria se achasse que ficaria segura sem nossa proteção.

— Eu sei — murmurou, parecendo muito pensativa.

Susan encostou a cabeça em meu ombro e permaneceu em silêncio por muito tempo até que eu percebesse que acabaria dormindo sentado se não saísse logo dali. Toquei em suas costas e comecei a me levantar devagar.

— Fique aqui, Don Negri.

— Não há a menor necessidade, há outros dois quartos na casa.

— Não estou pedindo por necessidade — disse ela quando me afastei.
— É só por uma questão de companhia mesmo.

Eu sabia perfeitamente que a garota possuía dezenas de segundas intenções, mas não seria tão rude de comentar sobre isso mais uma vez. Olhei em volta e me sentei numa poltrona de encosto alto, perto da porta do quarto.

— Tente dormir, ficarei até que você adormeça.

— E depois vai ficar com o corpo todo dolorido por minha causa? — perguntou ela, levantando da cama. — Por favor, Don Negri, isso tudo é medo de se deitar ao meu lado e ser agarrado?

Não respondi, achava mais sensato não rebater para não dar corda às loucuras da garota, mas ela continuou caminhando até parar diante de mim. Então, dobrou um joelho e o colocou sobre o estofado da poltrona, subindo em meu colo e sorrindo.

— Se eu quisesse mesmo me aproveitar de você, poderia fazer isso em qualquer lugar, não somente na cama.

Susan se encolheu e apoiou o queixo em meu ombro, obrigando-me a sentir sua respiração quente em meu pescoço. Inspirei profundamente, percebendo suas mãos tocarem meu abdômen por cima da roupa, até que seus gestos cessaram.

— Eu me sinto protegida com você — sussurrou como se estivesse embalada pelo sono.

— Não deveria.

Toquei suas costas delicadamente e pude sentir sua respiração tranquila, até que me contorci um pouco para ver que estava de olhos fechados. Apoiei uma mão no braço da poltrona e me levantei com a garota no colo, levando-a para a cama e a deitando com cuidado.

— Não sou nem de longe o que você gostaria que eu fosse — disse, puxando as cobertas grossas para cima do corpo dela. — Durma um pouco.

Estarei no quarto ao lado.

Ela me lançou um olhar distante antes das pálpebras estremecerem e se fecharem. Deixei seu quarto antes que a garota resolvesse despertar e alongar meu momento ali dentro, pois também sentia que precisava de alguns minutos com o corpo esticado sobre um colchão.



GIOVANNA

A informação que tínhamos sobre a casa de Dimitri era que possuía uma guarita de segurança com dois seguranças e ele mantinha em torno de cinco homens espalhados pelo terreno da propriedade. Esses eram os fixos, além de toda a segurança que o acompanhava para onde quer que fosse.

As meninas eram cuidadas pela babá que morava na residência desde que a mãe delas falecera e minha ordem era de que a vida da mulher não fosse colocada em risco, salvo se fosse essencial para o nosso êxito.

Como era muito improvável que os homens que trabalhavam ali na

guarita soubessem quem eu era, o furgão que pegamos para a operação foi dirigido por mim. Abaixei os faróis assim que me aproximei dos portões e ao parar diante dos seguranças, desci o vidro da janela e sorri para eles.

— Mikhail Baryshnikov^[9] — falei a única coisa em russo que eu sabia pronunciar e abri um sorriso.

Eles franziram a testa quase ao mesmo tempo e eu dei de ombros, meneando a cabeça para trás, indicando para que fossem dar uma olhada na mercadoria do furgão. Os dois sacaram suas armas e se aproximaram da traseira do veículo enquanto eu observava tudo pelo espelho retrovisor, até que vi as portas do automóvel se abrirem e os russos ganharem dois buracos redondos no centro de suas testas.

Ouvi uma batida na parede de vidro que isolava a cabine do motorista do restante do carro e entendi que estava na hora de seguir em frente. Um dos nossos soldados tinha descido para se responsabilizar pela abertura dos portões eletrônicos e acenou ao me dar passagem.

A propriedade de Dimitri não era grande. O terreno era menos da metade que a mansão Greco e a casa de dois andares parecia necessitar de algumas reformas. Como a neve se acumulava por todos os lados e estava bem escuro, não dava para observar em detalhes, mas ele precisava mandar consertar as lâmpadas dos postes da entrada, pois estavam queimadas.

Mais uma batida no vidro atrás da minha cabeça e eu apertei o botão que o fez descer, sentindo a presença de Carlo.

— Há dois seguranças à nossa esquerda, logo atrás dos arbustos, já observei o movimento deles. Você vai parar bem na entrada da casa e só vai sair do furgão quando limparmos o perímetro. — Ele pigarreou. — Ouviu?

— Sim, não sou surda e você meio que está quase gritando no meu ouvido.

— É para me certificar de que não vai sair por aí querendo tomar outro

tiro.

— Eu não tive culpa de ser baleada! — reclamei, querendo pisar no freio só para dar na cara dele.

Diminuí a velocidade e circulei a rotatória para estacionar exatamente onde Carlo tinha indicado. O motor do veículo mal cessou o funcionamento e nossos soldados já estavam pulando para fora, iniciando um tiroteio que interrompia o silêncio da madrugada. Ajeitei minhas luvas e peguei a pistola que tinha deixado sobre o banco do carona no mesmo instante em que a porta do outro lado foi aberta e o nosso *consiglieri* apareceu.

— Vamos! — gritou, esticando a mão para mim.

Pulei por cima do câmbio e passei para o outro banco, saindo do carro e correndo atrás dele até a grande porta da residência. A fechadura foi arrombada com facilidade enquanto um alarme soava de forma insistente, mas não me dei tempo de pensar em nada. Corri pelas escadas à procura do quarto das crianças e a primeira pessoa que vi, foi a babá, que estava no meio do corredor, com seu rosto desenhado em uma expressão de puro pavor.

— Não vamos machucá-la — avisei, erguendo minhas mãos ao me aproximar, na intenção de passar por ela sem maiores contratempos. — Fala inglês? Italiano, talvez?

A mulher levou a mão até o peito, por dentro do roupão felpudo, quase caindo em lágrimas. Ou então foi o que ela tentou me fazer pensar, pois num piscar de olhos, a senhora de uns bons cinquenta anos tinha uma arma apontada para minha testa.

Não sabia onde estava Carlo, mas ele não poderia surpreendê-la pois a babá iria ver sua chegada. Portanto, eu era a minha única salvadora e a mulher parecia me xingar em russo. Eu senti que ela não queria de fato atirar, pois dava a impressão de estar brigando comigo e movimentava a cabeça como se me pedisse para recuar. Portanto, usei desse lapso de fraqueza e

foquei num ponto qualquer bem atrás dela, fingindo estar olhando para uma das crianças.

— Ei, gracinha... — amaciei meu tom de voz e sorri, notando a mudança de expressão no rosto da mulher com a arma em mãos.

Quando ela desviou os olhos de mim para tentar descobrir com quem eu estava falando, agarrei a mão que segurava a pistola e bati meu cotovelo direito em seu rosto, pegando-a de surpresa. Desarmando-a, apontei a minha e a dela em sua direção e respirei fundo, usando de alguns segundos para pensar na minha próxima ação. Eu não queria mesmo matar a mulher, assim como ela não quis fazer o mesmo comigo.

— Giovanna! — Ouvi a voz de Carlo, mas não ousei piscar. — O que está acontecendo?

— O que faremos com ela?

O *consiglieri* se aproximou tão rápido que eu não consegui prever o que ele faria. Então encostou o cano da pistola contra a têmpora da mulher e atirou.

— Não! — gritei. — Carlo! O que você fez?

— O que você não conseguiu fazer. — Ele me segurou pelos ombros e me virou de frente. — Não podemos deixar rastros antes de chegarmos em Yuri, sinto muito. Viemos apenas pelas crianças.

Senti meus olhos queimarem de emoção ao ter um vislumbre do corpo da babá caído aos nossos pés, com o sangue escorrendo pelo buraco enorme aberto em sua cabeça. Engoli em seco para não chorar e balancei a cabeça quando Carlo me soltou.

— Ela teve a oportunidade de me matar e não o fez — contei.

— E é por isso que ela está morta e você não. — Ele segurou meu braço e me puxou pelo corredor. — Aprenda a usar a hesitação do inimigo em seu favor. Sempre.

Eu o segui, com um gosto amargo na ponta da língua, enquanto Carlo abria porta a porta em busca do quarto das filhas de Dimitri. Até que finalmente a encontramos, a mais velha de pé, encostada num armário de onde vinha um som baixinho de choro.

— Carlo — chamei, puxando seu paletó. — Me prometa que...

— Elas estarão seguras — respondeu ao me entender e sorriu. — Não sou um monstro.

Eu passei por ele e tomei a sua frente, colocando um sorriso no rosto e me curvando um pouco para falar com a menina mais velha.

— Olá. Meu nome é Giovanna — disse, observando seu rosto assustado. — Você me entende? Fala inglês?

A criança de cabelo muito loiro meneou a cabeça afirmativamente, baixando os olhos e encarando os pés.

— Qual seu nome?

— Kira. — Ela pressionou os lábios quando um soluço foi ouvido dentro do armário. Tentava esconder a irmã.

— Que nome bonito! Kira, eu preciso que você e sua irmã venham comigo, pois vou levar vocês duas até seu papai. — Estiquei minha mão para ela. — Podemos ir?

— Onde está Olena?

Só podia ser a babá e de repente eu imaginei as duas passando pelo corredor e entrando em choque ao ver o corpo da mulher. Virei a cabeça para encarar Carlo e torci para que ele compreendesse a minha expressão. Quando o homem suspirou e saiu do quarto, decidi dar alguns minutos para que se livrasse de Olena e liberasse a passagem.

— Ela está... — Meus olhos flagraram uma fresta do armário surgir e expor olhos muito azuis. — Ela passou mal e teve que ir embora. Vou levá-las até Dimitri, mas precisamos sair o quanto antes.

A criança dentro do armário abriu as portas de uma vez e murmurou algo em russo, que fez a mais velha se virar para pegá-la no colo. Kira tentava fazer com que a pequena calasse a boca, mas isso só piorava a situação.

— Gio... — Carlo retornou com cara de poucos amigos. — Temos que ir.

Desisti de tentar fazer amizade e avancei a passos longos até tirar a menininha dos braços da irmã. O choro aumentou e Kira se desesperou, até que Carlo a pegou no colo e passou minha frente ao sair do quarto.

— Não vamos machucá-la, Kira! — gritei para tentar ser ouvida por cima dos berros da garota, que socava as costas do *consigliere*. — Acalme-se, está assustando ainda mais a sua irmã.

Ela disse algumas palavras em sua língua materna para a pequena, que eu entendi se chamar Katya, e sem que eu esperasse, meus olhos foram invadidos por dois pequenos dedos. No susto, eu gritei e quase soltei a criança, que teria levado um belo tombo da escada, mas consegui segurar firme os pequenos bracinhos enquanto piscava até dissipar a dor.

— Tudo bem? — Ouvi a voz de Carlo e seu tom preocupado.

— Quase fiquei cega, mas estou bem.

— Crianças são rápidas.

— Jura?

Entreguei a pequena para ser colocada atrás junto com Kira e dei a volta, subindo no banco do carona enquanto Carlo, dessa vez, ocupava o lado do motorista.

— Está arrependida de dar a ideia sobre as crianças? — Ele riu quando me viu esfregar os olhos.

— É claro que não. Você sabe que elas serão úteis caso Dimitri não queira falar. Ele precisa falar.

Encostei a cabeça no encosto e fechei os olhos por uns segundos porque estava sentindo-os um pouco doloridos. Durante o percurso, ficamos em silêncio e eu só conseguia tentar imaginar vários cenários de Dimitri vendo que estávamos com suas filhas. Será que ele era mesmo alguém que faria qualquer coisa por elas? Tínhamos chegado muito longe e muitas mortes aconteceram para que permanecêssemos de mãos vazias. Precisávamos encontrar Yuri o quanto antes.

•

Carlo piscou as luzes dos faróis quando nos aproximamos do terreno para onde levamos Dimitri e nossos soldados abriram caminho. Eu não estava nem um pouco ansiosa para percorrer o campo aberto do furgão até o container naquele frio de matar, em plena madrugada de um inverno russo. Já sonhava com o momento em que pisaria numa areia quente de alguma praia paradisíaca com meu marido, mas ainda levaríamos alguns dias para isso.

— Kira e... Katya, não é? — perguntei quando as portas traseiras do furgão foram abertas e encontrei as crianças encolhidas num canto.

Só então eu me dei conta de que tiramos as duas meninas de casa de repente, e elas não estavam agasalhadas de forma adequada para a nevasca. Senti-me culpada por fazer uma bebê de dois anos passar tanto frio e me virei de costas para ela, colocando a cabeça para funcionar.

— Tire-as daí de dentro — Carlo ordenou a um dos soldados e eu segurei o braço dele.

— Não. — Olhei para o *consiglieri*. — Está frio demais para elas. Vamos fazer diferente.

Puxei o celular do bolso interno do agasalho e liguei o flash, fotografando as crianças e aproveitando que estavam com expressões

assustadas em seus rostinhos.

— O que vai fazer, Carabina?

— Elas não precisam ficar aqui. Levem-nas para as casas e as deixem confortáveis.

— Não é prudente e não nos beneficiaria em nada.

Mostrei a foto no celular para Carlo e me afastei do furgão, apontando para um dos soldados e estalando meu dedo na direção dele.

— Tirem as crianças daqui — ordenei, dando as costas e enroscando meu braço no do meu *consigliere*. — Podemos afetá-lo com uma foto, você sabe disso. Não precisamos de verdade traumatizar as meninas, pois sabemos que a essa altura, Pietro já deve ter brincado bastante com o rosto de Dimitri.

— Gio, para fazer o que fazemos, não é recomendado misturar as coisas nem deixar as emoções falarem mais alto. E é exatamente o que você vem fazendo. Lá na casa, poderia ter sido morta pela babá, pois você parou para pensar.

— Eu sei que cometi um erro de julgamento ali, mas já era, não posso voltar atrás e nem preciso, pois estou viva e ela morta. Mas eu também confio muito nos meus instintos, Carlo.

Paramos na porta do container que era guardado por cinco soldados do lado de fora e eles abriram a porta de ferro enorme para que entrássemos. O som logo se propagou pelo espaço e uma risada escabrosa chegou aos meus ouvidos.

Quando nos aproximamos de onde Pietro estava, avistei um homem sentado no chão, com os braços para o alto, os pulsos acorrentados a uma barra de metal fixada em uma das paredes do container. Dimitri sangrava muito pelo nariz e pela boca, com filetes de sangue escorrendo até suas pernas dobradas. O supercílio direito já estava aberto e dificultava que ele abrisse aquele olho perfeitamente.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou Carlo, parando ao lado de meu marido.

— O homem é um comediante nato. Gosta de provocar.

— Onde estão as garotas? — Luca me olhou com interesse ao perceber que eu tinha entrado somente com Carlo.

Como falávamos em italiano entre nós, imaginei que Dimitri não compreendesse o que estávamos dizendo, portanto, respondi ao *consiglieri* da Dita.

— Foram para outro lugar, mais seguro e aquecido. — Aproximei-me do russo jogado ao chão e sorri para Luca, dessa vez, usando meu inglês. — As crianças deram trabalho.

Como eu previ, os olhos azuis me fitaram quando ele ergueu o rosto e me encarou com ódio. Seu semblante sofreu uma mudança drástica ao digerir minhas palavras e foi ótimo saber o quanto ele ficara afetado com aquilo.

— O que fizeram com minhas filhas? — questionou, cuspiendo sangue no chão aos meus pés.

Eu me agachei de frente para ele e puxei meu celular, acionando a tela e colocando a imagem em foco. Dimitri se agitou sem muito sucesso e soltou um grito apavorado.

— Malditos! Vão morrer um por um!

— Dimitri, você não está em condições de fazer ameaças — respondi. — Agora, veja bem. Sei que meu esposo fez algumas perguntas a você e creio que ele não tenha recebido as respostas que desejava. Sabe quem eu sou?

O homem riu em escárnio, mas logo endureceu a expressão.

— A puta de Pietro Greco.

Tive um vislumbre do Don avançando na nossa direção e afundando o punho cerrado na lateral da cabeça do russo, que parecia prestes a desmaiar

com o soco. Segurei com força o braço de Pietro para que ele não repetisse o ataque, pois poderíamos perder preciosos minutos ou horas se o homem apagasse.

— Dimitri — chamei, batendo palmas e puxando-o pelo cabelo para que se sentasse ereto novamente. — Acertou, sou a puta sortuda de Don Greco. Mas sabe o que mais eu sou? Donna da *Dita di Ferro*. — Abri um sorriso bem grande quando ele focou os olhos em mim. — E você sabe o que a *Dita* costuma fazer com menininhas órfãs?

Era claro que eu estava apenas blefando, pois nunca na vida eu permitiria que qualquer mulher, criança ou adulta, fosse usada enquanto eu tivesse algum controle sobre a *famiglia* calabresa.

O russo, no entanto, não me conhecia tão bem para saber que minha ameaça era vazia. Observei atentamente a pupila do olho bom dilatar e seu pomo de adão se movimentar devagar conforme pensava.

— Don Negri nunca foi um homem piedoso e estou aprendendo muita coisa com meu pai — falei, brincando com o celular em meus dedos. — Você sabe que não vai sair vivo daqui. Isso é um fato, certo? Mas você pode decidir o futuro de suas filhas. Nas mãos de um bilionário com negócios escusos que nunca será encontrado ou com algum familiar seu, que você pode indicar para nós. Elas seriam entregues em segurança e intocadas.

Pietro me segurou pelo braço e fez com que eu levantasse, puxando uma cadeira e me oferecendo para sentar. O olhar vacilante de Dimitri não deve ter passado despercebido a nenhum de nós e ele chegou a jogar a cabeça de lado, encarando-me intensamente.

— Quem me garante que cumprirão o que dizem?

— Não estou ansiosa para leiloar suas filhas — respondi e troquei um olhar com Pietro só para que o russo se sentisse mais ameaçado. — Gostaria de dar um final feliz a elas, Katya é nova demais para... Bem, você sabe o que

acontece.

— A *Soprattuto* não costuma incentivar esse tipo de atividade praticada pela *Dita di Ferro* — disse Pietro, cruzando os braços atrás das costas e se aproximando de Dimitri. — Porém, como vocês colocaram um alvo sobre a cabeça da minha esposa, decidi que a deixaria tomar a providência que achasse mais necessária.

— Então, você prefere morrer sabendo que suas filhas crescerão saudáveis e felizes ou que passarão anos e anos sendo estupradas até que seus corpos frágeis não suportem mais?

Respirei fundo para controlar a ânsia de vômito que me acometeu ao proferir aquelas palavras. Eu me sentia enjoada só de pensar em algo do tipo, só de imaginar quantas meninas passavam por aquele absurdo, assim como Elora passou.

— Elas possuem os avós maternos — disse Dimitri, quase gaguejando. — Entreguem Kira e Katya a eles.

— Farei isso — respondi, sorrindo e me levantando. — Desde que responda o que meu marido perguntar. Vou esperar no carro, rapazes. Estou congelando minha bunda aqui.

Dei um beijo no rosto do meu Don e me virei para sair, até que senti que mais alguém tinha me acompanhado para o lado de fora. Pensei se tratar de Carlo, mas quando os passos me alcançaram, a primeira coisa que olhei foram os sapatos que afundavam na neve ao meu lado e soube que não era ele.

— Você negociou muito bem lá dentro, com o Dimitri — disse Luca quando nos aproximávamos da cerca de arame que delimitava o perímetro. — Estou surpreso com a forma como lidou com tudo.

— Esperava que eu chorasse ou reclamasse de alguma unha quebrada?

— Donna — chamou ele, segurando meu braço e me obrigando a olhá-

lo. — Sei que pensa que não gosto de você, mas não é verdade. Só tenho receio de que não seja feita uma boa transição entre a saída de Don Negri e sua entrada.

— Esse é um problema só seu.

— Sim, de fato. — Ele sorriu. — Por isso acho que devemos começar de novo. Não espero que me mantenha como *consigliere* quando assumir, mas sou leal à *famiglia* e sempre estarei à disposição.

— Você sabia sobre Elora? — questionei, bem objetiva, pois seu futuro na *Dita* dependeria muito de sua resposta.

— Não no início — Luca respondeu, abrindo a porta do carro para mim e entrando logo em seguida. — Lorenzo foi o *consigliere* de Don Negri por muitos anos e agora que sei de tudo, creio que fosse um assunto discutido entre pouquíssimas pessoas.

A menção ao nome de meu tio me causou repugnância e desejei que ele estivesse vivo só para que eu tivesse o prazer de estripá-lo.

— Vou acabar com a rede de tráfico humano dentro da *Dita*, Luca — admiti, recebendo toda a atenção dele. — Você pode optar em ficar do meu lado ou contra mim.

— Não sou adepto a esse tipo de negociação. Estarei ao seu lado.

Lancei um sorriso ameno para o homem, desejando confiar em suas palavras, mas ciente de que ninguém parecia ser o que demonstrava. Palavras eram apenas isso, palavras e só o tempo me diria se Luca era um aliado ou não.



GIOVANNA

Chegamos na propriedade que estávamos ocupando por volta das cinco da manhã e mais do que nunca, eu desejava um banho quente, uma cama confortável e um aconchego gostoso com Pietro. Mas minha vontade não era prioridade, pois tínhamos que tecer o próximo plano o mais rápido possível, pois assim que o sumiço de Dimitri fosse notado, Yuri acionaria suas defesas e mudaria o planejamento de seus roteiros.

Confesso que estava bastante cansada quando me sentei no sofá da sala espaçosa e fechei os olhos, relaxando um pouco sob o efeito acolhedor do

aquecedor, mesmo que todos estivessem conversando ao meu redor.

— Quer subir um pouco? — perguntou Pietro, com os lábios roçando a pele gelada da minha bochecha. — Tente dormir enquanto estabelecemos o próximo ataque.

— E deixá-los com toda a diversão? Nem pensar.

— Bambina... — Ele se colocou de frente para mim e se agachou, apoiando as mãos em meus joelhos. — Você foi incrível essa noite, tudo bem descansar um pouco. Pode ficar tranquila que vamos deixá-la a par de tudo.

— Vou dar uma olhada em Susan e no meu pai.

Dei um pulo do sofá só para mostrar que estava bem e com energia de sobra, mas quando o Don me abraçou, alisando meus braços, não pude evitar soltar um gemido de dor. E só então nós dois nos encaramos, ambos surpresos, até que Pietro franziu a testa.

— Não acredito que esqueci seu ferimento — praguejou, passando um braço pela minha cintura e me enlaçando. — Você não vai a lugar nenhum antes de cuidarmos disso. Pretendia não me lembrar que levou um tiro?

— Claro que não! Eu também já tinha esquecido.

Ele pareceu não acreditar em mim, mas a verdade era que eu tinha mesmo deletado esse momento da minha memória. O meu esgotamento físico tinha sobrepujado a dor do ferimento e eu provavelmente só me daria conta disso, quando tirasse toda a roupa ou alguém tocasse bem em cima, como Pietro fez.

Nós subimos as escadas até o segundo andar e ele me levou pelo corredor. Abriu a primeira porta e encontrou minha amiga deitada de costas para nós, então toquei por cima de sua mão e fiz com que fechasse a porta devagar para não acordá-la. No quarto seguinte, estava meu pai, mas ao contrário de Susan, nós o encontramos sentado na cama e calçando os sapatos.

— Como foi? — perguntou ao levantar o rosto para nós. — Conseguiram a informação que precisávamos?

— Sim, deu tudo certo — meu marido respondeu antes de mim. — Giovanna levou um tiro de raspão, vou cuidar dela.

— O quê? — Don Negri estava em cima de nós num piscar de olhos e percorreu meu corpo de relance. — Você deixou que minha filha fosse baleada?

Sem responder, Pietro me puxou adiante pelo corredor até a próxima porta, mas assim que ela foi aberta, vimos Katya e Kira encolhidas na cama. Elas estavam sob a guarda de dois soldados e meu coração amoleceu um pouco ao ver o medo em seus rostinhos. Quando deixamos o depósito de contêineres uma hora antes, Pietro contou que Dimitri tinha deixado a localização dos avós das crianças e eu pretendia levá-las assim que amanhecesse direito.

Entreí no cômodo e me sentei na beira da cama, sorrindo para elas e torcendo para que ninguém tentasse furar meus olhos de novo.

— Meninas, estão com saudade dos seus avós? O que acham de fazerem uma visita a eles?

— O papai vai? — perguntou Kira.

Abri e fechei a boca sem saber o que responder, o que fez com que Katya começasse a chorar. Senti os dedos de Pietro se fecharem ao redor do meu pulso e ele me fez levantar da cama com uma expressão nada amigável.

— Você não pode querer fazer amizade com essas crianças — resmungou, puxando-me para fora do quarto, onde meu pai esperava de braços cruzados e muito interesse. — Temos que tratar de você.

— Como aconteceu isso? — perguntou o coroa. — Sua sorte é que foi de raspão, se fosse um ferimento mais grave eu juro que...

— Foi de raspão, pai — interrompi o discurso dele ao tocar seu ombro.

— Estou viva e não será agora que vocês dois vão se matar.

Nós entramos no quarto que ele estava ocupando minutos antes e eu me sentei na cama, puxando todas aquelas camadas de roupa pela cabeça. Fiquei somente com a camiseta fina e virei o rosto para olhar quando Pietro segurou meu braço. Era um corte limpo, como se tivesse rasgado minha pele com uma navalha, porém, mantendo as devidas proporções, já que a ferida devia ter uns três ou quatro centímetros de diâmetro, mesmo sendo superficial.

— Peça para chamarem o médico e o mande subir aqui — pediu meu marido ao meu pai, se referindo ao homem que fez o acompanhamento dele durante o voo e devia estar em uma das outras duas casas do terreno. — Vou ajudá-la a se limpar, mas seria interessante que ela levasse pontos.

Depois que Domenico nos deixou a sós, notei o sorriso no rosto do Don e o encarei, curiosa. Deslizei meus dedos por seus lábios, morrendo de vontade de me trancar ali dentro com ele e esquecer da vida por alguns dias.

— Você foi maravilhosa mais cedo, lá no depósito. Sabe disso, não sabe?

— Aquilo? Ah, não foi nada demais. — Ri, abanando minha mão. — Só achei que precisava fazer alguma coisa para ajudar vocês.

Pietro revirou os olhos, com o sorriso lindo ainda escancarado para mim.

— Além disso, sua preocupação e carinho com as crianças, me levam a crer que será uma mãe incrível.

Assenti e agradei a ele, mas minha mente estava ocupada digerindo suas palavras. Ainda não tinha contado para Pietro, até porque não existia tempo hábil para que fizéssemos amor com um bando de homem amontoado tudo dentro de uma casa simplória, mas eu não tinha tomado meu anticoncepcional desde que saímos dos Estados Unidos. Eu sequer levava o remédio comigo, portanto, não faria uso dele pelos dias que se seguissem.

Inicialmente, quando me dei conta de que não estava em posse de minha cartela de comprimidos, cheguei a ficar momentaneamente angustiada, mas logo relaxei. Se fosse para acontecer, então aconteceria. Eu não atrasaria mais os planos dele. Eu me sentia pronta para ser mãe? Com certeza não. Mas também não podia prever se estaria pronta em dois ou dez anos, então não havia lógica em esperar. Talvez a gente pudesse só esperar para ser surpreendido.

— Você por acaso está excitada, *bambina*? — Pisquei e voltei a atenção para Pietro, que tinha falado um monte de coisa sem que eu prestasse atenção.

— Quê?

— Estou aqui discursando sobre o quão foda minha esposa é e tudo que recebo são olhares bem intensos e proibidos para menores de idade — respondeu, achando graça naquilo. — Posso jurar que você está pensando em sexo.

— Você já se olhou no espelho? Seu rosto é excitante, essa carinha — segurei seu queixo e o apertei entre os dedos — que parece implorar para eu me sentar sobre ela e...

— Entre, doutor.

Fomos interrompidos por meu pai e pelo médico que chegaram sem avisar e senti meu rosto muito quente enquanto ainda trocava olhares com o Don. Ele manteve um sorrisinho irônico direcionado a mim quando se levantou e deu espaço para que eu fosse examinada. Colocando-se atrás de meu pai, o filho da mãe passou a ponta da língua pelo cantinho dos lábios e alisou o maxilar, enquanto me comia com os olhos.

— Na atual circunstância, não posso fazer muita coisa para evitar que fique uma cicatriz feia — disse o médico, mexendo em seu kit de sutura.

— Não me importo com a cicatriz — respondi, sem tirar os olhos do

homem mais gato que eu conhecia.

— Isso não é nada parecido com o que eu costumo ouvir da maioria das mulheres.

— Eu não sou como a maioria das mulheres que você conhece, doutor.

O homem abafou uma risadinha e balançou a cabeça para indicar que tinha entendido meu ponto e continuou mexendo nos seus acessórios. Encarei os outros machos do cômodo, ambos se portavam como os seres mais dominantes do planeta, de braços cruzados e expressões fechadas, observando atentamente tudo o que o pobre médico estava fazendo.

— Como não se preocupa com a cicatriz, acho que também não vai se importar com a ardência nem com a dor.

— Não mesmo — respondi, alheia ao que acontecia nas mãos do doutor, mais preocupada em achar graça de Domenico e Pietro. — Ahhhh, caralho!

Puxei o braço por reflexo ao sentir que estava pegando fogo e as lágrimas tomaram conta dos meus olhos conforme eu me balançava na cama. Meu pai escorregou para o colchão e sentou ao meu lado, passando um braço pela minha cintura e beijando minha cabeça.

— Alguém pode me arranjar um pano limpo? — pediu o médico filho da puta. — Isso foi necessário para desinfetar a região, Senhora Greco, sinto muito. Porém, não é pior do que a dor da sutura.

— Vou sentir dor mesmo com anestesia?

O homem me encarou em silêncio e depois desviou os olhos para meu pai, em seguida, para meu marido. Ah, não. Não, não não.

— Não tenho anestésico aqui — ele disse o óbvio.

Eu não queria acreditar que aquilo estava acontecendo. Tudo bem que eu era uma mulher forte, tinha sobrevivido a um monte de merda, mas ser costurada à sangue frio? Assistia cenas como essa nos filmes e sempre sentia

pena do pobre coitado que era furado pela agulha. E agora, eu era a pobre coitada.

Estava evitando choramingar quando Pietro voltou ao quarto com uma toalha em mãos e a ofereceu para o médico.

— O pano é para ela morder — avisou ao meu marido, olhando para mim. — Recomendo que faça isso.

Revirei os olhos, começando a ficar puta com aquele desgraçado com cara de criador de ovelhas e abri a boca para que Pietro enfiasse um pedaço da toalha enrolada. Cravei meus dentes no tecido fofo e inspirei profundamente pelo nariz, fechando os olhos com força. Era melhor mantê-los assim do que observar toda a ação que acontecia ali no meu pobre braço. Precisava ser forte. Ou melhor, eu podia ser forte. Claro que podia. Outros homens da máfia passavam por situações como aquela inúmeras vezes em suas vidas. Inclusive, eu não era a única que tinha saído ferida da missão, tampouco seria a única a levar alguns pontos.

Abri os olhos e encarei Pietro que agachou diante de mim e segurou minha mão, alisando meus dedos. Aquele homem já tinha passado por coisa muito pior que um tiro de raspão. Meu marido seria capaz de levar pontos sem anestesia no corpo inteiro enquanto fechava algum negócio de milhões de euros.

Perdi minha linha de raciocínio assim que senti algo fino e cortante atravessar minha pele e me causar um estremecimento pelo corpo inteiro. Apertei os olhos de novo e deixei minha cabeça encostar no peito do meu pai, esforçando-me para levar minha mente o mais longe dali e tentar pensar em alguma coisa boa, divertida, deliciosa...

— Hummmmm — resmunguei conforme o médico me costurava e acho que talvez tenha cravado as unhas na mão de Pietro.

— Ele já está terminando — disse meu marido com um tom de voz

bastante doce, sinal de que tentava me tranquilizar. — São poucos pontos, *amore mio*.

— Pietro, conseguiu as informações que precisávamos? — perguntou meu pai e eu quis abrir minha boca para dizer que não era hora de pensar em russos e sim na filha dele.

— Conseguimos a localização de Yuri pelos próximos dois dias, mas sobre a mulher, não recebemos nada valioso.

Voltei a encará-lo, irritada. Como assim nada valioso? Tudo aquilo tinha acontecido e nós ainda não sabíamos quem era a vadia que estava aprontando para cima de mim? Senti vontade de procurar por Dimitri e desenterrá-lo só para chutar os dentes dele.

Pietro percebeu a ira que exalava dos meus olhos, já que minha boca estava ocupada com uma toalha — que eu espero não ter sido usada por ninguém —, e apertou meus dedos como forma de consolo.

— Talvez Dimitri já estivesse alucinando ou talvez ela não tenha tanta relevância como pensamos — disse ele. — Quando perguntei sobre a tal princesa loira, ele falou um nome: Svetlana. Filha única de Yuri, que convenceu o pai a iniciar uma guerra conosco pelo simples fato de odiar você.

— Você já teve algum contato com alguma garota russa? — perguntou meu pai, olhando para mim e murmurei em negação. — Quando era mais nova, talvez? Alguma briga durante uma viagem? Você e aquele seu amigo estavam sempre juntos e ele se juntou a ela.

— Ele chamou Svetlana de deusa do vento — disse Pietro. — Alguma ideia do que isso possa significar?

Arranquei a toalha da boca no auge da irritação, porque além da dor que sentia, estava puta com aquela história ridícula de princesinha russa que me odiava.

— Pode parecer surpreendente para vocês, mas eu não vivia arranjando desafetos pelo mundo. É óbvio que eu não sei de quem se trata.

— Sendo filha de Yuri, eu já antecipo que não vamos conseguir arrancar nenhuma informação dele. — Pietro coçou a nuca, pensativo. — Eu morreria antes de entregar um filho para inimigos.

Eu estava morrendo era de dor. Choraminguei no ombro de meu pai e me concentrei apenas em respirar, até que o médico avisou que os pontos estavam dados e que em poucos dias ele os retiraria. Ainda levou alguns minutos para que fizesse um curativo em mim e se levantou, carregando sua maleta para fora do quarto.

— Sei que você é forte, mas acho que deveria descansar pelo menos meia hora, deixar o braço um pouco parado. — Assenti para Pietro, que deu um beijo no topo da minha cabeça e encarou meu pai. — Vamos descer para estudar nossas opções? Temos apenas a informação de que Yuri ficará os próximos dois dias em sua casa em São Petersburgo.

Deixei que eles fossem para o andar inferior e arrastei meu corpo dolorido até o quarto que Susan estava ocupando. Ela ainda estava deitada, mas os olhos escuros me encararam assim que abri a porta. Puxei os cobertores e me enfiei ali debaixo, apreciando a sensação de esticar as costas num colchão mais ou menos macio e me esquentar sob as mantas.

— Como foi?

— Acho que deu tudo certo, conforme o planejado. — Sorri ao virar meu rosto para ela. — E por aqui? Tudo bem? Percebi que você não arrancou nenhum pedaço do meu pai.

— Tentei, mas ele é duro na queda. Passei a maior parte do tempo tentando dormir.

— Que animado — zombei. — Eu levei um tiro e acabei de receber alguns pontos, sem anestesia.

Susan arregalou os olhos e se sentou na cama, puxando as cobertas para poder olhar meu corpo. Eu já tinha vestido um casaco, então só apontei para o braço em questão e encolhi os ombros.

— Você fala como se estivesse contando que quebrou uma unha ou teve chiclete grudado no cabelo.

— Nossa, aí eu realmente ficaria muito depressiva. — Estremeci, abraçando o travesseiro que ela tinha usado. — Não é nada fácil tirar chiclete dos fios, já tentou? Eu já passei por isso e na época, precisei cortar um palmo de comprimento. E era uma mecha que não dava para disfarçar, ela ficava bem na frente.

— Você é totalmente maluca.

Sorri, pensativa, e virei o rosto para olhar pela grande janela do quarto. O dia estava amanhecendo bem feio com toda aquela nevasca e só de pensar que em breve sairíamos novamente, sentia-me frustrada. Tínhamos que resolver essa guerra nos próximos dias para que eu pudesse manter minha sanidade.

— Sequestrei duas crianças inocentes hoje e vi um monte de gente morrer — comentei, observando a neve que caía. — Um pouco de maluquice faz bem à mente.

— E o que aconteceu com as crianças? Ai, Gio, não me diga que...

— Estão no quarto no final do corredor. — Sorri para ela. — Não foram machucadas, eram apenas um meio de conseguirmos o que queríamos.

— E conseguiram? Sabem quem é a mulher misteriosa?

— Não, infelizmente. Só sabemos que ela me odeia muito. Eles acham que é alguém do meu passado, mas pode parecer surpreendente, eu sei, só que não ficava arrumando briga por aí.

— Será que você não andou dando uns beijos em algum homem comprometido e não sabe? — perguntou Susan, zombando da minha cara. —

Já pensou se você contribuiu para o chifre de alguma vadia russa e agora ela está caçando sua cabeça linda?

Tinha certeza que não e estava prestes a responder quando me veio uma sensação estranha, algo parecido mesmo com um sexto sentido instantaneamente adquirido. Sentei-me na cama com pressa de tão sufocante que era aquele pensamento e peguei meu celular, abrindo um site de pesquisa e jogando as palavras “deusa do vento” no campo de busca.

— O que foi?

— Não estou com bom pressentimento — respondi.

Surgiram vários resultados e eu abri um site que indicava significados de nomes femininos que tinham relação com nomes de deuses. Corri os olhos por alguns e não achei nada parecido, então cliquei em outro site, um que falava especificamente sobre mitologia grega. Até existia um deus do vento, mas era um nome masculino e não tinha absolutamente nada a ver com o que estava pensando.

— Gio?

— Pensei uma coisa aqui, bobeira minha. Lembrei da Rayka e tive uma sensação ruim, sabe? Queria ver se o nome dela tinha algo a ver com mitologia.

— Você acha que a ex do Pietro fosse a russa maluca? — Susan franziu a testa. — Nossa, como chegou a essa possibilidade?

— Pelas asneiras que saíram da sua boca.

Ainda estava encarando o celular, meus dedos repousavam na tela e eu não me sentia totalmente satisfeita. Então, deletei a pesquisa que fiz e digitei outra coisa no campo de busca. As palavras “Rayka” e “significado”.

O primeiro resultado, aquele que geralmente aparecia mais em evidência, já trazia um resumo sobre o conteúdo do link e fez meu coração parar uma batida. O nome Rayka tinha origem grega e significava deusa do

vento.

Um arrepio dominou meu corpo inteiro e não tinha nada a ver com o frio que fazia do lado de fora. Larguei o aparelho na cama como se ele pudesse me queimar e levantei os olhos até encontrar os de Susan, que não estava me acompanhando.

— É Rayka — murmurei, a voz quase falhando. — A Rayka é a deusa do vento.

— Amiga, você tem certeza disso? Porque eu...

Deixei Susan falando sozinha porque não havia tempo para divagações e saí do quarto correndo como uma louca, é verdade, mas não consegui reagir de outro modo. Desci as escadas e deslizei meus pés protegidos pelas meias, no piso velho de madeira, até parar entre os homens que estavam reunidos na sala.

— Rayka! — falei, sem fôlego, mirando meus olhos sobre Pietro. — Svetlana é Rayka.

Provavelmente eu atrapalhei alguma discussão importante porque ninguém esperava minha aparição. Meu pai até me olhava espantado e Pietro parecia ter congelado os movimentos, o rosto virado para mim, mas o corpo inclinado na direção da mesa.

Aqueles que não sabiam nada sobre o assunto, permaneceram confusos, intercalando olhares entre nós dois, até que meu marido esboçou um sorriso e estreitou os olhos.

— Rayka? Estamos falando da mesma pessoa?

— Sim, Pietro — respondi. — A sua ex demoníaca.

— Não é hora para ciúmes, *carina*. — Meu pai se aproximou, me lançando um olhar que fazia eu me sentir alguma mulher sofrendo de dor de cotovelo e eu recuei, erguendo as mãos.

— Escutem, porra! É a Rayka! Joguei esse nome na internet e o

significado dele é justamente deusa do vento. Isso por si só já seria material suficiente para vocês acreditarem em mim, mas tem mais. — Virei meu corpo na direção de Pietro, que me olhava receoso. — No dia que pegaram o celular de Susan, eu saí do prédio em pânico, parei na calçada. Dante, você se lembra disso?

— Claro — respondeu o soldado.

— Lembra de alguma loira perto de mim?

— Sim. — Pietro encarou o homem, que mantinha sua postura inabalável e o queixo erguido. — Nenhuma das duas parecia feliz com o encontro.

— Rayka esbarrou em mim na calçada — falei, olhando para meu marido. — Eu sabia que tinha sido um encontro proposital, mas jurava que ela só estava tentando marcar território e infernizar minha vida, como já tinha feito.

— Por que não me contou isso?

— Porque eu não achei que fosse mais importante do que a porra da máfia russa querendo minha cabeça.

— Deixe-me ver se estou conseguindo acompanhar — Luca se meteu na conversa, com as duas mãos na cabeça. — Isso tudo está acontecendo por causa de uma ex-namorada?

— Rayka foi pesquisada assim como todas as mulheres com quem você se relacionava de forma mais recorrente... — Carlo pigarreou e encolheu os ombros. — Enfim, vamos examinar a vida dela minuciosamente.

O burburinho recomeçou como se nada demais tivesse acontecido e eu me joguei no sofá, ainda com os nervos à flor da pele, sentindo um ódio borbulhar em minhas entranhas. Quando eu colocasse minhas mãos naquela mulher, não sobraria um osso inteiro para contar história.

Fechei os olhos e joguei a cabeça para trás no encosto quando meu pai

se juntou a mim e apoiou a mão na minha perna. Sabia que ele não estava muito por dentro do passado de Pietro, portanto, queria conversar.

— Fale-me mais dessa Rayka.

— Eu vou matá-la. — A voz carregada de ódio me fez abrir os olhos e encontrar Pietro diante de nós, com as mãos nos bolsos e a cólera estampada no rosto. — Se Rayka for mesmo a responsável pela morte de Enzo.

— A mulher era tão apaixonada assim a ponto de tramar toda uma vingança envolvendo a *Serdtsse Drakona*?

Pietro parecia prestes a explodir de tanta raiva que devia estar consumindo-o por dentro. Ele saiu em direção à cozinha e eu me virei para Domenico, de modo que conseguisse colocá-lo a par rapidamente da situação que aconteceu entre nós.

— Eles dois eram amantes, Pietro sempre a procurava e acho que ela pensava que um dia se tornaria a Senhora Greco. Não sei, sinceramente, não sei. Mas quando decidimos ficar juntos e ele a dispensou, Rayka surtou. Ela inventou que estava esperando um filho dele e quando descobrimos a mentira, o Pietro foi bastante enérgico em expulsá-la das nossas vidas.

— A moça não ficou feliz, dá para notar — papai assobiou e apoiou os cotovelos nos joelhos, esfregando a cabeça. — Que loucura. Tudo isso por vingança amorosa.

— Acho que ela deve ter se sentido muito humilhada — comentei. — O Pietro invadiu a casa dela e a obrigou a permitir que colhessem o material genético para o teste de paternidade. Depois mandou que sumisse de Nova York.

— E quando Yuri assumiu a posição de líder da *Serdtsse Drakona*, ela usou o poder do pai para retaliar. — Don Negri me olhou de esguelha. — Mas o ódio dela é por você, *carina*.

— Porque se não fosse eu, provavelmente Pietro ainda estaria com ela.

Ele queria matar Rayka, mas eu... O que eu faria quando a encontrasse seria muito pior que uma simples morte.



PIETRO

Carlo e Luca trabalharam em conjunto para prepararem nossa chegada e a estadia em São Petersburgo, enquanto impus três horas de descanso para todos. Era sim imprescindível nos mantermos dentro do plano e não ultrapassar o intervalo de tempo que delimitamos para chegarmos até Yuri, mas um pouco de sono era necessário se eu quisesse ter êxito na missão.

Com isso, pude ter um momento a sós com Giovanna, usando um dos poucos quartos da casa para me deitar com ela e tentar fazê-la dormir um pouco. Estava muito estressada e não parava de xingar Rayka, além de ficar

murmurando pelos cantos tudo que pretendia fazer quando colocasse as mãos na mulher.

Eu não podia julgar minha esposa, pois meu ódio era tanto ou talvez até maior que o dela. Até então, eu nunca odiara Rayka. Tive raiva quando ela tentou me enganar com o papo sobre esperar um filho meu e desejava apenas nunca mais cruzar o caminho dela; eu não me importava com o que fazia ou deixava de fazer. Para ser bem sincero, há muito tempo eu sequer me lembrara de pensar em seu nome.

A revelação de Giovanna, a forma como ela jogou a informação em nossa cabeça, foi estrondosa para mim. Inicialmente, achei que minha mulher tinha enlouquecido ou tivesse sido acometida por ciúmes, mas quando contou sobre o encontro com a loira na porta de nosso prédio, cheguei até a sentir um arrepio na coluna. Tudo tinha ligação e agora que eu sabia disso, parecia tão óbvias as poucas pistas que conseguimos juntar desde então.

— Está chateado comigo?

Virei o rosto de lado e percebi que Giovanna não estava mais dormindo. Seus lindos olhos tão claros me fitavam com uma grande expectativa pela minha resposta e eu fiquei de frente para ela, apoiando a cabeça com uma das mãos e usando a outra, livre, para tocar seu rosto delicado.

— Nunca — respondi. — Teve seus motivos para não me contar antes e eu respeito nossa individualidade e privacidade.

— Assim você me deixa excitada...

— Você fica com tesão com muita facilidade, *bambina*. — Sorri para ela, prendendo seu lábio carnudo entre meus dedos. — Sou um homem de sorte mesmo.

A danada se sentou na cama e começou a puxar a calça pelas pernas até se livrar dela e da calcinha, deixando-me preocupado por alguns segundos ao

tentar lembrar se tinha trancado a porta do quarto. Então ela subiu em cima de mim e espalmou as mãos pequenas em meu peito, dando seu sorriso doce e ao mesmo tempo apimentado. Eu amava esse jeitinho louco de ser que somente Giovanna possuía.

— Temos tempo para uma rapidinha? — perguntou, mas começou a abrir minha calça sem esperar pela resposta.

— Para você eu sempre tenho todo o tempo do mundo.

Com uma desenvoltura surpreendente para quem tinha levado um tiro horas atrás e estava com o braço cheio de pontos, minha esposa conseguiu pegar em meu pau rápido demais, deixando-me completamente duro sem precisar de muito esforço. Eu não tinha nenhuma pretensão de transar dentro daquela casa cheia de soldados, durante um episódio tão tenso de nossas vidas, muito menos sabendo que Giovanna estava machucada. No entanto, os dedos gentis e macios que rodeavam meu comprimento e me acariciavam lentamente me deixaram pronto para a ação. Agora, eu precisava que aquela boceta quente e apertada se fechasse ao redor do meu pau e deixasse eu me enterrar bem fundo nela.

Nossos pensamentos e nossos corpos se conectavam sem que fosse preciso processar as palavras, então não demorou para que Giovanna guiasse meu membro até sua entrada e sentasse em mim devagar, com os olhos grudados nos meus.

— Que delícia, bambina — sussurrei, alisando suas coxas de pele macia, deixando que ela se acostumasse com meu tamanho.

Sempre que transávamos com ela por cima de mim, era necessário dar um tempo para que me acomodasse por inteiro em seu interior, pois eu era realmente grande. Giovanna mordiscou o lábio e jogou o cabelo grosso e pesado todo para o lado, rebolando sutilmente em meu pau.

Seus dedos fizeram pressão em meu peito conforme ela se

movimentava para cima e para baixo, e então, minha esposa gostosa se inclinou para trás, se apoiando em minhas pernas e movendo os quadris de forma tão hipnotizante, enquanto eu admirava a boceta deliciosa que me engolia por inteiro.

— Porra! — gemi e apertei a carne de suas coxas. — Vem cá, Gio.

Ela aproveitou um pouco mais, cavalgando como uma linda amazona no meu pau, bem do jeito que gostava e que a fazia se sentir poderosa. Quando endireitou o corpo e voltou a baixar o rosto para me encarar, eu me movi rapidamente e a abracei pela cintura, trazendo-a toda para mim e a imobilizando.

— Preciso ouvir seu gemido baixinho em meu ouvido — pedi, fodendo-a com estocadas rápidas e curtas, sentindo seus seios redondos pressionados contra meu peito.

— Amo você — murmurou ela, passando a ponta da língua pelo meu pescoço e me deixando ainda mais alucinado. — Amo o seu pau...

Giovanna mordeu meu ombro para evitar gemer alto quando investi contra ela com mais força. Senti que sua boceta começava a me apertar com mais intensidade enquanto minha esposa alcançava um orgasmo violento e cravava as unhas em minha carne. Ela se esfregou em meu corpo mesmo dentro do abraço que eu ainda mantinha apertado e a senti rebolar de forma sensual, lenta, até que deixou escapar um gritinho quando eu virei nossos corpos e mudei nossas posições.

Envolvi seus tornozelos finos com minhas mãos e estiquei suas pernas para o alto, abrindo-as de forma que formassem um V e me proporcionassem a visão do paraíso que era o corpo de Giovanna, todo meu.

Estoquei bem fundo, deixando de me preocupar com o som que ecoava pelo quarto quando nossos quadris se chocavam, e me concentrando unicamente nela e nos olhos que me fitavam como se só existíssemos nós

dois no mundo. A sensação inebriante do orgasmo me alcançou e me permiti apreciar por uns segundos o seu interior quente e úmido, deitando sobre o corpo dela e buscando pela boca que eu amava.

— Isso foi rápido — comentei, sorrindo junto com ela e trocando um beijo molhado. — Uma pausa deliciosa no meio de toda essa merda estressante.

— Hum... — Giovanna passou os braços ao redor do meu pescoço e fechou os olhos. — Será que fizemos um bebê?

— Isso não seria depois? Quando tirássemos umas férias?

— Não trouxe meu anticoncepcional — respondeu ela, abrindo os olhos de repente e os arregalando, debochada. — Surpresa!

— Você está falando sério?

— Estou. Esqueci de trazer o remédio comigo, mas de qualquer forma, ele explodiu junto com o apartamento, né? Então, acho que é um sinal para entregarmos tudo ao destino.

Afundi meu rosto nos seios macios e suspirei, bastante preocupado com aquela notícia. Não porque eu não desejava um filho, mas sim pela ocasião em que tudo podia acontecer.

— Você precisa tomar mais cuidado do que nunca, Gio. Não pode ficar por aí passeando no meio de um tiroteio.

— Ah, não. — Ela me empurrou e eu saí de cima de seu corpo, observando-a enquanto se sentava na cama e ajeitava o cabelo. — Pode parar. Não vou ficar trancada em casa, não comece com esse medo descabido. Gravidez não é doença e pior, a gente acabou de transar, tem muita coisa ainda para acontecer.

Eu sabia que ela tinha razão, não pretendia ser o tipo de homem que trata a mulher como um cristal intocável ou como um troféu para exibir aos amigos. Sempre quis que Giovanna tivesse tantos direitos e deveres quanto

eu e fosse o mais independente possível, porque ela era incrível do jeito que era. No entanto, a lembrança do sentimento horrível que me acometeu quando vi que ela tinha tomado um tiro não era nada agradável e eu temia que acontecesse de novo.

— Quando eu engravidar, prometo que vou redobrar meus cuidados e evitar ser tão impulsiva — disse ela, segurando meu rosto entre as mãos e encostando a testa na minha. — Mas por enquanto, eu quero fazer parte de tudo que está acontecendo. Quero ter o prazer de olhar bem nos olhos de Rayka quando a pegarmos.

— Por que algo me diz que você vai querer lidar sozinha com ela?

— Porque ela se meteu com a minha família e comigo, principalmente, só por não ter conseguido manter as mãos em suas calças. Eu não imaginava que a obsessão dela por você podia ser tão grande.

Sim, Rayka estava fazendo tudo aquilo pelo simples fato de ter sido descartada quando Giovanna entrou de vez em minha vida. O que me deixava bastante irritado, já que eu nunca escondi isso dela, sempre falei sobre minha noiva prometida com quem um dia eu teria que casar. Ela talvez tenha relaxado e se apegado demais por pensar que eu nunca levaria o casamento em consideração, mas eu não tinha nada a ver com suas expectativas.

Mas as palavras de Giovanna continuaram dançando em minha mente e eu começava a formar uma ideia que poderia mudar nossos planos.

— Não precisamos ir até Yuri — avisei, levantando-me com pressa para poder compartilhar minhas intenções com Carlo e Domenico. — O homem nunca vai delatar a filha, não é mesmo?

— Como assim?

— Rayka é obcecada por mim. Tudo isso pode ser resolvido de forma muito mais simples se mirarmos exclusivamente nela. E eu sou a isca. — Sorri para uma italianinha que me olhava com a testa franzida. — Ela não

sabe que a descobrimos, bambina. Eu posso atrai-la para um encontro casual, fazer contato para tirar satisfações sobre seu retorno à Nova York, enfim, posso usar qualquer desculpa.

Ela abriu e fechou a boca, estava mais linda do que nunca, toda descabelada, com aquela expressão plena de quem tinha acabado de gozar, e ainda exibia um vinco delicado no meio da testa, como se tentasse seguir minha linha de raciocínio.

Subi o zíper da minha calça e me inclinei, beijando a boca de Giovanna e inspirando profundamente para sentir seu perfume.

— Vista-se e me encontre lá na sala — pedi. — Vou reunir todo mundo para explicar nossos novos planos.

Nossa missão original era pegar Yuri e tentar arrancar o máximo de informação dele sobre sua filha. Tínhamos em mente que matando o líder, a princesinha não teria mais nenhum respaldo do futuro chefe da *Serdtse Drakona*, mas isso não apagava o fato de que a filha da puta continuaria viva e solta pelo mundo. Porém, Rayka não me parecia alguém que recebera treinamento específico para situações de risco e seria muito mais fácil atrair e eliminar Yuri, tendo a filha em nossas mãos, do que o contrário. De quebra, poderia eliminar dois pelo trabalho de um.

Agora, para manter as aparências e fingir que continuávamos tão às cegas quanto antes, precisaríamos voar para minha querida e adorável Itália.



GIOVANNA

— Eu só não entendi por que não podemos pegar Yuri — disse Luca, o *consigliere* da *Dita di Ferro*, aparentemente chateado pela mudança de planos.

— Porque se fizermos isso agora, a probabilidade de Rayka sumir no mundo é grande — respondeu Pietro, cruzando as pernas na cadeira diante da mesa.

Ele tinha pensado em tudo quando estávamos deitados no quarto depois de uma transa incrível e quando começou a tecer suas teorias, eu meio que

concordei com a linha de raciocínio dele. Ainda era necessário acabar com Yuri, visto que o homem na posição que ocupava, jamais assistiria a filha ser morta sem uma retaliação, mas estávamos com sede de sangue pela loira maldita.

— Já sabemos onde Yuri está e ficará até amanhã — explicou meu marido. — Destacaremos um grupo para permanecer aqui na Rússia para seguir o homem de perto.

— Podemos fazer as duas coisas ao mesmo tempo — meu pai se aproximou para dar sua opinião e achei importante ouvir o que tinha a dizer. — Se Yuri pegar um avião para se mover até o próximo endereço, perderemos ele de vista. E não podemos contar com sentimentos, Pietro. Se meu pai fosse ameaçado porque eu fui sequestrado, ele mandaria rezar uma missa e pediria por uma morte rápida para mim.

— Estamos falando da filha do homem.

— Você não sabe como é a relação deles nem conhece a índole de Yuri. Não podemos contar com o fato de que o líder da máfia mais dominante do planeta vá se ajoelhar diante de você e pedir clemência pela filha dele.

O silêncio preencheu toda a casa porque por mais que parecesse uma loucura imaginar que alguém fosse capaz de deixar a filha à mercê de sequestradores, todos sabiam que meu pai tinha um pouco de razão. A *Serdtsse Drakona* não funcionava baseada nos mesmos conceitos que a *Soprattuto*, que sempre prezava e colocava como prioridade a família. E digerindo o que Domenico tinha acabado de falar, eu não duvidava que meu avô fosse capaz de sacrificar o próprio filho em prol de poder, afinal, ele fez isso comigo, que era sua neta.

— Ainda podemos pegar Yuri de surpresa e atrair Rayka como você tinha imaginado — disse Carlo, olhando diretamente para Pietro. — Mantendo o plano inicial, pousaremos em menos de duas horas em São

Petersburgo. Se não agirmos agora, podemos perder o rastro do homem.

Meu marido cruzou o olhar com o meu, parecia pensativo e eu podia imaginar as engrenagens funcionando em sua cabeça, pensando na melhor decisão. Eu estava sentada no braço do sofá e me levantei, indo até ele e me sentando de lado em seu colo, deixando meus dedos roçarem em sua nuca.

— Não quero voltar à Rússia pela próxima década — falei para descontrair —, então acho interessante resolvermos logo a questão com Yuri. Eu também quero muito matar a Rayka, mas sabemos que o homem que dá as ordens finais é ele.

— Se fizermos isso, precisaremos alinhar as duas coisas — disse Pietro para todos ao redor da mesa. — Rayka não pode ter tempo hábil para descobrir que pegamos o pai dela ou vai sumir do nosso radar.

Algumas cabeças se viraram para trás quando Susan apareceu descendo as escadas e minha amiga ficou até apreensiva com tanta atenção, pois congelou os movimentos e ficou parada no mesmo lugar enquanto a observávamos.

— Hum, não queria atrapalhar — murmurou, sem jeito, e eu sorri para ela.

— Você não atrapalha, pode vir aqui — respondi e toquei o ombro de Pietro. — Não daria certo você fazer o contato com Rayka enquanto estivermos a caminho de São Petersburgo? Levando em consideração que ela não esteja hospedada com o pai, o intervalo de tempo seria muito curto para que desconfiasse de algo.

Minha amiga parou perto de nós e notei olhares sendo trocados entre ela e Don Negri, que eu preferi não tentar compreender para não estragar o que estivesse rolando entre eles. Foquei minha atenção no *tablet* no centro da mesa que exibia a imagem de satélite do endereço onde Yuri estava escondido. O plano inicial, que quase foi abortado mas conseguimos salvar,

não consistia em invadir a residência e sair trocando tiro para tudo que é lado. Queríamos usar o fator surpresa ao nosso favor e evitar perdas desnecessárias na equipe, portanto, pegaríamos Yuri no momento em que ele saísse de casa.

O nosso breve acampamento foi arrumado o mais depressa possível para irmos embora de Moscou e partirmos no avião rumo à São Petersburgo. Dentro do carro, enquanto víamos todos subirem na aeronave que já nos aguardava com motores em funcionamento, Pietro tirou alguns minutos para fazer a ligação tão importante. Eu fui a única pessoa a permanecer com ele dentro do automóvel e me mantive em silêncio para que Rayka não desconfiasse de nada.

O aparelho estava com a função de viva-voz acionada e eu pude ouvir com clareza a voz da vadia quando ela atendeu.

— *Sim?*

— Rayka.

— *Quem fala?* — perguntou ela e me fez revirar os olhos com nojo.

— Você nunca foi boa em fingir qualquer coisa — disse Pietro, cerrando os punhos com força. — Sabe muito bem quem eu sou e eu duvido que tenha deletado meu número.

Ouvi quando ela se esforçou para abafar uma risada e, em seguida, estalou a língua.

— *Como eu esqueceria de você, Pietro? Por que está me ligando, querido? Por acaso já cansou da criança com quem se casou?*

— Acredite, eu gostaria de esquecer que você existe e preferia não ter essa conversa, mas fiquei sabendo do seu retorno. O que nós combinamos, Rayka?

— *“Nós” é uma palavra que não existe mais, querido.* — Percebi que ela se irritou com a forma como ele falou. — *Eu não combinei nada, você simplesmente me forçou a me afastar.*

— E por que não continuou afastada? Por que apareceu em meu endereço para provocar minha esposa?

Ela gargalhou por longos segundos.

— *Então é por isso que está me ligando? A pombinha contou sobre nosso encontro? Aquilo não foi nada premeditado, eu simplesmente estava passando pelo local. Será que sua preciosa esposa não tem nada mais importante para se preocupar além de nutrir ciúmes de mim?*

Que vagabunda descarada! Pietro não teria a menor chance de encostar em Rayka porque eu a queria totalmente para meu deleite.

Entrando no personagem para o plano que tínhamos montado, Pietro respirou fundo e permaneceu calado por alguns segundos, para dar a impressão de que estava pensativo. E funcionou.

— *Está muito reticente, querido. Não tem mais assunto?*

Puxei meu celular com pressa e abri um bloco de notas, digitando em alta velocidade uma frase para ele dizer a ela, algo que eu sabia que uma mulher fosse gostar de escutar numa situação como essa.

Pietro estreitou os olhos e lambeu os lábios ao me encarar.

— Não sei o que dizer... — murmurou ele. — Estamos passando por problemas que está afetando nosso relacionamento, Rayka. E você reaparecer em minha vida só vai piorar as coisas para mim.

— *Jura que o casal de pombinhos está com problema? Se eu puder ajudar em alguma coisa...*

Enquanto ela falava, eu digitava no celular e mostrava a Pietro.

— Não vou falar sobre meus problemas conjugais com você — respondeu ele. — É só que minha vida profissional está um inferno e meu casamento... Bem, Giovanna é imatura demais...

Foi a vez de Rayka ficar em silêncio e eu torci para que ela estivesse mordendo a isca como planejamos.

— *Onde você está, Pietro?* — perguntou depois de um tempo.

— Em casa, na Itália.

— *Também estou na Europa...* — Rayka parecia uma gata manhosa ronronando. — *Gostaria de conversar pessoalmente? E digo só conversar mesmo, nós compartilhamos bons momentos que não envolveram sexo.*

Meu marido sorriu para mim e eu sorri de volta.

— Não acho que seja uma boa ideia — disse ele, bem direto.

— *Por que não? Tem medo de mim?* — Ela riu. — *Por uma grande coincidência, tenho compromissos para resolver em Roma e posso estender minha viagem.*

Digitei correndo e virei o celular para ele.

— Seria impossível, Rayka. Giovanna está visitando a família da mãe dela em Florença e voltará amanhã à noite. Não tenho tempo para encontros furtivos, principalmente com você.

Meu coração batia totalmente acelerado à espera da resposta dela e Pietro me olhava com a mesma expectativa.

— *Querido, eu posso chegar aí em algumas horas.* — Sabia! A vaca estava mesmo por perto! — *Que tal tomarmos um café amanhã de manhã? Deixo que escolha o lugar mais discreto que desejar.*

— Não sei... — Ele suspirou bem forte e se calou, esperou alguns segundos e então pigarreou. — Melhor eu desligar, Rayka. Eu... vou pensar.

E encerrou a ligação bem na cara dela, sem dar tempo para que respondesse. Era o combinado, agora aguardaríamos alguns minutos e Pietro enviaria uma mensagem de texto concordando em encontrá-la.

Ele guardou o celular e pegou minha mão, beijando a palma e a colocando sobre seu coração.

— Você é uma mulher incrível — disse, abrindo a porta do carro e me deixando sair primeiro. — Eu já estaria corroído de ciúme com uma conversa

parecida entre você e qualquer outro babaca.

— Não estou com ciúme, sabe por quê? — perguntei, ficando nas pontas dos pés e o abraçando antes de subirmos as escadas para entrar no avião.

— Diga.

Sorri, sentindo as luvas de Pietro tocarem meus cabelos para tentar domar os fios que voavam de forma selvagem com o vento em campo aberto.

— Porque você vai me deixar fazer o que eu quiser com a nossa convidada de honra — declarei, observando a reação dele.

Meu marido beijou minha testa e me envolveu num abraço apertado. Fiquei arrepiada com o toque de seus lábios em minha orelha e o apertei também em meus braços.

— Eu não acho que seria capaz de fazer mal a uma mulher, portanto, conto com você para que dê a Rayka tudo que ela merece. Faça-a sangrar pelos nossos. Honre nossa *famiglia*.

Pietro afastou o rosto e me encarou, com um sorriso tranquilo, beijando minha mão, para em seguida, me guiar até o interior da aeronave. Colocaríamos em ação a segunda parte do plano.

•

Estava ocupando a suíte com Susan, enquanto eu aproveitava o voo rápido para colocar minha amiga a par de tudo que aconteceu durante o sequestro de Dimitri e das filhas dele — que inclusive, a essa hora estavam na casa dos avós, intactas. Ela não tinha estômago muito forte para esse tipo de detalhes, então eu deixava de fora a contagem de corpos que a operação tinha deixado para trás.

Em determinado momento, bateram na porta e meu pai apareceu, com

uma aparência esgotada, não muito melhor que a de todos nós, afinal, entramos em um ritmo frenético desde que deixamos os Estados Unidos e ninguém tinha conseguido descansar de verdade.

— Como está o braço? — perguntou ele ao se sentar na beira da cama.
— Não quero que participe da emboscada enquanto está com seus movimentos comprometidos.

— Eu estou ótima, pai. Não vou ficar de braços cruzados enquanto toda ajuda é importante. Perdemos alguns homens, estamos em menor número.

— Eu me ofereceria para ajudar se não fosse por um detalhe bobo — disse Susan, entrelaçando as mãos no colo. — Não sei atirar.

— Não chegamos ao ponto de precisarmos colocar armas nas mãos de civis — meu pai informou para ela, com uma sobrancelha arqueada. — Você não duraria nem cinco minutos, *ragazza*.

— Civis? O que isso quer dizer? — Susan cruzou os braços e pareceu ter ficado irritada com Don Negri. — Por acaso vocês são policiais? Militares? Ora, são tão civis quanto eu.

— É como temos costume de nos referir a pessoas que não fazem parte da máfia — intercedi no embate que estava prestes a iniciar entre eles. — É só um termo simples, amiga. Mas, no caso, perante o Estado, acho que estamos mais caracterizados como criminosos.

Eu podia ter gargalhado com a expressão que vi surgir no rosto de Susan, um misto de horror com descrença, mas me controlei e apertei os dedos dela.

— Não tem nada a ver com você, ok? — tranquilizei-a um pouco.

— Espero mesmo que não, porque se já é difícil manter um emprego sem nunca ter recebido uma multa, quem dirá sendo procurada internacionalmente por estar envolvida com esquemas da máfia italiana. E russa! — Minha amiga agarrou os braços do meu pai e senti uma certa tensão

no ar. — Don Negri, me ensine a atirar!

— Não vejo motivos para isso.

— Ele vai adorar ser útil — falei, atraindo a atenção do coroa, que me lançou um olhar letal. — Você adora brincar com suas armas, o que custa passar um pouco de ensinamento adiante? Pode aproveitar e me dar umas aulas também, quando tudo isso com a Rayka acabar.

Eu tinha certeza que ele gostaria de me dar uns tapas se pudesse, por eu estar me comportando muito mal. E pouco me importava com isso, achava que estava na hora do meu pai se soltar mais e relaxar. Não faria mal se ele desse uns beijos em Susan ou em outra pessoa que preferisse, o velho podia aproveitar que eu estava prestes a ter o comando de tudo, e viver um pouco sua vida do jeito certo.

Levantei e saí da suíte quando ouvimos o aviso do comandante de que deveríamos nos preparar para o pouso, então voltamos os três para a cabine e nos acomodamos em nossos assentos. Pietro, ao meu lado, beijou meu rosto e descansou a cabeça em meu ombro enquanto eu observava a janela que exibia a cidade russa.

— Está tudo bem? — meu marido perguntou, de olhos fechados. — Vi seu pai indo até a suíte e pensei em impedir para que você e Susan pudessem descansar um pouco, mas sei que o homem é teimoso.

— Não tem problema — respondi, apoiando minha cabeça sobre a dele.

— Tem sido até divertido ver a interação que anda rolando entre ele e Susan.

— Sério?

— Ela está doida por ele — confessei, rindo baixinho.

— Acho que seria um casal bem estranho...

— Eu sinceramente nunca pensaria nos dois juntos, mas quem tem que achar qualquer coisa são eles.

— Concordo com isso.

Entrelaçamos nossos dedos e aguardamos pelo momento do pouso, até que a aeronave já estivesse estacionada e pudéssemos descer. Nosso contato na cidade já tinha sido avisado e estava nos esperando com um comboio de SUV's confortáveis e bem quentinhas durante aquela merda de clima. O homem nos levou até um edifício do qual era proprietário, um prédio de cinco andares com lofts que ele alugava, mas que estavam vazios naquela época e, dessa forma, pudemos nos ajeitar com um pouco mais de conforto do que tivemos em Moscou.

A primeira coisa que eu fiz enquanto os homens permaneceram elaborando estratégias, foi arrastar Susan para um banheiro e tomar um banho bem quente. Depois que ela me ajudou com o curativo do braço, vestimos nossas roupas novamente e invadimos a cozinha para preparar alguma comida.

— Vamos passar a noite aqui, não é? — perguntou, abrindo pacotes de comida congelada que o dono do prédio tinha fornecido para todos nós.

— Essa é a ideia e, sinceramente, estou ansiosa para dormir algumas horinhas.

— Então... Esse loft só tem dois quartos e o pessoal já se espalhou pelos outros andares...

Enfiei um pedaço de pão fresco na boca e só balancei a cabeça, indicando que estava ouvindo e ela podia continuar. Eram dez lofts ao todo no edifício e deu para acomodarmos todos os soldados com segurança, mas nesse em que estávamos, ficaríamos apenas eu, Pietro, Susan e meu pai. Não tínhamos pensado na questão dos quartos porque na sala havia um sofá-cama que parecia bastante confortável, no qual Dante até se propôs a dormir antes de ser dispensado por mim. Tenha dó! Eu estava cercada pelos homens em quem mais confiava, até parece que o grandalhão cabeludo faria alguma diferença.

— Você meio que podia incentivar Domenico a dividir o outro quarto comigo — minha amiga murmurou, quase cantarolando, fazendo cara de paisagem. — Sei que ele vai querer dormir no sofá, mas isso não é certo.

— Não é certo ou não é justo? — Eu ri e bati meu quadril no dela. — Para você?

— Você entendeu, Gio!

— Vou tentar — concordei, encolhendo meus ombros e achando graça da situação. — Mas não prometo nada, você já percebeu que o velho é ranzinza.

— Ele não é velho!

Olhei para Susan, que tinha os olhos negros brilhantes e ansiosos. Será que ela estava mesmo tão envolvida assim em sentimentos? Até então eu achava que era puramente fogo no rabo, mas começava a duvidar e tinha medo que ela se machucasse.

Não pude comentar nada disso do que estava pensando porque Carlo entrou na cozinha para pegar água mineral e me chamou para me juntar a eles na sala. Avisei que estava indo e olhei a faca em minha mão, a que eu tinha usado para cortar o pão. Senti vontade de fazer aqueles malabarismos sinistros e joguei a faca para o alto só para vê-la se cravar na madeira da mesa. No entanto, ela voou alguns centímetros para trás, em um ângulo bem torto, e Susan e eu corremos na direção da porta, enquanto a porcaria do objeto afiado caía no chão exatamente onde meus pés estavam antes.

Nota mental: praticar com facas de borracha.



DOMENICO

O sossego veio quando terminamos de estipular todos os nossos movimentos para a manhã seguinte. Como Dimitri havia informado, Yuri deixaria a residência em São Petersburgo rumo à Cazã, onde mantinha outro endereço. O homem tinha o costume de sempre sair bem cedo, antes do alvorecer, então precisaríamos estar preparados e de tocaia durante o final da madrugada para não sermos pegos de surpresa.

Sendo assim, nossos soldados foram dispensados por volta das quatro da tarde e deveriam estar todos preparados pontualmente às três da manhã

para a nossa saída. Pietro e Giovanna usariam um dos quartos e deixei que Susan ficasse sozinha no outro. Estava afofando o travesseiro que nosso contato Andrei disponibilizou e me deitaria no sofá quando minha filha se jogou no meu lugar.

— Até que não é tão ruim — disse ela ao se balançar para testar o estofado.

— Não é.

— Mas podia ser melhor.

— Não estamos de férias, *carina*. Conforto não é minha prioridade hoje.

— Sim, eu concordo, mas você bem que poderia esticar o corpo numa cama macia. Não acha?

Giovanna achava mesmo que era muito esperta e que eu não compreendia o que estava tentando fazer. Olhei bem para ela, que mantinha um sorriso falso no rosto e me inclinei.

— Você e Pietro vão me ceder o quarto? — perguntei, vendo seus lábios formarem um biquinho.

— Não, mas...

— Não vou dormir com Susan.

Aos poucos as meninas estavam me cansando e irritando com essa insistência. Uma coisa era driblar a garota e me manter longe dela, mas com Giovanna pegando no meu pé a favor da amiga, elas iam me enlouquecer em breve.

— Pai, pode se abrir comigo — falou, segurando meus braços. — Tem certeza que você não é gay? Não tem nada de errado gostar de pessoas do mesmo sexo, então se quiser desabafar, pode contar comigo.

— Eu não sou gay. Vá dormir, *carina*. Você precisa descansar.

— Você também precisa e não é legal dormir no sofá.

— Giovanna, estou falando sério — aumentei meu tom de voz e engrossei o timbre para me impor direito. — Não quero saber desse assunto e dessa loucura que vocês enfiaram na cabeça.

Ela não se deu por satisfeita, mas pelo menos entendeu meu recado e se levantou, bufando com as mãos na cintura. Ficava parecendo uma criança quando não consegue ganhar o brinquedo que deseja e nessas horas ela se diferenciava tanto da Giovanna que se mete entre soldados e participa de tiroteios com mafiosos.

Segurei o rosto dela e beijei sua testa, eu nunca me cansaria de fazer isso, de sentir sua presença, de finalmente poder expressar meus sentimentos de pai.

— Amo você, *carina*. Não se esqueça disso.

— Por mais ranzinza que seja de vez em quando, também amo você, coroa.

Ela piscou e foi embora em direção ao quarto no final do corredor, onde Pietro esperava por ela e eu rezava para que eles ocupassem o tempo dormindo e não... Enfim, se eu escutasse qualquer barulho, não pensaria duas vezes e invadiria aquela merda com a faca mais amolada que encontrasse ali no *loft*.

Finalmente sozinho, consegui me deitar e fechei os olhos, sem conseguir evitar que minha mente começasse a trabalhar intensamente, criando diversas teorias sobre o que poderia acontecer na manhã seguinte. O plano tinha tudo para ser um sucesso, mas por mais que fôssemos bons no que fazíamos, não dava para ter certeza da quantidade de soldados do lado de lá. Havia sim uma suposição, baseada na rotina que eu mesmo e Pietro costumávamos levar. No nosso dia a dia não andávamos cercados por dezenas de soldados o tempo todo, salvo raras exceções quando sentíamos ameaçados.

De acordo com Dimitri, ele só tinha um encontro com Yuri quando este retornasse à Moscou, daqui a uma semana. Antes disso, a notícia da morte do *consiglieri* não chegaria ao conhecimento do líder, pois tivemos o maior cuidado de não deixar rastros.

Virei-me de lado e apoiei um braço sob o travesseiro, tentando encontrar a melhor posição para relaxar e pegar no sono. Mas então, ouvi um barulho por perto e tive aquela sensação estranha de estar sendo observado. Antes mesmo de virar para o outro lado e abrir os olhos, eu já sabia de quem se tratava.

— Sinto muito, não quis acordar você — disse Susan quando eu a encarei. Ela estava atrás do balcão da cozinha, que não possuía nenhuma separação com a sala. — Vim pegar um pouco de água.

Ela devia achar que eu tinha a sua idade para cair em uma desculpa como aquela. Eu sabia que era tudo armado e tinha certeza que a garota continuaria dando essas investidas enquanto não surtisse efeito em mim.

Respirei fundo e me sentei, esfregando o rosto enquanto Susan enchia um copo sem tirar os olhos de mim. Ela era muito bonita, atraente, mas tão jovem. Não sabia mesmo em que momento havia ficado obcecada por mim, um homem tão mais velho e que nunca demonstrou nenhum interesse em corresponder. Talvez fosse apenas curiosidade, aquele fogo que bate quando a gente quer muito provar uma coisa nova e depois que come, sente-se satisfeito ou perde logo o apetite para repetir.

Levantei-me já que ela sequer saiu do lugar, continuava ali bebericando a água do copo e me observando como um lince. Espalmei minhas mãos sobre a bancada e aproximei meu rosto do dela, sorrindo para a menina.

— Muito bem, Susan, você me quer?

Ela perdeu as palavras inicialmente, olhou para mim com surpresa, abriu e fechou a boca, segurando o copo com as duas mãos. Não esperava

que eu fosse tão direto.

— O que disse? — perguntou, provavelmente para ganhar tempo e elaborar uma resposta melhor.

— Exatamente o que você escutou. Se me quer, então poderá ter. — Encolhi os ombros. — Será bom para aplacar sua curiosidade de uma vez e assim poderemos tirar essa tensão do caminho. Afinal, você é a melhor amiga de Giovanna e eu sou o pai dela, nós teremos que conviver muito.

— Está falando sério?

Revirei os olhos e até imaginei minha filha orgulhosa ao me ver usando aquele gesto, dei a volta pela bancada e parei de pé atrás de Susan, sem me preocupar em manter algum espaço entre nós. Tinha esperança que ela corresse para longe de mim quando percebesse que eu falava mesmo sério.

— Não era isso que você queria? — perguntei, pegando o copo que segurava e colocando-o na bancada. Então, entrelacei meus dedos com os dela e apoiei nossas mãos no móvel. — Que eu me lembre, você disse que queria sexo. Tem alguma camisinha com você?

— Claro que tem... — Ela suspirou e se virou de frente para mim. — Peguei um pacote especial antes de sair correndo no incêndio.

Gargalhei com a resposta afiada e encostei a ponta do meu nariz no dela, deixando nossas bocas muito perto uma da outra. A respiração da menina se tornou ofegante e eu pressionei mais meu corpo contra o dela.

— Teremos que deixar para a próxima viagem então, *ragazza*.

Até me senti um pouco aliviado por saber que o destino sozinho se prontificou de impedir que eu fizesse essa loucura, mas fui pego de surpresa quando Susan enroscou os braços no meu pescoço e apoiou seu peso todo, fazendo meu corpo se curvar e beijando minha boca. Ela me tomou com tanta intensidade que precisei me segurar na bancada atrás de seu corpo, para mantermos a nós dois no mesmo lugar.

— Eu quero assim mesmo — declarou a garota. — Não vou esperar pela próxima vez.

Desisti de lutar contra e deixei que invadissem meu cardigã com suas mãos pequenas e tocassem minha pele. Os dedos ágeis foram deslizando pelo meu abdômen até que minha calça começasse a ser desabotoada. Prendi o lábio inferior dela entre meus dentes e ouvi o gemido que escapou de sua boca, como se precisasse muito que eu continuasse.

Estremeci por inteiro com a expectativa que me consumiu conforme Susan deslizou a mão até minha cueca e a invadiu à procura do meu pau. Por reflexo, deixei que meus olhos se fechassem, não consegui manter o controle daquela situação, pois tinha algum tempo desde que fiz sexo pela última vez.

— Nossa... Para quem ficou tanto tempo me evitando, você está bem duro, Don Negri...

Eu estava mesmo. O fato de não querer me envolver com uma menina da idade dela não tinha relação alguma com tesão. A garota era bonita e sensual, meu corpo não ficaria indiferente sob o seu toque. Larguei os lábios macios e trilhei um caminho de beijos pelo pescoço curvilíneo, deixando uma mordida na altura de sua clavícula, sentindo seus dedos se fecharem com uma maior pressão ao redor do meu membro.

— Sua pegada é boa... — a menina murmurou, amolecendo em minhas mãos.

Enfiei meus dedos por dentro de seu cabelo e lambi a pele negra. Puxei-a de encontro a mim com força e com a outra mão em sua cintura, virei-a de frente para a bancada, inclinando seu corpo sobre o móvel para arrebitar sua bunda.

Susan vestia uma dessas calças leggings térmicas, que eu abaixei com pressa, junto com a calcinha, e me dei um tempo para observar seu corpo exposto daquela maneira. Dei um tapa, empregando pouca força na mão, e

ela balançou os quadris, virando o rosto para me olhar.

Lambi dois dedos e toquei na fenda de sua boceta, sentindo seu nível de excitação que a mantinha úmida para mim. Um filete de baba escorreu quando os retirei, alisando meu pau com eles, espalhando sua lubrificação pela minha glândula, antes de encostá-la em suas nádegas.

— Pelo amor de Deus... — murmurou, baixando a cabeça e encostando a testa na bancada.

— Não faça barulho — ordenei.

Deslizei minha mão por uma de suas coxas e subi meus dedos, até preencher minha palma com sua pequena boceta molhadinha. Esfreguei-me ali entre os lábios macios e alcancei a entrada da vagina, que piscou em meu dedo quando o enfiei delicadamente. Susan estremeceu e afastou as pernas um pouco mais, presenteando-me com um acesso ainda melhor. Cuidei um pouco de seu clitóris e ela gemeu baixo, se agitando em minhas mãos.

— Minha nossa — ela sibilou, ofegante. — Se continuar com isso, eu vou acabar...

Ah, mas não vai mesmo. Não fiquei sendo provocado durante dias para permitir que ela tivesse prazer assim tão fácil. Retirei minha mão de perto dela e acomodei meu pau entre suas pernas, movendo-o para cima e para baixo entre os lábios gostosos. Sem avisar, coloquei aos poucos, para deixá-la sentir que eu ia comê-la como bem entendia.

Percebi que ela reprimiu um grito quando me enterrei em sua boceta pequena e, em seguida, saí apenas para empurrar com força. Segurei firme em seus quadris e a fodi sem piedade, ora agarrando seus cabelos, ora me inclinando sobre seu corpo para tapar aquela boca atrevida.

Um sexo cru e forte, mas que a levou ao orgasmo em pouco tempo, rebolando no meu pau como se não houvesse amanhã. Estava surpreso com o preparo da garota, porque eu não peguei leve em momento algum e exigi

bastante daquela boceta. Quando foi minha vez de chegar ao orgasmo, não me preocupei com o fato de estar gozando dentro dela. Exatamente para não ter nenhum tipo de dor de cabeça com as mulheres que passavam pela minha cama, eu tinha feito vasectomia alguns anos depois do nascimento de Giovanna.

Afastei-me de Susan e peguei o pacote de guardanapos em cima da pia, limpando-me rapidamente e subindo minha calça. Ela demorou alguns segundos a mais do que eu para se recompor e se virar, ainda com a calça abaixada na altura dos joelhos. Tinha aquela expressão de pós-gozo no rosto, mas não conseguiu esconder o quanto estava confusa com o que tinha acabado de acontecer.

— Hm... Pode me passar um guardanapo? — pediu. — Ou dois...

Desencostei do armário e me aproximei, levando minha mão direita até o meio de suas pernas e a tocando mais uma vez. Lambuzei meus dedos em sua boceta, limpando-a o melhor que podia daquela forma e sentindo o aperto dela em meu ombro enquanto se equilibrava. Então levei minha mão até a boca para sentir seu gosto, encarando-a diretamente nos olhos.

— Acha que agora consegue dormir um pouco? — perguntei, observando enquanto ela subia sua roupa e ajeitava o cabelo.

— Não quer mesmo ir para o quarto? O convite para dividir a cama ainda está de pé.

— Ficarei bem. — Beije a mão dela antes de me afastar e voltar para o sofá arrumado. — Aqui é bastante confortável.

— Certo. Sim, claro. Eu... — Susan olhou em volta e pigarreou. Podia jurar que ela estava envergonhada. — Eu vou tentar dormir então. Até mais tarde.

Assenti, prestando atenção nos seus passos erráticos enquanto passava pela sala e sumia no corredor estreito que levava aos dois quartos.

Inspirei profundamente e apreciei o silêncio que ficou quando ela saiu. Resolvi essa questão do desafio que eu tinha me tornado para ela e também aproveitei para me satisfazer, visto que a menina era sim muito bonita e sensual. Deitei a cabeça no travesseiro me sentindo muito mais em paz e tranquilo, esperava que o resto da nossa estadia na Rússia fosse igualmente este sucesso.



GIOVANNA

Acordei com beijos espalhados pelo meu rosto e cheguei a pensar que estava sonhando, mas o rosto incrível do meu marido foi a primeira coisa que vi ao abrir os olhos. A cortina fina do quarto não escondia o fato de que lá fora ainda estava bem escuro, mas que precisávamos nos preparar para sair.

— Bom dia, *principessa*.

— Eu poderia facilmente esquecer que estamos em guerra, se você me beijasse por mais alguns segundos — murmurei, tentando fazer um charminho.

Não tem como esquecer um detalhe como esse — Pietro respondeu, dando um selinho em minha boca e tocando minha barriga. — Por acaso tem um bebê aqui dentro?

Fiquei momentaneamente travada, sem raciocinar uma resposta para aquela pergunta. Só depois de piscar duas vezes é que me lembrei do sexo gostoso que fizemos e do fato de que eu não estava tomando remédio nos últimos dias. Pela forma como o Don estava sedento para ser pai, ele ficaria nutrindo esperanças de uma gravidez até que eu finalmente aparecesse com um resultado positivo.

— Estou com fome, mas acho que isso é normal para mim — respondi, tocando a mão dele. — Se for para acontecer, será muito bem-vindo, mas não quero pensar em bebês agora. Não quando precisamos sair daqui a pouco para enfrentar mafiosos russos e malignos.

Porque eu o conhecia e sabia que desde o instante em que falei sobre o anticoncepcional e comentei a possibilidade de engravidar, Pietro já começou a tecer mil teorias a respeito disso e eu não pretendia ser tratada como um cristal raro que pode quebrar a qualquer momento.

— Aquela ideia de tirarmos um tempo só nosso para fazer uma viagem, quero colocar em prática no dia seguinte à morte de Rayka.

— É mesmo? — Sorri, passando minha perna por cima do quadril dele. — Nossa, estou me sentindo muito mais motivada desde que acordei. Se eu já estava ansiosa para acertar as contas com ela, agora ficarei contando os minutos para o nosso encontro.

Meu marido gargalhou e me beijou, enfiando as mãos por dentro da minha camisa e apertando minha pele conforme explorava meu corpo.

— É tão gostoso ver você toda em modo Carabina, sabia?

— Agora seria um ótimo momento para transarmos... — ronronei, espreguiçando-me, doida para que o homem me pegasse de jeito.

— Não mesmo — respondeu Pietro, depois de soltar uma gargalhada e morder meu queixo. — Preciso controlar seu lado ninfomaniaca ou vamos colocar tudo a perder.

Ele estava certo, por isso, eu o liberei de meus braços e me sentei na cama, arrumando o cabelo que mais devia parecer um ninho de passarinho. Depois de beijar minha cabeça, o Don se levantou e entrou no banheiro, deixando-me perdida em meus pensamentos.

E se o plano não funcionasse? E se por um acaso do destino, não conseguíssemos capturar Yuri? Se ele conseguisse fugir, Rayka com certeza ficaria sabendo sobre o ataque e desconfiaria do encontro com Pietro. Ele, inclusive, tinha enviado uma mensagem curta e objetiva para ela, assim que pousamos em São Petersburgo, se fingindo de interessado em encontrá-la para o café da manhã do dia seguinte.

Pulei da cama e ocupei o banheiro assim que meu marido saiu de lá e fiz minha higiene rapidamente, porque a ansiedade me consumia. Minutos depois, ao chegar à sala, vi que vários soldados já tinham se apresentado e esperávamos o restante para darmos início à nossa missão.

Os olheiros tinham tomado todas as precauções durante a vigília e se certificaram de que Yuri passou mesmo a noite em sua residência, ou seja, Dimitri tinha passado as informações corretas. A casa do líder da *Serdtsse Drakona* ficava numa rua pouco movimentada, totalmente residencial, mas as propriedades eram muito afastadas umas das outras, de forma que nenhum vizinho conseguiria escutar gritos e outros tipos de barulhos que aconteciam em residências alheias.

Do lado oposto da rua, bem em frente à grande propriedade, havia um campo com muita vegetação e arbustos mal cuidados que serviriam de esconderijo para nossos atiradores. Eles ficariam posicionados em lugares estratégicos, para quando os portões da propriedade fossem abertos,

pudessem acertar seus alvos.

A informação passada por Dimitri é que Yuri deveria estar com uma escolta de aproximadamente dez homens, visto que o jatinho que ele usava não tinha capacidade para se deslocar com uma equipe maior, além dos que ele mantinha fixos no local. Como estávamos em maior número e ainda tínhamos o fator surpresa a nosso favor, nossa confiança era bem grande.

No horário marcado, deixamos o edifício e partimos para o endereço de Yuri. Até mesmo Susan nos acompanhou, porque de lá nosso objetivo seria partir o mais depressa possível para a Itália. Ela foi conosco no mesmo carro e me sentei do seu lado, segurando a mão dela, que parecia muito apreensiva.

— Vai ficar tudo bem, amiga — falei para tranquilizá-la um pouco. — Pensa que mais tarde você estará curtindo um momento bem *relax* na nossa casa na Sicília.

— Estou com medo de morrer, Gio. Sabe aqueles filmes de terror que sempre tem o primeiro a morrer? — Ela pressionou os lábios e me olhou com cara de choro. — Sou eu, tenho certeza.

Meu pai, que estava sentado no banco da frente, virou-se para trás e nos encarou com a testa franzida. Encolhi os ombros ao olhar para ele, mas o coroa, na verdade, estava observando minha amiga.

— Que pessimismo histérico é esse? — perguntou ele e eu arregalei meus olhos na tentativa de pedir que a deixasse em paz. — Ninguém aqui vai morrer.

— Você não pode prometer isso — ela devolveu.

— Escuta, Susan, você só precisa fazer o que nós aconselhamos. — Apertei suas mãos nas minhas. — Basta ficar no carro, ok? Por mais que pareça que a situação esteja fora de controle, permaneça dentro do carro.

— Claro que vou ficar aqui. Para onde mais eu iria?

Eu ri da pergunta, porque sabia muito bem que nosso cérebro

funcionava de jeito diferente em momentos de perigo. Correr, fugir, tentar se esconder, eram sempre decisões impulsivas tomadas em situações de pânico. No entanto, em nada ajudaria a vida de Susan se ela se metesse sem querer no meio do fogo cruzado.

Em vinte minutos já estávamos montando a tocaia na esquina da residência de Yuri e nossos soldados começavam a se espalhar pela mata. Optamos por deixar o nosso carro estacionado um pouco mais distante do restante do comboio e nos juntamos a eles. Susan tinha ficado na companhia de um soldado para protegê-la se necessário, mas eu duvidava que a ação fosse se estender até eles.

Enquanto esperávamos o sinal dos atiradores, que seriam os primeiros a terem confirmação de movimento nos portões, meu coração pulsava freneticamente. Eu podia sentir até mesmo uma veia no pescoço pulsando as batidas que em algum momento eu parei de contar para me concentrar. Sorri para Pietro quando este beijou minha cabeça e respirei fundo, alisando minha arma.

O silêncio era completo, todo mundo estava aguardando o primeiro som de estática que viesse através do rádio. Então, quando eu já sentia necessidade de massagear os olhos cansados, ouvimos a frase tão esperada ser dita por algum soldado do lado de lá.

AGORA.

Os veículos saíram cantando pneus ao fazer a curva da esquina e já podíamos ver e ouvir o barulho da troca de tiros a menos de dez metros dos portões de entrada. Fomos saltando com pressa à medida que nos aproximávamos e encaramos de frente os soldados russos que não eram alvejados pelos atiradores de tocaia.

— Granada! — Pietro gritou e cinco de nossos homens lançaram os objetos destruidores, que rolaram pelo chão de paralelepípedos e caíram perto

do carro da frente.

Antes que qualquer um pudesse correr, as granadas explodiram, levando alguns corpos junto com elas e facilitando nosso ataque. Mirei meu fuzil com vontade em cada cabeça que aparecia, grata pelos russos estarem todos vestidos de casacos cinzas, o que diferenciava bastante de nossos homens.

— Yuri deve estar no carro do meio! — alguém falou, talvez tenha sido Carlo, e eu o vi correndo pela lateral para alcançar o veículo.

Fui atrás dele, agachando-me rente ao muro para me proteger o máximo possível, e olhei em volta com pressa, procurando por meu pai. Domenico estava no lado oposto, trocando tiros ao mesmo tempo que se protegia atrás da porta do veículo que explodiu, mas logo Pietro chegou para dar cobertura a ele.

Mais adiante eu vi Luca atirar e matar um soldado que estava no terceiro carro, mas algo que eu não esperava aconteceu. Outro homem o pegou desprevenido e descarregou a arma em cima do *consiglieri*, que rapidamente foi ao chão com o impacto de tantos tiros. Paralisei, chocada, ciente de que ninguém sobreviveria àquilo, mas fui empurrada para frente quando o corpo de Dante se chocou contra o meu.

— Ande! — gritou ele, pressionando minha cabeça para baixo e cutucando minhas costas. — Está toda exposta aqui. Ficou maluca?

— Luca morreu.

— Que Deus o tenha. Agora mexa essa bunda, caralho!

Eu poderia reclamar e dar um soco naquele nariz por falar comigo daquela forma, mas logo começaram a atirar em nós e uma bala atingiu em cheio o muro atrás de nós, uns três centímetros de distância da cabeça de Dante.

Agachei-me até ficar de cócoras e avancei na direção de Carlo,

deixando que o cabeludo se preocupasse com minha retaguarda. Segundos depois, os tiros pareceram diminuir até só restar os que sobreviveram dentro do segundo carro, onde deveria estar Yuri. Meu pai foi o primeiro a alcançar o veículo, que parecia uma peneira de tanto tiro de fuzil que pegou na lataria e vi Pietro atirar em alguém.

Ele arrancou o homem lá de dentro, um indivíduo totalmente diferente do último líder da *Serdtsse Drakona*. Era franzino, parecia já ter bastante idade e devia ter mais ou menos a minha altura. Eu, provavelmente, se me vestisse toda de preto, colocasse um salto e fizesse cara feia, devia impor mais respeito que ele.

— Olá, Yuri — disse Pietro, cuspidando sobre o homem. — Você vai fazer um passeio conosco.

— Confirmam toda a residência e procurem por algum sobrevivente — ordenou Carlo. — Se encontrarem, terminem o trabalho. Ninguém pode ficar vivo hoje.

Dei a volta pelos carros até onde meu pai estava. Ele tinha se aproximado de Luca, que perdera muito sangue e tinha recebido o que pareciam ser três tiros. Fuzil era feito para causar estrago, nunca era bonito de se ver, mas o estado de Luca me chocou. Confesso que nunca tivemos uma boa relação e nutríamos uma certa implicância um com o outro, mas eu não desejava a morte dele. Lamentei por vê-lo naquele estado e senti meu estômago revirar porque o rosto dele estava destruído.

Meu pai agachou, apoiando um joelho no chão e tocando a mão do homem, que já demonstrava não estar mais enxergando ninguém.

— Vá em paz — disse Domenico, puxando uma pistola do cós da calça e encostando o cano na testa de Luca, antes de virar o rosto e atirar.

Pietro se afastou, arrastando Yuri com ele, que parecia estar nos xingando em sua língua materna. Ele foi colocado dentro de um dos carros e

Dante foi buscar o veículo que deixamos para trás com Susan.

— Você está bem? — perguntou Carlo, ao passar um braço sobre meus ombros. — Nenhum tiro de raspão hoje, né?

— Nem um arranhão — respondi, encostando a cabeça no braço dele. — Mas estou triste pelo Luca.

— Eu sei. Mas... É a nossa vida, Carabina. Ele sabia que cedo ou tarde isso podia acontecer. Devemos viver sempre como se fosse nosso último dia.

— Você está muito filosófico.

— Consequência do tempo que passei me desintoxicando de você — zombou. — Agora que vai para a Itália, prevejo que em poucos dias voltarei a incluir asneiras em meu vocabulário.

— Isso é ofensivo.

Ele riu, apertando meu braço e me passando um pouquinho de calor.

— Posso compensar — disse e eu me virei de frente para o *consigliere*, que sorriu. — Amo você, sua peste.

Sorri de volta e levei um dedo à boca, molhando-o com minha saliva e limpando a bochecha de Carlo, que estava suja de sangue.

— Eu sei disso — respondi, vendo-o fazer cara feia com meu gesto. — Ações falam muito mais que palavras, bobinho.

— Vamos? — Senti mãos me envolverem a cintura e Pietro parar ao meu lado. — Está tudo limpo.

— Sua mulher acabou de passar cuspe em mim — Carlo me delatou como se fosse uma criança de dez anos fazendo queixa do irmão mais velho.

Pietro olhou de mim para ele, depois voltou a me encarar e arquear a sobrancelha.

— Ela tem o mesmo costume comigo, de cuspir... — Sorriu e bateu no ombro do nosso padrinho de casamento. — Só que no meu caso, é de uma forma um pouco melhor.

Gargalhei sem me dar ao trabalho de ser discreta e mostrei a língua para Carlo, que ficou momentaneamente sem palavras. Entrei no carro e fui logo abraçada por Susan, que me esmagou por alguns segundos antes de me soltar e começar a chorar.

— Você está viva. Graças a Deus!

— Claro que estou — respondi, colocando um sorriso falso no rosto e pensando em Luca. — Todos estamos, foi um sucesso.

— Vamos mesmo embora?

— Sim. Vamos voar para minha bela Itália.

Nós duas nos recostamos ao banco e me dei um tempinho para respirar fundo algumas vezes até me recompor. Fiz uma prece rápida para o *consiglieri* e agradei por ver intactas todas as pessoas que eu amava.

•

— Está muito calada desde que embarcamos. — Carlo sentou no lugar de Pietro quando este levantou para ir ao banheiro.

— Acho que estou reflexiva — respondi, virando o rosto e sorrindo para ele. — Essa coisa de amadurecimento, sabe como é.

Ele bateu a perna na minha e me devolveu o sorriso, com uma expressão que demonstrava não acreditar em uma palavra minha. Não o culpava, estava mesmo me sentindo um pouco para baixo.

— Não paro de pensar no Luca, coitado — murmurei. — Não sei se ele tinha família.

— É uma pena o que aconteceu. Seu pai deve saber melhor sobre a vida dele e talvez esteja precisando conversar.

Lancei meu olhar naquela direção e vi Domenico bebendo de seu copo com uísque, enquanto Dante, sentado ao seu lado, discursava sobre alguma

coisa à qual meu pai não dava nenhuma atenção. Ele parecia completamente alheio ao que acontecia ao seu redor e por isso dei um tapinha na perna de Carlo antes de me levantar.

— Acho que vou até lá — avisei a ele, que assentiu, sorrindo.

Pietro estava retornando ao lugar e beijou meu rosto ao passar por mim, mas na verdade, ele não se sentou. Vi quando chamou Carlo com um gesto de cabeça e os dois seguiram até a suíte, que estava sendo usada para manter Yuri recluso na companhia de alguns soldados nossos.

— Dante — chamei ao me aproximar dos dois. — Pode nos dar licença por um minuto?

— Claro.

Esperei que ele se levantasse e se afastasse para me sentar ao lado do meu coroa, passando meu braço por dentro do dele e encostando meu queixo em seu braço.

— Como você está?

— Muito melhor agora — respondeu Domenico, sorrindo e apertando minha mão. — Estou bem sim, *carina*. Muito perto de encerrarmos essa perturbação com a *Serdtsa Drakona*, felizmente. Você estando segura é motivo de sossego para mim.

— Você perdeu o Luca...

— Sim. Lamento muito por isso — disse ele, suspirando e esfregando o rosto. — Era um bom homem, fiel à *famiglia* por muitos anos. Foi a pessoa mais confiável que encontrei quando precisei substituir o filho da puta do Lorenzo.

— Sabe que tínhamos nossas desavenças, mas também sinto muito que isso tenha acontecido. Ele tinha família?

— Apenas o pai, que já tem idade avançada — respondeu. — Mas eu cuidarei para que não o falte nada.

Com a morte de Luca, além da questão problemática de ter perdido um integrante valioso para a *famiglia*, também surgia a necessidade de colocar alguém no lugar do homem. Tinha quase certeza que passaríamos pelo mesmo problema de dificuldade de aceitação do novo *consigliere* com a minha posição. Justo quando Luca finalmente parecia começar a concordar com a ideia de me ver ocupando o lugar de Don Negri.

— Pai, eu gostaria de participar da escolha do novo *consigliere* — avisei, recebendo um olhar surpreso. — Creio que se você levar adiante a decisão de me colocar para substituí-lo nos próximos meses, o escolhido vai passar mais tempo como meu *consigliere* do que seu. Concorda? Então acho que minha opinião deve ter um peso maior.

Domenico riu, tomando o restante da bebida âmbar em seu copo e o depositando na mesinha, enquanto encarava a garrafa, provavelmente decidindo se devia ou não se servir de mais uma dose.

— *Carina*, você definitivamente é uma pessoa que sabe se impor.

— Obrigada? — Não tinha certeza se fora um elogio.

Ele virou o rosto e me observou por alguns segundos, passou os dedos pela minha franja, prendendo-a atrás da orelha e apertando meu queixo.

— É claro que é um elogio. Tão parecida comigo quando era mais novo e tinha sede de liderança.

— Bem, eu já não sei se devo aceitar isso como um elogio — zombei, sentindo meu nariz franzir em reflexo. — Condeno a maioria das coisas que você já fez nessa vida. Não tenho a menor intenção de me espelhar em suas ações.

— E é exatamente por isso que você será uma excelente líder.

— Por que está me olhando com essa cara de coruja nostálgica?

— É a única cara que tenho quando babo pela minha filha — respondeu ele, me fazendo revirar os olhos. — Hoje eu me sinto em paz por ter

recuperado você e Elora.

— Isso parece discurso de despedida, sabia? Pretende morrer nos próximos dias? Você ainda não me ensinou a atirar e conto com a sua ajuda, porque se depender de Pietro, ele vai entregar uma arma de brinquedo na minha mão.

Don Negri finalmente se deu por vencido e serviu um pouco mais de uísque, passando longos segundos em silêncio e me deixando na expectativa.

— Não estou pretendendo morrer agora — disse ele, levando o copo à boca e, em seguida, me olhando —, mas sabemos que eu não terei tantos anos a mais de vida.

— Nossa, a conversa de repente se tornou mórbida...

— É a realidade, *carina*. Minha doença me deixa cada vez mais debilitado e por sorte eu não tenho crise já há algum tempo. Mas quando elas aparecem, estão cada vez piores.

— Não significa que está à beira da morte. Pode ficar inválido e se tornar um velho desses que só babam o dia todo? Pode. — Encolhi os ombros. — Não serei mesmo eu que ficarei atrás de você com um paninho para limpá-lo.

— Sua forma de dizer que me ama é bem diferente.

Ele me olhou com um sorriso grande, que alcançava os olhos escuros, e eu suspirei, querendo encerrar aquela conversa horrível sobre morte. Por sorte, recebemos o aviso de preparação para o pouso e me senti renovada por saber que dali a alguns minutos estaria sentindo o cheiro da minha terrinha e prestes a abraçar pessoas que eu amava.



PIETRO

Com todos os passos cronometrados, assim que desembarcamos com Yuri a tiracolo, dois veículos iriam comigo direto para o encontro com Rayka, outro ficaria com a missão de levar Giovanna e Susan para nossa casa e o restante seria comandado por Carlo, que se ocuparia de enfiar o russo no buraco mais escondido de todos, depois de meter uma bala entre os olhos do infeliz.

Rayka não desconfiava de absolutamente nada. Já tinha me enviado duas mensagens de texto porque eu estava dois minutos atrasado, mas a

cafeteria em que marcamos de nos encontrarmos ficava a menos de dez minutos de onde eu estava. Troquei de roupa ali mesmo dentro do carro enquanto o motorista guiava pelas ruas da cidade que eu amava e voltei a ser o italiano de sempre, dentro de um terno impecável e sem o rosto sujo de sangue.

Ao pararmos na porta do estabelecimento, pude avistar o cabelo loiro de Rayka através da grande janela que ficava de frente para a mesa escolhida. Ela pareceu sentir minha presença, pois virou o rosto e abriu um sorriso de vitória quando me viu. Sorri de volta e ajeitei o paletó ao subir a calçada e me aproximar da entrada. Sabia que Carlo estava à espera do meu sinal, uma única mensagem que eu enviaria quando estivesse cara a cara com Rayka. Seria a autorização para que ele seguisse com o plano e desse fim à vida de Yuri.

Ao entrar na cafeteria, acenei com um gesto discreto de cabeça para a senhora atrás do balcão e ela sorriu de volta. Dei uma rápida olhada pelo lugar e vi apenas mais dois clientes que tomavam seus cafés, mas ao me verem, acertaram rapidamente suas contas.

Quando cheguei à mesa escolhida por ela, sorri como um verdadeiro cavalheiro e a cumprimentei com um beijo no rosto quando se levantou para me abraçar.

— Quanto tempo! — disse ela, sempre muito elegante. — Nossa, não esperava ver você de novo, Pietro.

— Confesso que eu também não. — Sorri, sentando-me na cadeira e pegando o celular para enviar a mensagem. — Ainda nem sei se devíamos estar fazendo isso.

Enquanto Rayka cruzava as mãos sob o queixo e me admirava, eu apertava o enter para mandar a mensagem. Yuri estava prestes a morrer e a gracinha diante de mim seria a próxima.

— Quer pedir alguma coisa? — perguntou ela, os olhos brilhando de animação.

— Quero parar de fingir que ainda sinto o mínimo de simpatia por você — respondi, mantendo meu sorriso. — Você me causa nojo, Rayka. Um pouco de raiva, sim, mas acho que o sentimento mais forte é nojo. Nojo pela sua mente doentia e sua obsessão que ultrapassa todos os limites do aceitável.

A expressão da loira se transformou e a felicidade que concedia brilho à pele dela, de repente murchou e Rayka ficou agitada. Seus dedos finos se ocuparam de dobrar e desdobrar o guardanapo, enquanto ela tentava evitar contato visual.

— Não entendo porque me atacar dessa forma, Pietro — murmurou, quase choramingando, tentando se fazer de coitada. — O que mudou de ontem para hoje?

— Absolutamente nada. — Gargalhei alto e observei os clientes saindo da cafeteria. — O nojo de ontem é o mesmo de hoje, querida.

— Chega! — ela aumentou o tom de voz e jogou o guardanapo na mesa. — Não ficarei aqui ouvindo essas ofensas. Achei... Achei que você tivesse mudado.

Ao fazer menção de se levantar para ir embora, puxei minha arma e a coloquei sobre o prato, com o cano apontado na direção dela. Nem me preocupei em segurá-la, sabia que Rayka não tinha a menor chance de tentar pegá-la.

— Você não vai a lugar algum, querida.

A loira encarou a pistola e levantou os olhos para mim, chocada. Em seguida, olhou ao nosso redor e notou a pequena senhora ainda atrás do balcão, sequer olhando na nossa direção.

— O que pensa que está fazendo, Pietro? — rosnou. — Voltou com as ameaças?

— Vamos parar com o jogo? — pedi, debruçando-me sobre a mesa e aproximando meu rosto. — Estou cansado com as viagens que fiz nos últimos dias, Rayka. Tudo que desejo agora é pegar minha esposa e sair de férias com ela.

— Está tudo bem entre vocês, então?

— Mais do que bem. Ótimo. — Pisquei para ela e me alonguei na cadeira. — Inclusive, ela sabe que estou aqui. Não mandou um oi para você porque em breve as duas se encontrarão.

Dessa vez, Rayka finalmente entendeu o que tudo aquilo significava. A certeza de que tinha caído em uma armadilha a atingiu tão em cheio que chegou a lacrimejar. Ela baixou os olhos e encarou as mãos que descansavam sobre a toalha quadriculada, em seguida, correu o olhar mais uma vez pelo local.

— Você não sabe o que está fazendo — sussurrou com raiva, sem me encarar. — Não pode comigo, Pietro.

— Não?

— Eu vou me levantar e ir embora agora — avisou ela, pedante, erguendo o queixo e fixando os olhos claros em mim. — E eu acho bom você não tentar me deter.

— Você somente sairá daqui ao meu lado, Rayka. Acabou a brincadeira. Acho que nunca fôssemos descobrir que estava por trás de tudo?

Ela riu, os lábios se entortando um pouco mais para o lado direito, uma mania que tinha ao sorrir. Lançou-me um olhar ferino e inclinou a cabeça de lado.

— Quem vai me impedir? A senhora de setenta anos? Pietro, querido, se algo me acontecer, você e sua família não durarão um único dia a mais.

Foi a minha vez de gargalhar, até abri o botão do paletó para relaxar um pouco e levei as mãos até a nuca, deliciando-me com a visão de uma maluca

assustada.

— Sabe, querida, há uma grande diferença entre a *Soprattuto* e a *Serditse Drakona*. Aqui, nós temos laços de sangue. Todo mundo na Sicília sabe quem eu sou e está conectado a mim de alguma forma. — Virei o rosto e pisquei para a senhora atrás do balcão, que agora encarava Rayka como se ela fosse a escória do universo. — É engraçado como as pessoas de fora costumam achar que aqui é bagunçado como no resto do mundo. Como na sua máfia, que bastou mirar na pessoa certa para que ela me entregasse vocês de bandeja.

Peguei meu celular e disquei o número de Carlo. Assim que ele atendeu, sem desgrudar os olhos da mulher diante de mim, eu perguntei:

— Terminou o serviço?

— Sim — respondeu ele.

— Mande uma foto.

Encerrei a ligação que era para ser curta e objetiva e esperei a mensagem do meu *consigliere*, que chegou em alguns segundos. Cliquei para abrir a imagem que ele enviara em anexo e visualizei a cabeça — apenas ela — de Yuri. Deslizei o aparelho pela mesa até que Rayka pudesse ter uma boa visão de seu querido pai.

Ela arregalou os olhos e os desviou da tela, tapando a boca e se curvando para frente, chocada. Pude testemunhar uma lágrima solitária escorrer pelo rosto cheio de maquiagem, mas ela era fria demais para demonstrar qualquer sentimento além daquele.

— Um russo qualquer na fila de espera irá substituir seu pai. — Cruzei minhas mãos sobre a mesa após guardar meu celular. — Preciso admitir que me surpreendeu muito ser você a cabeça por trás dessa merda toda. Sempre a imaginei como uma caça-dotes obcecada por beleza e sapatos, mas nunca pensei que fosse russa.

O queixo dela estremeceu, mas a loira engoliu em seco e tentou demonstrar que não estava tão abalada quanto parecia.

— Meu pai nunca quis que eu tivesse envolvimento com o trabalho dele. Estudei por muitos anos na França e com o passar do tempo, sentia cada vez menos interesse em voltar às minhas raízes.

— E voltou para me atingir?

— Quando papai assumiu a liderança, quis ver como era a vida de alguém no topo da cadeia alimentar. — Ela ergueu a sobrancelha. — Como você.

— Sempre soube quem eu era? — perguntei porque era algo que me deixava curioso.

Rayka negou, sorrindo, voltando a mexer no guardanapo para ocupar as mãos.

— Soube apenas quando voltei para casa, logo após você me enxotar de Nova York. Papai quis saber por quem eu estava sofrendo e reconheceu seu sobrenome.

— O que houve com sua gravidez, Rayka?

— Abortei — ela respondeu como se falasse da facilidade com a qual cortava o cabelo. — Não me interessava o bebê se não fosse seu.

Senti meu estômago embrulhar por nojo daquela mulher e fiz uma oração silenciosa, agradecido por nunca ter me descuidado a ponto de ter o azar de vê-la gerar um filho meu. Talvez fosse até uma sorte para essa criança nunca ter tido uma chance de nascer. Não sei se qualquer um merecia ter uma mãe como ela.

Olhei pela janela, avistando os carros que continuavam à nossa espera e sinalizei para um dos soldados. Ele passou o recado e logo cinco homens entraram pela cafeteria, parando próximos de nossa mesa.

— É hora de irmos embora — avisei, levantando-me e pegando a

pistola. — Primeiro as damas.

— Não vou a lugar algum.

— Você pode sair daqui com as próprias pernas ou com os joelhos quebrados — esclareci, fechando meu paletó. — Não bato em mulheres, mas a Senhora Negrini não recusaria meu pedido.

A dona da cafeteria deu a volta pelo balcão, arrancando-me um sorriso ao surgir carregando uma espingarda bem antiga. Como eu tinha orgulho das nossas mulheres!

— Vai me matar? — perguntou Rayka enquanto levantava por vontade própria.

Agarrei seu braço sem me preocupar com força e a puxei para fora do estabelecimento, entregando-a nas mãos dos soldados antes de entrarmos no carro.

— Não tocarei em você — confessei. — Quem fará isso é Giovanna. Revistem-na antes de sairmos.

Deixei a loira russa aos gritos para trás, xingando-me de muita coisa que eu não fazia questão de entender pois era em idioma russo, e voltei para a cafeteria. Precisava pagar a conta dela, pois tinha consumido enquanto me esperava chegar.

— Um bom dia para a senhora — falei, deixando o dinheiro sobre o balcão.

— A moça é inimiga? — perguntou a senhora, apontando com o queixo na direção da rua.

— Sim. Russa. É a responsável pela morte de Enzo Greco.

A expressão da Senhora Negrini se transformou e ela baixou a cabeça ao demonstrar seu pesar pela minha perda. Nada mais foi dito, não era preciso. Ela sabia qual seria o fim de Rayka e eu estava ansioso para que tudo terminasse.

Ao voltar e entrar no carro, encarei a mulher com as mãos amarradas atrás das costas e a fita adesiva tampando a boca. Deslizei meus dedos pelo rosto delicado e ela chegou a fechar os olhos com o carinho recebido.

— Espero que vocês duas se divirtam — declarei, estalando os dedos para autorizar o motorista a dirigir.



GIOVANNA

Assim que passamos pelos portões da mansão, pude avistar duas lindas figuras em pé, na garagem, aguardando pela nossa chegada. Eu sabia que não tinha se passado tanto tempo assim, mas a impressão que tive de longe, foi que Elora crescera uns trinta centímetros desde a última vez que nos vimos.

Eu nem esperei que o carro parasse totalmente para abrir a porta e correr na direção delas. Nós três nos abraçamos e nos beijamos, eram tantas mãos que eu estava perdida naquela confusão deliciosa. Minha cunhada parecia ter engordado alguns quilinhos, estava ainda mais linda e radiante. Ela exibia uma mecha de cabelo azul, fugindo pela nuca, e eu segurei enquanto sorria.

— Que garota mais estilosa! — brinquei, piscando para ela. — Por que não me mandou uma foto para mostrar a nova tendência?

— Porque eu pinteí ontem. Mamãe me ajudou, fizemos tudo em casa.

— Alguém aqui ficou ansiosa demais com a viagem de Carlo — minha sogra explicou, abraçando a filha pela cintura e beijando o rosto dela. — Achei que seria legal a gente passar um tempo só nosso, fazendo coisas de garotas.

— Não esperaram por mim, então eu exijo uma retratação. Quero uma noite de garotas também, poxa. Não tem sido fácil andar cercada só por um monte de homem chato.

Elora riu e eu me sentia bem em saber que ela não estava tão por dentro do que andava acontecendo. Já minha sogra, estava abatida, a pele mais escura sob os olhos deixava seu cansaço e preocupação em evidência. Toquei seu ombro, tentando demonstrar o quanto eu era solidária àquele sentimento que vinha nos exigindo tanto. Era cansativo demais não ter um dia de paz, de tranquilidade.

— E Carlo? — ela perguntou depois de conferir que ele não tinha aparecido.

— Ele foi resolver um último problema. — Sorri. — De origem russa.

— Mas estão todos bem?

Como ela não tinha contato com Luca, o *consiglieri* da *Dita di Ferro*, não achei necessário contar sobre a morte dele. Apenas assenti em

confirmação, apesar de também termos perdido alguns poucos soldados.

— Logo estarão todos aqui, inclusive meu pai — falei mais para Elora do que para minha sogra, que ainda não tinha se tornado a maior fã de Don Negri.

Já a menina abriu um sorriso enorme e seus olhos se iluminaram. E em seguida olhou para algo atrás de mim, até que me lembrei da minha própria amiga que tinha sido esquecida completamente. Puxei Susan pela mão e passei meu braço pelo ombro dela.

— Alguém também veio fazer uma visitinha à Itália — falei, sem dar maiores explicações. — Elora, que tal levar Susan lá para cima e escolher um quarto para hospedá-la?

— Só se for agora!

Minha cunhada agarrou a mão da minha amiga e a rebocou para dentro de casa, enquanto eu cruzava meus braços e me preparava para fazer um rápido resumo à Giulia, que me olhava à procura de informações.

— Carlo levou Yuri, o líder da *Serdse Drakona*, para algum lugar. Ele vai aguardar pelo sinal de Pietro e então, matar o homem. Meu pai seguiu com ele, enquanto seu filho foi se encontrar com Rayka.

— Rayka?

Quis me estapear porque lembrei que ela não sabia de muita coisa ainda.

— Lembra quando Pietro me trouxe para cá quando queria terminar o noivado? — Ela assentiu com a testa franzida. — Nessa época, ele se relacionava com essa Rayka, ela deu um trabalho enorme para a gente, teve o lance da gravidez falsa e...

— Disso, eu me lembro — disse Giulia. — Eu mesma quis dar na cara dessa mulher por tentar enganar meu filho.

— Pois é. Seu filho a enxotou do país e a gente achou que tudo tinha

acabado, mas acontece que a vadia é filha do tal Yuri. — Minha sogra levou a mão ao peito, seu rosto branco ganhando uma tonalidade mais pálida, e eu segurei sua mão livre. — Foi Rayka quem orquestrou os ataques, inclusive a explosão que matou Enzo. É melhor entrarmos e você sentar um pouco.

Giulia concordou, deixando-me guiá-la para dentro de casa e a colocar sentada em um dos sofás de canto da sala de estar. Permaneci ao lado dela, segurando sua mão que agora estava gelada.

— Sinto muito por isso, que Enzo tenha sido pego no meio de uma vingança ridícula por ciúme doentio. Nunca imaginaríamos que pudesse ser ela.

— Onde essa Rayka está agora? — perguntou Giulia, com a voz controlada e um tom fúnebre. — Quero vê-la.

— Pietro foi ao encontro dela — expliquei. — Não podíamos pegá-la antes de pegar o pai, nem podíamos matar o pai antes de tê-la em nossas mãos. A solução foi alinhar o máximo possível as duas capturas para que um não pudesse dar pela falta do outro. Carlo vai matar Yuri, mas Pietro vai trazer Rayka para mim.

— Para você? — Giulia questionou surpresa, erguendo uma sobrancelha.

— O problema dela é comigo, nada mais justo que eu seja a última pessoa que ela vai ver.

Uma lágrima solitária deslizou pelo rosto bonito da minha sogra, os olhos tão azuis marejados.

— Eu quero estar presente quando acontecer — disse ela, mas não parecia estar me dando opção de recusar.

— Não darei a ela uma morte limpa, sogra — avisei. — Acha que suportaria?

Giulia me deu um sorriso contido e tocou a lateral do meu rosto com

muita ternura. Sorri de volta e coloquei minha mão sobre a dela, enquanto nos olhávamos dentro dos olhos.

— O dia que você for mãe, entenderá meu sentimento. Mas você tem razão, não quero assistir. Não mudará nada, ele não voltará.

Balancei a cabeça lentamente, absorvendo suas palavras e adicionando um lembrete mental para que dissesse o nome de Enzo bem no ouvido de Rayka. Giulia suspirou e enxugou os olhos, procurando se recompor, enquanto eu a observava e recordava a primeira frase que ela tinha dito.

— Talvez em breve eu seja mãe — comentei de forma despretensiosa, mas consegui chamar a atenção dela. — Estamos tentando. Oficialmente.

O par de olhos azuis focaram minha barriga e ela abriu um sorriso, dessa vez de pura felicidade.

— Ah, querida! Essa é uma ótima notícia! — Recebi o seu abraço apertado e um beijo no rosto. — Vou torcer muito para que venha logo uma linda criança. Estamos precisando de um bebê nesta família.

— Prometo não dar nenhum susto em vocês. Só vou contar quando tiver absoluta certeza de que há algo aqui dentro — disse, acariciando minha barriga lisa. — Algo além de comida.

— É bom que Pietro saiba que quando você engravidar, não voltará aos Estados Unidos. Eu quero minha nora grávida bem aqui perto de mim para que eu possa mimá-la o bastante.

Se ela soubesse o quanto eu sentia falta da Itália... Evitava reclamar com meu marido porque ele tinha escolhido viver em Nova York para dar atenção aos negócios no país, mas eu mesma não gostava de morar lá. Aceitava, aturava, mas não amava o lugar. Meu coração estava aqui e eu adoraria poder ter o bebê na nossa terra natal.

Desconversei e avisei que iria subir um pouco para poder trocar de roupa e jogar uma água no rosto antes que Pietro viesse me buscar.

Estávamos ainda na correria e eu só me permitiria descansar depois que Rayka já não estivesse mais entre nós. Ainda sentia a carga emocional que eu carregava há semanas sobre minha cabeça e meus ombros.

Depois de passar um tempo sozinha no nosso quarto, que antes era de Pietro e agora era o que usávamos sempre que estávamos na Itália, fui procurar por Susan e Elora. Minha cunhada era ótima em recepcionar as pessoas, percebi isso ao encontrar as duas conversando muito animadas, sentadas no meio da grande cama, enquanto minha amiga fazia tranças em Elora. Paco foi o primeiro a me ver parada ali na porta e se levantou para vir abusar de minha inocência.

— Pelo visto serei trocada — comentei para declarar minha presença e as duas viraram suas cabeças na direção da porta. — Minha cunhada vai preferir minha amiga e minha amiga vai me substituir. Estou certa?

Gargalhei enquanto fugia das investidas do cão sedutor, que adorava cheirar minha virilha, mas não consegui evitar meio litro de baba sendo depositado na minha mão.

— Ninguém substitui a Carabina — disse Elora, mostrando o motivo para eu amá-la tanto. — Mas a Susan é muito legal.

— Eu sou mesmo, acho bom as duas me valorizarem.

— Vou deixar que se divirtam sem mim porque preciso dar uma saída, mas quando voltar, quero ser colocada a par de todas as fofocas.

— Susan disse que vai fazer mecha colorida no cabelo — Elora comentou, os olhos brilhando de animação. — Quer fazer também, Gio?

Encarei minha amiga, muito surpresa com aquela notícia. Susan não parecia o tipo de pessoa que gostava de usar cabelo colorido, mas não disse nada. Eu, no entanto, não me importaria em fazer, desde que fosse algo que saísse com facilidade. Já podia imaginar Pietro caindo duro no chão se eu aparecesse com algum estilo muito radical. Além do mais, eu gostava de

minha aparência.

— Conversaremos sobre essa ideia mais tarde, ok? — Beije o rosto de Elora e pisquei para Susan. — Paco! Cadê meu beijo, garotão?

Inclinei-me na direção do gigante com cara de bobo e ele pulou, se equilibrando nas patas traseiras e quase me derrubando no chão. Levei uma narigada no meio da testa, mas ninguém mandou eu tratar o monstrinho como se fosse um *shitzu*. Saí do quarto esfregando a cabeça dolorida e tentando tirar o excesso de pelos da blusa, quando meu celular tocou.

— Oi — atendi ao ver o nome de Pietro na tela.

— Estou com o seu presente, *principessa*. Carlo e seu pai estão indo buscar você e vamos nos encontrar no caminho.

— Estou pronta. — Parei diante da parede espelhada na sala da mansão e olhei meu reflexo, tinha vestido uma roupa toda preta para evitar sujar algum tecido de cor mais clara e meu cabelo estava preso num rabo de cavalo.

— Amo você — declarou Pietro.

— Amo você.

Encerrei a ligação e virei o rosto para observar minha sogra, sentada numa poltrona de canto, com um sorriso contido no rosto.

— Faça um bom trabalho, querida.

Assenti e saí para esperar minha carona, sentindo meu coração bater mais forte e acelerado com a adrenalina que preenchia minhas veias. Estava ansiosa para brincar com Rayka.

•

Rayka tinha sido levada para um dos galpões de propriedade da *Soprattuto*, que ficava situado na zona portuária da cidade. Antes de vê-la,

encontrei com Pietro, que me beijou na boca ao nos encontrarmos e fechei os olhos, sentindo sua testa encostar na minha.

— É isso? — perguntei. — Acabou, né?

— Yuri já está morto. Um recado vai ser enviado para a *Serditse Drakona* com uma oferta de trégua, visto que tudo isso não passou de problemas pessoais. Acredito que ninguém lá está feliz em ter visto um homem que deveria liderar os negócios, acatar ideias de uma filha mimada.

— Acha que não vão procurar por retaliação?

— É o segundo líder que matamos em pouco tempo, bambina. Não acho que vão vir atrás de nós.

— Por enquanto — disse meu pai ao parar do nosso lado. — Não podemos esquecer que a *Serditse Drakona* tem interesse em expandir os negócios em regiões de domínio da *Dita*. Mas isso é assunto para outro dia.

Não queria mesmo saber de nada daquilo no momento. Meu lance com a *Dita di Ferro* teria que esperar, pois eu tinha algo mais importante a fazer. Respirei fundo e aprumei os ombros, olhando adiante para a porta fechada atrás de Pietro.

— O que você prefere fazer? — perguntou ele, segurando meu rosto entre as mãos. — Quer que a gente entre com você?

— Não precisa, eu sei me cuidar. Se for necessário, chamo alguém.

— Posso fazer companhia e dar algumas instruções e...

— Ela não precisa — meu pai interrompeu Carlo e me surpreendi ao ver quanta fé ele depositava em mim.

Passei pelos três homens e abri a porta, fechando-a logo ao entrar e olhando para frente. Rayka estava de pé, acorrentada a uma pilastra de metal que havia bem no centro do galpão. Descalça, ela ficava apenas uns cinco centímetros mais alta que eu, portanto, eu me divertiria bastante.

A loira me encarou e balançou a cabeça para tirar o cabelo que caía em

seu rosto. Seus olhos se fixaram em mim e pude sentir o ódio que emanava dela mesmo a alguns metros de distância. Estava intacta, o que significava que ninguém a tocara, como eu pedi.

— Tudo bem? — perguntei, sorrindo ao me aproximar. — Como está se sentindo?

Ela continuou me encarando, acompanhando meus movimentos, mas não abriu a boca para responder. Não a julgaria, pois provavelmente eu faria o mesmo em seu lugar. Inclusive, se fosse eu, estaria pensando em alguma forma de virar a situação ao meu favor. Na primeira oportunidade, eu tentaria atacar, ainda mais se estivesse somente eu e outra mulher naquele galpão.

Por isso, como eu gostava de deixar bem claras as minhas intenções, que no caso de Rayka, era mostrar que ela nunca sairia viva daqui, andei até a mesa onde a maleta com diversos objetos tinha sido colocada. Tinha desde bisturi a um alicate que eu acreditava ser ótimo para tratamentos dentários. O que chamou minha atenção, no entanto, foi a barra de metal encostada à parede. Fechei meus dedos ao redor de sua circunferência fina e me aproximei da loira.

— Eu já ouvi histórias de ex-namoradas malucas que perseguem os homens, que contam mentiras, que passam trote de madrugada, enfim... — Estalei a língua e parei a centímetros de Rayka. — Costumo ouvir um monte de coisa absurda, mas isso... O que você fez e todas as pessoas que envolveu, é digno de manicômio mesmo. Parabéns, Rayka, você se superou como a vadia que eu já achava que era.

Mirei no joelho direito e bati a ponta da barra com toda a força que eu tinha, sentindo o barulho de osso estalando. A loira gritou e eu me senti muito bem com aquele som. Tão bem que nem dei tempo para que ela se refizesse da dor e já aproveitei para repetir o gesto no joelho esquerdo.

— É só uma introdução, para me certificar de que você não se soltará e

sairá correndo — avisei, jogando a barra longe e colocando as mãos na cintura. — Tem certeza que não quer conversar?

Aguardei uns minutos para ela se recompor, caída no chão e com o rosto vermelho de choro, marcado pelo rímel que não era à prova d'água.

— Vagabunda — ela rosnou, sem me olhar. — Só está com Pietro por causa de um contrato arranjado. Nunca saberá se ele quis o casamento por vontade própria.

— Se faz você se sentir melhor e a reconforta momentos antes da morte, eu deixo que pense o que quiser sobre meu casamento.

Rayka gargalhou e eu precisava admitir que a mulher tinha coragem, além da disposição, pois eu tinha certeza que a dor nos joelhos era grande. Ela cuspiu perto dos meus pés e eu dei as costas para ir até a mesinha e escolher meu próximo brinquedo.

— Sabe, você deu trabalho para a nossa família — comentei, tranquila. — Não sei como se sentiu ao perceber que meu carro não explodiu comigo dentro, imagino que tenha sido uma sensação muito frustrante. No entanto, foi bem chato para todos nós. Pietro perdeu o irmão.

— Um inútil, pela pouca pesquisa que fiz sobre vocês.

— Independente disso, nós damos o sangue por cada um de nossa família — falei, virando-me para olhá-la. — Não que eu espere que você entenda o que estou dizendo. Claro que não. Nem todos compreendem o amor nesse sentido.

Mexi na maleta de acessórios e peguei o bisturi nos dedos. Uma pequena arma de corte limpo, capaz de fazer um estrago legal sem acabar com a brincadeira. Porque eu queria que Rayka sofresse, a morte rápida seria boa demais para alguém como ela.

— Quer dizer que é você que vai me matar? — Ela riu, mas eu já percebia que a voz estava afetada. — Precisou que Pietro me pegasse, que

vários homens me prendessem aqui, para você dar seu showzinho?

— Não me interessava a forma como você seria capturada, desde que eu tivesse o prêmio final.

— Ou será que é porque você não seria capaz de me pegar? De me encarar frente a frente, sem estar presa?

Foi a minha vez de rir e me aproximar dela o bastante para poder alisar sua pele impecável do rosto com a ponta do bisturi. Fiz com delicadeza, só o suficiente para vê-la sangrar.

— Acha que tenho medo de você, Rayka?

Seus olhos brilharam de ódio e eu dei a volta pela pilastra, observando seu corpo e a forma como estava presa por algemas. Voltei à mesa e procurei pelas gavetas até achar a chave que livraria as mãos da vadia. Balancei o objeto no ar, voltando até ela, que arregalou os olhos em expectativa. Ela achava mesmo que teria alguma chance, mas meu ódio era muito maior que o dela.

— Vou mesmo dar uma chance a você — falei, segurando seus pulsos e enfiando a chave na abertura. — Acho que até vou sentir um gostinho melhor quando acabar com essa sua cara.

Quando a soltei, antes mesmo que ela percebesse que estava livre, agarrei seu cabelo por trás e puxei, batendo sua cabeça contra a pilastra. Dei a volta, esperando que ela se situasse, olhando para mim com a mão na nuca. Joguei o bisturi para bem longe quando ela se moveu, tentando avançar contra mim, porém, seus joelhos não responderam ao comando.

Rayka gritou de dor e caiu novamente, arrastando-se na minha direção. Para nivelar a batalha, eu me ajoelhei diante dela e segurei sua cabeça entre minhas mãos. Senti socos fortes na altura do meu estômago, mas afastei meus braços e os fechei de novo, batendo com força nas laterais de sua cabeça. Aproveitei que ela ficou momentaneamente desorientada e a empurrei para

trás, caindo por cima de seu corpo e apertando seu pescoço.

— Está com medo? — perguntei, tentando fugir das unhas que arranhavam meu rosto. — Sentindo o pavor consumi-lo?

Soltei a garganta dela e enfiei os dedos em seus cabelos, batendo com sua cabeça diversas vezes no chão.

Nossos gritos se confundiram no ar e eu senti que a porta atrás de nós tinha sido aberta, mas ninguém ousou se aproximar. Ainda agarrando os fios loiros, levei meu punho fechado de encontro ao rosto dela uma, duas, três vezes, até que decidi me levantar e me afastei. Ela continuou caída no mesmo lugar, não estava desacordada, mas parecia alheia ao que acontecia. O nariz sangrava muito e o lábio estava cortado.

— Perdeu a coragem? — perguntei, gritando, e chutei a lateral de seu corpo. — Não sabe brigar, Rayka? Precisou sempre de soldados treinados para cumprir seus desejos?

Limpei o suor em meu rosto com o braço e me virei para procurar pelo bisturi que eu tinha jogado em algum canto. Foi quando vi que Pietro, Carlo e Domenico estavam me observando da porta e eu lancei um olhar que indicava para ninguém se meter naquela história.

Peguei o objeto que tinha rolado para debaixo da cadeira e voltei até Rayka, que permanecia inerte. Sentei-me sobre a barriga dela e afundei a ponta do bisturi em sua clavícula, despertando-a do transe e arrancando um grito desesperado da vadia.

— Doeu? Considere isso um presente de minha sogra, que perdeu um filho. — Puxei o bisturi e repeti o gesto do outro lado. — Eu perdi uma médica querida.

Rayka começou a se debater e conseguiu puxar meu cabelo, mas não me afetou. Apertei o objeto de metal frio no centro da minha mão e encarei a mulher.

— Mas sabe qual a pior perda, sua filha da puta? Você conseguiu colocar meu melhor amigo contra mim. Eu tive que atirar nele à queima-roupa.

Furei seu peito, puxei e furei sua barriga. Puxei e furei seu braço. E fui puxando, abrindo novos ferimentos, deixando que o sangue se esvaísse lentamente, que ela gritasse cada vez com menos força, que seus movimentos fossem diminuindo. Quando estava de olhos fechados, eu levantei uma pálpebra com meus dedos e sorri para ela, segundos antes de enfiar o bisturi bem no meio de seu globo ocular.

Senti minha bochecha ficar úmida com a lágrima que escorreu ao pensar em Nero. Eu nunca superaria a morte do meu amigo justamente por eu ser a responsável por ela. Por fim, respirei fundo e encarei Rayka mais uma vez. Ela já estava acabada e eu me sentia satisfeita.

— Que você se encontre com seu pai no inferno. Vadia.

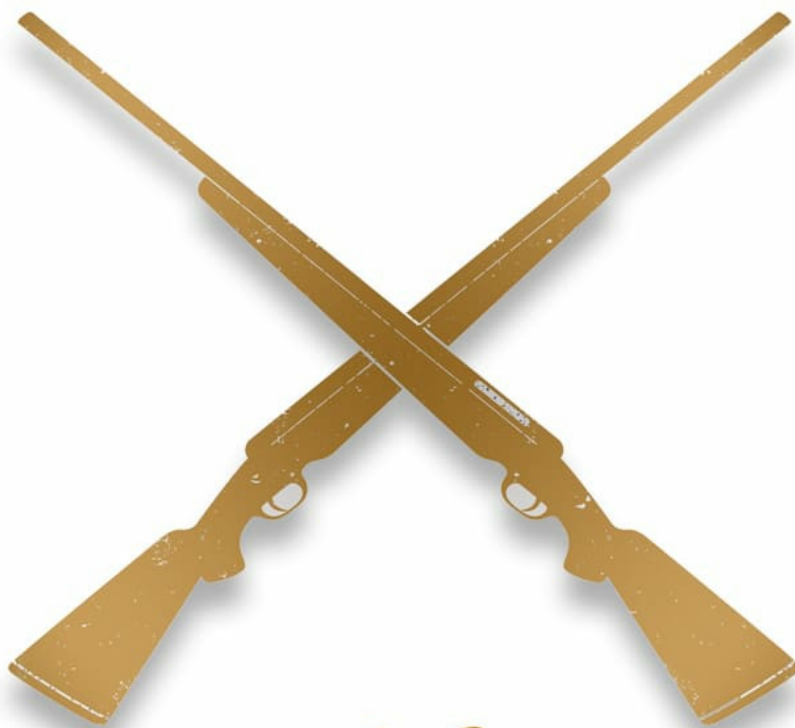
Bem devagar, deslizei a lâmina afiada por sua garganta, abrindo o corte fatal aos poucos. Não me importei com o sangue que esguichou em meu rosto, sentia-me até muito bem com aquela sujeira. Fui até o fim, até perceber que meu acerto de contas tinha sido finalizado com sucesso. Rayka era passado e serviria de comida para peixe. Pelo menos morta, teria alguma utilidade.

Levantei-me, sentindo um pouco de dor na barriga onde ela tinha me aplicado alguns socos, mas sabia que não era nada demais. Larguei o bisturi e caminhei até a porta, passando as costas das mãos pelos meus olhos para enxergar melhor sem todo aquele sangue.

— Ligue para sua mãe e avise que chegaremos a tempo do almoço — pedi a Pietro, passando por eles para ir direto para o carro.

Deixaria para contar pessoalmente para minha sogra sobre como tinha sido prazeroso arrancar cada suspiro e grito daquela filha da puta.

Tomaríamos um bom champagne e brindaríamos pelo seu fim, que tardou, mas chegou.



23

DOMENICO

Eu estava cansado, mas acho que aquela não era uma sensação exclusiva a mim. Os últimos dias foram corridos e carregados de tensão e expectativa. Geralmente, não costumamos perceber o quanto estamos esgotados no momento da ação porque nosso organismo nos alimenta constantemente de adrenalina para que possamos continuar de pé. Porém, basta o cérebro entender que a missão foi cumprida, que chegamos ao fim de uma batalha, para ele foder totalmente com nossa energia.

Não prestei muita atenção nem mesmo na conversa de Giovanna e Pietro sobre alguma viagem que queriam fazer, mesmo que eu devesse intervir naquela ideia absurda e prendê-la por uns tempos perto de mim. Afinal, tínhamos muito o que resolver a respeito da *Dita di Ferro*. Minha mente pensou nisso, mas meus olhos apenas se fecharam por alguns segundos, ou talvez tenha sido minutos, e eu só me dei conta de que tínhamos chegado à casa deles quando me sacudiram.

Saí do carro já sabendo que Giulia me lançaria olhares feios durante todo o tempo em que eu ficasse ali, mas não me importava tanto com isso porque valia a pena por estar perto de Elora. A menina era uma graça, pura luz que contagiava a todos ao seu redor e eu me sentia realizado sempre que a via perto da família. Meu esforço por todos aqueles anos em busca dele tinha servido para alguma coisa.

— Você está cansado — disse ela assim que me viu e veio segurar minha mão. — Quer água, Domenico?

— Não quero, anjo. Estou bem. — Alisei o topo de sua cabeça e sorri, observando o cachorro enorme que tinham adotado e andava grudado na menina. — Impressão minha ou o Paco cresceu ainda mais?

— Não sei. Mas tomara que ele fique bem grande.

— Tomara que não — disse Carlo ao passar por nós e afagar as orelhas do cachorro. — Combinamos de adotar um cão, não um urso, Elora.

A pequena sorriu e logo seus olhos se desviaram para Giovanna que deu a volta pelo carro e surgiu abraçada a Pietro. Vi os grandes olhos verdes se arregalarem porque minha filha estava com a pele dos braços e o rosto todo sujo de sangue e pensei que Elora não devia ter vindo nos receber.

— Gio, você está machucada?

Minha herdeira se soltou do marido e se aproximou, tocando o cabelo da menina.

— Lembra daquela explosão no meu carro e de como Enzo morreu por causa disso? — perguntou e Elora assentiu. — Eu estava cuidando da pessoa responsável por isso.

— Ela está morta?

— Sim.

— Você a matou?

— Sim — respondeu Giovanna, sorrindo. — E um dia vou ensinar tudo a você, porque somos mulheres, mas não significa que não devemos cuidar da nossa família. É bom que esses homens saibam do que somos capazes.

O sorriso da menina se iluminou e eu observei pela milésima vez no dia a postura de minha filha. Ouvi falar muito dos seus feitos quando foi atrás do *sheik* Zayn para acertar contas pelo que ele fizera a Elora. Isso me deixou muito orgulhoso, saber do seu sangue frio para representar e se colocar como isca numa situação tão arriscada. Mas vê-la em ação pessoalmente, ali naquele galpão com Rayka, subjugando com maestria o inimigo, foi um momento único de satisfação. Giovanna era incrível.

— Eu não estou sujo, será que mereço um abraço ou você não está nem aí para seu irmão? — perguntou Pietro, tirando os óculos ao piscar para Elora. — Tenho notado que a única pessoa interessante nessa casa é

Giovanna. Vou começar a não andar mais com ela para ver se recebo mais atenção.

Elora deu uma risada boba e balançou a cabeça com bastante energia antes de se pendurar no pescoço dele. Meu genro a pegou no colo com facilidade, apesar de notar que ela parecia ter ganhado um pouco mais de peso, e os dois sumiram dentro de casa.

— Vou pedir que arrumem um quarto para você. — Carlo apertou meu ombro ao passar por nós e seguir o Don. — Fique à vontade, Domenico. Ou não.

— Não pretendo ficar — disse para minha filha quando ficamos a sós.

— Como assim?

— Vou descansar um pouco sim, antes de pegar a estrada, mas quero ir para minha casa, *carina*.

— Mas acabamos de chegar. — Ela franziu a testa e cruzou os braços, colocando uma expressão emburrada no rosto. — Sério que já vai me abandonar? E Elora? Ela também está com saudade.

— As duas sempre serão bem recebidas em minha casa. — Toquei seu queixo e raspei um pouco de sangue seco com minha unha. — Não preciso dizer que preciso de sua companhia por um período, não é? A Dita...

— Eu sei — ela me interrompeu e segurou meu braço, puxando-me para dentro da casa. — Podemos só ficar algumas horas sem falar desse assunto. Vamos subir porque preciso tomar um banho antes de voltar a conviver em sociedade e você precisa de um quarto.

Como ela pediu, deixei a conversa séria para outra hora, também concordava que devíamos tirar algumas horas para relaxar. Subi para o segundo andar da casa em sua companhia e fui empurrado na direção de um dos quartos, sem nem ter tempo de falar com ela antes que sumisse por uma das outras portas.

Entrei e pensei que poderia muito bem me deitar um pouco antes de qualquer coisa. Desejava um banho quente e roupas limpas, mas como não tinha nada para trocar no momento, foquei na cama e me deitei. Fechei os olhos, sentindo o peso atrás deles me atingir, ciente que a qualquer momento eu teria uma grande recaída porque estava tudo muito tranquilo.

Sentia-me quase pegar no sono quando ouvi um barulho e levantei a cabeça. Foi a porta do banheiro que tinha sido aberta e Susan passou por ela, vestindo um roupão e com uma toalha enrolada na cabeça.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, correndo os olhos pelo quarto, tão surpresa quanto eu.

— Parece que sua amiga Giovanna é uma peste. — Soltei o corpo sobre o colchão e encarei o teto, cansado demais para levantar. — Devia ter desconfiado quando ela saiu correndo.

— Deram esse quarto para você?

— Aparentemente, sim. Vou para outro lugar, Susan... Só preciso de uns segundos.

Esfreguei meu rosto, sentindo que o cansaço já tinha se instalado em cada molécula do meu corpo e praguejei contra minha própria filha. Será que a menina tinha contado sobre o que aconteceu entre nós? Achava que não, que ela tinha decidido ser discreta quanto a isso, mas por qual outro motivo Giovanna faria isso?

— Não precisa sair, Don Negri — ouvi a voz sedutora, mas não olhei.
— Não me importo de tê-lo aqui para dividir a cama comigo.

Ela era tão descarada que eu acabei rindo sozinho da falta de vergonha na cara. Uma menina que quem olhasse de fora pensaria ser fofa e meiga, era na verdade como um rolo compressor passando por cima de mim. Não tinha mais certeza se em algum momento tive chance de fugir dela.

— Por que está rindo?

— Você é surreal, *ragazza* — comentei, puxando um travesseiro e o colocando sob minha cabeça. — Não vou mesmo sair daqui, pode até montar sobre mim se quiser, mas me deixe descansar.

— Está se achando a última bolacha do pacote, não é? Não pense que estou apaixonada só porque transamos.

— Estou tentando, de verdade, não pensar em absolutamente nada.

De olhos fechados, agradei por não ter recebido nenhuma resposta. Concentrei-me na minha respiração para tentar meditar um pouco, pois era algo que me ajudava muito para superar o cansaço e a mente que trabalhava a todo vapor. Sentia saudade de minha casa, do som do mar, dos meus momentos sentado na areia, à espera do amanhecer, enquanto fechava os olhos e degustava de todas as sensações que me preenchiam. Passei a incluir essa rotina em minha vida depois que descobri sobre minha doença e percebia que minha vida saía do controle quando ficava por muito tempo afastado de algo que me fazia tão bem.

Sabia que pegara no sono porque quando voltei a abrir os olhos, eu estava sozinho no quarto e alguém tinha fechado as cortinas que antes estavam bem abertas. Espreguicei-me ao me sentar na cama e senti que aquelas poucas horas que dormi foram reparadoras. Ao entrar no banheiro, percebi que tinham colocado peças de roupas masculinas sobre a bancada da pia e imaginei que fossem de Carlo ou Pietro. Nem pensei em recusar, apenas entrei logo no box e me dei a oportunidade de apreciar uma bela chuva de água quente.

Quando finalmente desci para o andar inferior, fui arrebatado pelo cheiro de comida fresca e o segui sem pestanejar. A mesa da sala de jantar estava ocupada por Giovanna, Susan e Elora, que jogavam cartas e pararam a brincadeira quando me viram.

— Dormiu bem? — perguntou minha filha ao se levantar e me beijar

no rosto. — Não quis acordar você, então pedi que guardassem o seu almoço. Vou pedir para esquentarem e trazerem, ok?

— Tudo bem. — Alisei seu cabelo e pisquei para Elora, que me encarava curiosa. — Giovanna tem cara de quem rouba nas cartas. Fique atenta.

— Ei! Eu não roubo coisa nenhuma!

Ela me mostrou o dedo do meio, completamente desrespeitosa com seu velho pai, e saiu em direção à cozinha. Aproveitei para puxar uma cadeira ao lado da pequena ruivinha e de frente para a Susan, que fingia que eu não estava bem ali.

— Onde está todo mundo? — questionei, estranhando a casa silenciosa demais.

— Mamãe, Carlo e Pietro foram ao cemitério visitar o Enzo.

— Entendi. E vocês ficaram para proteger a casa, não é? — Apertei a bochecha dela, que riu. — Não tem segurança melhor do que essa.

— Mais ou menos — Elora respondeu, encolhendo os ombros. — Nem eu nem a Susan sabemos atirar. Só a Gio é boa nisso...

Pensei se valia a pena contar a verdade sobre a pontaria de minha estimada filha, mas não seria eu a acabar com sua reputação perante sua pequena fã, então me calei. Observei Susan, que mexia nas cartas com um grande desinteresse, só para ter com o que se ocupar. O que estava me deixando bastante curioso.

— E você, Susan? — Atraí o olhar dela. — Descansou? Está bem?

A garota pareceu confusa, como se estivesse surpresa por receber atenção e essa percepção me fez inclinar a cabeça de lado para observá-la melhor. Eu tinha dito algo que a desrespeitasse ou coisa parecida? Por que ela estava agindo de forma estranha desde que pousamos na Itália?

— Tudo bem — disse, bem sucinta, e sorriu para Giovanna quando esta

retornou.

— Quando pretender voltar para casa, pai?

— Gostaria de ir ainda hoje — suspirei pela forma triste com me olhou —, mas posso esperar até amanhã.

— E eu preciso voltar para meu pais — disse Susan, cruzando os braços. — Não sei se ainda tenho emprego, mas pode ser que dê tempo pelo menos de salvar minhas plantas.

— Você não conhece a Itália direito, amiga. Podia aproveitar a viagem do meu pai e ir conhecer a Calábria.

Giovanna não perdia mesmo nenhuma oportunidade para colocar em ação o seu projeto de me desencalhar, como ela mesmo costumava dizer. Sua amiga me lançou um olhar interessado e deu de ombros.

— Se eu receber algum convite, talvez aceite — disse ela, juntando todas as cartas da mesa e as embaralhando. Se eu tivesse companhia e lugar para ficar...

— Você pode ficar na casa do Domenico. Vai conhecer a Baba e o Nico! — Elora se animou e virou o rosto para me olhar com um sorriso fofo. — Ela pode ficar lá, né? Você está sempre sozinho mesmo.

— Estou sozinho porque sou rabugento e gosto de ficar sozinho — respondi. — Mas vou pensar e talvez convide Susan para conhecer o lugar.

— Posso ir também?

— Elora — Giovanna chamou sua atenção —, esqueceu que você está estudando em casa? Não pode interromper suas aulas porque tem muita coisa para aprender.

E assim, minha filha sagaz dava a cartada final no plano diabólico, tirando a menina da jogada e me deixando para encarar Susan sozinho. Não tive interesse em continuar a conversa depois que minha comida chegou e comecei a me servir.

•

Estendi o máximo possível o meu tempo no jardim, mas como todo mundo já tinha se recolhido aos quartos e passava da meia-noite, decidi que era hora de encarar a situação. Ao abrir a porta, encontrei a cama arrumada de uma maneira bastante peculiar. No centro dela havia uma parede formada por travesseiros e Susan ocupava um dos lados do colchão.

— Isso é para impedi-la de pular em cima de mim? — zombei ao me aproximar e me sentar. — Porque pelo pouco que aprendi convivendo esses dias com você, esses travesseiros não são fortes o suficiente.

— Você está louco se acha que vou agarrá-lo. Isso é para minha proteção.

Virei o corpo para olhar a garota atrevida deitada de costas para mim. Ela estava de sacanagem com a minha cara ou eu tinha caído em alguma realidade paralela?

— Sua proteção? — Ri. — Acho que não estamos falando a mesma língua.

A garota se virou, enfezada, e puxou todos os travesseiros, jogando alguns no chão e agarrando outros com o corpo antes de voltar para a mesma posição.

— Pronto. Satisfeito?

— Perdoe-me, mas o que eu perdi? — perguntei, curioso. — Nós transamos. Não era o que você queria?

— Não — respondeu sem me olhar.

— Não? Você tem se jogado em cima de mim há dias, Susan. E não me recordo de ter pedido para que eu me afastasse ou parasse quando entrei em você.

Um travesseiro foi jogado na minha cara e ela se sentou na cama, de frente para mim, apontando um dedo e quase o encostando no meu nariz. Era abusada. O que não tinha de tamanho, tinha de coragem.

— Não foi exatamente do jeito que eu imaginava porque você é um...
— Bateu no meu peito. — Grosso!

— Eu sou?

— Ora, agiu como se estivesse me fazendo um grande favor ao me foder.

Segurei no pulso dela e afastei os dedos longos antes que aquela mão viesse parar no meu rosto. Mulheres bravas e arredias eram excitantes, mas violência física não era algo que me dava prazer.

— Como eu deveria ter agido então?

— Como se tivesse gostado, talvez? — devolveu ela, franzindo os lábios. — Como se também tivesse se beneficiado do ato?

— Eu gozei. Achei que a parte do gostar estivesse nas entrelinhas.

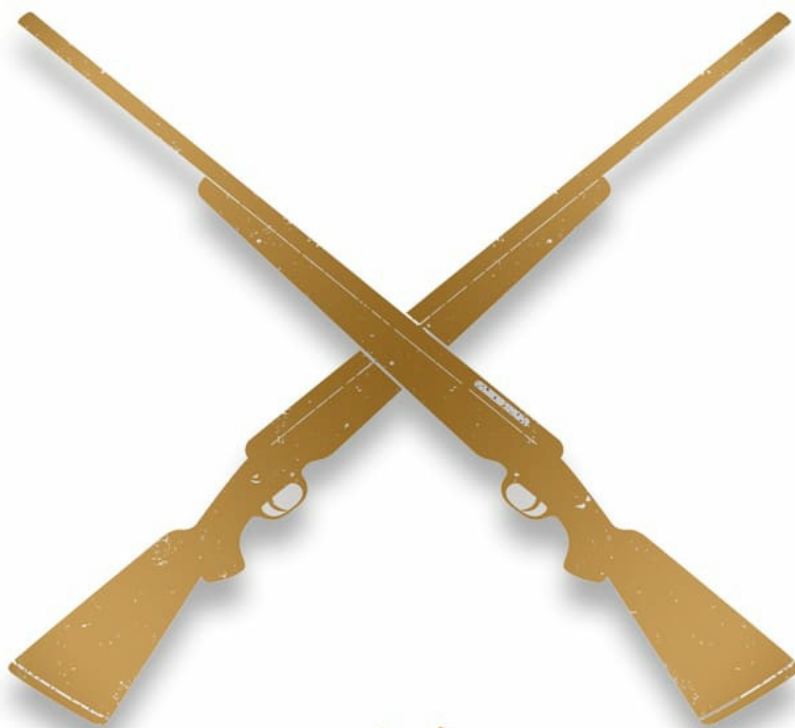
Um som parecido com um rosnado reverberou pelo peito dela e suas duas mãos bateram forte em meu peito antes de Susan se virar e deitar novamente de costas para mim. Era exatamente por reações como aquela que eu evitava ao máximo me relacionar porque fugia desse tipo de dor de cabeça. Mulheres são criaturas complicadas demais.

— Não sou romântico nem carinhoso, *ragazza* — avisei, deitando-me no lado destinado a mim e me cobrindo. — Achei que tivesse deixado isso bem claro. O sexo foi bom, mas isso é tudo que vai conseguir de mim.

— Vá se catar, Don Negri.

Ela apagou a luz da luminária que ficava em sua mesa de cabeceira, a única coisa acesa no quarto, e então caímos no mais profundo silêncio. O que foi bom de qualquer forma, pois só estando com raiva de mim para me deixar dormir em paz. Não sei o que seria do dia seguinte, se ela iria viajar comigo

ou se nos despediríamos de uma vez, mas por enquanto, neste momento, eu só queria apreciar uma boa noite de sono.



24

GIOVANNA

Seis meses depois

Minha pele agradecia a sensação gostosa do banho de mar e quando torci a água do cabelo, sentei-me na toalha e inspirei profundamente. Aquele cheiro era inebriante e eu andava um pouco viciada naquela paisagem. Estava na casa do meu pai, tentava passar bastante tempo por ali com ele e me revezar também para dar atenção a Pietro.

Como eu vinha passando por um treinamento intensivo para assumir a *Dita di Ferro*, meu marido compreendia que eu não podia simplesmente ficar indo e voltando, pegando estrada, todo santo dia. Eu ainda não sabia como seria quando realmente fosse a única pessoa no comando, pois de forma alguma eu me mudaria para a Calábria. Uma coisa era passar dias por aqui, aproveitar o mar gostoso e a tranquilidade que essa casa me proporcionava, outra bem diferente era fazer as malas e dar adeus à cidade onde nasci e cresci.

Joguei a cabeça para trás e fechei os olhos, enquanto o sol aquecia meu rosto e me trazia conforto. Também usava aquele tempo a sós para refletir sobre minha vida e o que o futuro andava planejando para ela. Tinha dias que eu acordava muito bem disposta, havia outros em que não desejava sair da cama. O que Deus reservara para nós, afinal?

Pietro e eu não engravidamos até agora. Ou melhor, eu não engravidei. Aboli o anticoncepcional há muitos meses e viemos tentando conceber um bebê incansavelmente, mas não aconteceu. Sei que sou nova e nem mesmo estava em meus planos ser mãe tão cedo, mas a partir do momento que decidi fazer isso, eu quis mesmo que acontecesse. Nós não conversávamos muito sobre isso, apenas continuávamos tentando e esperando o momento certo.

Mas eu estava incomodada e me sentia frustrada.

Permaneci ainda um tempo ali sentada de frente para o mar, deixando meus pés sentirem o frescor da areia molhada. Não devia estar com meus pensamentos voltados para o lado pessimista e negativo. Eu tinha muita coisa para agradecer, principalmente pelas pessoas que eu amava. Portanto, coloquei um sorriso no rosto e me levantei, sacudindo a areia da toalha e caminhando até a casa.

Dei um beijo na cabeça de Alba que estava deitada na varanda e se levantou para abanar o rabo e peguei a bolinha que Nico oferecia a mim, lançando-a bem longe para eles irem buscar.

Entrei na sala que cheirava a peixe assado e encontrei meu pai na cozinha, arrumando batatas numa travessa. Ele estava de costas, com o avental amarrado na cintura e assobiando uma música de uma banda que aprendeu a gostar por minha causa. Puxei um banco alto e me sentei enquanto o observava, feliz por ele ter melhorado.

Quando voltamos da Rússia meses atrás e resolvemos o problema com Rayka, ele entrou numa crise difícil, provavelmente a pior que já teve até então. Precisou da cadeira de rodas por quase três meses de tão debilitado que se sentia e o início da crise coincidiu com a viagem que eu estava fazendo com Pietro. Voltamos às Maldivas como planejado, e eu só soube que Domenico estava mal quando retornamos para casa. Descobri que Susan tinha cuidado dele durante aquelas duas semanas, já que ela foi conhecer o local e estava por lá quando ele passou mal pela primeira vez.

— Devia ser prestativa e me ajudar, não ficar aí sentada, só olhando, enquanto seu velho faz tudo — resmungou e eu me perguntei como ele sabia que eu estava ali.

— Você me deve anos e mais anos de almoços, quero ser mimada como toda filha deveria ser pelo seu pai.

Quando se virou com uma carranca no rosto, me encarou com os olhos estreitos e uma faca apontada para mim. A barba estava mais grisalha do que nunca e ele estava mais magro, mas sua imponência continuava intacta.

— Essa sua língua afiada — disse, prendendo o sorriso. — Não sei a quem puxou.

Baixei os olhos e observei a mão dele espalmada na madeira, com os dedos afastados. Com um movimento rápido, puxei uma das facas do suporte ao meu lado e finquei a ponta da lâmina entre um dedo e outro. Ergui meu olhos e ele também me encarava, desafiador. Comecei a passar a faca de um lado para o outro, sempre mirando nos espaços vazios, lentamente, e aumentei a velocidade aos poucos, até fazer os gestos bem rápidos, sem esbarrar em um único dedo.

Quando parei, ele conferiu a integridade de sua mão e sorriu, pegando uma batata cozinha e a comendo enquanto balançava a cabeça.

— Fico feliz por ter ensinado algumas coisas positivas — comentou ele. — Pietro nunca poderá alegar que é o responsável pela sua boa pontaria.

Isso era realmente um ótimo acréscimo na minha vida. Como eu estava mesmo passando um tempo com ele, aproveitamos para treinar com diversas armas. Meu marido até tinha se disponibilizado a me ensinar, mas meu pai tinha um terreno muito propício e uma longa faixa de areia inabitada. Eu podia atirar para qualquer lado e não correria o risco de acertar ninguém.

— O almoço ainda vai demorar? Porque acho que vou tomar um banho rápido para tirar o sal do cabelo.

— Pode gastar alguns minutos no banho — respondeu meu pai, inclinando-se para dar uma olhada no forno. — Pietro vem que horas?

— Depois do almoço.

Don Negri assentiu e eu pulei do banco, indo para o quarto e tirando o biquíni. Todos aqueles dias mantendo a mesma rotina de manhã me

proporcionaram belas marquinhos de sol que eu estava doida para ostentar na cama com meu marido. Ele vinha me buscar mais tarde e eu só voltaria para cá em duas semanas, quando seria oficialmente apresentada à *Dita*.

Meu pai e eu almoçamos na varanda com a visão do mar e o barulho das ondas, algo que me deixava muito saudosa quando não estava aqui. Era diferente dormir embalada por aquele som. Como estava calor, eu deixava a janela aberta ao me deitar e as ondas e o frescor da maresia transformavam minhas noites de sono.

— Não é igual das outras vezes — disse Don Negri e eu parei de prestar atenção no mar para olhar para ele. — Das outras vezes em que foi embora. Hoje você está calada demais.

— Acho que estou — respondi, cutucando um pedaço de peixe. — Estou me sentindo mais introspectiva.

— Algum motivo específico para não estar ansiosa para rever seu marido?

Larguei os talheres no prato e me recostei à cadeira, voltando a olhar o horizonte e me perder em pensamentos junto com o oceano.

— Terei que retornar aos Estados Unidos em algum momento. Pietro tem sido paciente em se dividir entre os continentes, mas não é o certo.

— Vocês são casados e é lá que ele mora... — disse o velho, pensativo, bebendo uma cerveja.

— Nova York não é para mim, não me sinto em casa. — Gesticulei para a natureza ao nosso redor e sorri. — Gosto daqui, pai. Bem, especificamente, daqui. É o lugar onde eu mais me sinto em paz.

— Então conversem, *carina*.

— De que adianta? Não quero que a gente fique mais tempo ainda separados. Ele lá e eu cá, não faz sentido. Pietro jamais me obrigaria a seguir seus passos por onde for, mas não quero viver um casamento em que só

estamos juntos a cada dois meses. — Ajeitei-me na cadeira, engolindo o peixe que tinha perdido o gosto. — Enfim, não quero falar sobre isso agora.

Empurrei o prato sem ter terminado de comer tudo e meu pai se levantou para recolher uma parte da louça. Ele veio até meu lado e beijou o topo da minha cabeça, apertando o meu ombro antes de se virar para entrar em casa.

— Tudo ao seu tempo, *carina*.

Sim, mas qual seria o tempo? Eu me sentia abarrotada de tarefas a resolver, quando não conseguia cumprir nenhuma delas totalmente. Era como se eu estivesse dando apenas pequenas partes de mim. Uma parte para meu pai, uma parte para as máfias, outra parte para meu marido e nossa vida a dois, o que sobrava para a família... Quando eu conseguiria voltar a ser inteira novamente?

Desisti de tentar me entender e ajudei meu pai com a arrumação pós-almoço, até que fui para o quarto arrumar minha coisas para esperar por Pietro. Ele chegou um pouco depois das duas da tarde e entrou rapidamente só para cumprimentar Don Negri e saber como ele estava.

Voltamos sozinhos no carro, com ele dirigindo e uma escolta destacada atrás, pois assim podíamos curtir um pouco de privacidade. Deslizei meus dedos pela nuca dele, observando-o de perfil enquanto cantarolava uma música italiana e me olhava vez ou outra de relance.

— O que foi, *bambina*?

— Nada, só estou apreciando — respondi, usando minha mão livre para tocar seu peito. — Senti saudade.

Ele sorriu e beijou meus dedos, mas minha atenção foi desviada para o caminho que estávamos tomando desde que saímos da casa de meu pai. O certo seríamos descer para o sul, mas Pietro dirigia na direção norte não como se estivesse perdido, mas sim como se soubesse exatamente o que estava

fazendo.

— Onde vamos? Esse não é o caminho para casa.

— Não é mesmo — respondeu ele e virou o rosto, piscando para mim.

— Pegaremos um avião em Lamezia Terme e pousaremos em Florença.

— Florença? Algum motivo especial?

Não que eu fosse o tipo de pessoa que reclamaria de uma visitinha a tão bela cidade, já tinha estado cinco vezes em Florença e amava tudo nela. Era, provavelmente, um dos meus locais favoritos da Itália.

— Já passeou por Val D'Orcia? — perguntou ele e neguei com um gesto de cabeça. — É um dos lugares mais lindos da Toscana e acho que precisamos de um pouco disso.

Não ter pisado naquelas terras não significava que eu desconhecia a afirmação de Pietro. O vale realmente era considerado exuberante, inclusive, tinha se tornado Patrimônio Mundial da UNESCO e entre suas colinas era possível visitar cidades e vilas medievais. Um roteiro extremamente romântico, talvez por esse motivo eu nunca tenha visitado, já que não possuía ninguém para dividir as paisagens comigo.

Estava tão ansiosa para ver tudo e ao mesmo tempo me sentia louca de vontade de mandar o homem parar no acostamento só para que eu subisse no colo dele e o enchesse de beijos — e outras coisas mais. No entanto, mordei meu lábio com força para tentar conter a empolgação e grudei a bunda no banco ou não chegaríamos tão cedo ao nosso destino.

— Sei que estamos precisando muito de um tempo a sós — disse ele, segurando minha mão apoiada em seu joelho. — Você não gosta de Nova York e quando conseguimos vir para cá, por mais que eu ame a minha família, estar em casa com todo mundo nos cercando não é a mesma coisa.

— Não mesmo, mas eu gosto da companhia de todos.

— É claro que sim, eu também. Mas de vez em quando é bom se

afastar um pouco. Por isso reservei esse lugar para passarmos uma semana, é simples, intimista, cercado de natureza, acho que você vai gostar.

— Você sabe que do seu lado eu me hospedaria até mesmo em uma caverna.

Sua risada me contagiou e acabei rindo junto. Abri a janela e deixei que o vento entrasse no carro, colocando a mão para fora e curtindo a paisagem, a temperatura amena e o lindo sol com o qual estávamos sendo presenteados.

Passamos umas cinco horas dentro do jatinho e quando pousamos, um carro alugado já nos esperava para pegarmos estrada. Nosso passeio pelas belezas da Toscana durou cerca de uma hora e meia e quando chegamos nos arredores de Montalcino, começava a anoitecer. A tal da vila de Pietro ficava recolhida num declive e passávamos de carro pelo alto, tendo uma completa vista magnífica do lugar.

— Você disse que era simples — murmurei, quase sem palavras diante de tanta beleza. — É de tirar o fôlego e você só pode ter batido com a cabeça.

— Simples porque tem uma proposta diferente com o que estamos acostumado.

A propriedade toda em pedra era inserida no vale como se estivesse ali há muito, muito tempo, o que provavelmente era verdade. Seu aspecto medieval já indicava que o hóspede viveria uma experiência marcante pelos dias em que permanecesse ali. As luzes espalhadas pelos arredores estavam todas acesas, aumentando mais ainda o aspecto bucólico do lugar.

Pietro parou o carro a alguns metros da casa e eu saí rapidamente para olhar ao nosso redor. Um pouco mais distante de onde estávamos havia um pequeno vinhedo que eu adoraria visitar no dia seguinte.

— É lindo, não é? — perguntou ele, beijando meu ombro nu.

— Já tinha vindo aqui?

— Não, vi tudo pela internet enquanto procurava o lugar perfeito.

Teremos companhia de alguns empregados da propriedade, mas nada mais.

Um homem logo apareceu para nos receber e entregar as chaves para Pietro. Ele nos deu uma rápida explicação sobre o funcionamento da vila e avisou que um pouco mais além ficava a casa de residência dos funcionários. Agradei mentalmente por saber que o homem nem outra pessoa ficaria por perto aquela noite, pois eu pretendia usar bastante a cama.

Depois de se despedir, ele nos deixou a sós e exploramos todos os ambientes. Entendi a questão da simplicidade ao reparar nos móveis que não eram nada luxuosos ou modernos, pois em nada combinariam com o restante da vila. Minutos mais tarde, quando desbravamos a cozinha e constatamos que ela estava perfeitamente abastecida, deixei que Pietro me guiasse pela mão na direção do nosso quarto, enquanto eu me ocupava em carregar um *Brunello de Montalcino* nos braços.



GIOVANNA

Eu poderia me acostumar a acordar e olhar para uma vista como aquela todos os dias da minha vida. Inclusive, uma das paisagens era justamente composta pelas colinas de Montalcino e me imaginei tirando fotos incríveis lá enquanto sentia os beijos de Pietro sendo depositados nas minhas costas. Virei o rosto e, em seguida, o corpo, deixando que subisse sobre mim e afastando minhas pernas para recebê-lo.

— *Buongiorno, principessa.*

— Às vezes eu até chego a pensar que estou sonhando, mas aí lembro

que realmente me casei com você.

Seu sorriso me arrebatou ao mesmo tempo em que ele me penetrou devagar, arrancando-me alguns suspiros apaixonados. Minhas unhas deslizaram por suas costas enquanto sentia seu tamanho todo me esticar, me preencher e me fazer perceber que não queria mais ficar tantos dias afastada dele.

Nossas línguas se embolaram no beijo sem pressa, pois tínhamos toda a vila e todo o tempo do mundo. Quando Pietro se sentou e me puxou para seu colo, segurou meus seios entre as mãos e os lambeu de forma bem provocadora, conforme eu subia e descia em seu pau, arranhando seus ombros fortes e sua nuca.

Fechei os olhos só um pouquinho para embarcar cem por cento naquela viagem maravilhosa e apreciei quando ele tomou o controle dos nossos movimentos, enterrando bem fundo dentro de mim, a ponto de sentir um incômodo ou outro bem lá no útero. Mas eu era plenamente viciada naquele pau, naquele corpo, naquele homem. Sempre queria mais e exigia que me desse mais. Ele já conhecia minha leitura corporal, já sabia o que meus gemidos queriam dizer, tanto que aumentou a velocidade da nossa dança e me fodeu com força, uma mão segurando firme as minhas costas e a outra em meu quadril.

— Como desejei fazer isso enquanto estava voando pelo Atlântico — murmurou, deixando uma mordida em meu queixo. — Quis fazer isso durante todo o caminho até aqui.

— Devíamos ter feito... — respondi, quase sem fôlego, alisando o seu rosto úmido de suor. — Ah, amor...

Joguei a cabeça para trás e Pietro me deitou de costas novamente, mas manteve meus joelhos dobrados para se aprofundar melhor em mim. Apertei meus seios enquanto ele estocava rápido e me permiti atingir o orgasmo um

pouco antes de meu marido também o alcançar.

Permanecemos um tempo abraçados com ele ainda em cima de mim, aproveitando que estávamos ambos satisfeitos — por enquanto — para trocarmos carícias mais pacientes. Nunca me cansaria do beijo dele, do jeito como fazia minha pele arrepiar ao esfregar o nariz em meu pescoço. Eu amava demais aquele macho, era uma cadelinha perfeita. Só na cama, claro.

— O que quer fazer depois? — perguntou ele ao rolar para o lado e segurar minha mão em seu peito. — Podemos andar pelo vinhedo, tirar umas fotos...

— Tomar bastante vinho e nos embebedarmos para transarmos que nem loucos mais tarde.

— Também é uma possibilidade — disse, sorrindo ao virar o rosto para mim. — Mas sabe que não precisamos de nenhum tipo de bebida para fazermos isso.

Respirei fundo e encarei seus olhos azuis tão intensos, esticando minha mão para tocar as pequenas rugas que começavam a surgir nos cantinhos dos seus olhos. Um pensamento muito antigo me tomou a mente, uma lembrança de quando eu era muito nova, devia ter uns oito anos na época, e ficava olhando uma fotografia de Pietro, pensando em como seria passar minha mão no rosto bonito dele.

— Quando eu era criança parecia tão surreal que um dia estaria assim com você, nua na cama ao seu lado.

— Parecia mesmo? — questionou o filho da mãe, franzindo a testa em dúvida. — Não sei, você era bem safadinha, *bambina*. Nunca vou me esquecer de quando me pediu um beijo.

Gargalhei bem alto porque eu também recordava disso e aquele dia tinha sido o ponto alto da minha vida por muitos anos. Virei-me e passei uma perna sobre a dele, apoiando meu queixo em seu peito.

— Já pensou se você tivesse me beijado?

— Tenho cara de pedófilo, por acaso?

— Não — respondi, revirando os olhos. — Mas poxa, eu já estava prometida a você. Podia ter feito meu dia mais feliz.

— Eu nunca faria isso, *principessa*. — Pietro deslizou o dedo pela minha sobrancelha e fechei os olhos, pois amava quando ele me fazia aquele carinho. — Como não gostaria que nenhum idiota fizesse com uma filha minha. Por mais que houvesse um casamento arranjado. É necessário respeitar o tempo.

Baixei meus olhos para o peitoral dele, sempre impecável e definido. Queria poder deixar esse assunto de lado por mais tempo, mas ele estava novamente aqui entre nós.

— O que faremos se eu não puder ter filhos? — Minha voz saiu um pouco quebrada porque senti minha garganta se fechar. — Eu não...

— Gio. — Ele não me deixou terminar de falar e tocou meu queixo para erguer meu rosto. — De onde você tirou essa maluquice?

— Estamos tentando há meses, eu sou nova e saudável, parei com o remédio e a gente transa igual coelho. Já devia ter engravidado, não acha?

Pietro passou alguns segundos me encarando bem sério, mas eu não desviei o olhar. Até que ele suspirou e levou um dos braços para debaixo da cabeça, olhando para o teto de estilo medieval acima de nós. Não era possível que ele não tivesse se dado conta ainda de que pela lógica, eu deveria estar esperando um bebê.

— Não acho que seja um padrão — falou, alisando minhas costas com a mão livre. — Não ser tão rápido quanto a gente espera não significa que você tenha algum problema. Está se cobrando por algo que precisa acontecer no tempo de Deus.

— Eu não quero parecer neurótica, só acho... — Suspirei, relaxando os

ombros, satisfeita de pelo menos estarmos conversando sobre o assunto. — Acho que não custa nada fazer uns exames só para ficarmos tranquilos, sabe?

— Sabe o que eu acho? — Pietro sorriu, usando aquele braço enorme e forte para me derrubar de novo na cama e montar em cima de mim. — Acho que esse bebê será concebido aqui.

— Ah é? Teremos que dar o nome de Montalcino.

— Ou Brunello.

— Os dois são terríveis — admiti, gritando quando ele me fez cócegas e deslizou pelo meu corpo, até unir sua boca com minha boceta.

•

Eu estava me sentindo no ápice da vida de uma camponesa em algum século passado, sentada no alto de uma colina, com uma manta cobrindo meus ombros e Pietro Greco ao meu lado. Enquanto assistíamos ao pôr-do-sol mais apaixonante de todos, aquela cena romântica digna de um livro de Nicholas Sparks era arrematada pelo vinho de fragrância forte em nossas taças.

— Toda história desse homem termina com morte, melhor trocar o autor...

— O que você disse? — perguntou o Don com um vinco no meio da testa e eu sorri.

— Nada, querido, estava pensando alto. — Beijeí sua boca e deitei minha cabeça em seu ombro. — Amo você. Obrigada por me trazer nesse lugar.

— Queria proporcionar um pouco de paz antes das coisas ficarem pesadas para o seu lado. O dia da sua apresentação está chegando, não é?

Bufei, fechando os olhos para não estragar a paisagem com meus

pensamentos negativos. Não que assumir a *Dita di Ferro* fosse algo ruim, pelo contrário, eu estava ansiosa por isso e já tivera tempo de me acostumar à ideia de comandar tudo. Tinha tanto que eu queria fazer e colocar em prática, que até lista eu fiz. Meu problema era outro, mais especificamente, as pessoas. Os olhares tortos não ficaram exclusivos a Luca, o *consiglieri* de meu pai, que morreu na missão da Rússia. Muitos homens não estavam gostando nada da minha ascensão e como eu não podia simplesmente explodir a cabeça de cada um que não fosse meu fã, sabia que viria muito estresse pela frente.

— Don Negri já marcou a data — respondi, olhando para Pietro, que estava ainda mais impressionante sob aquela luz alaranjada. — Tive que prometer a ele que não ia arranjar briga com ninguém. Por enquanto.

— Uma pena que eu não possa participar. — Ele abriu um sorriso enorme, um que dizia me conhecer bastante e duvidar de minha promessa. — Adoraria presenciar esse seu momento.

Essa era uma das coisas ridículas que eu tinha odiado. A presença de Pietro ou qualquer outra pessoa de fora da *Dita di Ferro* não era permitida durante a troca de um Don. Não sabia quem tinha sido o filho da puta que criou essa regra, provavelmente meu avô babaca, mas era algo que eu pretendia abolir das tradições para as próximas gerações. Parecia até que éramos alguma seita e realizávamos sacrifícios de virgens no altar, para que fosse preciso proibir a entrada de outras pessoas. Na realidade, era apenas um bando de velho sedentário que dependia da proteção de soldados fortes e jovens para continuarem dando ordens e ganhando dinheiro. Claro que havia exceções como em todo lugar, mas a maioria se encaixava nessa minha descrição.

— Vou pedir para alguém gravar. Talvez Dante. Ou então coloco uma câmera na alça do vestido e você assiste tudo ao vivo.

— Quer que eu assista vários idiotas enquanto eles olham para seus peitos?

— Eles não fariam isso!

— Claro que não. — Senti um tom de sarcasmo na voz do meu marido, enquanto eu me ajoelhava de frente para ele que apertava seus ombros. — Vários daqueles homens nunca nem se envolveram em tráfico de mulheres e crianças... São todos santos.

Inspirei com força e fixei o olhar na paisagem atrás de Pietro, esperando que minha raiva chegasse e fosse embora o quanto antes, porque eu ficava irritadíssima quando pensava nisso.

— Não vamos falar sobre isso e estragar nosso dia — disse ele, alisando meus braços e me puxando. — Não a trouxe até Vale D'orcia para falar de homens infelizes.

Eu me sentei de costas para ele, no espaço entre suas pernas, e seus braços envolveram meu corpo. Pietro apoiou o queixo em meu ombro depois de beijar meu rosto e eu sorri para aquele mundo verde abaixo de nós.

— O que achou daqui, afinal?

— Não está claro o quanto amei? — perguntei.

— Amou o suficiente para voltarmos outras vezes? — Assenti para responder sua pergunta e virei o rosto para ele. — A vila não está à venda, mas ando pensando em comprar um lugar assim, pela região, para onde podemos fugir de vez em quando.

— Sério? — Esperei que ele confirmasse e olhei à nossa volta, aquela exuberância toda. — Serei a primeira a apoiar essa ideia e vou amar ajudar a procurar o lugar perfeito.

— Qualquer lugar ficaria perfeito com minha Carabina dentro dele.

Joguei meu corpo e a cabeça para trás, obrigando-o a me segurar e se entortar todo para conseguir me dar um beijo. Por fim, acabei deslizando o

corpo pelo tecido macio que tínhamos estendido na grama e quase me deitei, mantendo as mãos de Pietro sobre meus peitos.

Em alguns minutos o sol se despediria por completo e a noite nos faria voltar para casa, mas antes, aproveitando os últimos minutos do céu iluminado com os raios de um laranja bem forte, balancei minhas pernas no ar e fiz com que o vestido subisse até a virilha.

— Já pensou em como seria inesquecível você me fazer gozar enquanto eu admiro essa paisagem?

Ouvi sua gargalhada e mordi meu lábio, ansiosa, enquanto sentia os dedos ágeis brincarem pelo meu corpo e entrarem por baixo da saia do meu vestido. Pietro puxou minha calcinha para o lado e me tocou devagar, invadindo delicadamente os lábios da minha boceta até tocar meu clitóris e me obrigar a abrir mais as pernas.

Entreguei-me de corpo e alma àquele momento, saboreando a união de lugar paradisíaco com o homem mais perfeito de todos.



GIOVANNA

Como tudo que era muito bom sempre chegava ao fim, nossa pequena viagem também teve o mesmo destino. Eu tinha acabado de entrar em nosso quarto na mansão Greco quando me dei conta de uma caixa embrulhada sobre o aparador. Olhei em volta como se estivesse sendo observada, porque estava um pouco traumatizada com toda essa coisa de receber pacotes estranhos.

Ao pegar a caixa nas mãos, no entanto, tomei coragem e rasguei o papel de presente chique, colocando o objeto sobre o móvel e o encarando

por alguns segundos antes de abrir. Lá dentro havia um álbum de fotos que eu peguei e fui me sentar na cama para olhar melhor. Meu coração errou uma batida ao levantar a capa e dar de cara com a primeira página com duas fotografias antigas.

Eram fotos minhas e de Nero durante nossas viagens com a família dele e nem percebi que estava desabando de chorar, apenas quando notei o plástico todo molhado. Passei as costas da mão pelo rosto e me levantei para olhar de novo dentro da caixa, encontrando um bilhete escrito à mão por uma letra bonita que eu reconheci rapidamente.

“Querida Giovanna,

Eu sinto tanto por tudo que aconteceu. Sinto-me culpada por ter permitido que as coisas chegassem ao ponto que chegaram e que por causa disso, eu perdi meu bem mais precioso. Você sabe que Nero sempre foi um bom menino, mas com a morte de Marco, eu pequei. Não reagi bem, não dei a Nero a atenção que ele precisava naquele momento, porque também estava muito quebrada. Tive raiva de vocês, quis me vingar de alguma forma, e entreguei meu filho de mão beijada para os russos. Ele conheceu aquela garota em algum momento e ela o iludiu com tantas promessas de vingança, se aproveitando do momento mais frágil da vida dele. Depois de um tempo eu já não tinha mais controle sobre ele e suas ideias, ele se afastou e passou a ter atitudes que eu não conseguia mais reverter.

Tenho certeza que ele nunca quis realmente fazer mal a nenhum de vocês. Especialmente você. Saiba disso. Nero a amava como uma irmã e eu torço para que você o perdoe pelo que fez. Eu a perdoei.

Escrevo para que saiba que não há rancor, não a quero mal. Sei que fui incansavelmente procurada, mas nunca irei voltar. Sigo minha vida

daqui, longe de qualquer vínculo com máfias.

As fotos foram uma das poucas coisas das quais não me desfiz e achei que você fosse gostar de ficar com essas. Guarde-as com carinho e seja feliz.

L.S.”

Mal consegui terminar de ler a carta, pois já estava em prantos na metade dela. Confesso que não pensava muito na senhora Salvatore, principalmente durante toda a loucura que vivi nos últimos meses. No início, logo depois do ataque de Nero, o sequestro de Enzo e Giulia, eu jurava que tanto o filho quanto a mãe estavam de conluio, orquestrando a vingança em cima dos Grecos. Depois, conforme a gente buscava informações, essas suspeitas foram diminuindo e tudo culminou na descoberta sobre o envolvimento da *Serdtse Drakona*.

Eu tinha muita curiosidade, vontade de saber como que surgiu a parceria entre Nero e Rayka, levando em consideração que os dois eram indivíduos bem diferentes. Mas, pelo visto, eu nunca saberia.

De qualquer forma, por mais triste que eu estivesse, a carta me fizera bem. Era quase como ter uma conclusão, uma despedida do meu melhor amigo. Nunca me arrependeria de minha decisão, mas eu me arrependo de não ter sido uma amiga mais presente e não ter estado lá para dar um ombro a ele quando precisou. Na época, Nero me afastou por vontade própria, mas me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse insistido um pouco mais. Se não estivesse tão focada no meu drama particular sobre ser esposa, sobre minha primeira vez e minhas descobertas sexuais. Eu nunca saberia.

Enxuguei meus olhos mais uma vez e passei o restante das páginas, recordando-me de cada momento. Quando acabei, fechei o álbum e escolhi uma gaveta do armário para colocá-lo, querendo encerrar de uma vez por

todas aquele ciclo terrível que se iniciou com a traição de Marco Salvatore.

Meu celular apitou a chegada de notificação dentro da minha bolsa e me deitei na cama quando vi que era mensagem de Susan. Mesmo que eu não estivesse ficando direto em Nova York, a gente não permanecia um único dia sem se falar. A única exceção foi durante a viagem para Montalcino, porque aí, obviamente, havia um ótimo motivo para esquecer da existência dela. O pau de vinte e um centímetros do meu marido era muito mais importante.

“E aí? Já está em casa? Quero saber como foi a viagem ao paraíso.”

“Sim, já voltamos e foi tudo maravilhoso. Espero que você tenha oportunidade de conhecer um dia. De preferência com um namorado bem gostoso, porque é um lugar muito romântico.”

Podia jurar que Susan estava lendo o que escrevi e me mostrando o dedo do meio. Ela começou a digitar e não demorou muito para que enviasse a mensagem.

“Ridícula. Esfrega mesmo na cara dos outros mortais o quanto você tem um casamento incrível.”

“Um casamento incrível e um marido fabuloso.”

Dessa vez Susan realmente me mandou um emoji com o dedo do meio em evidência e eu sorri enquanto digitava.

“Mas me diga, como anda essa vida amorosa de uma nova-iorquina? Não está pegando ninguém?”

“Você sabe que o homem que eu queria pegar está um pouco distante, é rabugento, velho e você o chama de PAI.”

“Ai, amiga... Já falei para esquecer isso. Sei que é meu pai e é lindo, gostoso, rico e poderoso, mas quando se trata de sentimentos, é um pé no saco.”

Quando Pietro e eu fomos para as Maldivas logo depois de encerrar o caso “Rayka”, meu pai levou Susan para conhecer a Calábria e ficar uns dias em sua casa. Antes de viajar ela me contou que eles tinham transado enquanto estávamos todos na Rússia e eu me esforcei para não me meter no que quer que estivesse rolando entre os dois. E aí, nos dias em que ficou na casa dele, parece que nada mais aconteceu, ele a tratou do jeito seco que sempre tratava, até que veio a recaída.

Susan cancelou sua volta para os Estados Unidos e permaneceu por lá para cuidar dele, pois eu estava ocupada fodendo em ilhas paradisíacas e ela não quis me contar nada. Até hoje eu não sei bem como as coisas se desenrolaram nesse período da crise dele, a única coisa que sei é que minha amiga já tinha retornado à Itália mais três vezes durante esses meses e por coincidência divina, meu pai sempre dava um jeito de aparecer de repente quando ela vinha para cá. Coincidência maior ainda é que ela sempre sumia nos mesmos momentos em que ele sumia e quando reapareciam, fingiam que eram desconhecidos um para o outro.

Francamente, eu já tinha idade suficiente para saber que meu pai andava de casinho às escondidas com minha amiga. Só que seria sempre isso, apenas um caso. Se dependesse de Domenico Negri, Susan nunca teria toda a atenção dele porque o homem gostava de levar essa vida de lobo solitário. Vai entender.

“Você não entende, Gio.”

“Como assim? Que bosta é essa? É lógico que entendo. Você está caidinha por ele e ele só lembra de você quando quer sexo. Nem deve se dar ao trabalho de mandar uma mensagem de vez em quando.”

“Amiga, amo você de montão, mas sério, você não entende. Sua vida amorosa foi toda programada quando você nasceu. E nasceu com a porra da bunda virada para a lua, porque teve a sorte de ser prometida ao cara mais gostoso da cidade, que por sinal, era louco por você! Não sabe como é ter que se esforçar para correr atrás de homem babaca (que a gente só descobre ser babaca depois de dormir com ele), estar sempre linda e disponível e ser engraçada, não matar ninguém quando escuta a famosa frase “não é você, sou eu” e, além de tudo isso, ter que acordar e lembrar que é pobre e precisa sair debaixo do temporal para ir trabalhar se quiser ter dinheiro no final do mês para pagar a depilação. Que você vai usar com outros homens babacas.”

Terminei a leitura do desabafo com olhos esbugalhados, prendendo a risada como se fosse possível que Susan me escutasse do lado de cá. Ela estava mesmo revoltada, pois minha amiga não tinha o costume de fazer esse tipo de textão, ela era até bastante objetiva nas conversas por celular. Isso só me dava mais certeza de que meu pai estava ferrando com a mente dela. E eu lhe daria um chute no saco por isso, se estivesse perto dele agora.

“Acho que você está precisando de sexo. Mas, mais importante que isso: vou enviar chocolate para o seu endereço. E um perfume novo, uma bolsa

nova e...”

“Mande sapatos.”

“Louboutins.”

“Graças a Deus conheci você, tão rica e capaz de me mimar. Pode mandar também uma passagem para a Itália?”

Soltei uma risada com a cara de pau que ela possuía e respondi avisando que providenciaria uma nova visita dela. Susan só fazia isso porque, afinal, depois de todo aquela confusão de carregá-la conosco para a Rússia, minha amiga tinha mesmo perdido o emprego. Ela foi desligada da empresa na qual trabalhava e fez uns trabalhos como freelancer nos últimos meses, enquanto procurava uma nova oportunidade no mercado e se virava com as economias que tinha.

Claro que eu não a deixei desamparada, visto que tinha parcela de culpa na demissão dela. Se não fosse por mim ela nunca teria se envolvido numa explosão nem seria ameaçada pela máfia russa, então eu me sentia um pouco responsável.

Quando a reforma no prédio terminou e voltamos para casa, cedemos novamente um apartamento para Susan morar, sem que ela precisasse pagar conta nenhuma. Eu também tinha providenciado para que a geladeira dela sempre se mantivesse abastecida assim como a nossa, então quando um funcionário fazia compras lá para nossa casa, fazia também para a dela. Dessa forma, consegui minimizar o máximo possível de suas despesas e ela foi desistindo, aos poucos, de reclamar da minha ajuda. Eu realmente tinha muito dinheiro se somasse o que foi deixado por meus pais falecidos — que depois

da morte de Lorenzo veio tudo para minhas mãos —, o que eu tinha como herdeira de Don Negri e mais tudo que dizia respeito à minha união com Pietro.

Estava terminando de me despedir de Susan quando meu quarto foi invadido por um monstro que produzia muita baba. Paco pulou na minha cama como se a altura dela não fosse um obstáculo e encostou sua língua de cinco metros na minha bochecha. É claro que não parou por aí e ele logo se deu conta de que esqueceu de enfiar o focinho nas minhas pernas, e como eu estava de vestido, senti cócegas e precisei lutar com um boi de quarenta quilos enquanto tentava defender minha honra.

— Eu não posso mesmo deixá-la sozinha que você já mostra a calcinha pro Paco — disse meu marido engraçadinho ao entrar no quarto e me salvar do ataque de seu rival. — Camarada, eu sei que o cheiro é irresistível, mas tenha dó. Eu cheguei muito antes de você.

Ele soltou a coleira do cachorro, que lambeu o rosto de Pietro antes de descer da cama.

— Percebeu que fizemos um ménage, né? — comentei, sentando-me novamente.

— Você bem que gostaria, sua safada!

— Eu incluiria um vampiro, se pudesse. — O Klaus, de preferência, pensei, pedindo desculpas a Kurt.

— Lá vem você de novo com esses livros absurdos — o Don resmungou ao se levantar e apertar a bochecha da irmã que estava entrando no quarto.

Elora subiu na cama e se sentou ao meu lado, mexendo no celular que ela tinha ganhado e me mostrando algumas fotos de cabelos. Todas tinham o mesmo detalhe em comum: mechas coloridas.

— Mamãe vai me levar ao salão hoje. Qual cor você acha que vai ficar

melhor em mim?

— Hum, você já usou azul, né? — Observei o rosto bonito dela e pensei um pouco. — O que acha de roxo?

— Pode ser. — Ela ficou pensativa e se virou para Pietro, que estava desarrumando a mala e guardando algumas coisas no *closet*. — E você, irmão?

Eu achava tão fofo quando Elora o chamava daquela forma! Sorri para eles dois, enquanto ele tocava o cabelo dela e analisava suas madeixas.

— Qualquer cor vai ficar linda em você — falou, arrancando um sorriso da menina. — Mas eu voto em rosa.

Ri da careta que Elora fez, mas tentei imaginá-la com as mechas num tom de rosa claro e concordei com Pietro. O ruivo dela era muito bonito e combinaria muito com cores em tons pastéis.

Depois do almoço acabei me intrometendo no plano de Giulia e Elora e fui com elas até o salão, pois também queria cuidar um pouco de mim. Cortei as pontas do cabelo, fiz hidratação, pintei minhas unhas e até limpavam minhas sobrancelhas que já estavam desastrosas. No final da tarde, resolvemos parar num bistrô perto de casa para fazermos um lanche e alongarmos o dia das mulheres.

Elora estava exultante com seu cabelo cheio de mechas finas em tom de rosa bebê e até minha sogra deu um trato no visual, renovando o corte de cabelo e encurtando o comprimento dele. Eu não conseguia imaginar qual seria a reação de Carlo ao vê-la daquele jeito, porque o homem amava o cabelo longo de Giulia. Porém, era preciso admitir que ela tinha ficado ainda mais gata do que já era, adotando um estilo muito moderno com o corte de pontas mais longas na frente.

Quando fomos servidas e eu olhei para meu prato com a linda *panna cotta*, meu estômago embrulhou e precisei levantar correndo. Nem dei

satisfação para ninguém, só corri na direção do banheiro e me tranquei no reservado à espera do vômito. Os sentimentos conflitantes transbordavam de mim, um misto de emoção por ter a possibilidade de estar grávida com o desespero que sempre me acometia quando precisava vomitar.

Mas nada aconteceu. O enjoo apenas se manteve, sem que eu conseguisse colocar nada para fora. Logo ouvi uma batida na porta e abri, encontrando minha sogra com uma expressão ansiosa.

— O que houve, Giovanna?

— Nada. Achei que fosse vomitar. — Saí do reservado e fui até a pia, jogar uma água no rosto.

Pelo espelho, vi que minha sogra me observava atentamente e eu podia jurar que ela estava fazendo um escaneamento completo do meu corpo. Provavelmente conseguiria encontrar até alguma doença camuflada.

— Acha que...

— Não — respondi, interrompendo sua pergunta porque já sabia o que ia falar. — Acho que foi alarme falso. O Pietro não deu muita atenção para isso, ele acha que é coisa da minha cabeça, mas eu sinto que tem algo errado comigo, sogra.

— Não pense isso, querida. — Ela se aproximou e alisou meus ombros por trás, encarando-me pelo espelho. — Você é jovem e os dois têm muito tempo. Vai acontecer quando tiver que acontecer.

Achei melhor encerrar o assunto para não contaminar o nosso dia que foi tão animado e positivo. Coloquei um sorriso no rosto e empurrei aqueles pensamentos negativos para bem longe antes de retocar meu batom. Minha sogra se aproximou da pia para lavar as mãos e eu pisquei para ela pelo espelho, observando seu rosto.

— Acho que alguém vai se apaixonar mais uma vez quando ver o novo visual — brinquei, mas ela estava mesmo muito linda.

— Será que...

Ela parou de falar e nos assustamos com o grito agudo que vinha lá de fora. A gente se entreolhou e tenho certeza que o pensamento foi o mesmo: parecia muito a voz de Elora.

Larguei o batom e corri para a porta, sem nem mesmo esperar Giulia me acompanhar. Passei pelo balcão do salão interno e saí pelas portas que davam para as mesas na varanda, encontrando minha cunhada com o rosto vermelho e a respiração ofegante. Ela estava de pé, com os braços cruzados e olhando para os lados.

— O que foi? — perguntei, segurando seus ombros. — O que aconteceu? Você está bem?

— Um homem veio me buscar — murmurou, com os lábios trêmulos.

— Que homem? — Giulia se aproximou, abraçando Elora ao tirá-la das minhas mãos. — Que homem, querida?

Aprumei o corpo e girei sobre os calcanhares, procurando observar tudo ao nosso redor, olhar as ruas, os carros em movimento. Tentei encontrar o tal homem, ver se flagrava alguém nos observando, mas não tive sucesso.

Um garçom parou ao lado de nossa mesa, parecendo um pouco assustado pela comoção que atingiu todas nós. Como o bistrô não estava muito cheio, éramos as únicas ocupando um lugar na varanda, então era real a preocupação de alguém ter abordado uma menina sozinha.

Quando Giulia se sentou com ela, olhei de novo para minha cunhada e alisei seu rosto, ela estava assustada e eu podia imaginar que seus traumas tivessem aflorado. Cheguei a me culpar por termos deixado ela aqui enquanto conversávamos no banheiro.

— Conta o que houve, Elora — pedi, segurando suas mãos. — O que aconteceu?

— Eu estava jogando no celular e esse homem sentou do meu lado —

disse ela, com os olhos baixos. — Ele falou que era para eu não correr, mas que ele ia me levar.

— E aí foi quando você gritou?

Ela balançou a cabeça para concordar e eu pensei no perigo que correu agindo assim. Está certa, eu provavelmente teria feito a mesma coisa que ela, mas sem saber quem era o tal homem e o que ele queria, Elora podia ter sido esfaqueada ali mesmo. O instinto me fez observar rapidamente todo o corpo dela só para constatar que estava tudo bem, mas meu coração batia acelerado de pavor.

— Ele disse mais alguma coisa, meu anjo? — perguntou Giulia, fazendo um rabo de cavalo na filha.

— Não. Quando eu comecei a gritar ele me xingou e foi embora depressa.

— Você viu se ele tinha alguma arma?

— Não sei. — Ela encolheu os ombros e mordeu o lábio ao olhar para mim. Mas eu gritaria mesmo que tivesse, porque nunca mais quero ir para a casa de ninguém sem ser a da minha mãe.

Pisquei para ela e me afastei, indo acertar a conta pessoalmente para não ter que ficar nem mais um minuto ali. Quando entrei no salão e dei de cara com alguns funcionários, perguntei quem era o responsável pelo bistrô e me apontaram o homem mais velho.

— Sabe quem eu sou? — questionei, cruzando os braços diante dele.

— Senhora Giovanna Greco — respondeu sem titubear. — É um prazer, inclusive, recebê-las aqui.

— É mesmo? — Virei o corpo e apontei na direção da varanda. — Elora Greco acabou de ser abordada por um estranho numa tentativa fracassada de sequestro.

O homem olhou para onde eu apontava e seu rosto se transformou com

a palidez que o atingiu.

— O quê? Mas nós...

— Sugiro que reforcem a segurança do local antes que o resto da cidade descubra que seu bistrô não preza pela integridade dos clientes.

— Sinto muito, Senhora Greco. Não voltará a acontecer. — Ele estendeu as mãos e colocou um sorriso no rosto quando puxei minha carteira.
— Considere a conta como uma cortesia.

— Ah, não, obrigada — respondi, colocando meus óculos escuros e puxando o dinheiro. — Não é esse tipo de favor que a gente costuma cobrar.

Aceitar descontos ou não pagar uma conta em um restaurante não era o tipo de coisa que chefes de máfia faziam. Nunca podíamos deixar que a outra pessoa sentisse como se estivesse nos fazendo um favor, para que em algum momento no futuro esse favor fosse cobrado. Era o contrário, nós fazíamos o favor, ajudávamos quando procuravam por ajuda, e dessa forma, mantínhamos a dívida eterna da pessoa para com nossa *famiglia*. A comunidade precisava ter a certeza de que estaríamos sempre lá para dar o suporte do qual precisavam, mesmo para os que não fossem membros, pois só assim estendíamos as relações e dominávamos a região. Aprendizado passado e repassado por gerações, que uma criança de família importante já aprendia desde cedo.

Quando saímos do bistrô, voltei dirigindo meu carro bastante desconfiada. Não era comum sairmos sem escolta e Pietro odiava quando eu fazia isso, mas acho que baixamos um pouco a guarda por todos aqueles meses de sossego. Até Dante tinha sido dispensado do cargo de meu segurança porque para ser sincera, eu não andava fazendo nada de muito interessante. Passava a maior parte do tempo dentro de casa — tanto na mansão Greco quanto na casa de meu pai.

— Seu filho vai querer nos matar por termos dado esse mole tão grande

em sairmos sozinhas.

— Eu mesma já estou me culpando por isso — minha sogra murmurou no banco ao meu lado. — Tenho muitos anos de experiência na sua frente, devia saber que sempre vai ter alguém de olho em nós.

— Você não podia imaginar, sogrinha. Não se culpe por isso.

— Não podemos prever o futuro, mas podemos ser precavidas. — Ela suspirou, fechando os olhos e eu dei um tapinha em sua perna. — Não gosto de pensar no que poderia acontecer se Elora simplesmente fosse com o homem.

— Eu não iria, mãe — minha cunhada falou, inclinando-se e colocando o corpo no espaço entre os bancos.

— Se ele tivesse apontado uma arma para você, então teria ido, querida.

— Não iria.

Olhei para Elora pelo espelho retrovisor e notei sua expressão decidida, indicando que estava falando muito sério. Eu nem conseguia imaginar o que devia passar pela cabeça dela, a possibilidade de voltar a ter a vida que tinha antes de ser encontrada, e o medo que devia sentir por ser obrigada a passar por tudo de novo. Mesmo sem poder me colocar no lugar dela, podia entender sua firmeza.

— Não diga isso, querida. — Giulia se virou no banco e tocou o rosto da filha. — Se fosse o caso, ele poderia ter atirado em você.

— Então ele teria atirado — concluir a menina, sem pestanejar.

Minha sogra abriu e fechou a boca antes de voltar a se sentar direito e esfregar o peito. Aquela conversa aumentou minha certeza de que eu precisava tirar uns dias para levar uma conversa séria com Elora e até ensiná-la um pouco de técnicas de autodefesa. Por mais que ninguém pretendesse transformar a menina em uma cópia de Don, ela era uma de nós e precisava

estar a par de tudo que acontecia, como acontecia e o que fazíamos quando lutávamos para sobreviver.



27

PIETRO

O bom de vir para casa era que por mais que eu ainda fosse a mesma pessoa e tivesse as mesmas obrigações, sempre havia uma sensação diferente, revigorante de estar no lugar em que cresci e entendia como lar. Aqui eu não precisava fingir ser alguém diferente e viver de determinadas aparências, como fazia nos Estados Unidos, onde a maioria dos meus contatos me conhecia pelo empresário da *Invictus*.

Como as mulheres tinham saído para um dia de beleza, Carlo e eu passamos boa parte da tarde bebendo e pegando um pouco de sol na piscina, ouvindo música boa e jogando conversa fora. Era estranho pensar que eu tinha reagido tão mal quando soube do relacionamento dele e de minha mãe, quando agora não conseguia mais enxergá-los separados. Confesso que tudo não passou de ciúme idiota, da necessidade de proteger a honra de uma das mulheres que eu amava, por achar que ela era indefesa só por não ter um marido ao lado.

Precisava agradecer Giovanna por ter sido dura comigo e não ter permitido que eu mantivesse aquele preconceito ridículo. Carlo era um homem íntegro e justo, um dos melhores que já conheci, e eu não poderia querer ninguém tão incrível para cuidar de minha mãe.

— Carlo — chamei, sentando-me na espreguiçadeira e atraindo a atenção dele. — Você sente vontade em ter um filho? Sei que minha mãe já não pode mais e vocês são muito dedicados a Elora, mas não pensam, sei lá, em adotar um bebê?

Ele sorriu e levantou os óculos escuros, imitando meu gesto e se sentando de frente para mim. Quis avisar que ele tinha ganhado algumas marcas de sol ao redor dos olhos, mas preferi deixar para que descobrisse quando se olhasse no espelho mais tarde.

— Para ser sincero, acho que não. É claro que se eu tivesse

engravidado alguém pelas minhas andanças na vida, assumiria a criança com certeza, mas me sinto bem do jeito que eu e sua mãe estamos. Elora é como uma filha para mim.

— Acho que você é preguiçoso demais e não quer ter o trabalho de ter uma criança pequena em casa.

— Também — disse, gargalhando. — Prefiro guardar minha energia para cuidar do meu afilhado. Ou afilhada.

Levantei-me para ir em busca de mais uma cerveja e dei um tapa no ombro dele ao passar do seu lado.

— Espero que não esteja se referindo aos filhos que vou ter, porque é muita pretensão achar que será chamado para padrinho.

Dando as costas para ele, senti quando fui atingido por algo macio que bateu em minhas costas e caiu no chão. Olhei de relance para ver que se tratava de sua toalha e ri sem me preocupar em pegar, mas parei no meio do caminho até a varanda quando vi o carro de Giovanna parar na garagem. Fui até lá receber as mulheres da minha vida e notei algo estranho quando bati os olhos em minha mãe, a primeira a sair do veículo. Não foi o novo corte de cabelo o que mais me chamou a atenção e sim a expressão abatida, algo que eu não esperava de alguém que passou o dia fora para relaxar e se divertir.

— Está tudo bem? — perguntei, caminhando e abrindo os braços para ela. — Por que está com essa cara, *mamma*? Por acaso percebeu que ficou ainda mais bonita com o cabelo curto e está preocupada com o trabalho que vai dar para Carlo?

Ela deu um sorriso que não alcançou seus olhos e então eu entendi que tinha mesmo acontecido alguma coisa. Elora passou por mim um tanto cabisbaixa e Giovanna bufou enquanto trancava o carro e colocava com força sua bolsa no ombro.

— Precisamos conversar — disse minha mãe, tocando meu peito com a

pele ainda úmida do banho de piscina. — Vamos entrar, chame o Carlo.

Ela passou por mim sem dizer muita coisa, mas minha esposa não teve tanta sorte e foi interceptada pelo caminho. Segurei em sua cintura, não sem antes enfiar meu nariz em seu pescoço e desfrutar da fragrância gostosa em seu cabelo, mas então a encarei e ela me devolveu o olhar.

— Desembucha, *bambina*.

— Preciso beber uma água — disse ela, beijando meu rosto e se soltando. — Vá chamar o Carlo e entrem para a gente contar tudo de uma única vez.

Mas que merda era aquela? Nem me dei ao trabalho de ir até a piscina de novo, apenas gritei o nome de Carlo e gesticulei para que viesse para dentro. Quando cheguei na sala de casa, sentei-me no braço de uma poltrona e encarei as três mulheres que estavam esperando para falar. Ou melhor, Elora estava tentando passar despercebida, encolhida no canto do sofá, mexendo no celular.

— O que foi? — perguntou Carlo ao chegar, tão no escuro quanto eu.

— Paramos na volta para lancharmos em um bistrô no caminho e eu e Giulia estávamos no banheiro quando escutamos a Elora gritar.

Minha irmã deu um sorriso tímido que já era peculiar ao jeito dela e eu pisquei de volta.

— Querida, por que você não conta exatamente o que nos contou? — pediu minha mãe, tocando a mão dela.

— Eu estava mexendo no telefone e um homem veio falar comigo. — Minha mente começou a listar dezenas de perguntas, mas cruzei os braços e deixei que ela falasse. — Ele queria que eu levantasse e fosse com ele, mas eu não quis.

— Vocês viram o homem? — Carlo questionou a dúvida que estava na ponta da minha língua.

— Não vimos ninguém. Quando voltamos para a mesa, Elora já estava sozinha de novo.

— Mas se lembra do rosto dele? — perguntei, aproximando-me dela e agachando na sua frente. — Sei que é difícil lembrar de alguém que só vimos por alguns segundos, mas será que consegue se esforçar e me dar algum detalhe?

— Acho que sim...

Sorri em resposta e alisei sua cabeça antes de me levantar. Era importante sim ter a descrição do indivíduo para poder colocar todo mundo à caça dele, mas não significava que só isso bastava para solucionarmos o mistério. Primeiro, eu precisaria descobrir do que se tratava, quem teria algum interesse em Elora para sequestrá-la, além das pessoas que já estavam mortas.

— Ele falou mais alguma coisa além de dizer para ir com ele?

— Não. — Ela estava pensativa, franzindo a testa enquanto me encarava. — Ele só disse para eu não correr.

— Tudo bem, *amore mio*. Vou tomar um banho e vestir alguma coisa, depois a gente vai sentar e desenhar esse homem, ok?

Elora abriu um sorriso lindo e seus olhos se iluminaram, eu sabia que ela adorava passar um tempo comigo e, às vezes, me sentia mal por ter ganhado minha irmã de volta e não dedicar muito tempo da minha vida a ela.

Lancei um olhar para que Giovanna me seguisse e subi as escadas logo atrás dela, fechando a porta do nosso quarto e escrutinando seu rosto enquanto ela tirava os sapatos.

— Mais alguma coisa que eu devo saber?

— Como assim?

— Sei lá. Vocês não viram mesmo o homem que abordou Elora?

Ela me encarou com a sobrancelha arqueada e uma expressão atrevida

que parecia indicar greve de sexo.

— Por qual motivo eu mentiria sobre isso? — indagou com razão. — E sua mãe, esconderia uma informação importante de você?

— Sim, eu sei. — Sentei-me ao lado dela na cama e esfreguei o rosto, confuso. — Fui pego de surpresa com tudo isso, que merda. Achava que teria uns dias de descanso antes de entrarmos novamente em guerra.

— Ninguém está falando em guerra, Pietro. Ok, eu sei que provavelmente estou errada e você certo, mas não podemos pensar que, talvez, se trate apenas de um caso comum de pedofilia?

Apertei meus lábios sem conseguir disfarçar a frustração por Giovanna realmente considerar aquela loucura. Não éramos pessoas comuns e não sofríamos ataques comuns. Sabia que ela só estava tentando ver tudo por um lado mais positivo, mas não era para tanto.

Dei um beijo em sua testa e entrei no banheiro para tomar um banho rápido e tirar aquele cheiro de protetor solar. Quando eu estava quase ligando o chuveiro, meu celular tocou lá no quarto e minha esposa veio trazer o aparelho para mim.

— Quer atender? — perguntou ela e eu quase recusei, mas achei melhor não deixar passar nada depois do que aconteceu, então o peguei de sua mão.

O número estava bloqueado, então atendi com uma certa formalidade.

— Pietro falando.

— *Faça sua esposa desistir da liderança da Dita di Ferro ou toda sua família irá sofrer.*

Eu mal tive tempo de digerir as palavras antes que a ligação fosse encerrada de repente. Olhei novamente a tela ao afastar o celular da orelha e lamentei por não poder rastrear aquele número.

Giovanna ainda estava parada na porta do box, provavelmente curiosa

para saber o que me deixou daquele jeito, então entreguei o telefone para ela e fechei novamente o box.

— Quem era?

— A única coisa que eu sei é que se trata de um *Dita di Ferro* — respondi, ligando o chuveiro e me virando para ela. — Não há mais a menor dúvida de quem tentou pegar Elora.

— Um *Dita*? O que disseram na ligação, Pietro?

— Que se você assumir a cadeira, nossa família pagará o preço — esclareci, puto da vida e ciente de que Giovanna soltaria fogo pelas ventas.

— Como é? — Ela estreitou os olhos e endureceu o semblante, mal sabia o quanto ficava ainda mais gostosa quando fazia aquela cara de assassina. — Preciso ligar para meu pai.

E saiu, deixando-me a sós com meu banho, o que considereei como intervenção divina, pois ela estava me deixando com tesão e eu não queria perder tempo com sexo. Precisava me vestir e descer para arrancar todos os detalhes de Elora.



GIOVANNA

Tinha engolido muito sapo ao prometer a meu pai que assumiria a cadeira da *Dita di Ferro* sem iniciar um banho de sangue dentro da *famiglia*, mesmo com sede de sangue para fazer justiça com minhas próprias mãos. Compreendi o ponto de vista dele, até mesmo o de Pietro, que tentaram a

todo custo me fazer entender que eu precisava começar liderando com sabedoria e me tornar uma líder confiável para os que me cercavam.

Aí é que mora o problema: só tinha filho da puta nas posições mais altas da *Dita*. A maioria dos caporegimes tinham envolvimento com o esquema de tráfico humano que o outro filho da puta que era conhecido como “meu avô” iniciara décadas atrás. Eu não queria esses homens perto de mim. Não queria ter que sentar e me reunir com eles como se não sentisse um nojo profundo por cada um.

E eu não era a única incomodada com toda a situação. Já tinha ficado claro que não seria bem aceita pelo simples fato de ter nascido com uma vagina no lugar do pênis e ser esposa do Don da *Soprattuto* agravava ainda mais o quadro.

Estava sentada na varanda do quarto, com os pés para o alto apoiados no guarda-corpo, esperando Domenico atender minha ligação. Quando ouvi sua voz tranquila, percebi que ele não devia nem fazer ideia do que estava acontecendo em suas costas.

— Como vão as coisas por aí? — perguntei.

— *Bem calmas, como nos outros dias. Já ficou com saudades do seu velho aqui?*

— Pai, tenho umas notícias.

— *Engravidou?*

— Elora quase foi sequestrada — disse de forma bem direta já que ele não estava levando minha ligação a sério.

Don Negri tinha sentimentos muito fortes pela minha cunhada, ele a considerava praticamente como uma filha, então sabia que ficaria abalado com a informação. Não escutei nada por alguns segundos, até que ele respirou fundo e o barulho que fez parecia de alguém se sentando numa cadeira velha. E eu sabia exatamente qual era a cadeira, que já estava bem

capenga e eu morria de vontade de jogar fora.

— *O que aconteceu?*

— Um homem abordou Elora enquanto ela estava sozinha num restaurante. Eu e Giulia fomos ao banheiro e foi nesse momento que ele agiu. Ela está bem, ok? Está em casa, foi só um susto, mas a questão é que aconteceu e até poucos minutos atrás, não fazíamos ideia do que se tratava.

— *Onde a Dita entra nessa história, Giovanna?*

— Pietro acabou de receber uma ligação — expliquei, ouvindo o barulho da porta e olhando para trás, vendo-o sair do banheiro. — Uma ameaça, na verdade. Que seu eu assumisse a liderança, isso custaria a nossa família.

— *Não acredito que tentaram pegar Elora... Como era o homem que falou com ela?*

— Eu não vi, ele fugiu rápido. Mas vamos tentar pegar alguns detalhes com ela. O que ela conseguir lembrar, claro, porque ficou bem abalada na hora.

— *Tudo bem. Escuta, vou buscar informações por aqui e apertar umas pessoas para conseguir respostas, mas preciso que vocês se cuidem. Onde estavam os seguranças quando Elora foi abordada?*

— Não levamos nenhum — confessei, fechando os olhos e me preparando para o sermão. Ouvi até Pietro estalar a língua lá dentro no quarto e nem olhei para ele.

— *Está me sacaneando, não é, carina?* — O coroa soltou uns palavrões bem baixo. — *Como você dispensa os soldados assim? Acha que seus inimigos acabaram só porque matou alguns russos? E o que Giulia tinha na cabeça para concordar com essa merda? Aliás, onde está Dante?*

Em casa? Pensei em responder, mas me calei e respirei fundo. Só que eu não era irresponsável, claro que não. Chamaria o soldado de volta e

intensificaria a segurança de todo mundo porque sabia que não podíamos brincar com uma ameaça como essa. Até porque já tinham entendido que Elora poderia se tornar um alvo fácil entre nós, a pessoa mais indefesa e por quem faríamos qualquer coisa para livrá-la do perigo.

— *Preciso ligar para Pietro e ver se ele coloca juízo na sua cabeça. Carina, por favor, fique quieta nos próximos dias. Vou tentar descobrir alguma coisa e também irei adiar a cerimônia.*

— Não! — engrossei meu tom de voz, deixando-o bem firme e autoritário para deixar bem claro que estava falando sério. — Foi por isso que liguei, para avisar que vamos antecipar tudo. Não me querem na cadeira, mas agora vão ter que me engolir mais cedo do que imaginavam.

— *Não farei isso, Giovanna. Não vou dar motivos para meterem uma bala na sua cabeça.*

— Que tipo de Don você é para se curvar diante de ameaças dos seus próprios homens?

— *O tipo de homem que atualmente coloca a vida da filha em primeiro lugar.*

Ah, que ódio! A vontade que eu tinha de matar o infeliz que iniciou essa discórdia crescia a cada minuto. A raiva queimava dentro de mim e eu ansiava em frustrar os planos dos caporegimes babacas.

— Pai, você não vê que essa é a oportunidade perfeita para fazermos a limpeza interna que eu tanto desejo? Confie em mim.

— *Você quer se jogar de cabeça aos leões, carina.*

— Pois me diga qual é a impressão que você acha que vou passar se recuar diante das ameaças deles? — questionei, levantando-me para ver se dispersava a raiva. — Que sou uma mulher fraca, que eles podem impor suas vontades porque sempre irei temer suas atitudes?

Levei um susto com o toque em meu ombro e recebi um beijo de meu

marido, que apontou para meu celular e inclinou a cabeça de lado.

— Coloque no viva-voz — pediu, debruçando-se no guarda-corpo e olhando na direção do jardim.

Fiz o que ele pediu, apesar de não achar que aquele era o melhor momento para meu pai e meu marido iniciarem uma conversa, pois ambos se juntariam para fazer com que eu acatasse o ponto de vista deles. Gostavam de me tratar como um pequeno cristal.

Tentando controlar minha indignação, fiz o que Pietro pediu e deixei que a ligação fosse convertida para que nós dois pudéssemos ouvir meu pai.

— Domenico? — chamou ele. — Concordo com a Giovanna.

— O quê?

— O quê?

Nós dois ficamos surpresos com a atitude de Pietro e eu toquei em suas costas, sorrindo para ele.

— *Só pode estar louco* — disse meu pai.

— Giovanna sofre preconceito da *Dita* desde que descobriram ser a sua filha biológica. O cenário nunca foi favorável para ela e, mesmo assim, ela sempre acatou suas ideias e aceitou de bom grado comandar a *Dita* quando você decidiu abdicar. Se você obrigá-la a recuar agora, aconselho a procurar outra pessoa para tomar seu lugar. Não vou ver minha mulher ser enfraquecida perante homens que se aproveitarão disso para subjugá-la quando tiverem outras oportunidades.

Uau. Fui obrigada a recolher meu queixo caído lá do chão e colocá-lo novamente no lugar, pois o discurso de Pietro me pegou desprevenida. Acredito que meu pai tenha se sentido da mesma forma, visto que a ligação ficou silenciosa por tempo demais. Pensei que no próximo almoço em família ou um mataria o outro ou se tornariam grandes amigos de uma vez.

— *Está pronto para vê-la se colocar em perigo?* — perguntou Don

Negri, finalmente.

— Nunca estarei. — O amor da minha vida virou o rosto e sorriu para mim. — Mas se existe uma mulher que me faz confiar em sua própria capacidade para se proteger, é Giovanna. Eu sei que ela não será pega por ninguém, o restante da minha família, é meu dever proteger. Sempre foi assim, não será a *Dita di Ferro* que mudará algo em minha vida.

Pietro gesticulou na direção do telefone que eu tinha colocado sobre a poltrona e eu entendi que era minha vez de falar e me posicionar.

— Antecipe a cerimônia de apresentação para daqui a dois dias — ordenei, sem demonstrar nenhuma insegurança. — Quero que todos os *caporegimes* confirmem presença e quem não fizer, que tenha o nome anotado para fazermos uma visita depois.

— *Posso acabar me arrependendo disso, mas tudo bem. Vou fazer o que está pedindo e seguiremos com nossos planos. Tomem cuidado e redobrem a atenção com Elora.*

— Vamos reforçar a segurança por aqui — avisei quando Pietro saiu da varanda e voltei a ficar sozinha. — Você também precisa tomar cuidado, afinal de contas, podem querer fazer mal a qualquer pessoa que me afete.

— *Não é fácil chegar a mim, carina. A não ser que eu tenha um traidor bem ali no meu quintal.*

— Hum, na verdade, que eu me lembre, cheguei tranquilamente na sua casa e ainda explodi alguns soldados.

Arranquei uma gargalhada do coroa e também sorri, lembrando-me daquele dia completamente insano. Foi a primeira vez que senti o gostinho da adrenalina ao me colocar na linha de fogo. Desde então, acho que tinha me tornado uma viciada por ação, por armas e por sangue.

Deixei meu corpo cair na poltrona ao ser estapeada por aquela constatação tão óbvia. Eu tinha me tornado a versão feminina do sanguinário

Domenico Negri.

— *Nos vemos em dois dias* — disse ele, fazendo com que eu voltasse à realidade. — *Boa noite, carina.*

— Boa noite, pai.

Depois de encerrar a ligação, fui até o nosso closet e puxei o cabide com a roupa que eu usaria no dia. Tinha pensado bastante sobre meu *look* para a apresentação e cheguei a conclusão de que deveria me vestir de forma que impusesse respeito. Como esposa de um Don, eu tinha a possibilidade de circular com vestidos esvoaçantes e decotes escandalosos, mas dessa vez eu estaria tomando meu lugar no topo da cadeia alimentar. Não podia permitir que me vissem como uma menina romântica ou uma mulher sensual.

Sendo assim, escolhi usar um terninho de alfaiataria, bem pretinho básico, porém, com um charme sob medida. Nos pés um par de *Louboutins* arrasadores e muita auto estima para completar o visual. Se esperavam uma Giovanna de saia e muito brilho, iriam se surpreender.

Deixei minha roupa separada e desci para ficar com minha família, vendo que Pietro, Carlo e Elora conversavam na mesa da sala de jantar e minha sogra estava sozinha no sofá, com a televisão ligada mas sem realmente assistir alguma coisa.

Será que Pietro tinha contado a eles sobre a ligação que recebeu? Fiquei na dúvida e até pensei em perguntar para ele, mas estava tão entretido com a irmã que não quis atrapalhar e me juntei à Giulia, abraçando minhas pernas no outro canto do sofá.

Mande uma mensagem para Dante, avisando que as férias dele estavam encerradas e ele precisaria se apresentar amanhã aqui em casa para voltar a ser presenteado com minha bela companhia e larguei o celular para prestar atenção no que passava na televisão.

— Venha cá, querida — minha sogra me chamou, batendo com a mão

em suas pernas. — Vamos conversar um pouco.

Eu me deitei com a cabeça no colo dela e estiquei as pernas na direção oposta, sorrindo para Giulia e recebendo cafuné de seus dedos.

— Não esqueci o que falou no banheiro do bistrô. Você está mesmo preocupada com isso?

— Um pouco. — Apoiei minhas mãos sobre minha barriga e me imaginei fazendo exatamente a mesma coisa quando ela estivesse arredondada. — Parei de tomar o remédio há meses e sei lá, acho que pensei que fosse acontecer no dia seguinte. Foi demorado com você?

Ela sorriu e virou o rosto, olhando na direção da sala onde Pietro estava. Imaginei a felicidade que deve ter sentido quando descobriu que estava esperando o primeiro filho de um Don, e, principalmente, um menino. Isso era o verdadeiro motivo de orgulho para uma família da máfia.

— Engravidei de Pietro três meses após o casamento — revelou, piscando para mim. — Enrico e eu treinávamos muito porque naquela época era essencial garantir logo um herdeiro.

— Ele acha que é bobeira de minha parte ficar pensando isso, mas tenho medo real de ter algum problema.

— Eu tenho certeza que você é cem por cento capaz de gerar seu bebê, mas se é algo que está tirando sua paz, vá ao médico. Mas converse melhor com Pietro para que vocês possam concordar em tudo. — Ela sorriu. — Ele é louco para ser pai, mas é mais louco ainda por você, Giovanna. Meu filho é capaz de mover a lua para vê-la feliz e realizada.

— Pietro é a minha vida — declarei, enxugando os cantinhos dos meus olhos. — Não sei como você conseguiu ser forte por tantos anos, vivendo sem seu primeiro amor, sogrinha.

Fechei os olhos quando seus dedos tocaram minha testa e afastaram meu cabelo com tanta delicadeza. Estar com Giulia Greco era se sentir

confortável e aquecida, ela era a personificação da imagem de mãe.

— Quando você tiver seu bebê, vai descobrir que esse primeiro amor se multiplica, ganha novas ramificações, que são os filhos. E são por eles que a gente vive, levanta toda vez que cai e luta as batalhas diárias.

— Eu preciso aprender a dizer essas coisas bonitas e profundas, para um dia falar aos meus filhos e eles ficarem tão impressionados quanto eu fico toda vez que conversamos.

Ela riu e eu fiquei feliz por isso, pois sabia o quanto tinha ficado apreensiva com o que acontecera com Elora. Passamos um bom tempo ali no sofá, num clima gostoso, a brisa entrando na sala pelas portas abertas da varanda e o carinho de dedos gentis afagando meus cabelos.

Em algum momento, sonhei que estava dentro de um barco e o mar parecia bastante revolto, considerando o quanto meu corpo balançava daquele jeito cadenciado. Abri os olhos para me situar melhor e descobri que estava sendo carregada nos braços de Pietro e não havia nem oceano nem embarcação.

— Que horas são? — perguntei, bocejando e alisando o peito dele.

— Hora suficiente para a senhora minha esposa estar na cama, ao meu lado.

— Eu me sinto tão chique e adulta quando você fala assim...

No segundo seguinte, meu corpo foi lançado sobre o colchão e nem tive tempo de afundar nele antes de Pietro subir em cima de mim. Ele tomou minha boca com vontade e nos deitamos, embolando braços e pernas num amasso gostoso que terminou com meus lábios inchados e sedentos por mais.

Ele colou a testa na minha e ficamos apenas nos encarando sem pressa, decorando os olhos um do outro. Aqueles momentos eram algo que eu não trocaria por nada no mundo, quando fechávamos a porta do quarto e voltávamos a ser nós dois, sem interferência de ninguém. Minha companhia

favorita e a melhor pessoa que eu conhecia.

— Nossa vida vai ficar um pouquinho mais agitada depois que você assumir a cadeira da *Dita* — disse ele, beijando delicadamente a ponta do meu nariz. — Então, por isso, quero tentar conversar o quanto antes sobre outra situação à qual precisamos dar atenção.

Fiquei calada, esperando que ele continuasse, porque não fazia ideia a que ele estava se referindo. Estaria falando sobre a gravidez, ou melhor, a falta de gravidez? Ou talvez tenha descoberto que eu esqueci o carregador do celular dele lá na Toscana, porque pediu para que eu o pegasse sobre a cômoda do quarto enquanto ele desligava todas as luzes da casa.

— Nova York.

— Quê? — perguntei só para ganhar tempo e refletir sobre a conversa.

— Não podemos mais ficar morando em países diferentes porque você não gosta de Nova York. Isso tem me tirado o sono há um tempo e eu odeio chegar em casa e lembrar que você está tão distante que sequer divide o mesmo fuso horário comigo.

Assenti, preocupada. Sabia que ele estava incomodado e que não aceitaria isso por muito tempo. Nem eu aguentava mais ficarmos mantendo essa distância absurda. Tudo bem que não era sempre, eu ainda ia para os Estados Unidos de vez em quando, mas sempre dava um jeito e inventava uma desculpa para voltar para cá.

— Você tem razão sobre tudo — disse eu, alisando o rosto dele e suspirando. — Vou parar com isso, ok? Quando você estiver em Nova York, eu também estarei.

— Não é isso que quero dizer, Gio. Não deve se forçar a algo por minha causa, nunca pretendi impor minha rotina a você. — Pietro se virou para o lado e levou o braço para trás da cabeça, encarando o teto sobre nós. — Acho que quem precisa repensar muita coisa sou eu. Minhas prioridades

não estão lá e sim aqui, incluindo você. Talvez eu possa vender a empresa...

Por essa eu não esperava e realmente fiquei surpresa com a revelação que ele fez, porque eu nem imaginava que Pietro estivesse cogitando abdicar de algo que ele próprio construiu. Apoiei minha cabeça na mão ao virar de lado e tocar seu braço, deslizando meus dedos lentamente para deixá-lo arrepiado.

— Quero que pense bem em seus próximos passos e não faça nada só para me agradar. Sei que a Invictus é importante para você e não desejo que você se arrependa no futuro.

— Não tomarei nenhuma decisão precipitada — prometeu, beijando minha mão e me puxando para mais perto. — Só não tem feito bem para minha saúde mental e, sinceramente, eu hoje não sou mais o mesmo Pietro que decidiu dar esse passo além. Estava em outra fase, com outras ideias. Hoje só quero manter os negócios da *famiglia* pelo caminho certo, sempre prosperando, e curtir minha esposa. Não quero ser mais um desses homens que não possuem tempo para viver, nem quero levar a vida de um americano que só vê o céu através das janelas do escritório.

— Por isso alugou a vila? — perguntei, deitando minha cabeça no peito dele. — Você também estava precisando respirar um pouco de natureza, não é?

— Estava, *bambina*. E quero que nossos filhos sejam criados aqui, na nossa terra. Não existe lugar no mundo mais bonito que nossa Itália.

— Pietro Greco, tem como você ser mais perfeito? — perguntei, virando-me de costas na cama e deitando a cabeça no braço dele, sentindo seu braço me envolver e acariciar minha pele. — Eu realmente não me sinto tão bem lá quanto me sinto aqui, mas não imaginava que você estivesse com esses pensamentos. Achava que Nova York fosse seu lugar favorito.

Senti receber um beijo em minha cabeça e fechei os olhos com os

dedos brincando pelos meus cabelos, embalada no abraço do homem que eu amava.

— *Bambina...* Meu lugar favorito sempre será onde você estiver.



GIOVANNA

Pegamos a estrada naquela tarde em direção à mansão Negri, uma construção totalmente diferente daquela casa simples que meu pai habitava na beira da praia. Nem mesmo ele gostava do lugar que tinha sido a residência do meu avô e de outros antepassados porque eu sabia que não lhe trazia boas recordações. Não o culpava.

A apresentação seria feita ali, no meio do luxo e da opulência do mausoléu que precisou passar por uma bela faxina para limpar os móveis empoeirados e manter as aparências. Por mim, o destino mais justo ao lugar

seria uma implosão.

— Está nervosa?

— Um pouco. Mas acho que estou mais ansiosa para terminar logo com isso. — Estiquei minha mão para segurar a dele e dei um sorriso triste. — Queria que pudesse estar comigo.

Já tinha ficado acertado que Pietro não poderia participar do evento, mas ele permaneceria pela cidade junto de nossos soldados e, no final da noite, viria para me buscar, pois dormiríamos na casa de Domenico.

Eu não estava com medo e queria deixar isso bem claro para todos à minha volta. O que eu sentia era expectativa, um nervosismo e uma ansiedade para que tudo que tinha sido planejado saísse como combinado. Passamos o dia anterior traçando um plano diabólico com a ajuda de meu pai, seria uma ação que daria um belo recado a quem quer que estivesse tramando contra mim.

Quando chegamos ao endereço, o próprio Don Negri apareceu para me receber e cumprimentar Pietro, que fez questão de apertar o ombro dele, talvez com um pouco mais de força do que o habitual.

— Espero que você cuide muito bem dela — avisou ao meu pai, que apenas sorriu com aquele jeito meio calhorda que era comum a ele.

— Minha filha é minha prioridade — respondeu, piscando para o genro. — Claro, só porque você pediu.

— Acabaram de mijar um no outro? Posso subir para retocar minha maquiagem?

Meu marido segurou meu rosto entre as mãos e me beijou na testa porque sabia que se beijasse minha boca e borrarasse o meu batom vermelho, correria risco de ter um testículo servido no jantar.

— Estarei o mais perto que puder, me ligue a qualquer momento.

— Vou ficar bem, amore mio. Mas, se algo me acontecer, culpe o

Dante. — Apontei o carrancudo parado na entrada da casa. — Afinal, ele é meu segurança.

O homem não moveu um único cílio, não esboçou um sorriso, somente me lançou um olhar que deixava claro o quanto me achava insuportável. Um poço de simpatia.

Pietro se despediu e saiu de carro com o nosso comboio, até que os portões de ferro da propriedade se fecharam e eu me virei para meu pai, que tinha as mãos em meus ombros.

— Então, meu *look* está legal para assassinar umas pessoas hoje?

Ele me deu um sorriso muito orgulhoso e passou o braço pelos meus ombros, puxando-me para dentro da residência. Meu pai fez uma rápida apresentação de cada cômodo daquele lugar que eu não pretendia revisitar um dia e me mostrou a sala de reuniões, onde nos juntaríamos com os *caporegimes* no final daquela noite, já para alinhar nossas agendas e minhas primeiras ideias para serem colocadas em prática. Observei a grande mesa de mogno de doze lugares e caminhei ao redor dela, me imaginando ali enquanto os homens permaneciam sentados e me escutavam. Respirei fundo, ansiosa, e saí do cômodo quando Domenico me chamou.

— Então, todos esses funcionários só estão aqui por causa do evento, certo?

— Sim — respondeu ele, enquanto subíamos a escadaria de mármore, daquele tipo que se abria em dois lados da grande sala. — Não havia necessidade de manter todos trabalhando se eu fecharia a casa. Você sabe, é sua, se quiser, mas eu...

— Deus me livre vir morar aqui um dia. A não ser que você permita que eu faça uma demolição e construa algo novo no lugar.

Ele riu, mas sabia que eu não falava sério. Eu não tinha a menor intenção de usar aquele imóvel. A Calábria não era a minha casa, eu até me

sentia muito bem onde meu pai morava, porque era de frente para o mar e parecia ser um lugar completamente diferente do resto da região. Manteria a propriedade na família, lógico, mesmo depois que meu coroa morresse, para, quem sabe, uma futura geração aproveitá-la. Alguém que não tivesse envolvimento direto com a nossa história. Quando ela se tornasse apenas isso, uma história de família.

Balancei a cabeça em silêncio, pensando que se um tataraneto meu quisesse se mudar para lá, com certeza a residência precisaria de uma reforma.

Paramos diante de uma porta que ele abriu para revelar um quarto muito luxuoso, com uma cama de dossel e tudo. Entrei, colocando minha bolsa sobre uma poltrona e indo até a sacada para conferir a vista dali de cima.

— Fique à vontade, *carina*. Às oito horas todos começarão a chegar. — Ele sorriu e se aproximou, alisando a lapela do meu paletó. — Você está esplêndida. Uma verdadeira Donna.

— Acha que nosso plano vai funcionar?

— É claro que vai. Nunca entre numa batalha pensando numa possível derrota.

Ele piscou e fechou a porta do quarto depois de sair, deixando-me a sós com meus pensamentos e minha ansiedade. Precisávamos usar o fator surpresa a nosso favor para que o plano funcionasse, portanto, não poderíamos cometer nenhuma falha pelo caminho. Todos os meus movimentos, assim como os de nossos soldados, tinham que estar alinhados no momento certo e o pior é que sempre havia a possibilidade de um deles não ser cem por cento confiável. Eu esperava muito estar enganada quanto a isso.

Depois de conferir se minha maquiagem estava boa e retocar o batom,

passei minutos sentada na ponta da cama, repassando todos os passos mais uma vez na minha mente. Eram sete e meia e eu ainda tinha algum tempo antes que as pessoas começassem a chegar. Só desceria quando todos ou a maioria estivesse presente para justamente causar o devido impacto neles.

Peguei meu celular e digitei uma mensagem para Pietro, que àquela altura devia estar mais ansioso do que eu.

“Amo você!”

“Você pode demonstrar isso mais tarde, quando estiver de boca no meu pau”

Ri, evitando morder meu lábio para não tirar o batom, e me sentindo muito incentivada a fazer aquele momento a sós chegar o quanto antes.

***“Minha nossa senhora, que depravado. E se alguém roubar seu telefone?
Ou o meu? O que a pessoa vai pensar?”***

“Que você faz um boquete maravilhoso. E que cavalga de forma deliciosa em mim, que adora rebolar no pau do seu marido e fica linda demais enquanto goza”

***“Por acaso está tentando me acalmar, fazendo com que eu pense em sexo?
Porque eu vou continuar ansiosa, mas com a calcinha molhada”***

Recebi uma foto, ou melhor, uma *selfie* de Pietro, com os ombros encolhidos e uma cara de quem me pedia desculpas.

“Desculpe, amore mio. Não custava tentar. Pelo menos consegui distrai-la

um pouco, não consegui?”

Tirei também uma *selfie*, jogando um beijo para a câmera e enviei para ele.

“Você sempre consegue.”

“Lembre-se que nasceu para fazer isso. Você é a mulher mais foda que eu já tive o prazer de conhecer. Não precisa ficar nervosa, apenas seja você mesma.”

Li e reli a mensagem várias vezes até que meu coração estivesse transbordando de amor por aquele homem. Eu tinha muita confiança em mim, sabia do meu potencial, mas ouvir Pietro Greco citar tais palavras era muito prazeroso e me proporcionava ainda mais confiança.

“Tem notícias de casa? Está tudo bem por lá?”

Perguntei porque tínhamos redobrado a segurança da mansão e nos preparamos para qualquer possível ataque, principalmente depois de hoje. Carlo nem tinha vindo conosco para a Calábria justamente com o intuito de ficar e não tirar os olhos de Giulia e Elora, que eram as nossas prioridades no momento. Daquela gente da *Dita* eu podia esperar tudo. Ficava chocada em como tantas pessoas queriam o mal de forma gratuita por simples caprichos.

“Fique tranquila, estão todos bem. Você precisa se concentrar. Falei com mamma agora pouco e ela pediu para mandar um beijo para você.”

Apenas Carlo sabia de meus planos para essa noite, pois decidimos que não adiantaria de nada contar tudo para Giulia e só aumentar a preocupação dela. Portanto, tudo que ela sabia era que hoje eu seria formalmente apresentada como a Donna da *Dita di Ferro* e conheceria os principais rostos de liderança da *famiglia* calabresa.

Depois de me despedir de Pietro, arrastei uma poltrona para trás da cortina da sacada e me sentei ali no escuro, de forma que pudesse observar a chegada dos convidados sem ser notada por eles. Eram rostos estranhos e reconheci um ou outro pelas fotos que meu pai enviou anteriormente. Muitos estavam acompanhados de suas esposas, pelo menos a maioria dos *caporegimes*. Perguntei-me se elas sonhavam que seus honrados maridos traficavam jovens inocentes e, pior, muitos se aproveitavam delas antes de as venderem para outros homens tão escrotos quanto eles. Talvez não, talvez sim. Eu tinha a certeza que nenhum amor, de minha parte, sobreviveria a uma atitude tão abominável. Numa hipótese muito absurda, se eu estivesse no lugar delas e descobrisse que Pietro tinha envolvimento com esse mundo sórdido, nenhum sentimento que eu nutrisse por ele seria suficiente para me manter ao seu lado.

Quando passava de oito e meia, eu me levantei e fui uma última vez ao banheiro. Depois me encarei novamente no espelho do quarto e conferi meu visual. Os saltos finos alongavam minhas pernas dentro da calça justa de alfaiataria e meu cabelo todo puxado para trás se manteve no rabo de cavalo, sem um único fio fora do lugar. Sabia que levaria três horas para tirar todo aquele gel do cabelo mais tarde, mas tudo por uma boa aparência. A maquiagem em tons fortes com sombra escura e batom vermelho abrilhantavam meu *look* e eu estava prontíssima para dar meu show.

A música clássica ambiente se espalhava por toda a casa quando saí do quarto e caminhei na direção da escada. Como ela se abria para dois lados,

andei pelo vão com uma bela visão do andar inferior e pude ver algumas pessoas que bebiam e conversavam sem notar minha presença. Então desci, pisando devagar de degrau em degrau e atraindo a atenção de um, dois, até ter todos os olhos direcionados a mim.

Fiz cara de paisagem e não encarei ninguém, não permiti que nenhum deles fosse digno o bastante de receber o meu olhar. Só quando eu quisesse que se sentissem notados. Quando pisei no salão, passei por entre as pessoas que cochichavam e falavam meu nome, direcionando-me direto até onde avistei Domenico. Ele tinha um sorriso orgulhoso nos lábios e um copo de uísque em uma das mãos.

— *Carina* — disse ele, beijando minha testa e me virando ao tocar minhas costas. — A casa está cheia.

Um garçom logo apareceu com uma taça de champagne para mim e eu a peguei apenas para fazer o brinde que meu pai iniciaria naquele instante, porém, não pretendia me embriagar pois tinha coisas importantes para fazer em breve.

Ele ergueu seu copo e nós brindamos, para em seguida se virar de frente e encarar os que estavam reunidos ali.

— *Famiglia*, como já sabem, foi um enorme prazer poder declarar Giovanna como minha filha biológica e revelar a existência dela para todos. Por muito tempo acreditei que nunca teria coragem para fazer isso, para tirar dela o sobrenome Mancini, uma família da *Soprattuto*, mas percebi que já era hora de mudar nossas tradições. — Ele alisou minhas costas e sorriu. — Ela é forte, é destemida, é resistente, e provou inúmeras vezes nesse último ano, que carrega o sangue *Dita* correndo em suas veias. Quando a olho durante uma ação, eu enxergo o pequeno Domenico, com tantos sonhos e tanta energia.

Se o filho da mãe me fizesse chorar e borrar minha maquiagem, ele

morreria ali mesmo. Que merda, eu bem achei que fosse mais inteligente usar um rímel à prova d'água, mas odiava ficar esfregando os olhos no final do dia para tirar aquele reboco desgraçado que não sai nem tacando fogo.

— A diferença que existe entre esta Giovanna e o Domenico que um dia eu fui, é que eu sou um homem muito melhor do que meu pai jamais poderia ter sido — disse ele, aumentando o tom de voz e me surpreendendo em falar abertamente sobre seu desgosto com o falecido Negri. — Estou passando minha cadeira agora para Giovanna, para que eu ainda possa acompanhá-la de perto e dar todo o suporte que precisar. E assim, no futuro, para as próximas gerações, tenho certeza que minha decisão terá surtido um grande efeito em nosso legado.

— Saúdem Donna Giovanna Negri! — ordenou ele, erguendo seu copo e eu acompanhei seu gesto, observando enquanto todos no salão repetiam as palavras.

Ele tinha esquecido de citar o Greco, mas achei que não precisava contestar aquele detalhe em público, no meio de tanta gente que não era tão fã de meu marido. Por enquanto, pois eles teriam que aceitá-lo mais cedo do que esperavam.

Coloquei um sorriso no rosto e permaneci com ele intacto enquanto recebia os brindes que iam se espalhando pelo lugar e pareciam nunca ter fim. Meu pai piscou para mim ao se inclinar para beijar meu rosto e sussurrou em meu ouvido:

— Estou ansioso para o show principal.

Então, quando as vozes se calaram eu fiz o caminho de volta até as escadas e subi alguns degraus para poder me posicionar um pouco mais acima da plateia. Cruzei minhas mãos atrás das costas e acenei discretamente a cabeça em agradecimento pelas boas-vindas recebidas.

— Boa noite, *famiglia Dita di Ferro* — iniciei meu breve discurso. —

Sou grata ao meu pai ter se revelado e me presenteado com a possibilidade de conhecê-lo melhor. O homem por trás do título de Don é uma pessoa íntegra e de quem eu aprendi a nutrir muito orgulho. Não foi uma decisão fácil aceitar o convite para substituí-lo porque eu sei que nenhum outro que usufruir desta cadeira se igualará ao famoso Don Negri. Nem mesmo eu. Mas, visualizei uma chance de renovar as coisas por aqui e deixar a minha marca, mesmo sendo preciso me dividir em duas por ter também minhas responsabilidades com a *Soprattuto*. Quero deixar claro que os negócios das duas *famiglias* não serão misturados, não precisam temer isso. No entanto, é óbvio que usarei o poder que me é de direito para encerrar de uma vez a eterna disputa de egos que existe entre as duas há muitas décadas. Recentemente tivemos muita dor de cabeça com a *Serdtsse Drakona* e unimos forças para enfrentá-la, garantindo o sucesso de nossos planos. Isso só fortifica a minha opinião de que a Itália não deve mais se dividir. Seremos independente uma da outra, mas seremos imensa para os nossos inimigos. — Ergui minha taça com a champagne ainda pela metade e sorri. — Aproveitem a noite.

O silêncio permaneceu por todo o salão pelos segundos que se seguiram até que alguém puxou as palmas e o restante acompanhou. Eu não sabia dizer se estavam em choque com tudo o que eu falei ou se simplesmente continuavam não gostando da minha cara. Decidi que devia ser um pouco das duas coisas e dei de ombros, buscando por Dante na multidão e caminhando até ele, que mantinha sua expressão antipática de sempre.

— E aí? Mandei bem?

— Muito bem.

Lancei um olhar bem enviesado para o idiota e usei meu salto fino para pisar no pé dele propositalmente, é claro. Ele sufocou o grito e me encarou de uma forma que demonstrava querer bater com a minha cabeça na parede.

— Eu faço um discurso incrível daquele e tudo que você tem a dizer é isso?

— Seu discurso foi para os ricos — respondeu, com as mãos cruzadas à frente do corpo. — Não para nós, soldados, que apenas seguimos as ordens dos ricos.

— Nossa, quanto rancor nesse coração; — Dei um tapinha no peito dele. — Está há muito tempo sem sexo?

Pela forma como ele me olhou, quase como se fosse um cachorro com raiva, espumando pela boca, eu entendi tudo.

— Precisamos encontrar uma bela dama para se enroscar nos seus lençóis. Eu não gosto de gente mal-humorada atrás de mim. E considerando que agora muito mais indivíduos me detestam, você terá muito trabalho pela frente.

— Ninguém que você possa arranjar me interessaria, Donna.

Ele estava duvidando da minha capacidade? Se estivéssemos a sós, teria levado um peteleco na orelha para deixar de ser pedante daquele jeito.

— Vamos ver... — Bati meu ombro no dele e sussurrei: — Está vendo aquela ali de vestido rosa e cabelo escuro? Ela já olhou duas vezes na nossa direção e tenho certeza que o interesse não é por mim.

Dante sequer olhou na direção que eu tentava indicar para ele. Parecia uma mula empacada. Suspirei e provoquei para ver se ele saía do transe e eu chamava sua atenção de alguma forma.

— Aquele homem loiro e alto, bem bonito, também gostaria de ver o tamanho do seu calibre.

Foi por um milésimo de segundo, mas eu peguei! Flagrei o momento em que Dante desviou seu olhar para o loiro e voltou a prestar atenção no grupo onde meu pai estava.

— Não! — Tapei a boca. — Não acredito nisso. Eu vi, Dante.

— Não sei o que pensa que viu.

— Eu vi! Ok, não vou fazer uma cena aqui nem é o momento de sair arrastando essa sua cabeça dura por aí para conversarmos sobre isso, mas não finja que não sabe do que estou falando.

Ele se virou de frente para mim e eu pude observar a forma como estava rangendo o maxilar, provavelmente para evitar fechar as mãos enormes ao redor do meu pescoço e me sufocar.

— Você é insuportável — disse ele, fazendo uma reverência com a cabeça. — Com todo o respeito que tenho pela nossa Donna.

— Não adianta desconversar. — Sorri para ele e voltei a procurar o loiro pelo salão, porque o bonitinho realmente tinha dado umas olhadas para cima de Dante.

— Posso ir ao banheiro ou você tem mais algum plano para me encher o saco?

— Vá, vá. — Abanei a mão livre e usei a outra para bebericar minha champagne. — Você vai ver como depois me agradecerá pela ajuda.

Ele revirou os olhos, o que era um abuso para um soldado e tenho certeza que ninguém era tão legal como eu para aceitar um gesto afrontoso como aquele. Mas eu não me importava, principalmente porque estava muito feliz de ter descoberto algo sobre a intimidade de Dante e saber que teria muito conteúdo para fortalecer nossa amizade.

O coquetel que oferecemos para o evento de apresentação seguiu por mais uma hora e meia e então, os *caporegimes* começaram a ser convocados para a sala de reunião. Eles não sabiam que isso aconteceria, nenhum aviso foi dado anteriormente, pois minha intenção era mesmo usar o fator surpresa a nosso favor. Os que eram casados deixaram as esposas de lado e todos seguiram aos poucos para o outro cômodo, mais aos fundos do casarão.

Meu pai seguiu com eles e eu fui logo em seguida, na companhia de

alguns soldados que eram liderados por Dante. Quando entrei na sala, inspirei profundamente, absorvendo aquele cheiro impregnado de couro e madeira, algo bem tipicamente masculino. A porta se fechou atrás de mim e ergui minha mão para impedir que se levantassem. Como se eles quisessem mesmo ser cordiais a mim.

Don Negri tinha me explicado que a mesa de doze lugares era feita para que os doze *caporegimes* se sentassem, pois o líder devia se manter de pé, demonstrando a diferença de nível entre eles. Sendo assim, Domenico ficou um pouco mais além, num canto da sala, já que não era mais Don e nem era um deles, e meus soldados se espalharam pelo ambiente em posições estratégicas previamente marcadas. Tudo fazia parte de uma encenação que ninguém perceberia.

— Boa noite mais uma vez — falei, parando de pé numa extremidade da mesa e tocando-a com meus dedos. — Resolvi reunir todos aqui porque minha primeira conversa é um pouco séria. Espero que tenham bebido bastante e comido o suficiente para se sentirem satisfeitos, pois o que tenho a dizer não é um assunto leve. Trata-se de uma ameaça que eu e minha família recebemos há dois dias, que resultou, inclusive, que eu antecipasse a data desta apresentação.

Todos os homens se entreolharam como se ninguém soubesse do que eu estava falando. E eu até acreditava que não poderia generalizar e culpar o grupo inteiro. Talvez um ou outro fosse inocente, mas não vinha ao caso.

— Que tipo de ameaça foi feita?

Estudei semanas e semanas as fotos de todos os *caporegimes* para decorar seus nomes e saber mais sobre cada um deles. Aquele que falou comigo era Valerio Esposito, um homem de sessenta e poucos anos, casado e pai de dois rapazes. Para a sorte dele, seu nome não apareceu na lista que Domenico me passou, que elencava quem eram os envolvidos no tráfico

humano.

— Ordenaram que eu abdicasse da cadeira — respondi, transformando a sala em um velório. — Ameaçaram a pessoa errada.

— Isso não pode ser tolerado! — Federico Bianchi deu um soco na mesa e gritou, colérico, achando que eu estava comprando seu teatro. — Ninguém pode ameaçá-la por isso. Não importa se é uma garota e não tem a experiência que um herdeiro teria, mas...

— Eu vou parar seu discurso bem aqui, Federico — interrompi o babaca e sorri gentilmente para ele, inclinando-me um pouco sobre a mesa. — Não sou uma garota. Sou a Donna da *Dita*. Sou a herdeira e, por mais estranho que lhe pareça, tenho mais experiência em meus poucos anos de vida do que você tem aos.. Cinquenta? — Caminhei pela sala e me aproximei dele até apoiar minhas mãos em seus ombros. — Conte-me como foi da vez em que entrou em um prédio com dezenas de inimigos armados mirando sua cabeça? Ah, não, espere. — Estalei a língua. — Pelo seu histórico, você nunca passou por isso.

Alguns riram, outros não gostaram da forma como eu os tratava. Realmente, devia ser humilhante escutar aquele tipo de coisa de uma mulher com um terço da idade deles. Inclusive, mais inteligente que todos juntos.

Flagrei um sorrisinho de canto no rosto de Dante e sabia que ele estava torcendo por mim, mas não me ative a isso.

— Mas eu concordo com você, Federico — continuei, soltando-o e continuando meu percurso ao redor da mesa. — O que aconteceu é intolerável. Sei que essa confabulação partiu de um de vocês porque caporegimes são os únicos que podem ter algo a ganhar ou a perder, dependendo de quem assume a cadeira de líder. O problema é que não fui a única a ser ameaçada. Não sou o tipo de pessoa que mija nas calças no primeiro problema que aparece. Mas tentaram sequestrar Elora, minha

cunhada, uma menina que já teve sua cota de merdas para uma única vida. Merdas essas, causadas pela *Dita di Ferro*.

Meu sangue gelou ao notar a mudança de postura em vários dos que estavam sentados naquela mesa. Eles sabiam sim quem era Elora, os mais velhos tiveram envolvimento de alguma forma.

— Tráfico. — Entrei no espaço entre uma cadeira e outra e dei um tapa forte na mesa que chegou a arder minha mão inteira. — Exploração sexual. — Outro tapa. — Estupro de vulnerável. — Mais um tapa, agora com as duas mãos. — Abuso infantil! Vocês, seus vermes, me causam ânsia de vômito.

Ergui dois dedos ao levantar o braço e recuei dois passos para me afastar depressa.

— Matem-nos!

Minha ordem foi cumprida antes que um olho tivesse capacidade de piscar. Com os soldados que foram se posicionando discretamente atrás das cadeiras onde os alvos se sentaram, pude conduzir o espetáculo sem que ninguém desconfiasse de nada. Então, ao meu sinal, lâminas deslizaram pela garganta de oito dos doze caporegimes, que se afogavam em seus próprios sangues e tentavam, inutilmente, reagir. Segundos depois, já estavam sem vida.

Os quatro que sobraram permaneceram imóveis enquanto observavam a cena grotesca. Talvez tenham percebido que não seria inteligente levantar e correr, até porque nunca sairiam daquela sala com vida se agissem da forma errada.

— Vocês estão vivos porque não encontramos nada que os ligassem a tudo que acabei de citar. Percebi que são famílias que não costumam se envolver em nenhum tipo de problema e prezam pela discrição.

Voltei ao meu lugar na extremidade da mesa e olhei bem para todos os sobreviventes. Estava ansiosa para encerrar o teatro porque meus pés estavam

me matando. Sem trocadilhos.

— Que fique claro que não me importo com suas opiniões, não estou aqui para me adequar às suas regras e costumes. Poderia ter ordenado a morte de todos vocês e ninguém saberia o que se passou dentro desta sala. Mas escolhi poupá-los justamente para que espalhem o que testemunharam e avisem que durante a minha gestão, o olho por olho será levado muito a sério.

Saí da sala, sendo seguida por Dante, enquanto o restante dos soldados se ocuparia com os corpos e meu pai encerraria o evento. Tínhamos estabelecido que as famílias dos mortos seriam desligadas da *Dita di Ferro* e receberiam uma quantia generosa para se manterem por algum tempo, porque as crianças não tinham culpa dos pais que as geraram.

Uma ou outra pessoa tentou me parar para conversar enquanto caminhava pelo salão principal, mas me esquivei de todos e fui na direção das escadas. A primeira coisa que fiz ao chegar na suíte foi chutar os *Louboutins* para longe e mancar até a cama.

— Vocês homens têm tanta sorte de não terem sido os escolhidos para usarem saltos. Quem inventou que isso seria coisa de mulher?

— Ninguém está obrigando você a usar isso — disse Dante, de prontidão na porta do quarto.

— Blablabla — zombei, revirando os olhos e dobrando minhas pernas para massagear meus pés. — E então? Como eu me saí?

— Impactante.

— Sério, precisamos aumentar seu vocabulário.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro, as mãos entrelaçadas na frente do corpo e a postura sempre igual.

— Você é muito bipolar — comentou, rindo. — Acabou de ordenar a morte de oito homens em um incrível banho de sangue e agora está aí, fazendo piada sobre mim.

— Isso não é ser bipolar. É ser mulher. Sou perfeitamente capaz de ser muitas em uma só, de ser multitarefa, de possuir várias facetas, de dividir para conquistar, de... Fala alguma expressão bacana aí.

Dante revirou os olhos e eu amava quando começava a notar que pessoas ao meu redor se contaminavam com manias minhas. Ele se aproximou com as mãos nos quadris, fazendo com que seu paletó se levantasse um pouco.

— Foi um discurso impressionante e um momento... — parou, parecendo pensar. — Inesquecível. Você será uma boa Donna. Agora, vou para meu posto do lado de fora, ficar de prontidão enquanto a madame relaxa na cama.

Joguei um beijo no ar, com a mão, e me deitei de costas nos lençóis confortáveis quando o soldado me deixou a sós no quarto. Aquela, sem dúvida, seria uma noite memorável para a minha história e a da *Dita di Ferro*.



PIETRO

Ficamos acomodados em uma casa que era propriedade da própria *Dita di Ferro*, mas que nos daria total discrição para permanecer na cidade fora do radar de outras pessoas. Não que eu precisasse mesmo me esconder, mas devido ao que aconteceria hoje à noite, não era inteligente exhibir dezenas de soldados *Soprattuto* pelas ruas da região, sabendo que os ânimos estariam alterados.

O combinado era que Giovanna me avisasse quando todos já tivessem ido embora, então eu passaria na residência e iríamos com Domenico para sua casa à beira-mar. Eu não me importava mesmo de passar a noite naquele lugar, mas minha esposa tinha um ressentimento enorme pelo avô que nunca conheceu e a mansão a fazia pensar nele.

Por volta das onze da noite, estranhei que ela ainda não tivesse feito contato e comecei a me preocupar. O plano estava todo organizado passo a passo e eu não via motivos sólidos para que atrasasse. Tentei fazer algumas ligações para o celular de Giovanna e ela não atendeu, deixando-me ainda mais preocupado e me obrigando a ligar direto para meu sogro.

— *Sim, Pietro. O que foi?* — Seu tom de voz tranquilo me deixou aliviado. Ele não atenderia daquela forma se tivesse dado tudo errado, certo?

— Por aqui não houve nada, só estou preocupado porque Giovanna não me atende.

— *Ela subiu há algum tempo, deve estar no quarto. Não foi nada bonito o que aconteceu, mas foi um sucesso como planejado.*

— Já posso ir até vocês? — perguntei.

— *Sim, pode. Demorou um pouco mais do que imaginei para fazer todos dispersarem, mas agora estamos só nós e alguns soldados.*

Agradei e não perdi mais nenhum tempo jogando conversa fora com Domenico porque ele nem mesmo era minha pessoa favorita. Reuni todos os homens e saímos o quanto antes, fazendo um trajeto rápido de menos de quinze minutos.

Mal saí do carro e absorvi o impacto do caos que tinha acontecido ali. Os corpos estavam sendo carregados para o jardim da propriedade e deixavam um rastro de sangue pelo chão. Fiz uma rápida contagem, identificando os oito *caporegimes* que estava marcados na lista de Giovanna, e entrei logo dentro da casa, dando de cara com meu sogro, jogado de forma

relaxada numa poltrona.

— Como foi a reação de todo mundo? — perguntei antes de subir as escadas.

— Um pouco de surto coletivo, muito choro, mulheres se jogando no chão... — Ele suspirou e esfregou o rosto, parecia cansado. — Como eu disse, não foi bonito. Mas acerto de contas nunca é.

— Devemos esperar retaliações?

— Tudo é possível — disse ele, encolhendo os ombros. — Agora é seguir em frente e começar as mudanças que ela quer fazer.

Assenti e pedi explicações para encontrar o quarto que Giovanna estava ocupando. Nem precisei ter trabalho pois facilmente identifiquei Dante guardando umas das portas e ele me cumprimentou, dando-me passagem para entrar.

Minha esposa estava dormindo, ainda com a mesma roupa, o mesmo penteado e o batom borrado. Estava com o corpo torto, como se tivesse pegado no sono de repente, sem se dar conta de que precisava dormir. Aproximei-me e me sentei na beirinha do colchão, admirando sua beleza por uns segundos, antes de passar meus dedos por sua testa... Ela arregalou os olhos e me deu um soco no nariz.

— Porra! — xinguei, levantando-me e levando a mão até o rosto.

— Desculpaaaa! Ah, meu Deus! — A filha da mãe ficou de pé sobre o colchão, pulando e balançando a mão que me acertou. — Quebrei meus dedos e o seu nariz!

— Não chegou a quebrar, mas caralho, bambina... — Afastei a mão, certificando-me que não havia sangue nenhum e virei para ela, que ainda balançava o punho. — Devo começar a dormir com algum tipo de proteção?

Segurei em seus quadris e peguei a mão dela para dar uma olhada, beijando os nós dos dedos que usou em meu rosto. Ela soltou uma risadinha e

se jogou sobre mim, passando os braços ao redor do meu pescoço e me beijando. Ajoelhei-me no colchão, com ela em meus braços e a encarei, desacreditado ainda que ela tinha me dado um soco.

— Estava sonhando, por acaso? Para me atacar dessa forma?

— Pior que estava — respondeu, rindo e mordendo o lábio bonito. — Era um pesadelo, na verdade. Sonhei que aquele *sheik* filho da puta me perseguia. Acredita?

— Sim, acredito. Tem relação com o que aconteceu esta noite. Afinal, você se vingou de homens que eram tão sujos quanto ele.

— Eu me vinguei mesmo. — Ela deu um sorriso que emanava tanta felicidade, que os seus olhos chegaram a brilhar em sintonia. — Você tinha que ter visto, caramba, devia ter pensado em gravar tudo porque foi imperdível. Toda a ansiedade sumiu no instante em que eu vi os infelizes reunidos ali, sabe? Ao redor da mesa, como se fossem invencíveis, inalcançáveis. Acho que eles jamais imaginariam o que estávamos tramando.

— Devia mesmo ter filmado. — Alisei o rosto dela e soltei seu rabo de cavalo, deixando o cabelo que eu adorava cair em cascatas. — O que acha de irmos embora desse lugar? Vamos ver o mar?

Peguei-a no colo quando sorriu e quando passei pela porta, pedi que Dante recolhesse os sapatos que estavam jogados pelo chão e a bolsa dela, pois eu não a soltaria. Minha Carabina não sairia dos meus braços pelos próximos minutos.

Entrei com ela em nosso carro e aguardamos até que Domenico saísse com a escolta dele. Minutos depois, estávamos seguindo em direção à sua casa, onde passaríamos a noite. Ainda conversaria com Giovanna sobre isso, mas vinha pensando há uns dias que precisávamos urgentemente procurar uma casa no meio do caminho entre a Sicília e a Calábria, para evitar ficar viajando toda hora. Além do mais, eu amava a minha família e tinha certeza

que ela adorava passar um tempo com o pai dela, mas passou da hora de termos um lugar só nosso, onde pudéssemos ter privacidade total. Para sermos justos um com o outro, não podia ser nem lá nem cá, por isso eu andava cogitando um meio termo.

Gio já tinha adormecido em meu ombro quando chegamos e a levei para dentro novamente no colo, entrando no quarto que usávamos quando estávamos lá e começando a tirar sua roupa. Quando estava só de calcinha e sutiã, minha esposa doidinha despertou e se sentou na cama, bocejando e se espreguiçando, finalmente se dando conta de onde estávamos.

— Por que não me acordou? — perguntou, levantando e abrindo o armário com roupas suas que já deixava sempre ali.

— Você está cansada, não quis acordá-la.

— Vamos até o mar? — perguntou, pegando-me de surpresa. — Anda, amor, tínhamos falado que iríamos...

— Já passa de meia-noite, *bambina*.

Ela fez uma careta e colocou um vestido simples de andar em casa, passando por mim e alisando meu peito antes de sair pela porta do quarto que já dava na varanda. Fui atrás dela sem muitas opções e tirei meu sapato, largando-o na areia pelo caminho. Agarrei a cintura de Giovanna e ouvi seu gritinho empolgado quando a girei no ar até cairmos perto da água.

— Eu amo esse cheiro! — disse ela, abrindo os braços e fechando os olhos.

— Eu amo essa mulher.

Seu sorriso me arrebatou e deixei que montasse em cima de mim. Seus beijos arrepiaram a pele do meu pescoço enquanto os dedos ágeis desabotoavam minha camisa. Passei as mãos por baixo do vestido e encontrei sua calcinha pequena, puxando-a para o lado e apertando a bunda gostosa.

— Quis me atrair para cá com segundas intenções, não é? —

questionei, sorrindo quando ela mordeu meu queixo. — Sabe que não podemos transar em público, certo?

— Quem disse? — sussurrou ela, como se isso fosse o bastante para ninguém nos flagrar. — Você mesmo falou que já passou de meia-noite. Meu pai se recolheu ao quarto, está cansado e vai dormir como um bebê. Os soldados estão de guarda e não monitoram essa faixa de areia.

— Impressão minha ou você pensou em tudo? Estava mesmo dormindo?

Ela mordeu o lábio inferior e deslizou as mãos entre nossos corpos até encontrar o botão da minha calça. Giovanna quando colocava uma ideia na cabeça, tinha o costume de levá-la bem ao pé da letra.

Soltei o ar que nem sabia que estava prendendo quando os dedos finos puxaram o elástico da minha cueca. Ela ergueu o corpo apenas o suficiente para encaixar meu pau em sua boceta e voltou a se deitar discretamente.

— Eu estava dormindo sim, mas fiquei pensando nisso durante horas. Mais cedo, claro.

— E era desse jeito que você me queria?

— Uhum.

Seu corpo se moveu lentamente enquanto seus dedos agarravam meus cabelos e sua boca tocava a minha. Investi meus quadris contra ela, arrancando um gemido que foi abafado pelo meu beijo, sentindo-me deslizar por toda sua profundidade conforme ela me cavalgava. Quem visse a cena de longe, não poderia imaginar que estávamos realmente fodendo. A saia do vestido escondia qualquer intimidade a mais entre nós e os movimentos de Giovanna eram extremamente controlados.

Ao contrário de mim, que estava louco para virá-la de costas na areia e meter com vontade, deixá-la vermelha e sem ar conforme meu pau deixava bem claro do que era capaz.

— Sabe que isso é tortura física e psicológica, não é? — murmurei, soltando um gemido baixo e tentando enxergar alguma coisa pelo decote do vestido. — Minha nossa, *bambina*. Está difícil me controlar.

Onde tínhamos nos deitado não havia fonte de iluminação além da lua e das estrelas, o que tornava tudo quase um breu e facilitava nossa discrição. Mas mesmo assim, se eu protagonizasse uma cena de sexo pornô no meio da praia, com certeza chamaria um pouco de atenção.

— Você pode me comer sentada — ela indicou de forma bem simples e com um sorriso malicioso.

Não pensei duas vezes. Sentei-me na areia e passei as pernas dela ao redor do meu corpo, agradecido pela sugestão e deixando de me importar por um momento com qualquer outra pessoa. Segurei firme em Giovanna e movimente seu corpo sem nenhuma dificuldade, socando meu pau inchado bem fundo em sua boceta pequena e apertada, sendo levado à loucura pela musculatura dela que trabalhava intensamente ao redor do meu membro.

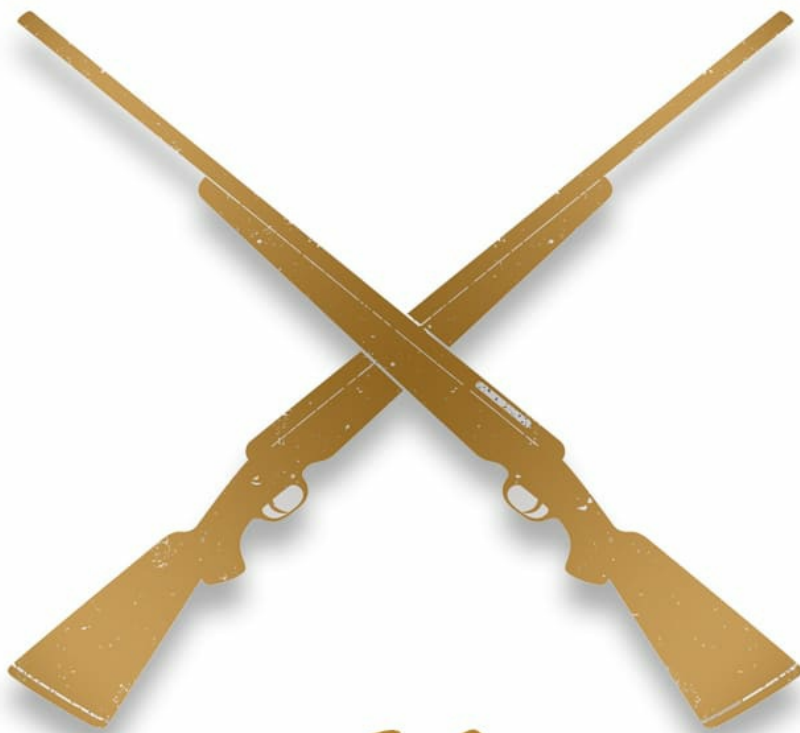
— Ah, caralho, que delícia — murmurei, investindo cada vez mais rápido, ansioso para vê-la gozar.

Giovanna me arranhou com suas unhas longas e soltou o peso do corpo nas minhas mãos, jogando a cabeça para trás, entrando em seu estado de letargia até que começou a gemer alto demais.

Eu ri, mas precisei beijá-la para evitar que fizesse um escândalo e a senti gozando quase ao mesmo tempo que eu. Mesmo depois que ejaculei, ainda deixei que ela rebolesse do seu jeitinho lento, aproveitasse o que eu tinha para dar e se esfregasse o quanto quisesse em mim.

— Agora sim nós podemos entrar e dormir — disse ela, dando aquele sorriso delicioso de pós-foda, mexendo no cabelo e o bagunçando todo. — Leve-me para a cama, marido.

Eu a levaria para a cama em meus braços todos os dias da minha vida.



37

GIOVANNA

O vento bagunçava meus cabelos enquanto eu dirigia pela estrada com todas as janelas do carro abertas. Estava empolgadíssima porque tinha passado a semana na casa do meu pai e encontraria com Pietro em uma ou duas horas, na nossa nova e bela residência em Taormina, uma deliciosa região da província de Messina, que ficava bem no meio do caminho como decidimos umas semanas antes. Quando Pietro me contou sua ideia de procurarmos por um canto só nosso, eu aceitei na mesma hora, sem nem pensar duas vezes. Amava nossas famílias, mas precisávamos ter o nosso espaço.

Passamos quase uma semana inteira visitando alguns lugares até nos apaixonarmos pela propriedade que ficava situada no topo da colina, de frente para o penhasco que nos presenteava com a vista para o mar azul-esverdeado. Era grande, arejado, possuía vários quartos pois tinha servido de pousada no passado e tinha uma energia incrível. Faríamos uma reforma providencial, mas já era nosso e aquela seria a primeira noite que passaríamos oficialmente na casa.

Meu marido tinha voltado aos Estados Unidos para dar início a todo o processo de venda da *Invictus* e ficamos quase quinze dias separados. Estava dirigindo sem pressa, pois ele ainda passaria na mansão Greco para dar um beijo em todos. O som do carro estava ligado, tocando uma música viciante da banda Imagine Dragons e atrás de mim, seguia o carro de Dante.

Coloquei o braço para fora e acenei para o soldado mal-humorado, lembrando da conversa forçada que tivemos, em que arranquei algumas confissões dele sobre seus interesses amorosos. Dante era gay, mas prezava demais pela discrição porque tinha medo de sofrer preconceito devido a posição que ocupava. Ainda pretendia fazê-lo se abrir mais comigo e tentaria

ao máximo ajudar no que fosse preciso para que ele pudesse viver sem amarras, mas levaria tempo. Ele era um homem muito ranzinza e fechado.

Sorri sozinha quando ele buzinou e me fez tomar um susto, então coloquei o braço para dentro e me concentrei na estrada. Era uma via de mão única, com mata de ambos os lados, um pedaço do caminho que era bem rural e deserto. Por isso, estranhei quando vi um carro bem distante, mais à frente, parado sem necessidade no cruzamento adiante. Teria dado tempo de ele cruzar a estrada, dar ré, cruzar de novo e seguir viagem antes que eu o alcançasse.

Sendo assim, resolvi acelerar. Só que Dante demorou um pouco mais a reagir e como abriu uma distância maior entre o meu carro e o dele, foi a oportunidade perfeita para que o veículo parado virasse a curva e grudasse atrás de mim. Eu já sentia que teria problema e tentei raciocinar depressa para decidir o que fazer. Pelo espelho retrovisor, notei que Dante tentava ultrapassá-lo sem sucesso devido ao estreitamento da via, mas ouvi barulhos de tiro. Meu segurança estava atirando no carro da frente, que acelerou e bateu na traseira do meu e quase me fez perder a direção.

Apertei meus dedos ao redor do volante e controlei o carro, mantendo-o na pista e acelerando um pouco mais. Estávamos nos aproximando de um trecho que possuía um pequeno declive do lado direito e não seria bonito invadir o acostamento naquele momento.

Mantive-me o mais curvada possível para tentar ficar fora do trajeto das balas e levei outra porrada, fazendo a bunda do automóvel deslizar um pouco para sair da pista. Quando a porcaria da estrada começou a se alargar para se abrir um acostamento mais amplo, pois era um local que servia para refúgio de carros enguiçados, o filho da puta que me seguia conseguiu emparelhar comigo. No instante que virei o rosto para poder ver quem era, enxerguei a arma apontada na minha direção e só tive tempo de me abaixar, inclinand-

me de lado sobre o banco do carona.

Obviamente, perdi a direção ao mesmo tempo em que ele descarregava a pistola em cima de mim. Passei por cima da pequena mureta que separava a mata da estrada e o carro desceu em alta velocidade enquanto eu tentava controlar a direção e pisava no freio. Quando capotei, meu olho direito logo ficou embaçado de vermelho e uma dor na parte de trás da nuca me deixou cansada demais. Eu ouvia meus gritos, mas nem parecia ser eu mesma.

•

A certeza que eu tinha era que estava morta. Isso até conseguir abrir os olhos e sentir a dor filha da puta em algum lugar do meu rosto. Eu nem conseguia identificar o ponto exato, pois parecia que eu tinha sido jogada em um moedor de carne. Antes de ter a oportunidade de abrir a boca para xingar o médico que não me deu morfina, Pietro já estava quase em cima de mim. Sério, de verdade. O corpo dele estava metade sobre meu peito e o rosto ficou tão perto que eu consegui enxergar um fio de cabelo branco no topete dele.

— Hm, oi — murmurei bem baixinho e sem abrir muito a boca porque não tinha certeza de como estava meu hálito.

— Oi. — Ele sorriu como um bobo e eu logo pensei que devo ter ficado muito mal. — Graças a Deus você acordou. Que susto nos deu, Gio.

— Caramba... — Fechei os olhos e esperei as lágrimas surgirem, soltando a pergunta: — Fiquei em coma por quantos meses? Os médicos quiseram desligar meus aparelhos?

Virei o rosto quando vi mais movimento no quarto e descobri que meu pai também estava ali, sentado de forma displicente no sofá perto da janela, com uma cara de quem sofreu muito. Coitado. Tão velho e doente e ainda tendo que passar por esse tipo de trauma.

— Meses? — comentou ele, arqueando a sobrancelha. — *Carina...*

— Ah, meu Deus! — Tapei a boca e levei a outra mão ao coração. — Foram anos? Só falta agora vocês me contarem que eu perdi o casamento de Elora.

Quando meu marido riu e se afastou, finalmente me dando um pouco de espaço, foi que eu consegui ter uma visão mais ampla do meu corpo e da cama. Descobri, então que estava com o pé imobilizado. Levei logo as mãos à garganta para conferir se tinham feito traqueostomia em mim, mas não, tudo intacto. O que mais eu devo ter sofrido? Edema cerebral? Algumas costelas fraturadas? Meu senhor amado, será que eu tinha perdido meu baço?

— *Amore mio*, sinto-me muito feliz em dizer que você terá tempo suficiente para ver minha irmã se casar. Um dia. — Ele pareceu pensativo e franziu os lábios, aparentemente com ciúme. — Que não seja pelos próximos vinte anos ou teremos problema com o pretendente.

— Você está no hospital somente há sete horas, Giovanna — declarou meu pai, ganhando a minha atenção. — Sinto decepcioná-la.

Nove horas? Que tipo de acidente de carro eu sofri? Quem passava pelo que eu passei sem nem precisar ficar doze horas dentro de um centro cirúrgico, mobilizando as mentes mais geniais da medicina para cuidarem do meu caso?

— Então... — funguei, sem querer demonstrar ressentimento, mas era difícil. — Eu só quebrei o pé?

— Torceu — respondeu Pietro.

Uma torção inútil. Ficava cada vez pior.

— Como eu consegui sair de um capotamento sem ter um osso quebrado?

— Na verdade, o carro nem chegou a capotar totalmente, ele parou virado de lado porque uma árvore bloqueou a queda. O cinto evitou que

acontecesse algo pior com você. Sofreu apenas a torção no pé e bateu com a cabeça no volante, o que ocasionou um corte na testa.

— Uau — murmurei, sem ânimo, encarando a tala em meu pé. — Que interessante. É por isso que estão só vocês dois aqui, né? Porque ninguém precisou se preocupar com a possibilidade de me perder.

— Ora, que absurdo é esse que estou ouvindo? — Minha sogra acabava de entrar no quarto, de mãos dadas com Elora e seguida por um Carlo que carregava um enorme buquê de flores. — A gente se desloca até aqui para mimá-la um pouco e somos recebidos dessa forma? Pode tratar de colocar um sorriso bem bonito no rosto e fingir que está grata por não ter acontecido nada pior.

Giulia Greco era o tipo de mulher que só dava ordem uma vez, porque ninguém ousava desobedecer nem questionar. Portanto, abri um sorriso sincero e beijei o rosto de minha cunhada que veio me abraçar.

— Dante está na sala de visitas — disse Pietro, alisando meu cabelo. — Ficou se sentindo culpado demais. Ele contou que não conseguiu evitar que o carro se metesse entre vocês dois.

— Não mesmo. Ele grudou em mim e seu objetivo era me acertar. Perdi a direção porque me protegi quando atirou, mas não conseguiu me matar e agora eu sei quem foi.

O quarto ficou em silêncio total e meu pai se levantou, aproximando-se de mim com uma expressão de puro ódio.

— Foi Valerio Esposito — declarei.

Sim, o babaca que eu poupei na noite da apresentação, justo aquele que julgamos se manter fora das atividades sórdidas praticadas pelos outros. Eu não sabia dizer o motivo que o levou a fazer o que fez, mas o homem tinha um rosto muito fácil de reconhecer e não deve ter se dado conta de que eu poderia sobreviver.

— Entendo. — Meu pai assentiu e puxou o telefone do bolso, inclinando-se para beijar minha testa. — Vou um pouco lá fora fazer algumas ligações.

Eu sabia perfeitamente o que aquilo queria dizer e só não me voluntariava para ir pessoalmente arrancar os testículos de Valerio porque estava aqui, dependente desta cama de hospital.

Elora e seus vários questionamentos me distraíram por alguns minutos, até que um médico entrou no quarto e cumprimentou a todos. Menos a mim. Quando eu me fiz ser lembrada, pigarreando bem forte, ele olhou na minha direção e sorriu, caminhando para mais perto da cama. Notei que carregava um prontuário e pensei se era agora que declararia meu pouco tempo de vida ou coisa parecida, mas ele sorriu animadamente.

— Tenho boas notícias — declarou, e eu já não me surpreenderia com mais nada. — Você terá alta amanhã de manhã, só para aguardarmos o inchaço da pancada na testa diminuir mais um pouco e podermos fazer uma ultrassonografia. Eu estou bem tranquilo porque você não sofreu nenhum tipo de trauma na região abdominal, mas em casos de acidente sempre é aconselhável se certificar de que está tudo bem com o bebê.

Virei o rosto e encarei Pietro, porque estava na dúvida se tinha entendido certo. Não sabia que tipo de medicamento tinha sido injetado na minha veia, então podia se tratar de alguma ilusão minha. Mas meu marido tinha congelado suas expressões faciais e minha sogra levou a mão à boca.

— O... bebê? — perguntei.

O médico, que não tinha culpa de ter nascido com a incapacidade de dar notícias do jeito certo, olhou para mim, depois para meu marido, e em seguida, mais uma vez para mim.

— Desculpem-me... Vocês não sabiam?

— Ela está grávida? — perguntou Pietro, quase segurando o homem

pelo jaleco. — Tem certeza disso?

— Ah, minha nossa! — minha sogra exclamou, com as mãos no rosto e os olhos cheios de lágrimas.

O médico abriu e fechou a boca, com um sorriso sem graça e uma cara de quem gostaria muito de se desculpar eternamente. Ele estava errado sim em dar uma notícia daquela de forma tão descuidada. E se eu estivesse grávida do meu amante e quisesse esconder a informação de Pietro até inventar uma boa desculpa?

— Tenho certeza, sim. É de praxe fazer exames específicos e a Senhora Giovanna está muito grávida. — Eu queria chorar, mas me segurei quando o homem tocou minha perna. — Como eu disse, quero solicitar uma ultra e estando tudo bem com vocês dois, receberá alta amanhã de manhã.

O doutor disse mais alguma coisa, trocou algumas palavras com Pietro e logo em seguida se despediu, saindo do quarto enquanto eu continuava em transe.

Grávida. Eu estava mesmo grávida.

— Você vai ter um bebê, Gio? — Ouvi a voz da minha cunhada, mas minha sogra avisou que nos deixaria a sós um momento e a puxou para fora do quarto.

Então eu pisquei e o rosto de Pietro entrou em meu campo de visão. Ele tentava se acomodar na cama junto comigo e seus lábios tocaram meu rosto, ao mesmo tempo em que sua mão deslizava pela minha barriga.

— Seremos pais — murmurou e virei a cabeça para encará-lo. — Seremos pais, *bambina*.

Foi o suficiente para abrir as portas da represa e meus olhos inundaram, incharam e derramaram as lágrimas que eu estava tentando conter. Chorei de soluçar, com a sensação de que finalmente alguma coisa tinha dado certo, que iríamos conseguir realizar algo que desejávamos há um tempo. Pietro me

abraçou e percebi que ele também estava chorando, mas de forma muito mais polida do que eu, que provavelmente soltaria um catarro pelo nariz.

— Não seria a sua gravidez, se não fosse para descobrir com emoção — agora eu achava que ele estava rindo. — Tanta espera para a revelação ser feita sem querer.

— Eu não consigo acreditar — murmurei, tocando a mão dele que descansava na altura do meu umbigo. — Estou mesmo carregando um filho seu...

— Ou filha.

Pietro pulou da cama e deu uma olhada na direção da porta do quarto, para depois me encarar com uma expressão de quem estava aprontando alguma arte. Ele abriu um sorriso e puxou meu lençol, descobrindo meu corpo e me pegando no colo.

— O que está fazendo? Estou internada!

— Não quebrou nada — disse ele, abraçando-me pela cintura e rindo. — Posso muito bem rodopiar com minha esposa grávida.

Ele realmente rodopiou. Girou pelo quarto comigo nos braços enquanto eu me via em dúvida entre brigar com ele porque minha bunda estava de fora naquela camisola horrorosa e rir da maluquice que o Don se prestou a fazer.

— Amo você mais que tudo nessa vida, serei o melhor marido e o melhor pai!

— Prometa que será também o melhor comedor. O melhor comedor!

Ouvimos um pigarro e como Pietro estava de costas para a porta, eu fui a primeira a ver a carranca do meu pai, que provavelmente escutara a parte do comedor. Sorri para ele e meu marido virou a cabeça, andando comigo de volta até a cama.

— Atrapalho? — perguntou Domenico com uma cara azeda.

— Venha aqui, pai.

Ele se aproximou, guardando o celular no bolso e por mais que eu estivesse ansiosa para saber quais as ordens que deu a respeito de Valerio, tinha algo muito mais importante a ser dito naquele momento.

Domenico alisou meu braço e sua expressão se suavizou quando olhou em meus olhos. Busquei pela mão dele e apertei seus dedos, abrindo meu sorriso.

— Você vai ser avô — contei. — Vovô Negri.

O homem arregalou os olhos e eu achei ofensivo quando ele se virou para olhar Pietro, como se precisasse ouvir a confirmação de outro macho, não da mulher que iria sofrer por nove meses. Meu marido assentiu, sem conseguir conter a felicidade, e meu pai assustou a todos nós com as palmas fortes que deu.

— Incrível! Essa é uma notícia incrível, *carina*!

Ele se inclinou e me abraçou, beijando meu rosto e alisando meu cabelo daquele jeito todo babão. Depois beijou minha testa e sorriu. Beijou meu rosto de novo e eu já me sentia cheia de saliva, quando finalmente se recompôs.

— Quanto tempo de gravidez? Já sabem?

— Acho que saberemos depois do exame — disse Pietro, puxando uma cadeira e a colocando bem do lado da cabeceira da cama, só para poder agarrar minha mão. — Ela vai fazer uma ultrassonografia para termos certeza de que está tudo bem com o feto.

— Não chame nosso filho de feto.

— Mas ele é um feto — respondeu, sorrindo.

— Será que já podemos comemorar todos juntos?

Olhei na direção da porta, onde minha sogra tinha colocado a cabeça para dentro e parecia muito ansiosa para vir me paparicar. Acenei para que entrassem, ela, Carlo e Elora, que passou os minutos seguintes sentada na

cama alisando minha barriga que não parecia de grávida. Seria muito legal ver minha cunhada interagir com um bebê, tinha certeza que seria muito cuidadosa e uma tia babona.

Enquanto todo mundo conversava a respeito do nome que escolheríamos, sobre quais casas a criança visitaria mais e quem seria sua pessoa favorita, observei atentamente a cena ao meu redor. Com exceção de Susan, eu amava demais cada um que estava ali e me sentia muito abençoada por ter uma família tão complicada e um pouco fora dos padrões, sem a qual eu não conseguiria ser feliz.

Foi a minha vez de tocar a barriga. Deslizei meus dedos sutilmente por baixo da camisola, a ficha caindo pela primeira vez e eu finalmente compreendendo que a leve impressão que eu tinha de precisar fechar a boca para voltar a ter uma barriga negativa, na verdade era só o meu cérebro me enganando enquanto eu gerava um ser humano dentro de mim.

Daquele dia em diante, minha vida mudou drasticamente, virou de cabeça para baixo e me deixou enlouquecida. Primeiro, para início de conversa, eu fiz sim o ultrassom e descobrimos que a trouxa aqui estava grávida de onze semanas. Onze! Isso são quase três meses e eu nunca tive sintoma algum para que pudesse desconfiar que estava grávida. Fiquei me imaginando aos nove meses de gestação, um belo dia em casa, sentando no vaso para urinar e saindo um bebê da minha vagina.

Pietro foi o primeiro a surtar porque se descobrir que vai ser pai é uma bela de uma surpresa, imagina descobrir que vai ser pai de um feto que já estava com mãos e pés formados. Não que isso tenha alguma relevância, considerando que tudo que eu conseguia enxergar naquela tela era um monte de chuvisco e uns borrões escuros. Só acreditei que seria mãe quando todo mundo calou a boca e o quarto foi preenchido pelo barulho que fazia até os mais fortes chorarem: o som dos batimentos cardíacos. Eu estava mesmo

carregando um pequeno, minúsculo ser dentro de mim.

Não foi possível saber o sexo naquele momento, mas isso não atrapalhou em nada a comemoração que se seguiu por quase uma semana. Todos estavam enlouquecidos com a chegada de um bebê e nem se importavam mais comigo. Quando eu passava perto da minha sogra, ela perguntava se o neto estava bem antes de perguntar se tive uma boa noite de sono. E o fato de ainda não conviver com os sintomas até me fazia esquecer vez ou outra da gravidez.

Só por volta da vigésima semana que eu comecei a entrar em uma fase chata. Ficava triste sem motivo aparente e me incomodava um pouco para encontrar a posição ideal na cama — na hora de dormir, porque no sexo minha vida estava esplêndida. Sentia muito tesão e como nem sempre o Pietro se mostrava confiante para me pegar de jeito, eu o fazia me chupar bastante. Eu estava fazendo o mais difícil, que era carregar nosso filho, então que fizesse também sua parte e me mantivesse satisfeita com os orgasmos em dia.

Acordava: chupadinha. Ia tirar uma soneca depois do almoço: mais uma chupadinha. Final de tarde: outra chupadinha porque eu não era de ferro. E aí sim, quando nos deitávamos para dormir, eu o vencia pelo cansaço e o obrigava a me comer de ladinho.

Por causa dessa descrição toda do bebê Greco no início da gestação, pensei que passaria a gravidez até o final sem maiores dores de cabeça, mas me enganei. Quando passamos da vigésima quarta semana, o diabinho ou a diabinha (decidimos não saber o sexo) resolveu crescer tudo que não cresceu antes. Dei adeus a algumas roupas mais justas e me lasquei com o surgimento de hemorroidas. Foi nessa fase que meu humor oscilou um pouquinho e precisaram trancar a sala de armas da mansão porque diziam que eu estava perigosa. Pietro foi quem mais sofreu, porque como eu não podia gritar com

minha sogra nem com minha cunhada, descontava tudo nele.

— Se estou com essa merda no cu é por sua culpa — lamentei um dia quando estava saindo do banheiro. — Se tivesse deixado o Jerônimo intacto, eu não teria hemorroidas!

Ele desviou quando joguei o frasco de *shampoo* em sua cabeça e riu. RIU.

— Eu tenho certeza que não foi o meu pau que causou as hemorroidas, *bambina*.

— Não me chama de *bambina*, seu idiota! — rosnei, deitando-me devagar na cama. — Se pensa que algum dia eu vou passar por isso de novo, está muito enganado. Não teremos um segundo filho.

— Por causa do problema no seu ânus?

Ele ergueu as mãos e sorriu quando o encarei com ódio no coração.

Com vinte e oito semanas... Meu pai do céu. O bebê se mexia o tempo todo e as dores se tornaram mais intensas. Eu estava comendo por cinco e mijava a cada dez minutos.

Domenico foi o voluntário a passar um final de semana comigo e me levou para extravasar toda minha ansiedade acumulada. E era por isso que eu seria eternamente grata àquele homem, porque foi o único que me deixou manusear minhas queridas armas e praticar tiro ao alvo até me sentir esgotada.

Quando entrei na trigésima quinta semana, todos já me tratavam como inválida e não me deixavam fazer mais nada. Até a simples ideia de pegar um copo na cozinha eles transformavam num espetáculo onde eu era uma mera espectadora. A ansiedade era meu nome e sobrenome porque eu tinha decidido pelo parto normal e achava que todo dia seria o dia. Não confiava naquela previsão de que ainda faltavam mais algumas semanas e fiz todos ao meu redor ficarem tão malucos quanto eu.

Mas o bebê estava a caminho.



GIOVANNA

Romeo Negri Greco nasceu numa noite de junho, depois que eu fiz toda a equipe médica assinar um termo garantindo que eu não ficaria com a boceta arrombada.

Deu tudo certo, se não pensarmos na questão do sexo. Mesmo depois do período do resguardo, Pietro não queria transar comigo, morria de medo de me machucar. Como se o pau dele pudesse causar mais estrago que um corpo roliço de três quilos e meio abrindo passagem pela minha vagina. Francamente! Continuamos adeptos de muito sexo oral até o dia em que dei

um tapa na cara dele e ordenei que fizesse jus aos vinte e um centímetros.

Como eu nunca fui uma pessoa de muita sorte, do tipo que vive com todos os astros alinhados, Romeo começou a chorar no instante em que ele me penetrou pela primeira vez após o parto, e meu marido saiu correndo como um louco. Porque era isso que ele fazia a cada choro: parava a vida para mimar o filho.

Estava aqui agora terminando de pentear o cabelo porque receberíamos a família em nossa casa para comemorarmos o terceiro mês de vida do nosso remelento, enquanto o pai trocava a quarta fralda do dia. Tínhamos babá que poderia muito bem dar uma ajuda naquele caso, já que Pietro teve que parar de se arrumar para limpar cocô, mas meu marido fazia questão de participar dos bons e dos péssimos momentos da vida de Romeo.

Terminei minha produção e desci as escadas para o jardim, abraçando meu pai que foi o primeiro a se aproximar. Ele andava meio sumido nas últimas semanas, demorava um tempo enorme para responder minha mensagens e quase sempre deixava minhas ligações serem rejeitadas para só depois me retornar. Sabia que não estava com a saúde tão afetada, inclusive, nos últimos meses ele se vangloriava de não ter tido nenhum episódio de crise. No entanto, todo aquele distanciamento era um pouco estranho.

Reparei bem nele, em sua roupa muito arrumadinha, em como a barba estava bem aparada e o perfume parecia novo.

— Quem é vivo sempre aparece — zombei, dando um tapa em seu braço depois de soltá-lo. — Achei que tivesse esquecido que tem neto. E filha.

— Como se fosse possível eu me esquecer das pessoas que mais amo na vida.

Fiz uma careta porque não estava muito convencida com aquele discursinho barato, mas não era o momento de me aprofundar no assunto. Ele

pegou o bicho de pelúcia de dois metros de altura que estava embalado e apoiado no chão, e me entregou.

— Que singelo, pai. Se tivesse dez centímetros a mais eu teria que jogar o berço fora para caber o presente no quarto.

— Sei que Romeo vai amar!

Claro que sim. Um ser humano que tenta lambar o próprio pé é capaz de amar qualquer coisa. Mesmo assim, coloquei em prática a boa educação que recebi e agradei a lembrancinha, com medo de ver qual seria o presente que ele compraria para o aniversário de um ano.

Romeo era extremamente mimado. Assim que nasceu, nós passamos o primeiro mês na mansão Greco porque precisava de muita assistência da minha sogra. Também foi uma forma de inclui-la nesses momentos tão importantes da vida do primeiro neto e ela irradiava felicidade. Carlo também se tornou um verdadeiro homem babão e ajudou muito nos banhos e trocas de fraldas, enquanto eu curtia aquela primeira semana horrorosa do pós-parto, em que eu me sentia um lixo e não queria saber de ninguém, só amava meu filho. Dizem que cada mulher reage de um jeito, pois bem, eu tinha convicção de que fui uma pessoa insuportável.

Na metade do segundo mês, Pietro queria muito que voltássemos para nossa casa, aquela que era na metade do caminho entre a Sicília e a Calábria. Nós havíamos nos mudado definitivamente para lá quando finalizamos a reforma e eu estava entrando no sétimo mês de gestação. Porém, nunca passávamos uma semana inteira a sós. Quando não era a família Greco que aparecia para visitar — e passar uma ou duas noites —, meu pai se materializava de repente nos nossos portões com um sorriso no rosto e algum presente que destoava da idade do bebê.

Aproveitei que Pietro ainda não tinha descido e o restante da família estava dentro de casa conversando, e puxei meu pai, deixando a pelúcia para

trás.

— Como estão as buscas por Valerio? Alguma novidade?

Sim, esse mesmo. O filho da puta que me perseguiu de carro e me fez sofrer o acidente, até hoje estava vivo. Ou pelo menos era isso que a gente imaginava, já que ele sumiu do mapa quando eu ainda estava no hospital. Naquele momento, meses antes, enquanto eu recebia a notícia da gravidez, Domenico falava ao telefone com os outros caporegimes que sobraram, tentando coletar informações sobre o maldito. Só que meu pai percebeu que os homens se fecharam sem querer se envolver naquele assunto e o que ele fez? O que um bom Negri faria. Foi atrás desses caporegimes, deixando bem claro que aconteceria com eles o mesmo que aconteceu com os outros, se não abrissem o bico. Resultado, a merda era maior do que o que havíamos pensado.

Valerio era um homem que não se metia em confusão, como eu já sabia devido seu histórico. Possuía uma conduta quase impecável, mantinha um bom relacionamento com todos da *famiglia* e era alguém com influência relevante nos negócios. Ele não tinha nada a ver com o tráfico sexual, mas naquela noite da minha apresentação, quando dei a ordem para os assassinatos, o Senhor Esposito percebeu que não poderia se manter à mercê dos caprichos de uma jovem com muito poder nas mãos.

O que ele fez? Simplesmente reuniu os caporegimes que restaram e os incentivou a confabular com ele numa grande traição à linhagem Negri. Ele daria fim à minha vida e, em seguida, mataria também Domenico, com a promessa que os colegas o apoiariam para assumir a liderança da *Dita di Ferro*.

Eu fiquei bastante surpresa quando meu pai contou o plano todo, porque pela pesquisa que fiz no histórico de Valerio, ele era um homem de vida tranquila. Tão tranquila que nem tinha muitas conquistas das quais se

vangloriar. Só mantinha a posição de caporegime porque esta já estava em sua família há gerações; ele apenas herdou aquele título.

Inclusive, era tão burro que nem mesmo armou para enviar uma outra pessoa atrás de mim. Foi na cara e na coragem e se expôs de forma indevida. Coisa que não se faz quando não se tem certeza absoluta de que você finalizará o serviço. Resultado, eu vi o rosto dele, não morri e ainda me lembrei de tudo quando acordei.

— Recebi uma dica dias atrás, de que ele foi visto em Palermo, mas acho que era alarme falso — disse meu pai, passando a mão pelo cabelo e exibindo uma expressão frustrada. A mesma que surgia sempre que o nome de Valerio vinha à tona. — Enviei quase cem soldados para a região e ninguém o encontrou.

Isso era motivo de preocupação de toda a família, porque o homem estava em algum lugar. E se ele fosse inteligente, entenderia que só voltaria a ter paz para circular livremente pela Itália, o dia que eu, meu pai e Pietro não estivéssemos mais vivos. Ou seja, nós continuávamos levando a vida normal de antes, mas sempre com uma pitada de preocupação. Principalmente agora, com Romeo na jogada. Todo cuidado era pouco e até os negócios das duas *famiglias* estavam em ritmo lento.

— Parabéns para o Romeo! — o grito me fez pular para trás e virei o rosto, com o coração galopando no peito.

Susan? Minha amiga Susan, que eu não via há uns cinco meses, surgiu correndo pelo jardim com os braços abertos e um embrulho na mão. A surpresa se devia ao fato de que ela não estava sendo aguardada. Eu não a convidei porque quando nos falamos por telefone três semanas atrás, Susan contou que ficaria um pouco mais ausente por um tempo porque tinha arranjado um trabalho que a faria viajar.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, recebendo seu abraço. —

Por que não me avisou que poderia vir? Jura que você gastou dinheiro com passagem?

— Eu... — Flagrei uma troca de olhares entre ela e meu pai. — Quis fazer surpresa.

Muito estranho, principalmente porque um não cumprimentou o outro e sério, que tipo de pessoa não faz um cumprimento para alguém do mesmo círculo de relacionamentos, depois de meses sem se verem?

— Vocês estavam se pegando esse tempo todo? — perguntei, agarrando o urso de pelúcia com força para não enforçar nenhum dos dois. — Desembuchem porque não sou criança.

— Não seja doida, *carina*. — Domenico estalou a língua e desviou o olhar, como se a vista para o mar fosse mais importante.

— Doida? Vou mostrar o que é ser doida — avisei, esticando meu dedo diante do rosto dele. — Se vocês negarem agora e um dia eu descobrir que fui enganada, corto relações com você. — E apontei para Susan. — E com você.

Virei-me de costas e saí marchando duro para dentro de casa, tentando controlar minha fúria porque era óbvio que eles estavam escondendo alguma coisa, como se eu fosse um empecilho entre os dois. Justo eu, que sempre fui super tranquila com essa questão. Sentia-me traída e queria jogar o bolo na cara de alguém!

— Gio! — Susan me chamou e tocou meu ombro. — Calma, amiga. Espera.

Eu me virei para ela, que sorriu e lançou um olhar na direção do meu pai. Ele tentou falar, mas ela balançou a cabeça.

— Não vou mais mentir — disse para ele, não para mim, mas depois me encarou. — Estamos juntos.

Ela fez a revelação e tapou o rosto, enquanto Domenico revirava os

olhos e enfiava as mãos nos bolsos da calça, me olhando com cara de cachorro carente. Como podia ter me enganado aquele tempo todo? Sei lá há quanto tempo, na verdade. Será que era desde a época que matamos os russos? Levei a mão ao peito, em choque com a possibilidade. Fazia mais de um ano que aquilo tinha acontecido.

— Por que mentiram para mim?

— Não mentimos, só omitimos a informação — disse ele. — Não tinha nada para contar.

— Ele está dizendo a verdade. Ficamos juntos pela primeira vez lá na Rússia, depois eu passei aqueles dias na casa dele... Mas era só passatempo. Então a gente se viu algumas outras vezes nos meses seguintes, muito de vez em quando. E aí, como Domenico se apaixonou e não parou de pensar em mim, resolvemos ficar juntos de verdade, como um casal.

— Resolvemos isso mês passado, não deu tempo de contar nada.

— E iam continuar sem contar se eu não tivesse insistido. — Bati no peito dele, com força mesmo. — Inacreditável!

— Ainda não sabemos se vai dar certo, *carina* — comentou, segurando minha mão e recebendo um olhar bem afiado de Susan. Ele percebeu, pois virou o rosto para ela e encolheu os ombros. — O quê? Ah, não me perturbe. Sabe muito bem que posso enjoar de você amanhã.

Minha amiga deu um soco no peito de Domenico e eu achei muito bem feito, mas tive que encerrar aquela discussão porque ouvi o chamado agudo de Romeo. Pietro tinha descido com ele, que estava um fofo vestido com roupa de marinheiro, o tema da comemoração do mês. Ele esticou os braços gorduchos quando me viu e o peguei no colo, beijando sua mão minúscula.

Cacete, eu era mãe. De vez em quando, deitada na cama e esperando o sono me capturar, ficava pensando em como era estranho eu ter me tornado uma mãe. Podiam achar que não tinha maturidade para isso, até eu mesma

pensei demais nessa questão durante a gravidez, achei que fosse deixar o bebê cair de cabeça no chão ou o esqueceria dentro do carro, mas minha sogra estava certa quando disse que a gente se transforma. Eu daria minha vida pelo Romeo, ou talvez não. Talvez fosse mais fácil simplesmente matar todos que olhassem torto para ele. Muito mais fácil e muito mais minha cara.

— Romeozinho, vem tirar uma foto com a dinda? — pediu Elora, sorrindo e mexendo os dedos perto do rosto dele, que se abria em risadas para minha cunhada.

Fizemos os convites a ela e ao Carlo, pois eram as pessoas que mereciam aquele título e eu tinha certeza que Elora se tornaria uma mulher incrível, de muita garra, e estaria sempre presente na vida de meu filho.

Romeo passou para o colo dela e flagrei Pietro olhando discretamente na minha direção. Aproximei-me dele, que deslizou os dedos pelo meu rosto e segurou meu queixo.

— Olhando assim, dá vontade de fazer outro, não dá? — perguntou com um sorrisinho faceiro e levou um tapa no braço.

— Minha vagina só vai se recuperar daqui uns cinco anos. Nem pense nisso, Pietro Greco! Eu ainda lembro das hemorroidas!

Ouvi um som de engasgo atrás de mim e notei que meu pai lutava com alguma coisa entalada em sua garganta. Revirei os olhos, o velho era muito sensível e eu precisava ajudar para evitar que morresse cedo demais, antes de colocar Romeo em seu testamento.

•

O pôr-do-sol visto pelo jardim da nossa casa era belíssimo, só perdia para aquele que era possível presenciar lá em Vale D’orcía, lugar, inclusive, onde começamos a buscar uma propriedade nos últimos meses. Ali em

Taormina, do alto da colina em que morávamos, se tornava um evento bonito o bastante para reunir a família e assistir.

Bebia meu *spritz* sem álcool pelo canudinho, com minhas pernas esticadas à frente e apoiadas no guarda-corpo de ferro, enquanto admirava a paisagem e tentava me manter alheia à conversa entre Pietro e Domenico, que não conseguiam chegar a um acordo. Meu pai achava que era hora de eu voltar à ativa na *Dita* e começar a escolher novos caporegimes para a *famiglia*, além de decidir quem seria meu *consiglieri*, um posto que estava vazio até então. Já o marido não concordava que eu estava pronta para voltar e considerava arriscado eu me expor enquanto Valerio ainda não tinha sido capturado.

— Ele pode não ser encontrado. Nunca — afirmei, sem olhar para eles.
— Não me esconderei para sempre.

Virei a cabeça e olhei Carlo com Romeo no colo, balançando a criança que se divertia com os movimentos. Ele teria sido um ótimo pai, mas como me disse uma vez, já se sentia realizado cuidando de Elora e, agora, do meu filho. Eu sabia que se algo acontecesse a mim, minha família não deixaria que nada respingasse em Romeo. Ele hoje era a prioridade de todo mundo.

— É o que penso. Tudo bem que a gravidez foi um bom motivo para se manter um pouco afastada, mas agora que Romeo nasceu, se você demonstrar qualquer tipo de receio ou fraqueza por causa do que aconteceu, isso levantará especulações e ideias erradas. Nomeie logo um *consiglieri*, *carina*.

— Tudo bem. — Assenti, terminando de sugar minha bebida pelo canudinho e entregando o copo para meu marido que estava com as mãos livres. Baixei as pernas e apoiei os cotovelos nos joelhos, virando a cabeça para encarar meu coroa. — Quero Dante como *consiglieri*.

— O quê? — Domenico quase engasgou com saliva e girou a cabeça em busca do meu segurança. — Está falando sério?

— Claro que sim.

— Não pode nomear um soldado para o cargo de *consiglieri*.

— Boa sorte com isso — disse Pietro, provavelmente se divertindo com a mudança de assunto.

— Papai. — Sorri para ele e me levantei, ajeitando meu vestido. — Eu nomeei Carlo para o cargo, mesmo sem ter poder para isso, você acha que eu, como Donna da *Dita*, não posso fazer o que quero?

Ele estreitou os olhos escuros para mim e franziu os lábios, doido para me xingar, mas Susan voltou do banheiro e se sentou ao lado dele.

— Passamos por um período em que eu não confiava em absolutamente ninguém da *Soprattuto*, além daquele cara lá. — Apontei na direção de Carlo, hoje meu melhor amigo, padrinho de casamento e padrinho do meu filho. — Eu tenho boa intuição e não confio em ninguém da *Dita di Ferro* para o cargo. A não ser — disse, apontando para Dante, que apesar de ostentar músculos enormes e uma arma pendurada no coldre, estava agachado no gramado enquanto Elora fazia tranças nele — aquele ali. Não me importo com classe social ou hierarquias de merda. Eu me importo em ter alguém ao meu lado a quem posso confiar todos os meus planos, com a certeza de que não acordarei de repente com essa pessoa apontando uma arma para a minha cabeça.

— Essa discussão já estava perdida antes de começar, Domenico — falou Pietro, erguendo seu copo enquanto sorria para meu pai. — Poupe seu tempo.

— Você confia tudo isso em Dante?

— Vamos levar em consideração que eu só estou viva graças a ele, que me arrancou de dentro do carro antes da explosão.

Apesar do meu acidente só ter me causado alguns arranhões, eu perdi a belezura do meu carrinho porque o tanque de combustível foi perfurado.

Minha sorte é que não fiquei presa nas ferragens e Dante conseguiu me puxar pelo para-brisa e correr comigo no colo para o acostamento antes que tudo voasse pelos ares. Se ele fosse mesmo um traidor, podia muito bem alegar que não conseguiu me alcançar a tempo do veículo explodir e... não haveria mais Giovanna, nem Romeo.

Domenico suspirou e se recostou à cadeira, dando um gole longo em sua bebida e balançando a cabeça, dando-se por vencido na discussão.

— A escolha é sua, *carina*. Que Dante seja o novo *consiglieri* da *Dita di Ferro*.

Sorri, vitoriosa, e olhei naquela direção, percebendo que minha cunhada era muito boa mesmo em fazer tranças. O novo *consiglieri* da Calábria estava com o cabelo dividido ao meio e suas madeixas trançadas caindo na frente dos ombros. Se colocasse uma coroa de flores no topo da cabeça, poderia ser confundido com uma camponesa. Fechei o sorriso quando ele notou que estava sendo observado e me lançou um olhar assassino. A gente ia se divertir tanto!



GIOVANNA

A ansiedade me corroía e eu me sentia como um corredor olímpico bem com o pé ali já posicionado, esperando apenas que fosse dada a largada para que ele saísse correndo. Afinal, eu tinha motivos para estar daquele jeito. Foi uma ação que planejei por muito tempo, desde que Elora foi descoberta e os podres da *Dita di Ferro* vieram à tona.

Quando Romeo completou oito meses, começamos a organizar os ataques a todos os puteiros e depósitos que a *famiglia* mantinha espalhados pelo país, de onde e por onde entravam e saíam mulheres traficadas de

diversos cantos do mundo. Muitos pontos tinham ficado meio que abandonados desde que ordenei as mortes dos caporegimes que gerenciavam os respectivos lugares, mas alguns ainda funcionavam a pleno vapor.

Aquele era o maior de todos e também o último que restara. Pelo menos, no território italiano. Ficava localizado nos arredores da Lombardia e foi trabalhoso para encontrar o endereço exato, pois era um local novo que o falecido caporegime Federico Bianchi tinha adquirido meses antes de sua morte.

Nossa equipe era constituída por mais de cem soldados, misturados entre *Soprattutto* e *Dita di Ferro*, e liderados por mim e por Pietro.

— Donna — chamou Dante, fazendo-me piscar e fixar meus olhos nele. — Hum... Seu... Enfim.

Ele gesticulava o dedo nivelado na altura dos meus peitos e isso me fez olhar para baixo. Eu usava uma camiseta preta de mangas compridas e não entendi o que ele queria dizer com aquele jeito gago.

— Seu leite, acho que está vazando — murmurou baixo ao aproximar o rosto.

Só então eu levei minhas mãos abaixo dos meus seios e olhei bem para eles, notando a mancha molhada no lado esquerdo. O idiota do meu *consiglieri* já estava tirando sua jaqueta quando o encarei de novo.

— O que está fazendo?

— Não é melhor se cobrir?

— Você está incomodado com meu peito vazando leite, Dante? — Apontei um dedo para ele. — Cuidado com a resposta que vai dar.

O homem gigante olhou em volta, talvez para procurar por alguém que pudesse tirá-lo daquela enrascada. Pietro, no entanto, estava do outro lado, pois tinha dado a volta com o grupo dele para fazer a abordagem pelos fundos do depósito. Carlo estava um pouco mais à frente do nosso ponto e

meu pai... Bem, alguém precisava ficar no hotel cuidando do Romeo. Ele e Susan tinham feito a viagem conosco para servirem de babá. Sabia que minha amiga daria conta sozinha da missão, mas Domenico precisava ficar para trás caso algo desse errado e ele precisasse tirar minha amiga e meu filho da cidade.

— Não tenho problema — disse Dante, pigarreando. — Só pensei que você pudesse se incomodar... com a exposição.

— Incomodar com o fato de ter sujado a camisa? Quero mais é que todos vejam que eu, que pari três quilos e meio pela vagina e ainda amamento um bezerro de oito meses, sou capaz de matar uns bons filhos das putas. Com o peito vazando leite materno.

Não me importei que outros soldados ao nosso redor tenham escutado meu discurso. Na verdade, era essa a minha intenção. Eu sempre gostava de deixar bem claro para todo mundo que ter nascido mulher não me fazia inferior a nenhum daqueles machos. E que nunca me amedrontariam com ameaças.

— Será que agora podemos parar de conversar sobre leite e invadir esta merda? — perguntei, pressionando meu ponto eletrônico no ouvido e recebendo a informação de Pietro, de que já tinham tomado a posição. — Agora!

Levantei o braço e acenei, dando a autorização de entrada pela porta principal, que foi explodida, dando início ao tiroteio. Entrei correndo logo atrás de Dante, agachada, e soltamos bombas de fumaça pelo lugar inteiro. Utilizando os capacetes que foram providenciados para não termos nossa visão prejudicada, ganhamos muita vantagem em cima dos inimigos.

Conseguia atirar quase à queima-roupa, segundos antes de perceberem a minha cara bem grande diante deles. A fumaça vermelha tomava conta de tudo, mas não era tóxica porque sabíamos da possibilidade de haver vítimas

espalhadas por todo o lugar.

Avançamos rapidamente pelo depósito abafado de dois andares e enquanto a fumaça se dissipava, eu me esforçava para encontrar as mulheres mantidas em cativeiro. O único problema, que só descobrimos depois que a visibilidade melhorou bastante, era que algumas garotas estavam ali mesmo no térreo e muito assustadas. Afastei-me da ação que ainda acontecia e me aproximei delas, abaixando minha arma e levantando a viseira do capacete.

— Viemos ajudar — falei, meus olhos correndo de uma a outra e sentindo o peito apertar ao perceber que algumas tinham sido baleadas. — Ah, não!

Elas choravam, encolhidas, olhando para as quatro moças provavelmente mortas e eu precisei espantar para bem longe o sentimento de culpa em meu coração. Não era para ter sido assim.

— Tirem elas daqui! — gritei, virando-me para trás e acenando para os soldados. — Anda! Anda! Elas precisam ficar em segurança!

Dante foi um dos que apareceu e pegou a primeira no colo, que não parava de chorar, correndo com ela pelo tiroteio. Busquei por Pietro e o vi subindo as escadas, atirando sem pestanejar e muito concentrado. Ajeitei meu fuzil, apoiando-o nos quadris e matei os dois homens que atiraram na nossa direção.

Mais soldados vieram para resgatar as meninas e quando todas daquele grupo estavam a salvo, comecei a verificar as que tinham sido atingidas.

— Precisa de ajuda? — Carlo se ajoelhou ao meu lado, ofegante e com uma ferida no braço.

— Estão mortas? — perguntei e ele começou a tocar seus pescoços. — Com a fumaça, a troca de tiros pegou nelas...

— Vamos sair daqui, Carabina — disse ele, levantando-se e esticando a mão para mim. — Elas morreram.

O grupo de Pietro começou a descer as escadas carregando mais mulheres e vi meu marido acenar, sendo o último homem do grupo, avisando que aquele andar estava limpo. Quando ele correu até nós, percebi que tínhamos conseguido eliminar todos os homens do lugar, mas enxerguei um ou outro corpo de soldado nosso, caído no chão.

— Precisamos ir — disse Pietro, tocando meu rosto e olhando as mulheres atrás de mim. — O que houve?

— Foram baleadas — Carlo explicou. — Já conferi, estão mortas.

Respirei fundo e ajeitei a postura, dando um passo à frente para irmos embora. Não adiantava ficar lamentando o que não podíamos consertar. Perdemos algumas vidas sem querer, mas salvamos muitas outras.

Segurei a mão livre do meu marido e caminhamos desviando dos corpos inertes, até que um choro de bebê cortou o ar e se espalhou por todo o depósito. Eu congelei meus passos e um arrepio me atingiu, enquanto Pietro me soltava e corria de volta até as mulheres. Carlo foi ajudá-lo e meus olhos se arregalaram quando ambos viraram o corpo de uma moça negra, que tinha protegido o seu bebê e morrera com ele nos braços.

— Ah, não...

Aquela não era o tipo de cena que uma mãe devia testemunhar. Meus olhos expeliram lágrimas para todos os lados e meus ombros se sacudiram com o choro forte. Pietro acomodou o bebê no colo, parecendo tão em choque quanto eu e quando olhei de perto, vi que não devia ter nem três meses. Parecia desnutrido e seu rostinho estava sujo de sangue, mas fiquei aliviada ao passar o dedo e descobrir que não era dele.

— As outras mulheres devem saber melhor sobre ele — disse Carlo. — Podemos deixar com elas e...

— A maioria é tão jovem quanto Elora — interrompi, enxugando meus olhos e me virando para sair. — Elas não possuem condições de cuidar delas

mesmas por enquanto. Precisamos levar o bebê conosco.

Sem dizer nada, Pietro passou por nós e se encaminhou para a saída, embalando o pequeno menino nos braços e me deixando impressionada com seu cuidado com ele. Carlo e eu o seguimos e quando saímos, a porta do furgão usado para transportar as garotas se abriu e uma delas correu na nossa direção.

— Luna! — gritou ela, sorrindo. — Ela está viva!

Meu marido estacou no lugar e deixou que a moça o abordasse. Ela chorou ao tocar o rosto da criança e olhou para mim, que estava logo atrás de Pietro.

— Paola caiu por cima dela e... A gente pensou... — Ela tapou a boca, mas parecia feliz. — Espero que ela tenha uma infância de verdade. Era a luz da vida da Paola.

Observamos enquanto ela beijava a testa do bebê e voltava para o furgão, ainda em prantos. Eu estava sem palavras e não era a única.

•

— Nós não vamos criar um bebê, tire isso da sua cabeça — meu pai falou pela décima vez para uma Susan emburrada, sentada na cama com a criança nos braços.

Desde que chegamos e mostramos o presentinho que encontramos no depósito, minha amiga desandou de insistir com Domenico para que eles ficassem com a pequena. Ainda não sabíamos qual seria o seu destino, pois descobrimos, pelo que as outras meninas contaram, que a mãe dela tinha vinte e dois anos e engravidou depois de ter sido estuprada por um dos guardas que tomavam conta do cativeiro. Ela só não foi morta quando nasceu porque não deu o azar de vir um menino. Uma menina era muito mais útil

para eles, pois cresceria presa naquela vida e serviria de objeto sexual tão logo tivesse tamanho para isso.

Eu me senti muito bem quando soube que o estuprador tinha morrido durante o nosso ataque, menos um criminoso no mundo, mas ao mesmo tempo, nos preocupava não saber o que fazer com a criança.

Nós já tínhamos iniciado um projeto que era uma parceria minha com a minha sogra, para a criação de uma fundação que acolheria as vítimas de tráfico humano e exploração sexual, um local onde elas pudessem se sentir seguras e serem ajudadas a recomeçar a vida. A Fundação Elora só começaria a funcionar oficialmente no final do ano porque o prédio estava na fase final das obras. Portanto, várias meninas que resgatamos, que não tinham família e nem para onde ir, ficavam alojadas em propriedades sigilosas da *Soprattuto*, mas não dava para deixar um bebê nas mãos de qualquer uma.

— A criança ficará em nossa casa até decidirmos o que fazer — declarou Pietro, sentando-se numa poltrona e fechando os olhos.

Eu estava preocupada com ele porque mal falou desde que saímos do depósito. Sabia que tinha sofrido um grande impacto por ter sido ele quem encontrou o bebê e, pior ainda, por ela ter o mesmo nome que ele sonhava em colocar numa filha. Por isso, pedi para que Susan e meu pai fosse para seu quarto e nos deixassem a sós com nosso pequeno Romeo. Deixei que levassem a menina e quando fechei a porta, fui me sentar no colo do Don.

— Quer conversar? — perguntei, alisando a nuca dele.

— Depois. — Ele me olhou, apoiando a mão em minha perna e a alisando. — Vamos dormir? Precisamos voar bem cedo de volta para casa.

— Tudo bem. Você olha o Romeo enquanto eu tomo um banho?

Ele confirmou e beijou minha testa antes que eu me levantasse e fosse para o banheiro. Tomei uma ducha rápida, não quis me demorar para que Pietro também pudesse logo fazer o mesmo e quando saí para o quarto ainda

enrolada na toalha, flagrei a cena mais linda de todas, que estava se tornando comum em minha vida. Meu marido estava esticado no colchão, só de cueca, com o gorducho Romeo aconchegado em seus braços. Nosso filho era lindo, tinha as bochechas gostosas e redondas e os olhos mais azuis que eu já tinha visto. Tão perfeito quanto o pai.

Pietro não estava dormindo, por isso, acompanhou meus movimentos enquanto eu trocava de roupa e me passou o nosso pequeno quando se levantou para entrar no banheiro.

— Amo vocês.

Eu respondi com gestos labiais para não acordar Romeo e o acomodei no meio da grande cama, onde ele dormiria como fazíamos de vez em quando. Em casa, ele tinha o quarto dele, mas quando fazíamos esse tipo de viagem mais rápida, não costumávamos nos preocupar com isso. Como meu sono se tornou muito leve depois que fui mãe, tínhamos todo o cuidado em acomodá-lo direitinho e com segurança entre nós e curtíamos aquele momento a três.



DOMENICO

Com anos de experiência nas mais diversas situações, alguém da minha posição aprende a perceber detalhes que um civil comum nunca perceberia. Um clique captado pelo ouvido, um olhar cruzado que carrega muito significado, até o som de um pneu acelerando na curva.

Nada passa despercebido, principalmente por mim. O barulho da borracha contra o asfalto, a forma como eles se encontram e o ruído que emitem de acordo com a velocidade do automóvel, tornam suficiente meu entendimento a respeito do que está prestes a acontecer. E eu tenho

milésimos de segundos para tomar uma decisão capaz de afetar várias vidas e o meu futuro.

Uma decisão que meu cérebro, rapidamente, identifica como fácil demais. E eu não penso duas vezes.

•

Minutos antes

Depois que me tornei avô, perdi definitivamente a fama de perigoso, traiçoeiro e todos os outros adjetivos que lutei tanto para conquistar, porque é impossível evitar que um neto nos coloque de joelhos e jure amor eterno, com a promessa de fazer qualquer coisa para vê-lo sempre feliz e seguro.

Era por isso que estava em plena semana passeando pelo centro de Milão com minha filha, enquanto ela me obrigava a carregar sacolas e mais sacolas conforme saía abarrotada das lojas infantis. Não que estivéssemos na cidade a passeio ou de férias, longe disso. Apenas seguimos uma pista sobre o paradeiro de Valerio Esposito e decidimos passar uns dias por lá.

Pietro não nos acompanhou porque ficou de babá em casa para lidar com doenças de criança — coisa boba, um simples resfriado, mas que os impedia de viajarem conosco —, mas levamos um bom contingente de soldados das duas *famiglie*. No entanto, perdemos a pista ao chegarmos à cidade e os primeiros dias se tornaram inúteis, o que acabou deixando Giovanna estressada e tendo a brilhante ideia de sair para fazer compras. Normalmente, eu teria recusado porque não gostava de misturar trabalho com vida pessoal, mas ela insistiu, alegando que precisava levar *souvenirs* infantis da capital da moda.

Dante e mais três soldados ficavam aguardando do lado de fora das

lojas, enquanto nós dois entrávamos e ela fazia a festa das funcionárias. Admito que me deixei envolver até demais e me apaixonei por uma ou outra roupinha, mas devia ter seguido meu instinto de não sair. Ou pelo menos de ter encurtado nosso passeio.

Tínhamos parado para que ela comprasse um gelato e eu a aconselhava a lamber logo a borda que estava pingando, quando meus ouvidos captaram aquele temido barulho de pneu contra asfalto.

Foi esse milésimo de segundo que eu usei para raciocinar e tomar uma atitude, porque de onde os soldados estavam, eles não chegariam em nós a tempo. Naquele estalar de dedos tão rápido quanto uma batida de coração, eu olhei na direção do carro que se aproximava, do vidro que baixava lentamente e do braço que era colocado para fora da janela, segurando a arma.



GIOVANNA

Aquela tarde de compras estava sendo providencial e me relaxando um pouco, porque passei os últimos dois dias cuspiendo fogo de tão puta. Foram incontáveis meses atrás desse homem e em algum momento eu até cheguei a perder as esperanças de achá-lo um dia. Valerio tinha se escondido muito bem, provavelmente já usava até outro nome, deletado todo o rastro de sua família. No entanto, a esperança foi renovada depois de recebermos o aviso de um contato nosso, de confiança, inclusive, que morava aqui em Milão.

Não era mentira, Valerio tinha mesmo sido visto e as fotografias não

deixavam dúvidas. Mas assim como foi rastreado, ele também pode ter sido avisado, pois quando chegamos na propriedade que foi indicada como seu esconderijo, o lugar estava completamente vazio. Os móveis, roupas e alguns pertences pessoais foram deixados para trás, mas as pessoas tinham fugido. Então, era como se tivéssemos voltado à estaca zero.

O que me causava ainda mais irritação era que eu tinha deixado filho doente em casa, Romeo estava muito enjoado por causa do resfriado, e eu podia estar lá cuidando dele, enquanto estava aqui perdendo tempo ao perseguir um fantasma. Só mesmo sair para fazer umas compras conseguiu me acalmar e ocupar minha mente com outra coisa. Nem o fato de Domenico passar o tempo inteiro alugando meu ouvido, reclamando da quantidade de roupinhas que eu estava comprando, conseguiu tirar minha felicidade.

Não sei dizer se acontece com todas as mães, mas aconteceu comigo. Experimentar algo que eu tenha gostado ou me mimar com algum sapato novo deixou de ser prioridade desde que comprei o primeiro macacão para Romeo. Parecia que a gente esquecia que tínhamos vontades e necessidades e sempre colocava nossas crianças em primeiro lugar. Mas eu gostava, amava passar horas planejando alguma nova decoração de quarto ou pensando em qual sapato combinaria com o novo conjuntinho comprado. E o melhor disso tudo era que meu marido entrava completamente na minha onda, talvez fosse até mais babão do que eu.

Depois de guardar as últimas sacolas de compras no carro, puxei meu pai para dentro de uma loja, pois estava com vontade de provar o gelato em Milão. Escolhi um de mascarpone com pera e até ofereci para que ele provasse, mas o coroa estava ansioso para ir embora.

— Lambe logo essa borda, Giovanna. Vai pingar tudo pelo caminho — disse ele, gesticulando na direção da casquinha. — Olha aí, já está pingando. Vai sujar sua roupa.

— Minhas roupas vivem sujas de secreções e cuspe de papinha. Acho que vou sobreviver se cair sorvete nela.

Pensei que ele fosse dizer alguma gracinha, mas Domenico se virou de frente para mim e de costas para a rua, no instante em que eu ouvi barulho de tiros. Só consegui ver de relance um carro preto antes de meu pai me empurrar para trás, envolvendo meu corpo com os braços, e nós cairmos sobre uma vitrine, que se espatifou com o nosso peso.

O que se passou a seguir foi um caos. As pessoas, obviamente, estavam aos berros porque ninguém gostava de ouvir tiros sendo disparados. Correria, choro, gente caída no chão para tudo que é lado e um mar de vidro embaixo do meu corpo. E do meu pai, mas no caso, ele estava em cima de mim.

Quando ele me empurrou, eu meio que agarrei sua camisa, segurei em suas costas, e agora ao levantar as minhas mãos por sentir uma sensação entranha na pele, vi todo o sangue que as banhavam.

Os soldados logo chegaram e parecia que tudo acontecia em câmera lenta para mim. Dante foi o primeiro a esticar os braços e segurar o corpo de Domenico e enquanto ele o puxava para o lado e o deitava no chão, eu observei o sangue que escorria por sua boca. Meu pai tossiu e esticou a mão até tocar meus dedos, apertando-os com um pouco de força.

— Não, pai — chorei, ajoelhando-me sem me importar em cortar meu jeans, meu corpo estava anestesiado. — Não, não, não. Dante, chame uma ambulância!

— *Carina...*

Meu *consiglieri* não me obedeceu, ele simplesmente pegou meu pai no colo ao mesmo tempo que dava uma ordem e outro soldado me tirava de cima daquela confusão de vidro.

— Dante!

Fui rapidamente acomodada dentro do carro, ao lado do meu pai que

não parecia nada bem, enquanto o soldado responsável por dirigir saía da vaga acelerando sem pedir licença. Passamos perto de um carro que estava batido no meio da rua, com as portas abertas e aparentando estar com seus ocupantes mortos.

— Não podíamos ficar ali! — disse Dante, gritando lá do banco do carona. — Matamos quem nos atacou e seu pai não pode ser interrogado pela polícia. Aliás, nenhum de nós podemos.

Solucei, mexendo-me no banco para falar com meu pai e sentindo uma fisgada forte na coxa. Quando verifiquei meu corpo, notei o pedaço enorme de vidro cravado bem perto do meu joelho, além dos cortes espalhados pelas minhas mãos. Comecei a sentir meu organismo reagir de um modo diferente, a me sentir tonta e enjoada e percebi minha camisa manchada de sangue.

— Acho... — murmurei, tocando com minhas mãos na altura do umbigo. — Dante... acho que levei um tiro...

Puxei o ar com dificuldade, buscando pelo contato físico com meu pai.

— Vocês levaram vários tiros — ele gritou mais uma vez, mas não parecia ser diretamente comigo. — Acelera, *cazzo*! Preciso jogar você para fora do carro e pegar a direção?

Virei o rosto e olhei para meu pai, que estava com a cabeça caída de lado. Eu o puxei pelos ombros, deslizando minha mão pelas suas costas para tentar contar quantos tiros ele tinha recebido, mas me sentia fraca para suportar o peso dele. Acabei deitando minha cabeça em seu ombro e me ocupei em me manter acordada.

Conseguia identificar a voz de Dante no comando e podia jurar que ele tinha citado o nome do meu marido, mas Pietro estava tão... tão... tão... longe.

Meus olhos arderam e precisei fechá-los um pouco para aplacar a queimação. A imagem da minha família sentada no topo de uma colina em Vale D'orcia surgiu em minha mente e eu sorri, esticando a mão para tentar

tocar o rosto de Pietro. Porém, notei que faltava uma pessoa naquela pintura, uma pessoa importante para mim, que tinha mudado radicalmente a minha vida.

Domenico Negri apareceu logo em seguida, mais atrás de todos os outros, como se estivesse assistindo tudo de longe. Ele sorria e acenava para mim, e eu não sabia se era um gesto para se despedir ou um pedido para que o seguisse. Na dúvida, eu dei um passo à frente. Como em todos os momentos da minha vida, eu nunca regredia, nunca andava para trás. Eu erguia a cabeça, tomava uma dose de fé e coragem e escolhia seguir adiante para o novo e o desconhecido.

Foi assim que eu conquistei meu lugar.



GIOVANNA

De olhos fechados, a brisa acariciava meu rosto e meus pulmões se enchiam com o cheiro delicioso da maresia. Tinha sido incrível recordar tudo que passei nos últimos anos até chegar ao que sou hoje, a mulher que me tornei. Realizada em todos os âmbitos da minha vida, mesmo na profissional, com a rotina bastante inusitada que eu levava.

Pietro aproveitava o dia ensolarado para brincar na areia molhada com as crianças. Na noite anterior, quando brincamos com os cachorros, ele fez palhaçada sobre não querer fazer nenhuma safadeza porque não estávamos

sozinhos. Era verdade, nós agora éramos quatro pessoas repletas de amor e sonhos. E mesmo assim, eu não o deixei escapar. A casa era minha mesmo, como tinha dito, não devia satisfação para ninguém e as crianças já estavam dormindo há muito tempo. Eu o levei para tomar banho e aproveitamos o tempo no chuveiro, tirando areia da minha bunda, já que eu estava sem calcinha, e colocando outra coisa para dentro. Outra coisa maior, mais interessante.

Pietro era um pai tão incrível que, no início, eu tinha medo de não ser tão boa quanto ele era. Aquele homem maravilhoso amava nossos filhos com uma intensidade que chegava a assustar e se doava totalmente a eles. Por mais conturbada que tenha sido minha infância e minha adolescência, mesmo com todos os traumas que colecionei graças à maldade de meu avô, eu ainda seria grata por tudo. Grata pelo meu pai ter sido forçado a abdicar de mim em prol de estratégias, porque só por causa disso, eu fui prometida ao melhor homem do mundo.

Nosso casamento e relação só melhorava com o tempo, como o vinho. Estávamos cada dia mais apaixonados e mais cúmplices, mesmo parecendo estarmos de lados opostos. Ele com a *Soprattuto*, eu com a *Dita di Ferro*, *famiglias* que tentávamos manter separadas, mas uníamos quando era necessário. Todas as missões que fizemos para destruir os vestígios de tráfico humano que a *Dita* controlava, só foram possíveis de serem realizadas devido a força de trabalho que juntamos. Eu tinha levado muito a sério uma das promessas que havia feito, sobre nos transformar em gigantes perante o resto do mundo, e quando a Itália se tornou pequena demais, nós expandimos nossas fronteiras.

Criamos uma nova máfia, como um cruzamento da *Soprattuto* com a *Dita*, e a chamamos de *L'eredità*^[10], plantando-a ao redor do globo terrestre e nos infiltrando de forma dominante em países como Brasil, Espanha, Uruguai

e Estados Unidos. Estávamos mais fortes, mais ricos e mais poderosos do que nunca e isso refletia na relação dentro das nossas *famílias*. A *Dita* tinha passado por uma limpeza e renovação, novos caporegimes agora lideravam sem distinção de gênero, eram homens e mulheres que demonstravam respeito por mim e se inspiravam em minhas conquistas.

Do lugar onde estava, Domenico se orgulhava muito de tudo que conquistei. Não que ele tivesse falecido, Deus me livre. Naquele tiroteio em que salvou minha vida, nós dois ficamos muito mal e realmente quase morremos. Enquanto eu perdia os sentidos, Dante falava no telefone com Pietro, que avisou nosso contato em Milão para que providenciasse médicos com urgência. De qualquer forma, foi preciso que nos levassem a um hospital porque perdíamos muito sangue, principalmente Domenico. A opção que restou a eles foi nos levar para um de quinta categoria, que funcionava na base do suborno e nos manteria fora do radar enquanto éramos operados.

Dias depois, ouvindo a história toda, eu até fiquei feliz por ter perdido a consciência, pois Dante contou que o hospital era uma bela de uma espelunca e que sentiu vontade de fugir de lá. Ou seja, eu só sobrevivi por intervenção divina.

Domenico recebeu oito tiros e desses, quatro o atravessaram e foram parar dentro de mim. Eu não tive nenhum ferimento letal, mas meu pai teve um pulmão afetado e uma das balas que o atravessou, passou bem próximo do coração. Depois de sermos estabilizados, Pietro e Carlo nos tiraram de lá através de uma UTI aérea e fomos levados para o mesmo hospital em que Giulia ficou internada anos antes. Recebi alta em poucos dias, mas Domenico permaneceu lá por duas semanas.

Valerio foi morto naquele dia em que nos atacou, quando nossos soldados revidaram e metralharam o carro com mais dois homens dentro. Um deles, foi identificado como seu próprio filho.

Depois de sua total recuperação, meu pai decidiu que era hora de aproveitar um pouco a vida que não viveu. Sua passagem pelo túnel da morte o deixou empolgado para viajar pelo mundo como uma pessoa normal — como se fosse possível — e Susan não saiu mais do seu lado. Eles voltavam para casa em todos os aniversários dos integrantes da família, mas fora isso, passavam seu tempo rodando os continentes e gastando dinheiro. A nova vida, livre de dores de cabeça, o beneficiou muito e influenciou até na resposta do tratamento da esclerose. As crises ficaram cada vez mais espaçadas e ele já não era mais tão refém da doença.

— *Mamma!* — Sorri para o pequeno Romeo que caminhava sozinho na minha direção, lutando contra a areia que fazia seus pés afundarem, rindo como se aquilo fosse muito engraçado.

Ele era lindo. O cabelo puxou ao meu, bem escuro, contrastando com seus olhos azuis, mas do nariz para baixo, parecia ter sido esculpido como cópia de Pietro. Meu marido o segurou pela mão e caminhou até mim, carregando Luna no colo. Quando a encontramos no depósito em que a mãe dela morreu, pensamos que a menina fosse muito novinha ainda, mas logo descobrimos que tinha nascido prematura e, na verdade, só era um mês mais nova que Romeo.

Não era a nossa intenção planejar um segundo filho tão cedo, mas não foi possível ignorar o nome dela e a forma como chegou para nós. Quase como um presente jogado em nossos braços, por mais que tenhamos tentado, a todo custo, não nos envolvermos emocionalmente com ela pelos dias em que ficou em nossa casa. Duas semanas depois, demos entrada no processo de adoção porque Luna jamais sairia daquela família. Pietro sempre quis uma menina e eu sempre achei que ela nasceria de mim, mas estava escrito que aquela seria a nossa filha. Nos reconhecíamos pelo brilho no olhar e sentíamos seu coração bater no mesmo ritmo do nosso. Sua pele era tão

lindamente escura e seu cabelo formava pequenos cachos fechados que me fazia pensar em Susan. Os olhos pretos sorriam junto com sua pequena boca e meu coração aquecia toda vez que ela me chamava de *mamma*.

Pietro não sabia disso ainda e era cedo demais para tocarmos no assunto porque eu sabia que ele surtaria, mas assim como Romeo estava destinado à *Soprattuto*, Luna seria a próxima Donna da *Dita di Ferro*. Ensinará minha filha a ser ainda mais resiliente do que eu, para aprender a superar todas as adversidades que a vida lhe apresentaria um dia.

Ninguém no mundo é capaz de calar uma mulher que conhece sua própria força. Eu me sinto na obrigação de lutar por cada uma de nós, por dar voz a quem não possui, por ser a força das fragilizadas, enquanto elas não descubrem o quão invencíveis podem ser.

Tive coragem e garra para seguir em frente e não me deixar amedrontar quando muitos faziam parecer que meu gênero seria suficiente para me limitar. Nunca será.

Essa é a minha história como mulher, esposa, mãe, filha, rocha e porto seguro. E este, será meu legado.



Agradecimentos

Nem acredito que terminei a trilogia! Gente, para tudo, alguém segura a minha mão! A *Soprattuto* foi muito especial na minha vida e eu sei que quando um escritor fala isso, parece que é da boca pra fora, afinal, todo livro tem um grande significado para nós.

É a verdade, viu? Desde que tive a ideia para esse universo, algo completamente diferente do romance que eu estava acostumada a escrever, minha vida girou em 180° de uma forma muito positiva. Tudo mudou e eu serei eternamente grata ao Pietro, Giovanna, Carlo, Domenico, todos os personagens, por terem me proporcionado leitores incríveis que me conheceram através da trilogia. Vou levar esse enredo para sempre no meu coração e espero de verdade que tenha conseguido tocar muitos de vocês.

Agradeço sempre, primeiramente, a Deus, o maior responsável pelo meu caminho e por guiar meus passos.

Minha família sempre terá um espaço especial em meus agradecimentos porque é em grande parte por ela que dou o máximo de mim todos os dias quando sento para escrever. São as pessoas que fazem parte dos meus sonhos e por quem eu quero realizá-los.

Damas Assessoria, obrigada por aguentarem meus surtos e não me deixarem enlouquecer. Obrigada por serem as betas mais abusadas que eu já

conheci!

Aos meus leitores, o meu maior abraço e o meu mais sincero “obrigada”. Deus me concede as ferramentas para trabalhar e minha família me dá o suporte do qual preciso, mas são vocês que me impulsionam, que me motivam e me inspiram todos os dias. Eu escrevo por prazer e por amor, mas também para levar um pouquinho desse mix de sentimentos em meus livros, para dentro do coração de vocês. Cada recado que recebo no Wattpad, no Instagram ou outra rede social, se transforma numa fagulha de energia dentro de mim. Eu não seria metade sem o retorno de vocês.

Minhas meninas do Whatsapp, vocês moram no meu coração e são uma das melhores partes dos meus dias. Obrigada por TUDO. E agora, vem um testemunho aí porque decidi fazer uma coisa que já não fazia há algum tempo. Essa trilogia tem muito significado e tem muita gente importante na minha vida, que me acompanhou pelos três livros. Vamos lá:

Crislei, Flávia, Gleici, Haysha, Luiza, Fran, Thata, Geisa, Jess Lindoso, Leona, Agatha, Andreia, Camila, Cássia, Cris, Gabi (e o Anthony), Ellen, Daia, Giovanna, Ivih, Jaine, Franciane, Jeanine, Laiza, Layne, Luciana, Poliana, Priscila, Raabe, Tamires (gêmea), Rafa, Raissa, Jeh K, Rol, Sam, Rosângela, Deise, Gabi R, Mayza, Isamaiara, Francine, Ale, Nana, Lucinda, Su, Atilia, Vanessa, Alinne, Lívia, Glau, Jeisiane, Amanda, Raquel, Janete, Josyh, Lary G, Lary M, Lilian, Lis, Monique, Martha, Narjara, Nay, Pamela, Renata F, Renata P, Silvana, Roberta, Fer C, Suellen, Thaislane, Jennefer, Jessica Luiz, Lidiane, Carol M, Michelly... Sinto que esqueci alguém, mas vocês já me conhecem bem e sabem que esse é o meu normal. Obrigada!

Até o próximo livro.

Por hoje é só,

Kel

Quem é Kel Costa?



Estou tentando descobrir até hoje. Incrível, não é? Mas a vida é assim mesmo, uma constante evolução, mudanças e mais mudanças, cicatrizes que vão formando nossa história e sonhos que vão se renovando.

Eu comecei a escrever lá em 2008, quando me tornei uma fã obcecada por Crepúsculo e passei a frequentar muitas comunidades no Orkut (pois é, a idade não mente). Não demorou para que decidisse me aventurar pelo universo das fanfics e tomei coragem para criar as minhas, até que me vi ganhando certa relevância naquela rede social e me animei a escrever as minhas próprias histórias.

Foi daí que surgiu Fortaleza Negra, o primeiro livro que publiquei por uma editora tradicional (a Jangada). Inicialmente era para ser uma trilogia e só existia em formato físico, mas no meio do caminho eu descobri o mundo dos livros digitais e me apaixonei. Passei algum tempo trabalhando exclusivamente com literatura fantástica até que decidi me arriscar a caminhar um pouco pelo mundo dos romances. Foi um caminho sem volta e hoje não me vejo mais parando de escrever o gênero, apesar de querer muito conciliá-lo com os demais.

Nasci em 1983, faço aniversário dia 24 de agosto e sou uma virginiana meio lá meio cá. Sabe? Aquele tipo de pessoa que se adequa pela metade em seu signo. Por exemplo, sou muito perfeccionista, neurótica com coisas desalinhadas, cores ou padrões descombinados, excessivamente pontual e

extremamente analítica, meio chata com higiene e racional demais para relacionamentos. No entanto, você seria capaz de se perder em meu quarto de tão bagunçado que ele é, minhas roupas estão sempre amarrotadas e sou uma das maiores procrastinadoras que conheço.

Mas eu sou gente boa, juro que sou. Se me encontrar pessoalmente, não pense que sou antipática, sou apenas tímida num primeiro momento. Sou alguém que se for reconhecida na rua, primeiro vai olhar para trás só para conferir se é comigo que estão falando, depois vai ficar vermelha, e em seguida vai bater o maior papo com a pessoa. Nas redes sociais tendo a me soltar muito mais, então não estranhe se você acessar meu Instagram e achar que sou louca, que ninguém mais ou menos normal pagaria metade dos micos que eu pago. Sou bem aleatória e posso falar sobre cachorros e gatos, sobre músicas antigas, mecânica de carro, soltar minha afinação no seu ouvido ou sei lá, postar uma foto de alguma comida bem gordurosa. E isso tudo pode acontecer só num único dia. Ou eu posso simplesmente sumir por uma semana porque deu vontade ou porque estava com a energia baixa. Todos nós temos os nossos momentos bons e ruins.

Tenho tatuagens, moro no Rio de Janeiro, não sou muito fã de praia, tenho certeza que sou um unicórnio e nunca passo muito tempo com o mesmo corte ou cor de cabelo.

Acho que deu para me conhecer um pouquinho, mas se quiser saber mais, eu estou sempre disponível nas redes sociais. É só clicar e começar a me seguir!

Um beijo!

[Instagram](#)

[Facebook](#)

[Fanpage](#)

[Wattpad](#)

[Twitter](#)

Meus outros livros





CHEFE DA MÁFIA

Trilogia Soprattuto – Volume 1

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

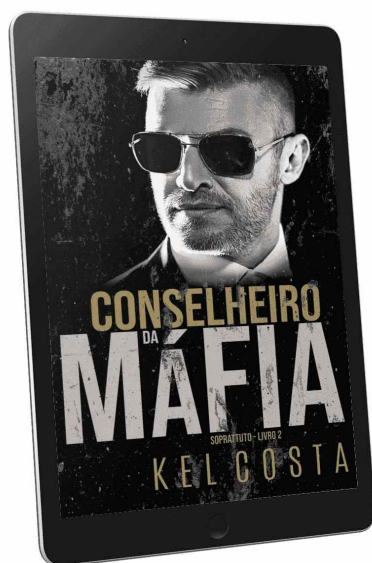
Aos sete anos, Giovanna Mancini foi apresentada ao homem com quem um dia se casaria, dezesseis anos mais velho. De uma família tradicional da Sicília, ela crescera sendo treinada para respeitar e obedecer ao futuro marido. Aos doze, um sentimento novo começou a brotar no coração da adolescente. Mesmo que ele só a enxergasse como uma criança boba, ela se sentia apaixonada por aquele que, um dia, seria o chefe da máfia siciliana. Aos dezessete, a única coisa que desejava era ser livre, principalmente bem longe do noivo arranjado.

Pietro Fillipo Greco se tornara o chefe dos chefes após a morte do pai. A vida seguia os passos esperados e, assim que a jovem completasse vinte e um anos, o Don se casaria com Giovanna. Gostava das mais velhas e experientes, mas conhecia a beleza da jovem e sua educação exemplar. O que não estava em seus planos foi a ligação que recebeu de sua mãe, pedindo que resgatasse Giovanna dos problemas em que ela mesma se metia e a mantivesse sob seus cuidados até o dia do casamento, quando se tornasse maior de idade. Contrariado em ter que levar uma garota de dezessete anos para

dentro de casa e ter que lidar com a rebeldia dela, Pietro se dá conta de que terá que domar a fera de olhos azuis, nem que seja a última coisa que faça em vida.

- **O romance da máfia com mais de 20 milhões de leituras na Amazon!**
- **Conteúdo adulto. Contém gatilhos emocionais e cenas eróticas.**

Não se trata de um romance dark.



CONSELHEIRO DA MÁFIA

Trilogia Soprattuto – Volume 2

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

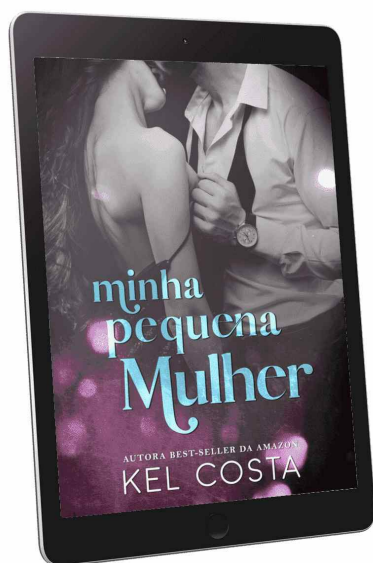
Traições. Amores proibidos. Tráfico humano.

Tudo cai como uma bomba na cabeça do novo *consigliere* da Soprattuto antes mesmo que ele consiga sentir o gostinho do poder. Ele foi treinado para ser o melhor e mais discreto naquilo que nasceu para fazer: ser um soldado da máfia, o homem que guarda a vida do Don ao se tornar a sombra dele, o que envolve muito mais que apenas força física. Carlo Moretti por muito tempo escolheu abdicar dele mesmo em prol de ser o melhor homem da Soprattuto. Dono de elegância e educação que chamam a atenção das mulheres, ele também se tornou o mais sagaz, perigoso e mortal para seus inimigos.

Sendo obrigado a encarar novos desafios, principalmente sobre os assuntos do coração, Carlo se vê no meio de uma das maiores crises pela qual a família Greco já passou. Ele se sente perdido entre a razão e a paixão, ao mesmo tempo em que luta para fazer jus à sua nova posição e trazer justiça a quem merece - e sofrimento aos responsáveis.

- Este livro pode acionar gatilhos emocionais por abordar temas como estupro, violência e exploração sexual. Conteúdo adulto.

Não se trata de romance dark.



MINHA PEQUENA MULHER

Volume único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

[Compre o exemplar físico](#)

Sinopse

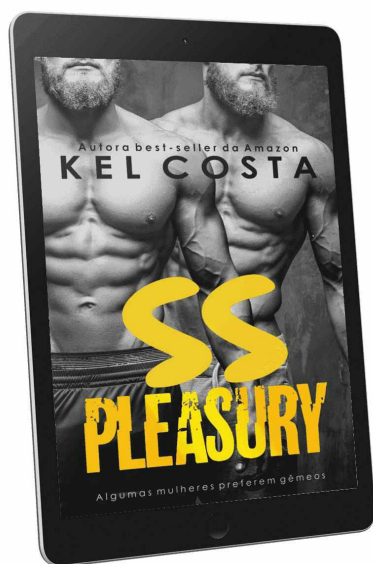
Arthur Salazar é um advogado quarentão que leva seu trabalho muito a sério, vive quase exclusivamente para isso e não dedica muito tempo da sua vida para relacionamentos amorosos. Alguém que gosta de ouvir música enquanto toma um vinho na tranquilidade de seu apartamento. Um homem de coração enorme, marcado por uma perda que jamais vai esquecer.

Marina Leão é órfã e irmã caçula do melhor amigo de Arthur, que morreu num acidente de moto e virou o mundo deles de cabeça para baixo. Ela era a "garotinha dos olhos" dos dois, a princesa do trio, por quem eles dariam a própria vida. Quando Felipe morreu, o advogado não viu outra solução a não ser deixar a pré-adolescente ir morar com a tia no Rio de Janeiro, mas alguns anos depois, quando ela se torna maior de idade e começa a demonstrar atitudes que ele desaprova, Arthur percebe que a decisão de afastá-la não foi a melhor.

Os dois não poderiam ser mais diferentes. Ele, recluso, sério, fechado. Um homem perspicaz, de convicções firmes, sócio de uma das maiores firmas de advocacia de São Paulo. Ela, jovem demais, frequentadora dos bailes funks do Rio de Janeiro, digital influencer e amante da exposição de imagem.

Voltando atrás na decisão de mantê-la afastada, Arthur traz Marina de volta para ser criada sob seus cuidados. Ela tenta ignorar seu coração, mas a proximidade entre eles e a reconquista da intimidade torna a convivência pacífica extremamente difícil. O homem durão que lida facilmente com criminosos todos os dias está prestes a sofrer nas mãos de uma morena que sabe bem os poderes que possui.

- **Conteúdo adulto, pois possui cenas eróticas.**
- **A história aborda temas como bulimia e transtornos alimentares, podendo acionar gatilhos em pessoas sensíveis ao assunto.**



SS PLEASURY

Volume único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

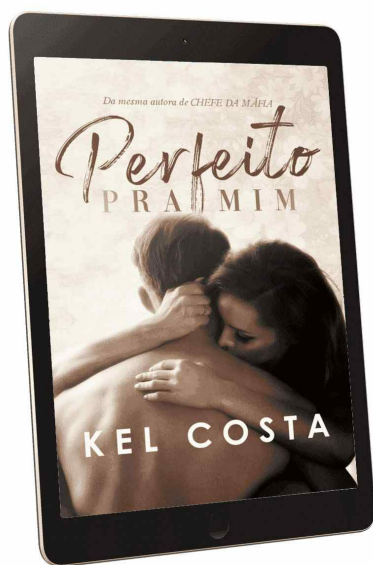
Algumas mulheres preferem gêmeos!

Sexo nunca foi tabu para Alex Simmons, filha do astro pornô mais famoso da indústria americana nas décadas de 80 e 90. A jovem de 23 anos cresceu ciente da profissão de seu pai e sempre manteve uma boa relação com os profissionais desse nicho. Não é à toa que depois da morte dele, ela foi trabalhar como chef particular dos gêmeos mais disputados da atualidade.

Conhecidos pelo nome artístico "SS PLEASURY", a dupla de loiros alemães ganha rios de dinheiro fazendo o que mais gosta: atuando nas maiores produções da indústria pornô. Stephan e Sven Heidemann são os melhores patrões que Alex poderia desejar, mesmo que desde a adolescência ela seja apaixonada por eles, donos de um estilo de vida totalmente promíscuo.

Eles a tratam como "apenas" uma boa amiga, uma menina de quem eles devem tomar conta. Porém, tudo muda quando uma proposta indecente (e alcoolizada) surge entre os três. Será que vale a pena se jogar de cabeça numa situação tão fora dos padrões?

- **Este livro possui uma proposta diferente e trata sobre relacionamento a três. Se é contra relações poliamorosas, talvez não seja a história certa para você.**



PERFEITO PRA MIM

Volume único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

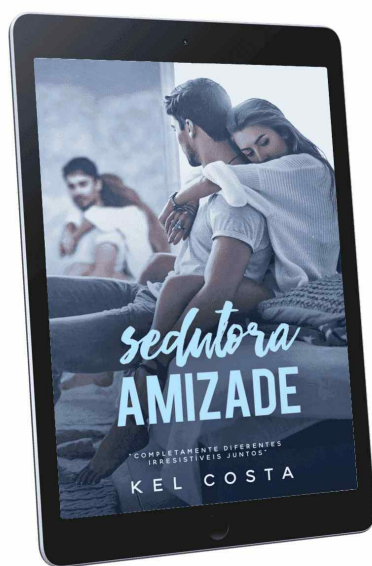
[Compre o exemplar físico](#)

Sinopse

Rosa é uma médica veterinária porto-riquenha, moradora do Brooklyn, que trabalha numa multinacional da construção naval para pagar as contas. A jovem não tem sorte no amor, suas experiências sexuais e amorosas foram desastrosas, e ela tem o grave defeito de se apaixonar facilmente. Quando conhece o cadeirante Christopher no elevador da empresa, Rosa se impressiona por ele ser tão comunicativo, engraçado e charmoso. Os dois vão se envolvendo naturalmente e ela não faz a menor ideia do pequeno segredo que ele esconde por motivos pessoais.

Rosa não gostaria de se apaixonar de novo porque sabe que tem o dedo podre e só se ferra em relacionamentos. Mas é impossível não se encantar pelo dono do sorriso mais impressionante de todos. Sem saber o que esperar de uma relação com um paraplégico sedutor, a veterinária acaba descobrindo que a perfeição está muito além do que a sociedade enxerga.

- **Um romance sobre superação, amor e altas doses de cenas quentes. Conteúdo para maiores de 18 anos.**



SEDUTORA AMIZADE

Volume único

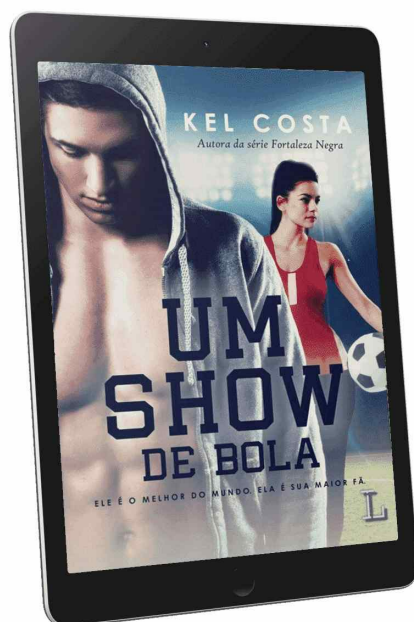
[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

Sarah é uma jovem que gosta de viver a vida intensamente e não costuma se amarrar a homem nenhum. Michael é um escritor nerd, tímido e dono de livros que se tornaram best-sellers mundiais. Os dois são melhores amigos, muito íntimos, até dividem o mesmo apartamento. Mas relação tão sólida e quase fraternal começa a se modificar quando Michael cria Melanie, a protagonista de seu novo livro, inspirada fisicamente em Sarah. Não seria nada tão absurdo, se a personagem não fosse uma garota de programa.

Onde acaba a ficção e começa a realidade, nem mesmo Michael consegue controlar, pois ele descobre não ser fácil manter a tensão sexual apenas dentro das páginas de seu livro, quando a tentação dorme no quarto ao lado.

- **Sedutora Amizade possui uma narração diferenciada. O leitor contará com capítulos narrados pelos dois amigos e, ainda, por Melanie vivendo sua própria história dentro do livro.**



UM SHOW DE BOLA

Duologia Artilheiros – Volume 1

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

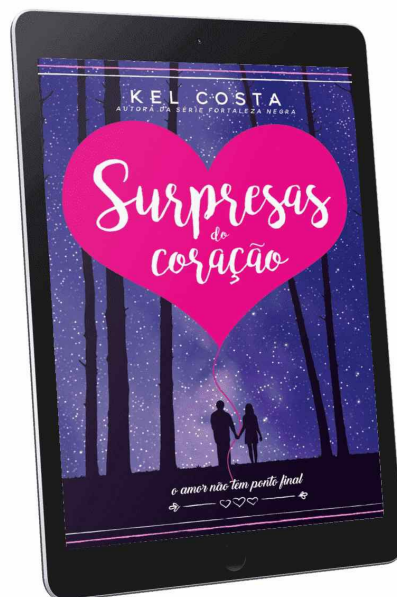
[Compre o exemplar físico](#)

Sinopse

Tudo que a carioca Duda Ferrari mais desejava na vida era ser jogadora de futebol e assinar contrato com um grande clube. De quebra, ela também adoraria conhecer o seu maior ídolo, aquele por quem era obcecada: o brasileiro Leo Becker, jogador do Barcelona e um dos melhores do mundo.

Os obstáculos da vida, no entanto, não deixaram que Duda seguisse o sonho de criança. Foi preciso desistir da carreira como jogadora, mas, em contrapartida, ela passou por cima de muitos tabus que cercam o mundo do futebol e conseguiu um estágio como preparadora física no maior clube carioca, o Gladiadores Atlético Clube.

Logo ela descobre que o Barcelona acordou um empréstimo para que Leo Becker possa jogar por seis meses no Gladiadores e a garota nem consegue acreditar na sorte que tem. De volta ao Brasil, um dos jogadores mais caros do mundo está prestes a mudar totalmente a vida de uma fã.



SURPRESAS DO CORAÇÃO

Conto independente

[Compre em diversas plataformas \(incluindo audibook\)](#)

Sinopse

Após uma temporada de cinco anos em Paris, a carioca Mariana retorna para a casa dos padrões de seu pai. De volta ao Brasil, ela percebe que é impossível não se apaixonar pelos dois filhos do casal. Em sua fase adolescente, a menina nutria uma quedinha por Edgar e Josh, mas agora, adulta, as coisas se tornam muito mais sérias. E para piorar, Mari também precisa lidar com dois pretendentes que conheceu por um aplicativo de namoro e que não mandaram suas respectivas fotos para ela.

O destino pode pregar peças em nosso coração quando a gente menos espera. Como escolher entre o belo e o perfeito? Mari nem imagina as surpresas que a vida - e encontros às escuras - lhe reserva.



FORTALEZA NEGRA

Série Fortaleza Negra – Volume 1

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

[Compre o exemplar físico](#)

Sinopse

Não tema! Não se entregue! Resista!

O que aconteceria se a humanidade ficasse no meio de uma guerra sem precedentes entre criaturas poderosas, de duas espécies predadoras e extremamente perigosas?

Em um mundo completamente diferente de tudo que conhecemos até então, começa a aventura de uma adolescente rebelde e atrevida, que enfrentará os mais temidos vampiros e seres mitológicos, para conquistar uma posição de respeito, graças a sua força e coragem.



TEMPESTADES DE SANGUE

Série Fortaleza Negra – Volume 2

[Compra na Amazon \(digital\)](#)

[Compre o exemplar físico](#)

Sinopse

Até onde você iria para proteger aqueles que ama?

Na continuação da série Fortaleza Negra, ninguém está completamente a salvo. Mas a coragem e a determinação de Sasha a transformam em uma destemida guerreira, capaz de suportar as piores adversidades.

A adrenalina está de volta neste romance vertiginoso!

Mais intenso.

Mais sangrento.

Mais apaixonante.

Porque o medo não terá espaço na luta pela sobrevivência.



RUÍNAS DE GELO

Série Fortaleza Negra – Volume 3

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

[Compre o exemplar físico](#)

Sinopse

Uma nova ascensão.

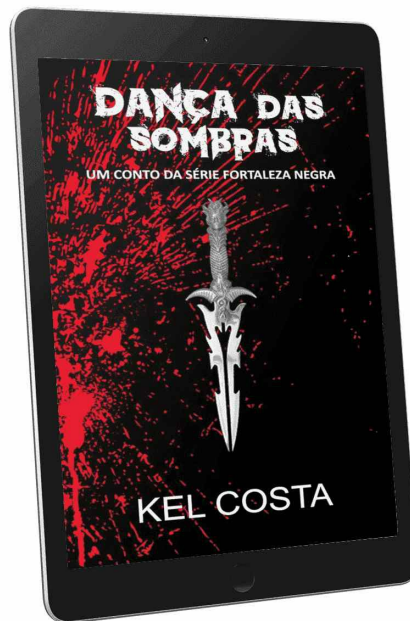
Um elo de sangue sem precedentes.

Um poder capaz de transformar o mundo.

Na última parte da série Fortaleza Negra, Sasha precisa enfrentar as consequências de seus mais

recentes atos. A caça aos mitológicos se intensifica e a jovem se torna peça fundamental na batalha que se aproxima.

Amor, amizade e lealdade se entrelaçam a cada nova decisão que precisa ser tomada antes que o cronômetro pare de rodar.



DANÇA DAS SOMBRAS

Série Fortaleza Negra – Volume 3.1

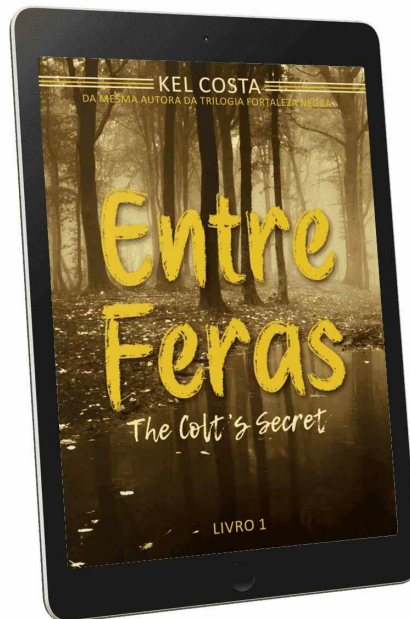
[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

CONTO DA SÉRIE FORTALEZA NEGRA. TRATA-SE DE UM PREQUEL DO QUARTO VOLUME (LANÇAMENTO EM 2020) DA SÉRIE.

ALERTA DE SPOILER: Este conto se passa após os acontecimentos de Ruínas de Gelo, portanto, não leia se você ainda não leu o terceiro volume.

Quatro anos se passaram desde a última batalha com os mitológicos e os Mestres reinam em paz, enquanto tentam restabelecer a ordem e devolver aos humanos suas antigas tradições. Com isso, eles concordam que Sasha realize um baile de Halloween para os moradores da Fortaleza. Porém, a noite sai do controle quando a jovem e Mestre Klaus recebem visitas inesperadas que transformarão a vida de todos num inferno.



ENTRE FERAS

Série The Colt's Secret – Volume 1

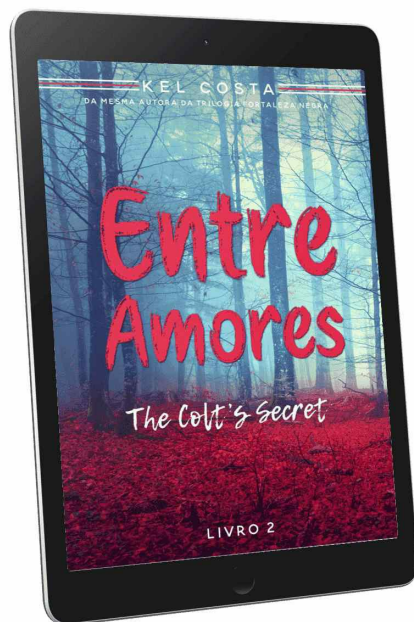
[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

Numa pacata cidade dos Estados Unidos, uma jovem universitária descobre que vampiros não são seres míticos que existem apenas na ficção. Ela se vê envolvida com um grupo bastante peculiar e percebe que o líder deles, apesar de muito atraente, é um pouco sádico e sombrio.

Em um mecanismo de narrativa dupla, a série 'The Colt's Secret' é narrada por Madison Foster, a garota que de um dia para outro tem sua vida mudada e Christopher Colt, o misterioso galã que esconde um precioso segredo. Uma história de comédia com muito humor negro, ação e aventura!

"Se você não acredita em vampiros, talvez seja melhor reavaliar suas crenças."



ENTRE AMORES

Série The Colt's Secret – Volume 2

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

Madison engata num namoro com o vampiro Christopher Colt e, aos poucos, vai descobrindo mais como é se relacionar com um ser imortal com uma rotina tão peculiar como a dele. Mas nem tudo dá certo em sua vida. A jovem precisa aprender a conviver com o clã de Christopher e os novos vampiros que chegam à cidade podem atrapalhar o relacionamento deles. Novos desafios estão em

jogo.



Espero que tenha gostado o suficiente do livro para chegar até aqui! Então, se gostou, que tal expor sua opinião para que outros leitores possam se interessar pela história? É rapidinho, basta deixar uma avaliação na Amazon em poucas palavras (ou muitas, depende da sua inspiração) e eu vou ficar extremamente feliz quando ler. Muita gente não sabe como a avaliação é importante tanto para conquistar novos leitores como para incentivar a nós, autores, escrevermos sempre mais.

Se você não curtiu o livro, tudo bem, acontece! Vou torcer para que em outro momento encontre algum trabalho meu que te conquiste para podermos mudar essa impressão ruim, ok?

Se você encontrou algum erro de revisão durante a leitura, pode reportar à Amazon que eles sinalizarão para que eu conserte. Ou pode me procurar pelas redes sociais e falar diretamente comigo, eu não morde e sou muito tranquila com isso.

Obrigada!

[1] “Menina” em italiano.

[2] “Querido” em italiano.

[3] “Entendido” em italiano.

[4] Máfia russa inimiga da Soprattutto e da Dita di Ferro.

[5] Personagem principal da franquia de filmes “O Poderoso Chefão”

[6] “*Bom dia, delicioso*” em italiano.

[7] Diretor da franquia de filmes “O Poderoso Chefão”

[8] Personagem da minha série de fantasia, Fortaleza Negra.

[9] Mikhail Nikolaévich Baryshnikov é um bailarino, coreógrafo e ator russo-americano.

[10] “O Legado” em italiano.